

AVE DE MAU AGOIRO

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA LÄCKBERG



D. QUIXOTE



Ficha Técnica

Título original: Olycksfågeln

Título: Ave de Mau Agoiro

Autora: Camilla Läckberg

Tradução do inglês de Ricardo Gonçalves

Capa: Rui Garrido

Revisão: Sofia Graça Moura

ISBN: 9789722049955

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2006, Camilla Läckberg

Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia

Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Para Wille e Meja

O QUE MELHOR RECORDAVA DELA ERA O PERFUME. O PERFUME QUE ELA GUARDAVA NA CASA DE BANHO. AQUELE FRASCO RESPLANDECENTE COR DE LAVANDA COM UMA FRAGRÂNCIA DOCE E INTENSA. JÁ ADULTO, PROCURARA NUMA PERFUMARIA ATÉ TER ENCONTRADO EXATAMENTE O MESMO FRASCO. TINHA DADO UMA GARGALHADA AO VER O NOME: *POISON*.

ELA COSTUMAVA PULVERIZÁ-LO NOS PULSOS, DEPOIS PASSAVA UM POUCO NO PESCOÇO E, SE USASSE SAIA, TAMBÉM NOS CALCANHARES.

ACHAVA AQUILO TÃO BONITO. OS PULSOS FRÁGEIS E DELICADOS QUE FRICCIONAVA GRACIOSAMENTE UM NO OUTRO. O AROMA ESPALHAVA-SE PELO ESPAÇO, E ELE ANSIAVA SEMPRE PELO MOMENTO EM QUE SE TORNAVA MAIS INTENSO, EM QUE ELA SE INCLINAVA E O BEIJAVA. SEMPRE NA BOCA. SEMPRE TÃO AO DE LEVE QUE POR VEZES SE QUESTIONAVA SE O BEIJO ERA REAL OU SE ESTARIA APENAS A SONHAR.

«TOMA CONTA DA TUA IRMÃ», DIZIA SEMPRE ANTES DE SAIR, PARECENDO FLUTUAR EM VEZ DE CAMINHAR.

DEPOIS, NUNCA SE CONSEGUIA LEMBRAR SE TINHA RESPONDIDO EM VOZ ALTA OU SE TINHA APENAS ASSENTIDO.

O SOL PRIMAVERIL BRILHAVA através das janelas da esquadra de Tanumshede, expondo impiedosamente as vidraças encardidas. A camada de sujeira acumulada durante o inverno permanecia como uma película sobre o vidro e Patrik sentia-se coberto pela mesma película. Fora um inverno difícil. A vida com uma criança em casa era infinitamente mais divertida mas também infinitamente mais extenuante do que alguma vez podia ter imaginado. E, embora Maja desse agora muito menos trabalho do que no início, Erica ainda não se tinha habituado à vida de dona de casa. Esta percepção atormentava Patrik em cada segundo e cada minuto que passava na esquadra a trabalhar. E tudo o que acontecera a Anna colocara um fardo adicional sobre os ombros do casal.

Uma pancada na porta interrompeu-lhe os pensamentos sombrios.

– Patrik? Acabámos de receber uma chamada sobre um acidente de viação. Foi na estrada para Sannäs e envolveu um único carro.

– Certo – disse Patrik enquanto se levantava. – É verdade, não é hoje que chega a substituta de Ernst?

– Sim – respondeu Annika. – Mas ainda não são bem oito da manhã.

– Como ela ainda não chegou, vou pedir a Martin que me acompanhe. Tinha pensado levá-la comigo algumas vezes, até se habituar às nossas rotinas.

– Bem, tenho alguma pena da pobre mulher – disse Annika.

– Por ela ter de ir comigo de carro? – perguntou Patrik, fingindo-se ofendido.

– Claro, eu sei muito bem como conduzes... Agora a sério, Mellberg não vai facilitar-lhe a vida.

– Depois de ter lido o currículo dela, diria que se há alguém capaz de lidar com Mellberg, essa pessoa é Hanna Kruse. Parece ser tesa, a julgar pela sua folha de serviço e pelas excelentes referências.

– Só não percebo porque é que ela quis concorrer à esquadra de Tanumshede.

– Sim, acho que tens motivos para questionar a escolha dela – retorquiu Patrik, pegando no seu blusão. – Terei de perguntar-lhe porque quer descer tão baixo a ponto de trabalhar neste buraco sem quaisquer saídas profissionais e com este bando de agentes da lei amadores que para aqui está – Patrik piscou o olho a Annika, que lhe deu uma palmada ao de leve no ombro.

– Sabes bem que não era isso que eu queria dizer.

– Eu sei, era só para te irritar. É verdade, já tens mais informações acerca do local do acidente? Há feridos? Mortos?

– Segundo a pessoa que telefonou a relatar o acidente, parece que há apenas uma pessoa no carro. Morta.

– Maldição. Vou buscar Martin e vamos até lá dar uma vista de olhos. Não demoramos. Entretanto, podes mostrar os cantos à casa a Hanna, está bem?

Nesse momento, ouvem uma voz de mulher vinda da receção.

– Está aqui alguém?

– Deve ser ela – disse Annika, apressando-se a sair porta fora. Com curiosidade de ver o novo elemento feminino da corporação, Patrik seguiu-a.

Ficou surpreendido ao ver a mulher que os esperava na receção. Não sabia ao certo o que esperar, mas talvez alguém... maior. E não tão bonita... nem loura.

Hanna estendeu a mão, primeiro a Patrik e depois a Annika:

– Olá, sou Hanna Kruse. Começo a trabalhar aqui hoje.

A voz da colega ia mais ao encontro das expectativas de Patrik. Era bastante profunda e tinha um tom decidido.

O seu aperto de mão deixava transparecer as muitas horas passadas no ginásio e Patrik reviu novamente a sua primeira impressão.

– Patrik Hedström. E esta é Annika Jansson, a coluna vertebral da esquadra.

Hanna sorriu.

– Aposto que deve ser o único bastião feminino nesta terra de machos. Pelo menos, até ver.

Annika deu uma gargalhada.

– Sim, tenho de admitir que é bom haver um contrapeso para toda a testosterona que há entre estas paredes.

Patrik interrompeu-lhes os gracejos.

– As meninas podem conhecer-se melhor mais tarde. Hanna, recebemos uma chamada sobre um acidente que envolveu um único carro e que provocou um morto. Acho que devias vir comigo agora mesmo, se não te importares. Assim, comesas o teu primeiro dia aqui em cheio.

– Por mim, tudo bem – disse Hanna. – Posso deixar a minha carteira nalgum lado?

– Eu levo-a para o seu gabinete – disse Annika. – Podemos fazer a visita guiada mais tarde.

– Obrigada – disse Hanna, apressando-se atrás de Patrik, que já estava a sair pela porta principal.

– Então, qual é a sensação? – perguntou Patrik depois de terem entrado no carro-patrulha e seguido em direção a Sannäs.

– É boa, obrigada. Apesar de ficarmos sempre um pouco nervosos quando começamos a trabalhar num emprego novo.

– Já passaste por muitas esquadras, tendo em conta o teu currículo.

– Pois, queria acumular tanta experiência quanto me fosse possível – disse Hanna enquanto olhava fixamente pela janela com curiosidade. – Diferentes regiões da Suécia, áreas de dimensões diferentes, enfim, de tudo um pouco. Tudo o que possa

aumentar a minha experiência como polícia.

– Mas porquê? Qual é o teu objetivo final, digamos assim?

Hanna sorriu. O sorriso dela era amigável, mas ao mesmo tempo resolutamente determinado.

– Um lugar como chefe, claro. Num dos distritos mais importantes. Por isso é que tenho andado a tirar todo o tipo de cursos, a aprender o mais possível e a trabalhar arduamente.

– Parece-me uma receita para o sucesso – disse Patrik, sorrindo, mas a enorme ambição que irradiava na sua direção também o fez sentir-se pouco à vontade. Não estava habituado àquilo.

– Espero que seja – retorquiu Hanna, ainda a observar os campos por onde passavam. – Então e tu? Há quanto tempo trabalhas em Tanumshede?

Mortificado, Patrik ouviu a sua voz soar um pouco envergonhada.

– Oh... na verdade, desde a academia de polícia.

– Ena, eu nunca seria capaz de uma coisa dessas. Quer dizer, deves gostar mesmo disto. É um bom presságio para o tempo que vou aqui passar – Hanna virou-se para olhar para Patrik.

– Bem, acho que podes ver as coisas dessa forma. Mas também tomei esta opção porque me sinto bem aqui. Cresci aqui e conheço a região como a palma da minha mão. Mas já não moro em Tanumshede. Agora moro em Fjällbacka.

– É verdade, ouvi dizer que casaste com Erica Falck! Adoro os livros dela! Bem, pelo menos os policiais; tenho de admitir que não li as biografias que escreveu.

– Não tens de te recriminar por causa disso. Metade da Suécia leu o último policial dela, a julgar pelas vendas, mas a maior parte das pessoas não sabe que escreveu cinco biografias de escritoras suecas. A que mais vendeu foi a de Karin Boye, acho que chegou aos dois mil exemplares. Seja como for, ainda não casámos, mas já não falta muito. Vamos casar no sábado de Pentecostes¹!

– Oh, parabéns! Que bonito, um casamento no Pentecostes.

– Bem, esperemos que sim. Embora, para ser franco, preferisse voar para Las Vegas e fugir de toda esta confusão. Não fazia ideia de que planejar um casamento fosse uma tarefa tão complicada.

Hanna deu uma gargalhada sonora.

– Pois, imagino.

– Mas tu também és casada, vi no teu processo. Não tiveste um casamento de arromba pela igreja?

O rosto de Hanna ensombrou-se. Virou-se e murmurou tão baixo que Patrik mal conseguiu ouvi-la:

– Casámos no registo civil. Mas essa história fica para outra altura. Parece que chegámos.

Mesmo em frente, viram um carro danificado na valeta. E dois bombeiros muito empenhados a cortar o tejadilho, mas sem grandes pressas. Depois de ter deitado uma olhadela ao banco da frente, Patrik percebeu porquê.

Não era por acaso que o conselho municipal estava reunido na sua própria casa, em vez de a reunião decorrer no centro comunitário. Após meses de profunda remodelação, que custara dois milhões de coroas², a casa estava pronta a ser inspecionada e admirada. Era uma das maiores e mais antigas casas de Grebbestad e fora preciso uma grande dose de persuasão para convencer os anteriores proprietários a vendê-la. A casa «pertence à família há gerações», argumentavam, mas os protestos não demoraram a esmorecer quando ele subiu a oferta. Nunca lhes ocorrera que tinha oferecido consideravelmente menos do que teria estado disposto a pagar.

– Como podem ver, esforçámo-nos ao máximo para preservar a integridade do local. Com efeito, o fotógrafo enviado pela *Residence* disse que nunca tinha visto uma remodelação com tanto bom gosto. Se alguém perdeu a edição do mês passado, temos alguns exemplares disponíveis; façam favor de levar uma revista quando saírem, para poderem folheá-la à vontade.

Conduzindo os convidados à sala de estar, Erling W. Larson indicou a grande mesa de refeições preparada para tomarem café.

– Muito bem, vamos então dedicar-nos ao assunto que nos trouxe aqui? – A mulher de Erling tinha tratado de todos os preparativos enquanto o marido estava a mostrar a casa e agora esperava junto da mesa, em silêncio, que se sentassem. Erling acenou-lhe reconhecidamente com a cabeça. Valia o seu peso em ouro, a sua Viveca; talvez fosse um pouco calada, mas antes uma mulher que sabia quando manter a boca fechada do que uma fala-barato.

– Bem, sabem qual é a minha posição – disse Uno Brorsson, deitando quatro cubos de açúcar na sua chávena. Erling olhou-o com aversão. Não compreendia homens que negligenciavam a sua saúde. Pela sua parte, corria dez quilómetros todas as manhãs e também já tinha feito discretamente um ou outro *lifting*. Mas Viveca era a única pessoa que o sabia.

– Claro que sabemos – disse Erling num tom ligeiramente mais ríspido do que tencionara. – Mas não adianta discutirmos o assunto, agora que chegámos a um consenso. A equipa de televisão não tardará a chegar; por isso, vamos ser razoáveis e aproveitar esta ocasião ao máximo, está bem? Reparem na publicidade que Åmål conseguiu enquanto andaram lá a filmar aquele programa. E isso não foi nada comparado com a publicidade gerada por *Töreboda Sempre a Abrir*. Nas próximas semanas, o país inteiro vai ficar sentado a ver *Tanum Sempre a Abrir*. Que oportunidade única para mostrarmos o nosso cantinho da Suécia no seu melhor!

– No seu melhor? – resfolegou Uno. – Álcool, sexo e parolos imbecis que se julgam celebridades só por participarem num concurso de televisão. É assim que queremos apresentar Tanumshede?

– Bem, por mim, acho que vai ser muitíssimo excitante! – disse Gunilla Kjellin na sua voz estridente, os olhos a cintilarem para Erling. Embora nunca o admitisse, tinha uma paixão assolapada por ele. O que convinha a Erling, desde que lhe garantisse o voto dela.

– Sim, ouçam Gunilla. É com este espírito que devíamos acolher o projeto. É uma aventura excitante, esta em que estamos a embarcar, além de ser uma oportunidade que devíamos abraçar de alma e coração! – Erling estava a utilizar o tom persuasivo que empregara com bastante sucesso ao longo dos anos como diretor de uma grande companhia de seguros. De vez em quando sentia saudades daqueles dias de glória. Não tinha sido fácil reformar-se depois do ataque cardíaco, mas tinha-se revelado a melhor decisão que alguma vez tomara. E saíra mesmo a tempo. Mesmo antes de a imprensa, sentindo o cheiro a sangue, ter começado a desfazer os seus ex-colegas em pedaços.

– Que vamos fazer quanto ao risco de provocar danos? Soube que houve muitos estragos em Töreboda enquanto andaram por lá a filmar. A empresa de televisão cobre os prejuízos?

Erling resfolegou de impaciência. Erik Bohlin, o jovem diretor financeiro municipal, estava permanentemente preocupado com trivialidades em vez de ver o «panorama geral». Afinal, que diabo sabia ele de finanças? Tinha acabado de fazer trinta anos e de certeza que em toda a sua vida não tinha lidado com tanto dinheiro quanto o que Erling costumava gastar num único dia.

Fixando Bohlin com olhar crítico, Erling disse desdenhosamente:

– Comparadas com a afluência de turistas que esperamos, umas quantas janelas partidas não são uma preocupação de maior. Além disso, tenho a certeza de que os polícias farão o seu melhor para merecerem os seus salários e controlarem a situação.

Deixou que o olhar repousasse por alguns segundos em cada um dos membros do conselho. Um a um, todos foram baixando o olhar enquanto abandonavam qualquer esboço de protesto.

– Vai correr tudo bem – disse Jörn Schuster.

Erling não conseguia compreender porque é que Jörn tinha optado por permanecer no conselho. Ignominiosamente derrotado após quinze anos como presidente do conselho municipal, deveria ter saído com o rabo entre as pernas. Mas se Jörn queria chafurdar na sua humilhação, tudo bem. Havia algumas vantagens em ter a velha raposa presente, mesmo que Jörn estivesse agora ao mesmo tempo exausto e desdentado, metaforicamente falando. O ex-presidente tinha os seus apoiantes fiéis,

e estes manter-se-iam calados desde que vissem que Jörn ainda estava ativamente envolvido.

– Portanto, agora temos de mostrar o nosso entusiasmo. Vou pessoalmente dar as boas-vindas à equipa, à uma da tarde, e claro que a vossa participação é bem-vinda. Caso contrário, vemo-nos na reunião ordinária de quinta-feira – Erling levantou-se para mostrar que a reunião tinha terminado.

Uno ainda estava a resmungar quando saiu, mas Erling reconhecia que fizera um excelente trabalho a convocar as tropas. Aquele empreendimento tresandava a sucesso, disse Erling tinha a certeza.

Satisfeito, saiu para a varanda e acendeu um charuto para comemorar a vitória. Na sala de jantar, Viveca levantava a mesa em silêncio.

– Da, da, da. – Maja estava sentada na sua cadeirinha a tagarelar, enquanto se esquivava com grande perícia à colher que a mãe tentava enfiar-lhe na boca. Depois de fazer pontaria por um momento, Erica conseguiu finalmente fazê-la comer uma colherada de papa, mas a sua alegria foi de pouca dura, pois Maja escolheu aquele instante para mostrar que sabia imitar o ruído de um carro. – Brrrrr – fez Maja com tal determinação que o rosto da mãe ficou todo borrifado com papa.

– Raio da miúda – disse Erica, exausta, mas arrependeu-se logo da escolha de palavras.

– Brrrrr – fez Maja alegremente, conseguindo lançar restos de papa para cima da mesa.

– Aio da miúda – disse Adrian, e a irmã mais velha, Emma, repreendeu-o de imediato.

– Não deves praguejar, Adrian!

– Mas a Ica guejou.

– Mesmo assim, não deves praguejar, não é verdade, tia Erica? – Emma plantou as mãos firmemente nas ancas e olhou insistentemente para Erica.

– Tens toda a razão. Fui muito marota por praguejar, Adrian.

Satisfeita com aquela resposta, Emma recomeçou a beber o seu *kefir*³. Erica lançou-lhe um olhar carinhoso, embora preocupado. Aquela menina tinha sido forçada a crescer tão depressa. Às vezes comportava-se mais como mãe do que como irmã de Adrian. Anna não parecia reparar, mas Erica via muito bem o que estava a acontecer. Sabia demasiado bem o que era arcar com aquele papel em tão tenra idade.

E agora estava a fazer aquilo outra vez. A fazer de mãe da sua irmã. E era ao mesmo tempo mãe de Maja e uma espécie de mãe substituta de Emma e de Adrian, enquanto esperava que Anna despertasse da sua letargia. Erica olhou de relance para o teto enquanto começava a arrumar e a limpar a mesa, que ficara em completa

desordem. Mas não ouviu qualquer som no andar de cima. Anna raramente acordava antes das onze e Erica deixava-a dormir. Não sabia que mais poderia fazer.

– Hoje não quero ir para o infantário – anunciou Adrian, assumindo uma expressão que dizia claramente: «Tentem obrigar-me e vão ver.»

– Claro que vais ao infantário, Adrian – disse Emma, voltando a colocar as mãos nas ancas. Erica interveio antes que a discussão começasse, ao mesmo tempo que tentava limpar a filha de oito meses o melhor que podia.

– Emma, vai vestir o casaco e calçar as botas. Adrian, hoje não tenho tempo para esta discussão. Vais para o infantário com a Emma, e isto não é negociável.

Adrian abriu a boca para protestar, mas algo no rosto da tia lhe disse que naquela manhã em particular talvez fosse melhor obedecer-lhe. Assumindo uma obediência fora do comum, Adrian saiu para o corredor.

– Muito bem, agora tenta calçar os sapatos – Erica pôs os ténis ao pé de Adrian, mas o menino limitou-se a abanar a cabeça.

– Não consigo, tens de ajudar-me.

– Claro que consegues. Tu calças os sapatos no infantário.

– Não consigo não. Sou pequenino – acrescentou Adrian.

Erica suspirou e pôs Maja no chão. A bebé começou a afastar-se a gatinhar mesmo antes de as suas mãos e joelhos tocarem no chão. Tinha começado a gatinhar muito cedo e dominava agora a técnica com mestria.

– Maja, fica aqui, queridinha – disse Erica enquanto tentava calçar os ténis a Adrian. Mas Maja preferiu ignorar o apelo urgente e partiu alegremente numa viagem de descoberta. Erica sentiu o suor começar a escorrer-lhe pelas costas e das axilas.

– Eu vou buscar Maja – disse Emma para tentar ajudar, tomando a falta de resposta de Erica como assentimento. Ofegando um pouco, Emma regressou carregando Maja, que se contorcia nos seus braços como um gatinho intratável. Erica viu que o rosto da filha tinha começado a adquirir o tom avermelhado que normalmente precedia uma birra e apressou-se a pegar em Maja. Depois despachou as crianças mais velhas porta fora e em direção ao carro. Caramba, como detestava manhãs como aquela.

– Entrem no carro, estamos com pressa. Estamos outra vez atrasados e sabem o que a senhora Ewa pensa disso.

– Ela não gosta de atrasos – disse Emma, abanando a cabeça preocupada.

– Pois não, nada mesmo – confirmou Erica, prendendo Maja com o cinto de segurança.

– Quero ir sentado à frente – anunciou Adrian, cruzando os braços e preparando-se para a batalha. Mas a paciência de Erica atingira o limite.

– Senta-te já na tua cadeira – gritou, sentindo uma certa satisfação ao ver como

Adrian quase voou para a sua cadeirinha. Emma sentou-se no seu assento no meio dos bancos traseiros e apertou ela própria o seu cinto de segurança. Apressada e ainda com uma sensação de irritação, Erica começou a prender o cinto de Adrian, mas deteve-se quando sentiu uma mãozinha na face.

– Adoro-te, Ica – disse Adrian, tentando parecer o mais doce possível. Era sem dúvida uma tentativa para entrar nas boas graças de Erica, e resultava sempre. Erica sentiu o coração a inchar-lhe no peito, inclinou-se e deu um grande beijo ao sobrinho.

A última coisa que Erica fez antes de arrancar foi lançar uma olhadela inquieta à janela do quarto de Anna. Mas a persiana ainda estava descida.

Jonna encostou a testa à janela fresca do autocarro e olhou para fora, para os campos por onde passavam. Invadia-a uma tremenda apatia. Como sempre. Puxou as mangas do fato de treino para cobrir as mãos. Ao longo dos anos, aquilo tinha-se tornado um hábito. Perguntou a si própria o que estava ali a fazer. Como tinha acabado metida em tudo aquilo? Porque teriam tal fascínio em acompanhar a sua vida quotidiana? Jonna não conseguia compreender. Era uma rapariga sem cheta, estranha e solitária que se mutilava a si própria, porra! Mas talvez fosse precisamente por isso que tinham votado para que ficasse na Casa, semana após semana. Por haver tantas outras raparigas como ela por todo o país. Raparigas que se identificavam com ela sempre que Jonna acabava em confronto com os outros concorrentes, o que era habitual, quando se sentava a chorar no lavatório retalhando os antebraços com lâminas de barbear, quando irradiava tal desamparo e desespero que os outros residentes da Casa a evitavam como se estivesse infetada com raiva. Talvez fosse esse o motivo.

– C’um caraças, é o máximo! Que fixe terem-nos dado, tipo, mais uma oportunidade – Jonna sentiu a enorme expectativa na voz de Barbie, mas recusou-se a retorquir. Só o nome da rapariga dava-lhe vontade de vomitar. Mas os tabloides adoravam-no. BB-Barbie estava a sair-se muito bem nas bancas dos jornais. O seu nome verdadeiro era Lillemor Persson. Um dos vespertinos tinha conseguido desencantar essa informação. Também tinham encontrado fotografias antigas dela, do tempo em que era uma magricela de cabelo castanho com óculos demasiado grandes. Não tinha nada que ver com a bomba loura com mamas de silicone que era atualmente. Jonna dera uma boa gargalhada ao ver aquelas fotografias. Tinham levado um exemplar para a Casa. Mas Barbie chorara. E depois tinha queimado o jornal.

– Olha para aquela multidão! – Barbie apontou excitadamente para um grupo de pessoas na praça, para onde o autocarro parecia dirigir-se. – Não percebes, Jonna? Eles estão todos aqui por nossa causa, estás a ver? – mal conseguia ficar sentada e

Jonna lançou-lhe um olhar de desdém. Depois, enfiou os auriculares do seu leitor de MP3 nos ouvidos e fechou os olhos.

Patrik caminhou lentamente em redor do carro. Tinha-se despistado, descido uma encosta íngreme e parado quando embatera numa árvore. A parte da frente estava amolgada, mas o resto do carro estava intacto. Não tinha conseguido fazer a curva àquela velocidade.

– O condutor parece ter embatido com força no volante. Diria que foi essa a causa da morte – afirmou Hanna, agachada junto do lugar do condutor.

– Acho melhor deixarmos isso para o patologista forense – disse Patrik, ouvindo como a sua voz soara mais crítica do que tencionara. – O que eu queria dizer era que...

– Tudo bem – disse Hanna, abanando a mão para enfatizar as suas palavras. – Foi um comentário estúpido. A partir de agora fico-me pela observação, não vou tirar conclusões. Por enquanto – acrescentou.

Patrik terminou o seu circuito em torno do carro e estava agora ajoelhado ao lado de Hanna. A porta do lado do condutor permanecia escancarada e a vítima do acidente ainda estava presa ao banco pelo cinto de segurança e tombada sobre o volante. No chão havia uma poça de sangue que lhe escorrera de um ferimento na cabeça.

Ouviram um dos peritos a tirar fotografias por detrás deles, para documentar o local do acidente.

– Estorvamos? – perguntou Patrik, voltando-se.

– Não, já tirámos a maior parte das fotos de que precisávamos. E agora gostaríamos de endireitar a vítima para lhe tirarmos umas fotografias. Pode ser? Já viram o que precisavam, por agora?

– Já vimos o que precisávamos, Hanna? – Patrik fez questão de incluir a colega. Não devia ser fácil ser nova na equipa, por isso Patrik tencionava dar o seu melhor para fazê-la sentir-se integrada.

– Sim, acho que sim – ambos se levantaram e afastaram para dar mais espaço ao perito. Cuidadosamente, este pegou no ombro da vítima e pressionou o cadáver de encontro às costas do banco. Só agora conseguiam ver que era uma mulher. O cabelo curto e o vestuário unissexo levaram-nos inicialmente a pensar que se tratava de um homem, mas uma olhadela ao rosto disse-lhes que a vítima era uma mulher na casa dos quarenta.

– É Marit – disse Patrik.

– Marit? – perguntou Hanna.

– Tem uma loja na Rua Affärsvägen. Vende chá, café, chocolates e artigos desse género.

– Tem família? – A voz de Hanna soou algo estranha ao fazer a pergunta, e Patrik olhou de relance para a colega. Mas Hanna ostentava a sua expressão habitual e Patrik achou que devia estar a imaginar coisas.

– Na verdade não sei. Teremos de verificar.

O perito tinha acabado de tirar as fotografias e recuou. Patrik e Hanna voltaram a aproximar-se.

– Cuidado para não toques em nada – disse reflexamente Patrik. E, antes que Hanna pudesse dizer algo, prosseguiu: – Desculpa, estou sempre a esquecer-me de que, apesar de seres nova no nosso departamento, és uma agente experiente. Vais ter de me dar um desconto – disse Patrik em jeito de desculpa.

– Não te preocupes – disse a nova colega dando uma gargalhada. – Não me ofendo assim tão facilmente.

Patrik também se riu, aliviado. Não se tinha apercebido de como estava habituado a trabalhar com pessoas que conhecia bem, pessoas cujos hábitos lhe eram familiares. Talvez fosse bom ter algum sangue novo na corporação. Além disso, em comparação com Ernst, não era difícil ser melhor. O facto de Ernst ter finalmente sido despedido depois de, no outono passado, ter aplicado a lei à sua maneira, por assim dizer, foi, bem, nada menos que um milagre.

– Então, que vês? – perguntou Patrik, inclinando-se mais para observar o rosto de Marit.

– Não é tanto o que vejo, é mais o que cheiro – Hanna inspirou profundamente duas vezes. – Tresanda a álcool. Devia estar perdida de bêbeda quando se despistou.

– Parece ter realmente sido isso que aconteceu – disse Patrik. Parecia algo distraído. Com a testa franzida de preocupação, espreitou para dentro do carro. Não havia nada de extraordinário. O embrulho de uma barra de chocolate no chão, uma garrafa plástica de *Coca-Cola* vazia, uma página que parecia ter sido rasgada de um livro e, no canto mais afastado, junto do banco do passageiro, uma garrafa de vodka vazia.

– Isto não parece muito complicado. Um acidente envolvendo um único carro conduzido por uma condutora alcoolizada – Hanna recuou uns passos e parecia preparar-se para se ir embora. A ambulância estava a postos para levar o cadáver e não havia muito mais que pudessem fazer.

Patrik examinou os ferimentos no rosto de Marit. Havia algo que não batia certo.

– Posso limpar o sangue? – perguntou a um dos peritos que estavam a embalar o equipamento.

– Não deve haver problema, temos bastante documentação. Tome um trapo – o perito entregou-lhe um pedaço de tecido branco e Patrik agradeceu-lhe com um gesto de assentimento. Cuidadosamente, quase com ternura, limpou o sangue seco,

sobretudo de um ferimento na testa. Os olhos da vítima estavam abertos e, antes de prosseguir, Patrik cerrou-os cuidadosamente com os indicadores. Limpo o sangue, o rosto de Marit era uma amálgama de ferimentos e escoriações. Tinha embatido no volante com muita força, pois o carro era um modelo antigo, sem *airbag*.

– Podia tirar mais umas fotografias? – perguntou Patrik ao homem que lhe tinha dado o trapo.

O perito assentiu e pegou na máquina fotográfica. Tirou rapidamente mais algumas fotos e olhou interrogativamente para Patrik.

– Já são suficientes – disse Patrik aproximando-se de Hanna, que parecia intrigada.

– Que viste? – perguntou Hanna.

– Não tenho a certeza. Há qualquer coisa que... Não sei – Patrik abanou a mão, descartando a ideia. – Não deve ser nada. Vamos regressar à esquadra, para que eles possam acabar o que estão a fazer.

Entraram no carro-patrulha e dirigiram-se a Tanumshede. Seguiram em silêncio durante todo o caminho de regresso. E, no meio desse silêncio, havia algo que inquietava Patrik. Mas não conseguia perceber o que era.

Bertil Mellberg sentia-se estranhamente aliviado. Como só costumava sentir-se quando estava na companhia de Simon, o filho cuja existência desconhecerá durante quinze anos. Infelizmente, Simon não o visitava com muita frequência, mas ao menos aparecia e tinham conseguido desenvolver uma espécie de relacionamento. Não era um laço muito exuberante e pelo que se podia ver nem sequer se dava por ele; tinha uma existência algo oculta. Mas estava lá.

A sensação, difícil de descrever, resultava de algo estranho que lhe acontecera no sábado passado. Após meses de insistência e de pressão por parte de Sten, o seu bom amigo – ou melhor, o seu único amigo, e mesmo talvez devesse mais propriamente ser considerado um conhecido –, Mellberg concordou em ir a uma festa em Munkedal. Embora se considerasse bom dançarino, há anos que não frequentava uma festa onde se dançasse. E uma festa popular evocava imagens de campónios a pular ao som de violinos. Mas Sten era um frequentador habitual e tinha finalmente conseguido persuadi-lo de que as festas populares eram excelentes zonas de caça. «Elas estão para lá sentadas em fila, mesmo à espera de serem escolhidas», dissera Sten. Mellberg não podia negar que aquilo lhe soava bem; não tinha conhecido muitas mulheres nos últimos anos, por isso sentia realmente necessidade de pôr o seu rapazote a apanhar ar. Mas o seu ceticismo tinha que ver com o tipo de mulheres que frequentavam festas populares. Velhas caquéticas e desesperadas, que estavam mais interessadas em afundar as garras num velhote com uma boa pensão do que numas boas cambalhotas no feno. Mas, se havia algo que Mellberg sabia, era como proteger-se de tipas que só pensavam no casamento; por

isso acabou por decidir-se a acompanhar Sten e tentar a sua sorte.

Preparado para tudo, tinha vestido o seu melhor fato e salpicado um pouco de «cheira bem» aqui e ali. Sten fora ter a sua casa e tinham-se fortalecido com uns copos antes de partirem. Sten tivera a ideia de chamar um táxi, para não terem de preocupar-se com o que bebiam. Não é que Mellberg costumasse preocupar-se muito com isso, mas não cairia bem ser apanhado a conduzir sob efeito do álcool. Depois do incidente com Ernst, as chefias estavam de olho nele, por isso tinha de ter cuidado. O que não soubessem não lhes faria mal.

Apesar de todos os preparativos, não foi com grande expectativa que Bertil Mellberg entrou no grande salão, onde o baile já ia animado. E os seus preconceitos confirmaram-se. Para onde quer que olhasse, apenas via mulheres da sua idade. Quanto a isso, Mellberg e Uffe Lundell concordavam plenamente – quem diabo queria um corpo enrugado e balofo de meia-idade junto a si na cama quando havia por aí tanta carne jovem suave e firme? Embora Mellberg tivesse de admitir que Uffe tinha um pouco mais de sucesso naquela frente do que ele. Aquela história de ser uma estrela de *rock* é que fazia a diferença. Era uma injustiça do caraças.

Mellberg estava prestes a ir ao bar para repor as suas reservas de coragem quando ouviu alguém atrás dele.

– Que sítio este. E nós para aqui a sentirmo-nos velhos.

– Bem, eu estou aqui sob protesto – respondeu Mellberg, olhando de relance para a mulher que aparecera ao lado dele.

– Já somos dois. Bodil arrastou-me para aqui – disse a mulher, apontando para uma das senhoras, que fazia todos os possíveis por ficar banhada em suor na pista de dança.

– No meu caso foi Sten – retorquiu Mellberg, apontando para o amigo na pista de dança.

– Chamo-me Rose-Marie – disse a mulher, estendendo a mão.

– Bertil – respondeu Mellberg.

No preciso momento em que a palma da sua mão tocou na dela, a vida de Mellberg mudou. Durante os seus sessenta e três anos, o superintendente experimentara desejo, atração sexual e uma compulsão para possuir certas mulheres que tinha conhecido. Mas nunca se tinha apaixonado. Portanto, aquilo atingiu-o ainda com mais força. Mellberg olhou-a com espanto. O lado objetivo do superintendente registou uma mulher de cerca de sessenta anos, com perto de um metro e sessenta, um pouco roliça, com o cabelo curto tingido de um espirituoso tom avermelhado e um sorriso alegre. Mas o seu lado subjetivo apenas viu os olhos dela. Eram azuis e olhavam-no com curiosidade e intensidade; Mellberg sentiu que se afogava naqueles olhos, como diziam os romances cor-de-rosa da treta.

Depois, a noite passou demasiado depressa. Dançaram e conversaram. Mellberg

foi buscar bebidas a Rose-Marie e puxou-lhe a cadeira para que se sentasse. Um comportamento que não fazia de toda parte do seu repertório normal. Mas nada fora normal naquela noite.

Quando se despediram, Mellberg sentiu-se logo estranho e vazio. Tinha mesmo de a ver outra vez. Por isso é que estava agora sentado no seu gabinete, naquela manhã de segunda-feira, a sentir-se como um miúdo da escola. À sua frente, na secretária, estava um pedaço de papel com o nome e o número de telefone de Rose-Marie.

Mellberg olhou para o papel, respirou fundo e marcou o número.

Tinham estado outra vez a discutir. Pela enésima vez seguida. As discussões transformavam-se demasiadas vezes em combates de boxe verbais entre as duas. E, como era habitual, cada qual defendera a sua própria posição. Kerstin queria que saíssem do armário. Marit ainda queria manter tudo em segredo.

– Tens vergonha de mim, de nós? – berrara Kerstin. E Marit, como tantas vezes fizera, afastara-se e recusara-se a olhá-la nos olhos. Porque o problema era precisamente esse. Amavam-se e Marit envergonhava-se disso.

A princípio, Kerstin tinha-se convencido a si própria de que não havia problema. O que importava era terem-se encontrado uma à outra. Que as duas, depois de terem sido completamente rebaixadas pela vida e por pessoas que lhes feriram a alma, tenham conseguido encontrar-se. Que importância tinha ser do género feminino ou masculino? Que importava o que os outros diziam ou pensavam? Mas Marit não pensava dessa forma. Não estava preparada para sujeitar-se às opiniões e preconceitos das pessoas que a rodeavam e queria que tudo permanecesse como nos últimos quatro anos. Continuariam a morar juntas como amantes mas, no exterior, fingiam que eram apenas duas amigas que, por motivos financeiros e por conveniência, partilhavam o mesmo apartamento.

– Porque te preocupas tanto com o que as pessoas dizem? – perguntara Kerstin quando tinham discutido na noite anterior. Marit chorara, como fazia sempre quando discutiam. E, como era habitual, isso ainda irritou mais Kerstin. As lágrimas eram como combustível para a raiva que se tinha acumulado por detrás do muro criado pelo segredo de ambas. Detestava fazer Marit chorar. Odiava que as circunstâncias e os outros a fizessem magoar aquela que mais amava.

– Imagina o que sentiria Sofie se isto se soubesse.

– Sofie é muito mais forte do que tu pensas. Não a uses como desculpa para a tua própria cobardia.

– Até que ponto é que achas que uma rapariga de quinze anos consegue ser forte com os outros miúdos a atormentarem-na por a mãe ser fufa? Fazes ideia das merdas que ela teria de aturar na escola? Não lhe posso fazer isso! – as lágrimas de Marit distorceram-lhe o rosto, transformando-o numa máscara disforme.

– Acreditas mesmo que Sofie ainda não percebeu, que a conseguimos enganar só porque te mudas para o quarto de hóspedes durante as semanas em que ela nos visita e por andarmos a encenar esta espécie de charada aqui em casa? Sofie já percebeu há muito tempo. E, se eu estivesse no lugar dela, teria mais vergonha de uma mãe que vive na mentira só para as «pessoas» não falarem. Era disso que eu teria vergonha!

Kerstin gritava agora tão alto que conseguia ouvir a própria voz a quebrar. Marit tinha-lhe lançado aquele olhar magoado que Kerstin tinha aprendido a odiar com o passar dos anos e também sabia por experiência própria o que se seguiria. Tal como pensara, Marit tinha saltado da mesa e começado a vestir o blusão, soluçando.

– É isso mesmo, fuge. É o que fazes sempre. Vai! E desta vez escusas de voltar!

Quando a porta bateu atrás de Marit, Kerstin sentou-se à mesa da cozinha. Respirava ofegantemente e sentia-se como se tivesse estado a correr. E, de certa forma, fora isso que acontecera. Estivera a correr atrás da vida que desejava para ambas, a vida que o receio de Marit as impedia de viver. E, pela primeira vez, Kerstin dissera o que pensava. Algo dentro dela lhe disse que não ia aguentar aquela situação por muito mais tempo.

Porém, na manhã seguinte, aquela sensação tinha sido substituída por uma preocupação profunda que a consumia. Tinha ficado acordada a noite inteira. À espera de que a porta se abrisse, à espera de que os passos familiares ecoassem no soalho, à espera de abraçar Marit e de a consolar, e de lhe pedir perdão. Mas Marit não tinha regressado. E a chave do carro tinha desaparecido; Kerstin tinha-o constatado durante a noite. Onde diabo estava ela? Teria acontecido alguma coisa? Teria ido de carro até casa do ex-marido, o pai de Sofie? Ou teria fugido para casa da mãe, em Oslo?

Com dedos trémulos, Kerstin pegou no telefone.

– Que impacto julga que poderá isto ter no turismo de Tanum? – De esferográfica e bloco-notas na mão, o repórter do *Bohuslänningen* preparou-se para debitar a resposta de Erling.

– Um impacto enorme. Vai ser tremendo. Meia hora diária do concurso na televisão, diretamente de Tanumshede. Esta zona nunca teve uma oportunidade de promoção tão gigantesca – disse Erling, exultante. Uma grande multidão tinha-se reunido no exterior do antigo centro comunitário, à espera do autocarro com os concorrentes. O grupo era quase exclusivamente composto por adolescentes, que mal conseguiam estar quietos, tal era a ânsia de verem finalmente os seus ídolos *ao vivo*.

– Mas não poderá ter o efeito contrário? Quer dizer, em temporadas anteriores, o concurso acabou em discussões, sexo e bebedeiras, e isso não é de todo a imagem

que gostaríamos de apresentar aos turistas, pois não?

Erling lançou um olhar irritado ao repórter. Porque seriam as pessoas tão incrivelmente negativas? Já tinha ouvido a mesma conversa no conselho municipal e agora era a imprensa local que começava a bater na mesma tecla.

– Certamente já ouviu o provérbio: «a má publicidade não existe». E, admitamos, Tanumshede tem uma imagem inexistente... quer dizer, a nível nacional. Agora, com *Tanum Sempre a Abrir*, tudo vai mudar.

– Obviamente – começou o repórter, mas Erling, que perdera a paciência, interrompeu-o.

– Infelizmente, de momento não tenho tempo para fazer mais comentários, estou aqui na qualidade de representante do comité de boas-vindas – rodou nos calcanhares e avançou apressadamente na direção do autocarro, que acabara de estacionar.

Os jovens expectantes, concentrados em torno da porta do autocarro, esperavam com expressões excitadas que a porta se abrisse. A visão da multidão de jovens foi suficiente para confirmar o ponto de vista de Erling de que era exatamente daquilo que a cidade precisava. Agora, Tanumshede ia ser colocado no mapa.

Quando as portas do autocarro deslizaram com um som sibilante, foi um homem na casa dos quarenta que saiu primeiro. Murmúrios de desapontamento por parte dos adolescentes indicaram que não era um dos concorrentes. Erling não assistira a nenhum dos muitos *reality shows* que tinham sido transmitidos, por isso não fazia a mais pequena ideia de quem ou do que esperar.

– Erling W. Larson – apresentou-se, estendendo a mão enquanto abria o seu sorriso mais vitorioso. As máquinas fotográficas dispararam.

– Fredrik Rehn – disse o homem, apertando-lhe a mão. – Falámos ao telefone. Sou o produtor deste circo – e ambos sorriram.

– Bem, deixe-me dar-lhe as boas-vindas a Tanumshede. Em nome da nossa comunidade, gostaria de dizer-lhe que estamos extremamente felizes e orgulhosos de vos ter aqui e que estamos ansiosos por uma temporada muito excitante.

– Obrigado, obrigado. Sim, temos grandes esperanças de que isso aconteça. Depois de duas temporadas de êxito, estamos muito otimistas; sabemos que este é um formato de sucesso e estamos ansiosos por trabalhar convosco. Mas não vamos fazer os fãs esperar mais tempo – disse Fredrik com um sorriso rasgado, ofuscando a multidão ansiosa com a sua dentadura improvavelmente branca. – Aqui vêm eles. Os concorrentes de *Tanum Sempre a Abrir*: Barbie, de *Big Brother*, Jonna, de *Big Brother*, Calle, de *Sobreviventes*, Tina de *O Bar*, Uffe, de *Sobreviventes* e, por último mas não menos importante, Mehmet, de *A Quinta*.

Um a um, os concorrentes saíram do autocarro, seguindo-se a histeria generalizada. As pessoas gritavam, apontavam e empurravam-se para tocar nos concorrentes ou

para lhes pedir autógrafos. As câmaras já estavam montadas e as filmagens decorriam a todo o gás. Satisfeito, embora um pouco atarantado, Erling observava a reação frenética que a chegada dos concorrentes provocara. Não conseguiu deixar de se interrogar porque ficava a juventude atual tão excitada com tudo aquilo. Como podia aquele bando de miúdos ranhosos despertar tal histeria? Bem, não precisava de compreendê-lo – o mais importante era explorar o melhor possível a atenção que Tanumshede ia ter com o programa.

– Olhem, vamos ter de interromper isto. Vão ter muitas oportunidades de conhecer os concorrentes; no fim de contas, eles vão viver aqui durante cinco semanas – Fredrik despediu-se dos fãs que ainda se aglomeravam em volta do autocarro. – Agora, os concorrentes precisam de tempo para se instalar e descansar um pouco. Mas para a semana espero que estejam todos colados à TV, certo? Segunda-feira, às sete, arranca o concurso! – Fredrik ergueu ambos os polegares e disparou mais um dos seus sorrisos fingidos.

Os jovens afastaram-se relutantemente, a maioria dirigiu-se à escola, mas um pequeno grupo parecia encarar aquilo como uma excelente oportunidade de se baldar às aulas do dia e, em vez disso, dirigiu-se à Hedemyr.

– Um começo auspicioso, sem dúvida – disse Fredrik, passando os braços em torno de Barbie e de Jonna. – Que dizem, miúdas, estão prontas para avançar?

– Absolutamente – respondeu Barbie, com os olhos a brilhar. Como era habitual, toda aquela agitação funcionava como uma injeção de adrenalina, pelo que saltitava sem sair do lugar.

– Então e tu, Jonna? Como te estás a sentir?

– Bem – murmurou. – Mas seria bom se pudéssemos ir instalar-nos e desfazer as malas.

– Vamos tratar disso, querida – disse Fredrik, apertando-lhes ainda mais os ombros. – Já sabem, o mais importante é que se sintam bem – Fredrik virou-se para Erling: – O alojamento já está pronto?

– Claro que sim – Erling apontou para a casa vermelha de estilo tradicional a uns cinquenta metros. – Vão ficar no centro comunitário. Colocámos lá camas e outros móveis, acho que vão ficar bastante confortáveis.

– Quero lá saber, desde que haja copos, consigo dormir em qualquer sítio de merda – o comentário foi de Mehmet de *A Quinta* e foi seguido de risadinhas e assentimentos de concordância por parte dos restantes concorrentes. Uma das condições para participarem era haver bebidas à borla. Isso e todas as oportunidades para ter sexo que o seu estatuto de celebridades lhes proporcionava.

– Acalma-te, Mehmet – disse Fredrik com um sorriso. – Há um bar como deve ser com tudo o que vos possa apetecer beber. E também há várias grades de cerveja, e vai haver mais quando tudo isto acabar. Vamos tomar conta de vocês – Fredrik fez

menção de colocar os braços em torno dos ombros de Mehmet e de Uffe, mas estes esquivaram-se com ligeireza. Desde muito cedo que o tinham alcunhado de diva flamejante e não tinham qualquer desejo de ser abraçados por um *panilas* – queriam deixar isso bem claro. Embora estivessem na corda bamba, pois precisavam de se dar bem com o produtor, como os concorrentes da temporada anterior lhes tinham aconselhado. Era o produtor que decidia quem tinha mais tempo de antena e quem tinha menos, e o tempo em que apareciam no ecrã era o único facto que importava. Se durante esse tempo de antena aparecessem a vomitar, a mijar no chão, ou a comportarem-se como perfeitos idiotas, isso não tinha a menor importância.

Erling não fazia a mais pequena ideia disto. Nunca ouvira falar de empregados de bar que eram celebridades ou do esforço que era necessário fazerem, em prol da javardice, para permanecerem sob as luzes da ribalta como estrelas de um *reality show*. Não, Erling estava apenas interessado no empurrão que Tanum ganharia com o concurso. E em ser o centro das atenções como o homem que fizera com que tudo acontecesse.

Erica já tinha almoçado quando Anna saiu do quarto e desceu as escadas. Mas, apesar de passar da uma da tarde, a irmã parecia não ter pregado olho. Anna sempre fora magra, mas agora estava tão macilenta que, por vezes, Erica ficava tão alarmada quando a via que tinha de conter-se para não se encolher.

– Que horas são? – perguntou Anna com voz trémula. Sentou-se à mesa e pegou na chávena de café que Erica lhe entregou.

– Uma e um quarto.

– Da, da – disse Maja, acenando a Anna com satisfação, numa tentativa de chamar a atenção da tia. Anna nem reparou.

– Merda, dormir até à uma. Porque não me acordaste? – perguntou, bebericando o café quente.

– Bem, não sabia o que querias que fizesse. Pareces precisar de dormir – disse cautelosamente Erica, sentando-se à mesa da cozinha.

A sua relação com Anna era tal que, de há um tempo a esta parte, Erica tinha de ter cuidado com o que dizia. E isso não tinha melhorado depois de tudo o que tinha acontecido por causa de Lucas. O simples facto de Erica e Anna estarem a viver outra vez sob o mesmo teto fazia-as resvalar para os mesmos velhos padrões de comportamento a que ambas tinham tido tanta dificuldade em escapar. Erica caiu automaticamente no seu habitual papel maternal em relação à irmã, enquanto Anna parecia vacilar entre o desejo de que tomassem conta dela e uma necessidade de rebeldia. Nos últimos meses a casa ficara envolta numa atmosfera opressiva, com uma data de assuntos por discutir a pairarem no ar, à espera do momento certo para serem abordados. Mas Anna ainda estava em estado de choque e parecia não ser

capaz de sair daquela situação. Por isso, Erica tratava-a em bicos de pés, com pavor de fazer ou dizer algo que não devia.

– Então e os miúdos? Chegaram bem ao infantário?

– Sim, correu tudo bem – respondeu Erica, optando por não mencionar a pequena birra de Adrian. Anna andava com tão pouca paciência para as crianças. Quase toda a logística caía nas mãos de Erica e, sempre que os miúdos começavam a brigar, Anna desaparecia e deixava que Erica lidasse com a situação. Anna parecia um trapo; arrastava-se indolentemente por ali, como se tentasse perceber o que é que em tempos a mantivera viva. Erica estava profundamente preocupada.

– Anna, não te chateies comigo, mas não achas que devias falar com alguém? Conseguimos o nome de uma psicóloga que dizem ser excelente, e eu acho que seria...

Anna interrompeu-a bruscamente.

– Já disse que não. Tenho de resolver isto sozinha. A culpa é minha; matei um ser humano. Não posso ficar sentada a lamuriar-me a uma pessoa que não conheço de lado nenhum. Tenho de ser eu a resolver isto – a mão que segurava a chávena de café apertou a pega com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Anna, eu sei que já falámos disto milhares de vezes, mas vou dizê-lo outra vez. Tu não assassinaste Lucas, mataste-o em legítima defesa. E não estavas só a defender-te a ti, estavas também a proteger as crianças. Ninguém tem dúvidas acerca disso e tu foste completamente ilibada. Ele ter-te-ia matado, Anna. Eras tu ou Lucas.

O rosto de Anna contorceu-se ligeiramente enquanto Erica falava, e Maja, sentindo a tensão no ar, começou a choramingar na sua cadeirinha.

– Não-consigo-pura-e-simplesmente-falar-desse-assunto – disse Anna cerrando os dentes. – Vou voltar para a cama. Vais buscar os miúdos? – Anna levantou-se e deixou Erica sozinha na cozinha.

– Sim, eu vou buscá-los – respondeu Erica, sentindo as lágrimas a assomarem-lhe aos olhos. Não aguentaria aquilo por muito mais tempo. Alguém tinha de fazer alguma coisa.

Então, Erica teve uma ideia. Pegou no telefone e marcou um número de memória. Valia a pena tentar.

Hanna foi diretamente para o seu novo gabinete e começou a instalar-se. Patrik continuou até ao minúsculo buraco de Martin Molin e bateu cautelosamente à porta.

– Entre!

Patrik entrou no gabinete e sentou-se na cadeira em frente da secretária de Martin. Trabalhavam juntos frequentemente e passavam muitas horas sentados nas cadeiras reservadas às visitas um do outro.

– Soube que foste investigar um acidente de viação. Houve mortos?

– Sim, a condutora. O acidente envolveu um único carro. E eu reconheci-a. Era Marit, aquela mulher que tem uma loja na Affärsvägen.

– Merda – disse Martin com um suspiro. – Que coisa tão estúpida. Teve de desviar-se para evitar um veado ou algo assim?

Patrik hesitou.

– Os peritos forenses estiveram lá; portanto, o relatório e o exame *post mortem* deverão dar-nos a resposta definitiva. Mas o interior do carro tresandava a álcool.

– Merda – disse Martin pela segunda vez. – Por outras palavras, ia a conduzir alcoolizada. Mas não me parece que alguma vez tenha sido apanhada a conduzir com os copos. Pode ter sido a primeira vez que conduziu sob efeito do álcool. Pelo menos nunca foi detida por causa disso.

– S-s-ii-mm – disse Patrik arrastando a voz. – Pode ser isso.

– Mas? – incitou Martin, cruzando as mãos atrás da cabeça. O seu cabelo ruivo brilhava contra as palmas das mãos brancas. – Nota-se pela tua voz que estás preocupado. Já te conheço suficientemente bem para perceber quando alguma coisa não está bem.

– Não sei, caramba – retorquiu Patrik. – Não é nada em concreto. Mas algo parecia... não bater certo, um não sei o quê que não estou a conseguir apanhar.

– Os teus pressentimentos costumam acertar sempre no alvo – disse Martin preocupado, balançando-se para a frente e para trás na cadeira. – Mas vamos esperar para ouvir o que os peritos têm para dizer. Assim que os peritos em locais de crime e o patologista tiverem examinado tudo, saberemos mais. Talvez encontrem uma explicação para esse não sei quê que parece não bater certo.

– Sim, tens razão – disse Patrik, coçando a cabeça. – Mas... pois, tens razão, não faz sentido especular antes de sabermos mais. Entretanto, temos de concentrar-nos no que podemos fazer. E, infelizmente, isso significa informarmos os parentes mais próximos de Marit. Sabes se ela tem familiares por estas bandas?

Martin franziu a testa.

– Sei que ela tem uma filha adolescente e que partilha um apartamento com uma amiga. Tem havido algum falatório acerca dessa situação, mas não sei...

Patrik suspirou.

– Teremos de ir a casa dela e depois dar o nosso melhor.

Poucos minutos depois estavam a bater à porta do apartamento de Marit. Tinham verificado na lista telefónica e ficado a saber que Marit morava num prédio a escassas centenas de metros da esquadra. Patrik e Martin respiravam ofegantemente. Aquela era a tarefa que os polícias mais detestavam. Só quando ouviram passos é que se aperceberam de que nem sequer tinham a certeza de haver alguém em casa àquela hora da tarde.

A mulher que lhes abriu a porta percebeu logo o motivo da visita. Martin e Patrik

notaram-no pela forma como o rosto de Kerstin empalideceu e os ombros se afundaram resignadamente.

– Vieram por causa de Marit, não foi? Aconteceu alguma coisa? – perguntou Kerstin numa voz trémula, afastando-se para que os agentes pudessem entrar para o vestíbulo.

– Sim, infelizmente temos más notícias. Marit Kaspersen foi vítima de um acidente de viação que envolveu um único carro. Ela... morreu – disse Patrik em voz baixa. A mulher à frente deles ficou completamente imóvel. Como se tivesse ficado congelada no sítio onde estava e não conseguisse enviar sinais do cérebro para os músculos. Parecia que o cérebro estava atarefado a processar a informação que acabara de ouvir.

– Posso oferecer-vos um café? – disse por fim, dirigindo-se à cozinha como um robô, sem esperar pela resposta dos agentes.

– Há alguém a quem devamos telefonar? – perguntou Martin.

A mulher parecia estar em estado de choque. Usava o cabelo castanho num prático corte à pajem e estava constantemente a ajeitá-lo por detrás das orelhas. Era muito magra e usava *jeans* e um camisolão tipicamente norueguês, com um bonito padrão intrincado e grandes e elegantes aplicações prateadas.

Kerstin abanou a cabeça.

– Não, eu não tenho ninguém. Ninguém exceto... Marit. E Sofie, claro. Mas ela está com o pai.

– Sofie é a filha de Marit? – perguntou Patrik, abanando a cabeça enquanto Kerstin pegava num pacote de leite depois de ter deitado café em três chávenas.

– Sim, tem quinze anos. Esta é a semana de Ola. Sofie está comigo e com Marit semana sim, semana não. Quando não está aqui, fica com Ola em Fjällbacka.

– Eram muito amigas, a Kerstin e Marit? – Patrik sentiu-se pouco à vontade pelo modo como colocou a pergunta, mas não sabia de que outra forma poderia abordar o assunto. Bebeu um pouco de café e esperou pela resposta de Kerstin. O café era delicioso. Forte, mesmo como Patrik gostava.

O sorriso irónico de Kerstin mostrou que sabia aonde Patrik queria chegar com aquela pergunta. Os olhos de Kerstin ficaram marejados de lágrimas.

– Éramos amigas nas semanas em que Sofie cá ficava, mas amantes quando ela estava com Ola. Era isso que nós... – a voz fraquejou-lhe e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pela face. Kerstin chorou durante algum tempo. Depois, fez um esforço para se controlar e prosseguiu: – Foi por causa disso que discutimos ontem à noite. Pela centésima vez. Marit queria ficar no armário, e eu estava a sufocar e queria sair. Ela culpava Sofie, mas isso não passava de uma desculpa. Era Marit quem não estava preparada para se sujeitar aos mexericos e aos olhares críticos. Tentei explicar-lhe que de qualquer forma não lhes poderia escapar. Já havia

mexericos suficientes e muita gente a olhar de lado para nós. E, mesmo que de início as pessoas falassem se tornássemos a nossa relação pública, eu estava convencida de que tudo esmoreceria passado algum tempo. Mas Marit recusava-se a dar-me ouvidos. Viveu uma vida típica de classe média durante tantos anos, com marido, uma filha, uma casa, férias numa autocaravana e tudo isso. A ideia de poder gostar de uma mulher era algo que escondia bem no fundo do seu ser. Mas, quando nos conhecemos, foi como se todas as peças encaixassem de repente. Pelo menos foi assim que ela me descreveu o que sentiu. Aceitou as consequências, deixou Ola e veio morar comigo. Mas ainda não se atrevia a assumir publicamente a nossa relação. E foi esse o motivo da nossa discussão da noite passada – Kerstin pegou num lenço de papel e assoou-se.

– A que horas saiu Marit? – perguntou Patrik.

– Por volta das oito. Julgo que eram oito e um quarto. Calculei que devesse ter acontecido alguma coisa. Marit nunca tinha passado uma noite inteira fora de casa. Mas eu hesitei em chamar a polícia. Pensei que ela talvez tivesse ido a casa de uma amiga, ou então que tinha andado a caminhar por aí toda a noite, ou... Não sei bem em que pensei. Quando chegaram estava a pensar ligar para os hospitais e, se Marit não estivesse em nenhum, ia telefonar-vos.

As lágrimas tinham recomeçado a correr e Kerstin teve de se assoar uma vez mais. Patrik conseguia sentir a mágoa, a dor e a autoculpabilização a rodopiarem dentro dela e gostava de ter algo para lhe dizer, pelo menos, para afastar aquele sentimento de culpa. Mas, em vez disso, foi obrigado a piorar ainda mais as coisas.

– Nós – Patrik hesitou, aclarou a garganta e prosseguiu: – suspeitamos de que Marit estava bastante embriagada quando ocorreu o acidente. Ela tinha algum... algum problema com o álcool?

Patrik bebeu mais um pouco de café e, por um segundo, desejou estar noutro lugar qualquer, bem longe. Não ali, não naquela cozinha, com aquelas perguntas e aquela dor. Kerstin olhou-o com surpresa.

– Marit nunca tocava em bebidas alcoólicas. Pelo menos desde que nos conhecemos, e já lá vão mais de quatro anos. Não gostava do sabor. Nem sequer bebia sidra.

Patrik lançou uma olhadela plena de significado a Martin. Mais um pormenor estranho a somar à sensação ambígua com que ficara desde que tinha estado no local do acidente, há algumas horas.

– E tem a certeza disso? – parecia uma pergunta estúpida; Kerstin já tinha respondido, mas não havia margem para ambiguidades.

– Sim, absoluta! Nunca a vi a beber vinho ou cerveja, nem nada desse género. Só de pensar que ela se embebedou e que se pôs a conduzir... não, isso é impossível. Não compreendo – Kerstin olhou para Patrik e depois para Martin com perplexidade.

O que tinham dito não fazia qualquer sentido. Marit não tocava em bebidas alcoólicas, era tão simples como isso.

– Onde podemos encontrar a filha da sua amiga? Tem alguma morada do ex-marido de Marit? – perguntou Martin, pegando num bloco-notas e numa esferográfica.

– Ola mora na zona de Kullen, em Fjällbacka. Tenho aqui a morada – Kerstin retirou uma nota de um *placard* e entregou-a a Martin. Ainda parecia confusa, mas as notícias inexplicáveis tinham-na feito parar de chorar por um momento.

– Quer dizer que não quer que liguemos a ninguém por si? – perguntou Patrik enquanto se levantava da mesa.

– Não. Eu... eu acho que agora gostava de ficar sozinha.

– Certo, mas não hesite em telefonar se houver alguma coisa que possamos fazer – Patrik deixou-lhe o seu cartão. Virou-se imediatamente antes de fechar a porta. Kerstin ainda estava sentada à mesa da cozinha. Estava completamente imóvel.

– Annika! A rapariga já apareceu? – gritou Mellberg para o corredor.

– Sim! – gritou Annika em resposta, sem se preocupar em deixar a receção.

– Então e onde está ela? – prosseguiu Mellberg ainda aos gritos, já no corredor.

– Mesmo aqui – respondeu uma voz de mulher. E, um segundo depois, Hanna apareceu no corredor.

– Ah, sim, bem, sim, se não estiver muito ocupada talvez queira apresentar-se – disse acidamente Mellberg. – É costume uma pessoa cumprimentar o seu novo chefe; normalmente, isso é a primeira coisa que se faz num novo emprego.

– Peço imensa desculpa – disse solenemente Hanna, aproximando-se de Mellberg com a mão estendida. – Logo que cheguei, Patrik Hedström levou-me com ele para tomarmos conta de uma ocorrência e acabámos de chegar. Claro que eu estava a caminho do seu gabinete para me apresentar. Antes de mais, permita-me que lhe diga que ouvi muitas vezes falar do excelente trabalho que estão a fazer aqui. É certamente mérito seu a forma como têm lidado com as investigações dos homicídios dos últimos anos. E fala-se muito da soberba liderança que devem ter aqui, para permitir a uma esquadra tão pequena conseguir solucionar aqueles casos de forma tão exemplar.

Hanna apertou a mão a Mellberg com firmeza, enquanto este a olhava com suspeição, ainda a tentar detetar alguma forma de ironia no que a agente acabara de dizer. Mas não havia qualquer sinal de sarcasmo no olhar de Hanna e Mellberg rapidamente decidiu engolir toda aquela bajulação. Talvez afinal não fosse tão mau ter uma mulher de uniforme. Além disso, ela era agradável à vista. Um pouco magra de mais para o seu gosto, mas não era má de todo, mesmo nada má. Apesar de, após a conversa que tinha tido nessa manhã, cujo resultado fora tão feliz, ter de admitir

que não sentia o habitual formigueiro no estômago perante a visão de uma mulher atraente. Para sua grande surpresa, os pensamentos voltaram-se antes para a voz suave de Rose-Marie e para a alegria com que ela tinha aceitado o seu convite para jantar.

– Bem, não fiquemos para aqui no corredor – disse Mellberg depois de ter relutantemente afastado a lembrança do agradável telefonema. – Vamos sentar-nos no meu gabinete e conversar um pouco.

Hanna seguiu Mellberg até ao gabinete e sentou-se na cadeira em frente da secretária do superintendente.

– Ora bem, vejo que já trataram de dar-lhe o batismo de fogo.

– Sim, o inspetor Hedström levou-me com ele para investigarmos um acidente de viação. Um acidente envolvendo um único carro. Com um morto, infelizmente.

– Sim, isso acontece de tempos a tempos.

– A nossa primeira avaliação é de que o álcool pode ter sido a causa. A condutora tresandava a álcool.

– Maldição. Hedström referiu-se a vítima alguma vez tinha sido detida por nós por estar a conduzir sob efeito do álcool?

– Não, aparentemente, não. Patrik até reconheceu a vítima. Uma mulher qualquer que tinha uma loja na Rua Affärsvägen. Acho que Patrik disse que ela se chamava Marit.

– C’os diabos! – exclamou Mellberg, coçando contemplativamente o cabelo, que estava enrolado no topo da cabeça. – Marit? Nunca me teria passado pela cabeça tal coisa – o superintendente aclarou a garganta. – Espero que não tenha tido de informar os parentes mais próximos da vítima logo no primeiro dia que passou entre nós.

– Não – disse Hanna, olhando para os sapatos. – Patrik e um agente mais baixo e mais novo, de cabelo ruivo, saíram há pouco para se encarregarem disso.

– Martin Molin – explicou Mellberg. – Patrik não vos apresentou?

– Não, provavelmente esqueceu-se. Devia estar a pensar na tarefa que tinha em mãos.

– Hum – murmurou Mellberg. Seguiu-se um longo silêncio. Depois, o superintendente aclarou a garganta: – Ora então seja muito bem-vinda à esquadra de Tanumshede. Espero que goste de trabalhar aqui. Já agora, onde vai ficar a morar?

– Nós alugámos uma casa, quer dizer, eu e o meu marido, em frente da igreja. Mudámo-nos a semana passada e temos passado o tempo em arrumações. Alugámos a casa mobilada, mas queremos torná-la tão acolhedora quanto possível.

– E o seu marido? Que faz ele? Também encontrou emprego por estas bandas?

– Ainda não – respondeu Hanna, baixando novamente os olhos. As mãos moviam-se com impaciência no colo.

Mellberg permanecia calado, a escarnecer do marido de Hanna para si mesmo. Com que então era casada com um homem desse género! Um merdas desempregado que deixava que a mulher o sustentasse. Bem, havia quem se safasse assim.

– Lars é psicólogo – disse Hanna, como se conseguisse ouvir o que Mellberg estava a pensar. – Tem andado à procura, mas não há muitas oportunidades de emprego por aqui. Por isso, até encontrar alguma coisa, está a trabalhar num livro. Um livro da especialidade. E também vai ser o psicólogo dos concorrentes de *Tanum Sempre a Abrir*.

– Estou a ver – retorquiu Mellberg num tom que mostrava que já se desinteressara pelo que o marido de Hanna fazia. – Bem, uma vez mais, bem-vinda à esquadra – o superintendente levantou-se para indicar que Hanna já podia retirar-se, agora que as formalidades tinham sido cumpridas.

– Obrigada – disse Hanna.

– Por favor, feche a porta quando sair – disse Mellberg. Por um breve instante julgou ter visto um sorriso divertido nos lábios da agente. Mas devia estar enganado. Hanna parecia ter bastante respeito por ele e pelo seu trabalho. Tinha-o dito, mais ou menos. E, devido ao seu profundo conhecimento do comportamento humano, Mellberg conseguia perceber sempre quando alguém estava a ser sincero ou não. E Hanna estava definitivamente a ser sincera.

– Como correu? – perguntou Annika num sussurro quando entrou no gabinete de Hanna uns segundos depois.

– Caramba – Hanna, lançou a Annika o sorriso divertido que Mellberg imaginara não ter visto –, que personagem, este Mellberg – disse, abanando a cabeça.

– Personagem. Sim, suponho que lhe pode chamar isso – disse Annika com uma gargalhada. – Seja como for, a Hanna parece saber lidar com ele. Dou-lhe um conselho, não lhe ature qualquer tipo de merdas. Se ele pensar que pode lixá-la, está feita.

– Já encontrei uns quantos Mellbergs na vida, por isso sei como lidar com ele – disse Hanna. E Annika não duvidava de que assim fosse. – Temos de bajulá-lo um pouco, de fingir que estamos a fazer exatamente o que ele diz, mas depois fazemos o que quer que seja que julgemos melhor. Desde que tudo acabe bem, Mellberg vai fingir que foi tudo ideia dele desde o início. Tenho razão, não tenho?

– Exatamente. Essa é precisamente a forma de agir perante um chefe como Mellberg – disse Annika, dando uma gargalhada enquanto regressava à sua secretária na receção. Não precisava de preocupar-se com a nova agente. Sabia pensar pela própria cabeça e era inteligente e dura como um prego. Ia ser um prazer vê-la enfrentar Mellberg.

Desanimado, Dan começou a apanhar as coisas espalhadas pelo quarto das

miúdas. Como era habitual, parecia que tinha explodido uma pequena bomba no quarto. Dan sabia que devia ser mais severo com as filhas e obrigá-las a apanhar as suas próprias coisas, mas o tempo que passava com elas era tão precioso. As filhas passavam o fim de semana com ele de quinze em quinze dias e Dan queria aproveitar ao máximo esses momentos, não estragá-los com ralhetes e brigas. Sabia que isso estava errado; que devia assumir a sua responsabilidade como pai e não atirá-la para cima de Pernilla, mas o fim de semana passava tão depressa. E os anos também pareciam estar a passar a uma velocidade assustadora. Belinda já fizera dezasseis anos e era praticamente adulta. Malin tinha dez e Lisen sete, e estavam a crescer tão depressa que Dan às vezes sentia que não conseguia acompanhá-las.

Três anos após o divórcio, a culpa ainda lhe pesava no peito como um bloco de granito. Se não tivesse cometido aquele erro trágico, poderia não estar agora a apanhar as roupas e os brinquedos das filhas numa casa tão vazia que fazia eco. Talvez também tivesse sido um erro continuar a viver na casa de Falkeliden. Pernilla mudara-se para Munkedal para estar perto da família. Mas Dan não quisera que as filhas perdessem a casa da sua infância. Por isso trabalhou, poupou e viveu modestamente, para que as filhas pudessem sentir-se em casa nos fins de semana em que o iam visitar. Mas, em breve, deixaria de poder manter aquela situação. As prestações da casa estavam a esmagá-lo. Dentro de seis meses seria forçado a tomar uma decisão. Sentou-se pesadamente na cama de Malin e repousou a cabeça nas mãos.

O toque do telefone que estava junto da cama de Malin despertou-o das suas cogitações. Esticou a mão para atender.

– Dan.

– Ah, olá, sou eu, Erica.

– Estou um pouco em baixo. As miúdas foram-se embora ontem à noite.

– Sim, eu sei, já não falta muito para virem cá outra vez. Mas até lá parece que o tempo demora muito a passar. Então, que aconteceu?

Dan escutou atentamente. A ruga de preocupação que já lhe cruzava a testa antes de atender aprofundou-se.

– As coisas estão assim tão más? Se eu puder fazer alguma coisa, conta comigo.

Dan ficou outra vez a ouvir Erica.

– Bem, claro que posso fazer isso. Com certeza. Se achares que ajuda – outra pausa. – Certo, vou já para aí.

Dan desligou e ficou ali sentado por um momento, embrenhado nos seus pensamentos. Não sabia se poderia ajudar; porém, como fora Erica a pedir, não hesitaria em tentar. Uma vez, há muito tempo, tinham tido uma relação, e depois de se separarem tinham-se tornado amigos chegados. Erica ajudara-o quando ele se divorciara de Pernilla, e Dan faria qualquer coisa por ela. Patrik também se tinha

tornado um bom amigo e Dan visitava-os frequentemente.

Vestiu o blusão e saiu pela rampa de acesso em marcha-atrás. Demorou apenas uns minutos a chegar a casa de Erica.

A amiga abriu a porta assim que Dan bateu.

– Olá, Dan, entra – disse Erica, abraçando-o.

– Olá, onde está Maja? – Dan procurou ansiosamente com os olhos a menina que estava rapidamente a tornar-se o seu bebé preferido. Gostava de pensar que Maja também gostava dele.

– Está a dormir, lamento – Erica deu uma gargalhada. Sabia que a sua filha encantadora a tinha ultrapassado completamente no que tocava a conquistar os afetos de Dan.

– Bem, suponho que terei de tentar passar sem ela, mas tenho saudades de cheirar aquele pescocinho doce.

– Não te preocupes, Maja não tarda a acordar. Porque não entras? Anna está a dormir lá em cima – Erica apontou para o teto.

– Achas que é boa ideia? – perguntou Dan, preocupado. – Talvez não lhe apeteça. Talvez até fique zangada.

– Não me digas que um tipo grande e forte como tu fraqueja perante a mera ameaça de uma mulher zangada – provocou Erica, erguendo os olhos para o amigo, que era uma visão imponente. – E só porque eu também te disse isso uma vez, não quero ouvir mais falar dessa história de Maria te achar parecido com Dolph Lundgren. Ela é tão imprecisa acerca de quase tudo que, se fosse a ti, não tinha assim tanta vontade de a citar.

– Mas eu pareço-me mesmo com ele, não pareço? – Dan fez uma pose, mas depois deu uma gargalhada. – Se calhar tens razão. E os meus dias de galã estão definitivamente terminados. Tenho mesmo de tirar isto da cabeça.

– Sim, tanto eu como Patrik estamos ansiosos pelo dia em que encontres uma namorada com quem possamos realmente conversar.

– Pois, tendo em conta o elevado nível intelectual desta casa, não é? É verdade, como está a correr o *Hotel Paraíso*? Os teus concorrentes preferidos ainda lá estão? Quem vai à final? Como és uma espectadora tão leal, tenho a certeza de que me podes pôr a par do que está a acontecer nesse magnífico programa cultural que desafia o teu cérebro tão sedento de conhecimentos. E Patrik pode atualizar-me quanto a todas as estatísticas relativas às competições suecas, não é verdade? Isso é matemática da mais avançada que há.

– Ha, ha, ha. Ganhaste – Erica acotovelou-o no braço. – Agora vai lá acima e torna-te útil.

– Tens a certeza de que Patrik sabe no que se está a meter? Acho que vou dar-lhe uma palavrinha acerca daquela ideia maluca dele de sair da igreja contigo pelo braço

– Dan já ia a meio das escadas.

– Que ideia fantástica. Agora vai, mexe-te!

A gargalhada de Dan ficou-lhe presa na garganta quando subia os últimos degraus. Quase não tinha visto Anna desde que ela e os filhos estavam a morar com Erica e Patrik. Como todas as outras pessoas na Suécia, tinha seguido a história da tragédia pelos jornais, mas sempre que visitara Erica, Anna não aparecera. Pelo que Erica lhe dissera, a irmã passava a maior parte do tempo no quarto. Dan bateu cautelosamente à porta. Não houve resposta. Bateu outra vez.

– Anna? Estás aí? Sou eu, Dan. Posso entrar? – continuava a não haver resposta. Dan ficou ali parado, atarantado. Não se sentia completamente à vontade com aquela situação, mas tinha prometido a Erica que tentaria ajudar, por isso tinha de dar o seu melhor. Respirou fundo e abriu a porta. Anna estava deitada na cama; Dan viu que estava acordada. Olhava fixamente para o teto com as mãos cruzadas sobre a barriga. Nem sequer lançou uma olhadela na direção de Dan quando este entrou.

Dan sentou-se na beira da cama. Continuava a não haver qualquer reação.

– Como vai isso? Como te sentes?

– Como é que achas que me sinto? – disse Anna sem desviar os olhos do teto.

– Erica está preocupada contigo.

– Erica está sempre preocupada comigo.

Dan sorriu.

– Nisso tens razão. Ela é quase como uma mãe, não é?

– Podes crer – disse Anna, virando-se para olhar para Dan.

– Mas ela só quer o teu bem. E acho que desta vez está mais preocupada do que é costume.

– Sim, já percebi – Anna suspirou. Um suspiro longo e profundo que pareceu libertar muito mais do que ar. – Só não sei como sair desta situação. É como se toda a minha energia se tivesse esfumado. E não sinto nada. Absolutamente nada. Não tenho remorsos nem estou feliz. Não sinto nada de nada.

– Já falaste com alguém sobre isto?

– Com um psicólogo ou alguém assim, queres tu dizer? Erica está sempre a insistir nisso. Mas não me consigo recompor o suficiente para o fazer. Não me consigo imaginar sentada a falar com uma pessoa completamente desconhecida. Sobre Lucas. Sobre mim. Não consigo de todo pensar nisso.

– Gostavas de... – ainda sentado na cama, Dan contorceu-se. – Consegues imaginar-te a falar comigo? Não nos conhecemos muito bem, mas pelo menos eu não sou uma pessoa completamente desconhecida – Dan fez uma pausa e esperou tensamente pela resposta de Anna. Esperava que ela dissesse que sim. Subitamente, sentiu um enorme instinto protetor ao ver aquele ser demasiado magro e a expressão atormentada no seu olhar. Era bastante parecida com Erica, mas havia também

grandes diferenças entre as duas. Anna era uma versão mais assustada e frágil de Erica.

– Eu... não sei – respondeu Anna. – Não sei que dizer. Por onde começar.

– Podíamos começar por ir dar um passeio. E, se quiseses falar, então falaremos. Se não quiseses, então... caminharemos apenas um pouco. Que te parece? – Dan conseguiu ouvir a ansiedade na sua voz.

Anna ergueu-se cuidadosamente. Sentou-se de costas para Dan por um momento e depois levantou-se da cama.

– Pronto, vamos dar um passeio. Mas é só um passeio.

– Certo – disse Dan, assentindo. Desceu as escadas à frente de Anna e lançou uma olhadela à cozinha, onde Erica mexia na loiça. – Vamos sair para dar um passeio – anunciou Dan em voz alta, conseguindo pelo canto do olho ver Erica a fingir que aquilo não era nada de extraordinário.

– Está frio lá fora, por isso devias vestir um agasalho – disse Dan a Anna, que seguiu o seu conselho e enfiou uma canadiana bege, enrolando um grande lenço branco em torno do pescoço.

– Estás pronta? – perguntou Dan, consciente dos diversos significados daquela pergunta.

– Sim, acho que estou – respondeu Anna em voz baixa, seguindo-o para fora de casa ao encontro do sol primaveril.

– Então, achas que alguém acaba por habituar-se a isto? – perguntou Martin no carro, a caminho de Fjällbacka.

– Não – respondeu Patrik. – Pelo menos espero que não. Caso contrário, estaria na altura de mudar de profissão. – Em Långsjo, Patrik descreveu a curva demasiado depressa e Martin agarrou-se com força à pega por cima da janela, como era habitual. Tomou nota mentalmente de não se esquecer de avisar a nova agente para não andar de carro com Patrik. Mas já devia ser tarde de mais. Hanna tinha ido com ele de carro ao local do acidente nessa manhã, por isso já devia ter tido a sua primeira experiência de proximidade com a morte.

– Que tal a achaste? – perguntou Martin.

– Quem? – Patrik parecia mais distraído do que era costume.

– A nova agente. Hanna Kruse.

– Parece ser fixe – respondeu Patrik.

– Mas?

– Que queres dizer com «mas»? – Patrik virou-se para olhar para o colega, o que fez com que Martin apertasse a pega ainda com mais força.

– Jesus! Importas-te de olhar para a estrada? Pareceu-me que querias dizer mais alguma coisa.

– Ah, não sei. – Para alívio de Martin, Patrik estava agora com os olhos postos na estrada. – Só não estou habituado a pessoas tão... ambiciosas.

– E que queres dizer com isso? – perguntou Martin com uma gargalhada, incapaz de ocultar o facto de se ter sentido um pouco insultado.

– Ouve, não me interpretes mal. Não disse que tinhas ambição a menos, mas Hanna, ela é, como hei de dizê-lo? Superambiciosa.

– Superambiciosa – repetiu cepticamente Martin. – Tens reservas acerca dela por ser superambiciosa? Podias ser um pouco mais específico? E, afinal, porque não podem as mulheres ser superambiciosas? Não és daqueles tipos que acham que as mulheres não têm lugar na corporação, ou és?

Nesse momento, Patrik desviou novamente os olhos da estrada e lançou um olhar de incredulidade a Martin.

– Então, parece que não me conheces. Achas que sou machista? Um machista cuja noiva ganha o dobro do que ele ganha, já agora. O que eu queria dizer era que... olha, deixa lá, terás de ver isso por ti.

Martin permaneceu calado por um momento, e depois disse:

– Estás a falar a sério? Erica ganha o dobro do que nós ganhamos?

Patrik deu uma gargalhada.

– Eu sabia que isso te iria calar. Mas, para ser completamente franco, tenho de explicar que Erica ganha o dobro do que nós ganhamos antes de pagar os impostos. A maior parte vai para o Estado. Mas olha, ainda bem. Teria sido muito deprimente ser rico.

Martin também deu uma gargalhada.

– Sim, que destino terrível. Que o diabo seja cego, surdo e mudo.

– Acredita – Patrik sorriu, mas não tardou a ficar sério. Viraram para o bairro de Kullen, onde havia blocos de apartamentos muito próximos uns dos outros, e pararam o carro. Ficaram ali sentados por um momento antes de saírem.

– Bem, lá vamos nós outra vez.

– Pois, lá terá de ser – disse Martin. O nó no estômago crescia a cada minuto que passava. Mas não havia volta a dar. Mais valia tratarem do assunto rapidamente.

– Lars? – Hanna pousou a mala de mão do lado de dentro do apartamento, pendurou o blusão e colocou os sapatos na sapateira. Ninguém respondeu. – Olá? Lars? Estás aí? – a ansiedade começava a instalar-se na sua voz. – Lars? – continuou Hanna a chamar enquanto percorria as divisões da casa. Estava tudo em silêncio. Partículas de poeira espalhavam-se à sua passagem, claramente visíveis à luz do sol primaveril que entrava pelas janelas. O senhorio não tinha feito grandes limpezas quando alugara a casa. Mas Hanna não tinha coragem para limpá-la naquele momento. O seu desconforto estava a afastar tudo o resto para longe. –

LARS? – agora estava a gritar, mas apenas ouviu a sua própria voz a ecoar nas paredes.

Hanna continuou a procurar Lars no resto da casa. Não havia ninguém no andar de baixo, por isso correu até ao primeiro andar. A porta do quarto estava fechada. Hanna abriu-a cautelosamente.

– Lars? – chamou suavemente. Lars estava deitado de lado na cama. De costas para ela. Estava deitado por cima das cobertas, completamente vestido, e Hanna viu pela sua respiração regular que Lars dormia. Aproximou-se sorrateiramente da cama e deitou-se ao lado dele, os corpos como duas colheres. Escutou a respiração de Lars e sentiu o ritmo regular a começar a embalá-la suavemente até adormecer. E o sono dissipou a preocupação.

* * *

– Que buraco de merda – disse Uffe, afundando-se numa das camas feitas do grande quarto.

– Acho que vai ser divertido – disse Barbie, saltitando na cama.

– Eu disse que não ia ser divertido? – perguntou Uffe com uma gargalhada. – Apenas disse que isto era um buraco. Mas nós vamos pôr isto a mexer, não vamos? Olhem só para os mantimentos – Uffe sentou-se, apontando para o bar bem aprovisionado. – Que acham, começamos a festa?

– Boa! – gritaram todos menos Jonna. Ninguém olhou para as várias câmaras que zumbiam à volta deles. Estavam demasiado habituados às câmaras para caírem nesse erro de principiante.

– Então *Skål*⁴, porra – disse Uffe, pegando na primeira cerveja.

– *Skål* – repetiram todos, erguendo bem alto as suas garrafas. Todos menos Jonna. Permanecia sentada na cama e olhava para os outros cinco sem se mexer.

– Qual é o teu problema? – disse bruscamente Uffe a Jonna. – Não vais beber uma cerveja connosco? Não somos suficientemente bons para beber contigo, ou quê? – todos olharam para Jonna com expectativa. Estavam plenamente conscientes de que os conflitos davam grandes audiências, e se havia alguma coisa que todos desejavam era que *Tanum Sempre a Abrir* tivesse grandes audiências.

– Não me apetece – disse Jonna, evitando o olhar de Uffe.

– «Não me apetece» – gozou Uffe com uma voz esganiçada de falsete. Olhou em redor para se certificar de que tinha o apoio dos restantes e, quando viu a expectativa nos olhos deles, prosseguiu: – Mas que porra, és alguma abstinência de merda, ou quê? Julgava que estávamos aqui para fazer uma FES-TA! – Uffe ergueu a garrafa e bebeu uma grande golada.

– Ela não é abstinência – disse Barbie. – Um olhar penetrante de Uffe cortou-lhe o pio.

– Deixem-me em paz – disse Jonna, balançando as pernas para fora da cama com ar irritado. – Vou um bocado até lá fora – anunciou, vestindo o grande casaco militar informe que estava pendurado numa cadeira junto da sua cama.

– Força! – gritou-lhe Uffe. – Desaparece, falhada! – O rapaz deu uma gargalhada sonora e abriu outra cerveja. Depois olhou novamente em redor. – Porque é que estão todos sentados?! Isto é uma FESTA! *Skål!*

Depois de um instante de um silêncio constrangedor, um riso nervoso espalhou-se pelo quarto. Então, os outros concorrentes ergueram as garrafas e mergulharam na refrega. As câmaras continuavam a zumbir, incitando à embriaguez coletiva. Era excelente estar outra vez na TV.

– Pai, estão a tocar à campainha – gritou Sofie, regressando logo ao seu telefonema. Suspirou. – O pai é tão lento. Não aguento estar para aqui sem fazer nada. Estou a contar os dias para ir outra vez para casa, para junto da minha mãe e de Kerstin. É sempre a mesma coisa... começam hoje a filmar *Tanum Sempre a Abrir* e eu tenho de ficar aqui fechada. Toda a gente vai assistir e eu vou perder tudo. É sempre a mesma coisa – lamentou-se. – Pai, tens de ir ver quem é, está alguém à porta! – gritou. – Já não tenho idade para andar constantemente a mudar de casa como se fosse uma miúda de um lar destroçado. Mas eles não se dão, por isso nenhum me vai dar ouvidos. Agem como se fossem crianças. – A campainha ressoou muito alto no apartamento e Sofie levantou-se de um salto. – Acho que vou ter de ser EU a ir abrir a porta! – gritou, acrescentando mais suavemente para o telefone: – Ouve, vou ter de te voltar a ligar, o velho deve estar com os auscultadores a ouvir a sua horrorosa música de dança. Beijinhos, querida.

Sofie suspirou e dirigiu-se à porta da frente.

– Já ouvi, já *ouvi*, estou a ir! – Sofie abriu a porta de rompante, mas ficou um pouco chocada ao ver os dois desconhecidos com uniformes da polícia que estavam à porta.

– Sim?

– És a Sofie?

– Sou, que se passa? – Sofie tentou febrilmente lembrar-se de algo que pudesse ter feito para motivar a presença da polícia à sua porta. Não imaginava o que poderia ter sido. Bem, talvez tivesse feito entrar à socapa algumas bebidas alcoólicas no último baile da escola, e talvez tivesse andado algumas vezes à pendura na moto transformada de Olle, mas tinha dificuldade em acreditar que a polícia se preocupasse com delitos tão triviais.

– O teu pai está em casa? – perguntou o agente mais velho.

– Sim – respondeu Sofie. Nesse momento, a sua cabeça ficou realmente confusa. Será que o pai tinha feito alguma coisa?

– Gostaríamos de falar com os dois ao mesmo tempo – disse o agente ruivo que era ligeiramente mais novo. Sofie não pôde deixar de pensar que ele até era giro. E o outro também, por acaso. Mas era tão velho. Devia ter trinta anos, pelo menos.

– Entrem – Sofie afastou-se para que os agentes passassem para o vestibulo. Enquanto se descalçavam, Sofie dirigiu-se à sala de estar. Claro que o pai estava lá sentado, com os enormes auscultadores colados aos ouvidos. De certeza que estava a ouvir alguma coisa horrível dos Wizex ou dos Vikings ou dos Thorleifs. Por gestos, Sofie pediu ao pai para tirar os auscultadores. Ola apenas os afastou um pouco das orelhas, lançando-lhe um olhar interrogativo.

– Pai, estão ali uns polícias que querem falar connosco.

– Polícias? O quê? Quem? – Sofie podia ver que a mente do pai rodopiava enquanto tentava perceber no que se teria *ela* metido a ponto de motivar a visita da polícia. Sofie antecipou-se-lhe.

– Eu não fiz nada. A sério. Juro.

Ola lançou-lhe um olhar de suspeição, mas tirou os auscultadores, levantou-se e foi saber o que se passava. Sofie seguiu-o de perto.

– Que se passa? – perguntou Ola Kaspersen, parecendo um pouco assustado por poder vir a receber uma resposta não desejada à sua pergunta. O sotaque revelava a sua origem norueguesa, mas era tão ligeiro que Patrik calculou que o homem já devia ter deixado o seu país natal há muitos anos.

– Podemos entrar e sentar-nos? É verdade, chamo-me Patrik Hedström, e este é o meu colega, Martin Molin.

– Claro. Com certeza – disse Ola, apertando as mãos a ambos. Ainda parecia intrigado. – Sim, venham comigo – Ola conduziu Patrik e Martin à cozinha, como nove em cada dez pessoas teriam feito. Por algum motivo, a cozinha parecia ser sempre o lugar mais seguro da casa quando a polícia aparecia.

– Então, como posso ajudar-vos? – Ola sentara-se ao lado de Sofie, e os dois agentes ocuparam as cadeiras do lado oposto da mesa. Ola começou logo a endireitar a franja da toalha. Sofie lançou-lhe um olhar irritado. Será que naquele momento conseguia parar de mexer em tudo?

– Nós... – Aquele que se tinha apresentado como Patrik Hedström parecia hesitante e Sofie começou a ter uma estranha sensação no estômago. Sentiu uma vontade enorme de tapar os ouvidos e começar a murmurar, como fazia quando era miúda, quando os pais começavam a discutir, mas sabia que não podia fazê-lo. Já não era uma criança.

– Receio que tenhamos más notícias. Marit Kaspersen morreu num acidente de viação ontem à noite. Lamentamos muito – Hedström aclarou novamente a garganta mas não desviou o olhar. O nó que Sofie sentia no estômago agudizou-se e a rapariga lutou para evitar interiorizar o que acabara de ouvir. Não podia ser verdade!

Devia haver algum engano. A mãe não podia estar morta. Era completamente impossível. Iam às compras a Uddevalla no próximo fim de semana. Tinham combinado. Só as duas. Uma daquelas coisas entre mãe e filha para a qual Marit a andava a tentar convencer há uma data de tempo e que Sofie fingia detestar, embora na realidade adorasse. Não era possível que a mãe nunca viesse a sabê-lo. Que Sofie ansiava pelas suas idas às compras. A cabeça dela girava e, ao lado dela, o pai respirava ofegantemente.

– Deve haver algum engano. – As palavras de Ola eram um pequeno eco dos pensamentos de Sofie. – Marit não pode estar morta! – Ola arfava como se tivesse estado a correr.

– Infelizmente, não há qualquer dúvida – Patrik fez uma pausa, e acrescentou: – Eu... eu próprio a identifiquei. Lembrava-me dela da loja.

– Mas, mas... – Ola procurava palavras, mas estas pareciam escapar-lhe. Sofie olhava-o, atónita. Desde que era gente que os pais andavam sempre de candeias às avessas. Nunca teria imaginado que o pai ainda sentisse alguma coisa por Marit.

– Que... que aconteceu? – balbuciou Ola.

– Um acidente com uma única viatura, mesmo a norte de Sannäs.

– Um acidente com uma única viatura? Que significa isso? – perguntou Sofie. As mãos aferravam-se com força à beira da mesa, como se aquilo fosse a única coisa que a ancorava à realidade. – Ela desviou-se para evitar um veado, ou algo assim? A mamã só conduzia umas duas vezes por ano. Porque andaria a conduzir ontem à noite? – Sofie olhou para os agentes sentados à sua frente e sentiu o coração a martelar-lhe o peito. Pela forma como os agentes olhavam para a mesa, havia claramente algo que ainda não tinham dito. O que poderia ser? Sofie esperou em silêncio pela resposta.

– Julgamos que o álcool pode ter sido a causa do acidente. Marit poderá ter estado a conduzir sob efeito do álcool. Mas ainda não temos a certeza disso; os resultados da investigação dir-nos-ão mais – Hedström olhou diretamente para Sofie, que não conseguia acreditar no que ouvira. Olhou para o pai e depois novamente para Patrik.

– Estão a gozar comigo? Tem de haver algum engano. A minha mãe nunca tocava em bebidas alcoólicas. Não bebia uma gota que fosse. Nem sequer por uma vez a vi a beber um copo de vinho. Ela era completamente contra o álcool. Diz-lhes! – Sofie sentiu uma derradeira esperança a crescer dentro dela. Não podia ser a mãe! Lançou um olhar esperançoso ao pai. Ola aclarou a garganta.

– Sim, isso é verdade. Marit nunca bebia nada com álcool. Nunca bebeu enquanto estivemos casados e, tanto quanto sei, também não bebia depois de nos termos separado.

Sofie procurou os olhos do pai para se certificar de que este sentia agora a mesma esperança, mas Ola evitou o olhar da filha. O pai dissera o que Sofie sabia que ele

tinha de dizer e, aos olhos da rapariga, isso confirmava que tudo aquilo devia ser um engano; contudo, havia algo que parecia... não bater certo. Depois, Sofie afastou aquela sensação e virou-se para Patrik e para Martin:

– Ouviram o que o meu pai disse? Devem ter-se enganado. Não podia ser a minha mãe! Confirmaram com Kerstin? Ela está em casa?

Os agentes trocaram olhares. Quem falou em seguida foi o polícia ruivo.

– Estivemos com Kerstin. Ao que parece, ela e Marit tiveram uma discussão ontem à noite. A tua mãe saiu de repente e levou a chave do carro. Ninguém a viu desde então. E... – Martin olhou para o colega.

– E eu tenho a certeza de que era ela – disse Patrik. – Já a tinha visto na loja e reconheci-a imediatamente. Contudo, ainda não sabemos se ela bebeu realmente alguma coisa. Apenas ficámos com essa impressão porque sentimos o cheiro a álcool no lugar do condutor. Mas não há dúvida de que se tratava da tua mãe. Lamento imenso.

A sensação desagradável no estômago de Sofie regressou. Cresceu e cresceu, até fazer com que a bÍlis lhe subisse à garganta. E depois vieram as lágrimas. Sentiu a mão do pai no ombro, mas sacudiu-a. Todos aqueles anos de discussões interpunham-se entre ambos. Todas as discussões, tanto antes como depois do divórcio dos pais, todas as tretas, todas as recriminações, todo o ódio. Tudo isso se concentrava agora num único nó bem apertado em torno da sua dor. Não aguentava ouvir mais. Com três pares de olhos a observá-la, Sofie correu porta fora.

Erica ouviu duas vozes alegres vindas do lado de fora da janela da cozinha. Os risos dispersos foram abafados pela porta da frente até que esta se abriu e o som se espalhou pela casa. Erica não podia acreditar no que os seus olhos viam. Anna estava a sorrir. E não o fazia de forma forçada ou hesitante, como quando estava à frente das crianças e tentava acalmá-las, mas com um sorriso genuÍno de orelha a orelha. Anna e Dan conversavam animadamente um com o outro e tinham as faces rosadas da caminhada em passo apressado naquele agradável dia de primavera.

– Olá. Então, divertiram-se? – perguntou cautelosamente Erica, colocando o recipiente na máquina de café.

– Sim, está um dia lindo – disse Anna, sorrindo a Dan. – Soube-me tão bem esticar as pernas, para variar. Subimos mesmo até Bräcke e voltámos. O tempo estava tão límpido e ensolarado que algumas árvores já têm rebentos, e... – Anna teve de parar para recuperar o fôlego depois da caminhada.

– Foi um passeio simplesmente fantástico – acrescentou Dan, despindo o blusão. – Então, vamos ter café ou estás a poupá-lo para outras visitas?

– Não sejas parvo, pensei que podíamos tomar café os três. Se te apetecer – disse Erica, lançando uma olhadela a Anna. Ainda sentia que caminhava sobre gelo muito

fino quando falava com a irmã, receosa de rebentar a bolha de alegria que a tinha subitamente envolvido.

– Claro. Já não me sentia tão revigorada há muito tempo – disse Anna, sentando-se à mesa da cozinha. Pegou no café que Erica lhe ofereceu, deitou um pouco de leite na chávena e depois colocou as mãos em torno dela para as aquecer. – Foi mesmo isto que o médico me mandou fazer – as rosáceas avermelhadas nas faces de Anna faziam com que o seu rosto se iluminasse. O coração de Erica parou de bater por uns segundos perante a visão de Anna a sorrir. Já não a via assim há tanto tempo. Há tanto tempo que Anna não tinha no olhar nada mais do que aquela expressão pesarosa e deprimida. Erica olhou de relance para Dan com gratidão. Não tivera bem a certeza de estar a fazer o mais acertado quando convidara Dan para ir lá a casa falar com Anna, mas tinha tido o pressentimento de que Dan, mais do que ninguém, conseguiria falar ao coração de Anna. Erica tentava fazê-lo há meses, mas por fim apercebera-se de que não era a pessoa indicada para tirar a irmã do seu estado depressivo.

– Dan perguntou-me como vão os preparativos do casamento, mas eu tive de admitir que não faço a mais pequena ideia. Já me debes ter dito, mas eu não tenho andado lá muito recetiva ultimamente. Então, de que é que já conseguiram tratar? Já está tudo reservado e escolhido? – Anna bebericou o seu café e lançou uma olhadela interrogativa a Erica.

De repente, Anna parecia tão nova, tão despreocupada. Como antes de ter conhecido Lucas. Erica forçou-se a afastar esses pensamentos. Não queria mesmo arruinar o momento a pensar naquele cretino.

– Bem, quanto ao que precisa de reserva, está tudo tratado. Reservámos a igreja, pagámos uma caução para reservar o Stora Hotellet e, bem, acho que praticamente ainda só tratámos disto.

– Mas, Erica, o casamento é já daqui a seis semanas! Que tipo de vestido vais levar? E o que é que as crianças vão vestir? E que tipo de buquê vais escolher? Já escolheste o menu da boda? Já reservaste os quartos para os convidados? E a lista dos lugares, já está feita?

Dando uma gargalhada, Erica ergueu a mão. Maja observava-os alegremente da sua cadeirinha, sem ter consciência do motivo de tanta animação.

– Calma. Se continuas a esse ritmo, vou ter de me arrepender por Dan te ter conseguido tirar da cama – Erica sorriu e piscou o olho para mostrar que estava a brincar.

– Certo, certo – disse Anna. – Não vou dizer nem mais uma palavra. Espera, há mais uma coisa, já trataste da música?

– Infelizmente, não, não e não são provavelmente as respostas a todas as tuas perguntas – Erica suspirou. – Ainda não consegui arranjar tempo para isso.

De repente Anna ficou séria.

– Não tiveste tempo porque tens andado a tomar conta de três crianças. Perdoa-me, Erica, estes últimos meses não devem ter sido nada fáceis para ti. Quem me dera ter... – Anna foi-se abaixo e Erica viu os olhos da irmã a encherem-se de lágrimas.

– Pronto, está tudo bem. Adrian e Emma têm sido uns anjinhos e passam o dia no infantário, por isso não têm sido um fardo assim tão pesado. Mas têm tido saudades da sua mamã.

Anna lançou-lhe um sorriso triste. Dan estava a brincar com Maja e a tentar manter-se à margem da conversa. Aquilo era entre Erica e Anna.

– Meu Deus, o infantário! – Erica deu um salto da cadeira e olhou para o enorme relógio na parede. – Estou superatrasada. Tenho de ir buscá-los. Ewa vai ficar fora de si se não me despachar.

– Hoje vou eu buscá-los – disse Anna, levantando-se. – Dá-me a chave do carro.

– Tens a certeza?

– Sim, tenho a certeza. Tu tens ido buscá-los todos os dias; portanto, hoje é a minha vez.

– Vão ficar felicíssimos – disse Erica, voltando a sentar-se à mesa.

– Pois vão – retorquiu Anna com um sorriso, pegando na chave do carro que estava na bancada. Quando já estava no vestíbulo, voltou atrás. – Dan... obrigada. Estava a precisar disto. Foi excelente ter podido desabafar.

– Tudo bem. Eu gostei. Também podemos dar um passeio amanhã, se o tempo se aguentar. Trabalho até às três menos um quarto; portanto, que dizes a um passeio de uma hora antes de teres de ir buscar os miúdos?

– Parece-me ótimo. Mas agora tenho de apressar-me, senão Ewa vai ficar furiosa, ou lá o que tu disseste – um último sorriso e Anna desapareceu pela porta da frente.

Erica virou-se para Dan.

– Afinal, que diabo fizeram durante o passeio? Estiveram a fumar ganzas?

Dan deu uma gargalhada.

– Não, nada disso. Anna precisava simplesmente de alguém com quem falar e foi como se uma rolha tivesse saltado de dentro dela. Quando começou foi impossível pará-la.

– Há meses que tenho andado a tentar falar com ela – disse Erica, que não conseguia evitar sentir-se um pouco magoada.

– Sabes como são as coisas entre vós – disse calmamente Dan. – Há muitos assuntos do passado que ainda precisam de resolver. Talvez não seja tão fácil para Anna falar contigo. São demasiado chegadas uma à outra, para o bem e para o mal. Mas, quando andávamos lá fora a passear, Anna disse-me que vos está incrivelmente grata, a ti e a Patrik, por estarem tão desejosos de ajudar e, acima de tudo, por teres

sido fantástica com os miúdos.

– Anna disse isso? – perguntou Erica num tom de voz que traía a sua ânsia de reconhecimento. Estava muito habituada a tomar conta de Anna, e fazia-o com gosto; porém, por mais egoísta que isso pudesse soar, queria que Anna reconhecesse o que fazia por ela.

– Foi o que ela disse – afirmou Dan, colocando a mão sobre as mãos de Erica. Era uma sensação familiar e agradável. – Mas toda essa história do casamento pareceu-me um pouco preocupante – prosseguiu Dan. – Achas que consegues tratar de tudo em seis semanas? Se precisares da minha ajuda já sabes que podes contar comigo – Dan fez caretas a Maja, que deu gritinhos de alegria.

– Que farias tu para ajudar? – perguntou sarcasticamente Erica, servindo mais café. – Escolhias-me o vestido de noiva?

Dan deu uma gargalhada.

– Ah, pois, isso é que havia de ser bonito. Não, mas podia providenciar algumas camas aos teus convidados, por exemplo. Se precisares, espaço não me falta – o amigo pôs-se sério e Erica percebeu exatamente no que Dan estava a pensar.

– Vais ver que tudo se há de resolver. As coisas vão melhorar.

– Achas? – perguntou melancolicamente Dan, bebendo um pouco de café. Só Deus sabe. Tenho tantas saudades delas. Às vezes parece que vou partir-me em pedaços.

– Tens saudades das miúdas ou de Pernilla *e* das miúdas?

– Não sei. De todas elas, suponho, embora já tenha aceite o facto de Pernilla ter seguido o seu próprio caminho. Mas sinto que estou a morrer por dentro por não poder ver as miúdas todos os dias. Por não estar lá quando elas acordam, quando vão para a escola, por não poder jantar com elas e ouvi-las contar como lhes correu o dia. Tenho saudades de tudo isso. Mas não, fico para ali naquela casa a semana inteira. Está tão vazia que faz eco. Também queria manter a casa, para que não perdessem o lar da sua infância, mas agora não sei se terei dinheiro para o fazer por muito mais tempo. Talvez tenha de a vender dentro de seis meses.

– Acredita em mim, já passei por isso – disse Erica, referindo-se ao facto de terem estado tão perto de Lucas lhes pôr a casa à venda; a casa onde agora estavam sentados, a casa onde ela e Anna cresceram.

– Só não sei o que fazer da minha vida – disse Dan, passando as mãos pelo cabelo louro e curto.

– Ena, que festa que para aí vai na cozinha! – a voz de Patrik, vinda da entrada, interrompeu-os.

– Estávamos a falar sobre a casa de Dan – respondeu Erica, levantando-se para beijar o futuro marido. Maja também reparara que o homem da sua vida tinha entrado e abanava agora freneticamente os braços para que Patrik lhe pegasse.

Dan olhou para Maja e, abriu muito os braços, de forma exagerada.

– Mas que vem a ser isto? Pensava que havia alguma coisa entre nós. E, afinal, deixas-me pelo primeiro tipo que entra. Caramba, estas miúdas de agora. Não distinguem a verdadeira qualidade quando a veem.

– Olá, Dan – cumprimentou Patrik, dando-lhe uma palmadinha no ombro ao mesmo tempo que ria com gosto. Depois pegou em Maja. – Ah, pois, o papá está no topo da lista desta menina – disse, dando a Maja um beijo e esfregando a sua barba por fazer no pescoço da filha, o que a fez dar gritinhos de satisfação. – É verdade, Erica, não tens de ir buscar os miúdos?

Erica fez uma pausa para criar efeito dramático. Depois, com um grande sorriso, afirmou:

– Anna foi buscá-los.

– Como? Anna foi buscá-los? – Patrik parecia espantado, mas também satisfeito.

– Sim, aqui o herói levou Anna a dar um passeio, depois fumaram uma ganza e...

– Não fumámos nada, para com isso! – disse Dan com uma gargalhada, virando-se depois para Patrik: – O que aconteceu foi que Erica me telefonou a perguntar se eu podia tentar persuadir Anna a sair para dar um passeio, para poder fazer algum exercício. E Anna concordou em acompanhar-me, por isso demos um longo passeio que foi muito agradável. Parece ter-lhe feito muito bem, ter saído de casa.

– Isso é dizer muito pouco – afirmou Erica, e despenteou o cabelo de Dan. – Que tal aproveitares o calor da nossa gratidão durante mais algum tempo e jantares hoje connosco?

– Depende. O que é o jantar?

– És mesmo mimado – disse Erica com uma gargalhada. – Bem, o jantar é guisado de frango com abacate e arroz de jasmim.

– Está combinado.

– Ainda bem que estamos à altura das suas exigências, senhor Gourmet.

– Isso é o que vamos ver depois de eu provar o jantar.

– Ora, deixa-te disso – retorquiu Erica, e levantou-se para começar a preparar o jantar.

Erica sentia-se recompensada. Tinha sido um bom dia. Um dia excelente. Virou-se para perguntar a Patrik como tinha corrido o dia dele.

¹ Festa cristã celebrada no sétimo domingo a seguir à Páscoa. (*N. do T.*)

² Moeda sueca. 1 coroa equivale a cerca de 0,11 euros e divide-se em 100 öre. (*N. do T.*)

³ Bebida láctea semelhante ao iogurte. (*N. do T.*)

⁴ Termo utilizado para brindar nos países nórdicos. (*N. do T.*)

O BEM TINHA SUPLANTADO O MAL. OU NÃO TERIA? ÀS VEZES, DURANTE A NOITE, QUANDO DAVA VOLTAS NA CAMA COM PESADELOS, NÃO TINHA TANTA CERTEZA. MAS AGORA, À LUZ DO DIA, TINHA A CERTEZA ABSOLUTA DE QUE O BEM TINHA PREVALECIDO. SENTIA O MAL APENAS COMO UMA SOMBRA A ESPREITAR NOS CANTOS, SEM SE ATREVER A MOSTRAR O SEU ROSTO HORRENDO. E ISSO ERA SUFICIENTE PARA ELE.

AMBOS A TINHAM AMADO. DE UM MODO INCRIVELMENTE INTENSO. MAS TALVEZ TENHA SIDO ELE QUEM MAIS A AMOU. E TALVEZ ELA O TENHA AMADO MAIS A ELE. TINHAM TIDO UMA RELAÇÃO ESPECIAL. NUNCA NADA SE PODERIA INTERPOR ENTRE ELES. TUDO O QUE ERA FEIO RESVALAVA POR ELES SEM SE FIXAR.

A IRMÃ TINHA-OS OLHADO SEM CIÚMES. SABIA QUE ESTAVA A VER ALGO ÚNICO. ALGO COM QUE NUNCA CONSEGUIRIA COMPETIR. E ELES INCLUÍAM-NA. ARRASTAVAM-NA PARA O SEU AMOR E TAMBÉM A DEIXAVAM TOMAR PARTE NELE. NÃO HAVIA MOTIVO PARA TER CIÚMES. SER-LHE PERMITIDO ENTRAR NAQUELE TIPO DE AMOR ERA PRIVILÉGIO DE POUCOS.

COMO OS AMAVA ILIMITADAMENTE, ELA RESTRINGIU-LHES O MUNDO. E ELES DEIXAVAM-SE LIMITAR COM GRATIDÃO. PORQUE PRECISARIAM DE MAIS ALGUÉM? PORQUÊ DEIXAREM-SE SOBRECARRREGAR COM O FARDOS DE TODAS AS IMUNDÍCIAS QUE EXISTIAM LÁ FORA? ELE NÃO CONSEGUIRIA SOBREVIVER LÁ FORA. ERA O QUE ELA DIZIA. ERA TÃO PROPENSO A ACIDENTES. ESTAVA SEMPRE A DEIXAR CAIR COISAS, A DERRUBAR OBJECTOS, A PARTIR COISAS EM PEDAÇOS. SE ELA OS DEIXASSE SAIR PARA O MUNDO ACONTECERIAM COISAS TERRÍVEIS. UMA PESSOA TÃO DESAJEITADA NUNCA CONSEGUIRIA SOBREVIVER. MAS ELA DIZIA SEMPRE AQUILO DE FORMA TÃO TERNA. «O MEU DESAJEITADO», DIZIA. «O MEU PEQUENO DESAJEITADO.»

O AMOR DELA BASTAVA-LHE. E TAMBÉM ERA SUFICIENTE PARA A IRMÃ. A MAIOR PARTE DAS VEZES, PELO MENOS.

O ENREDO ERA UMA TRETA COMPLETA. Jonna retirava os produtos do tapete rolante e lia os códigos de barras. Comparado com aquilo, o *Big Brother* parecia o Festival de Hultsfred⁵. Aquilo era uma treta! Contudo, Jonna não podia queixar-se. Já tinha assistido a temporadas anteriores do concurso e sabia que teriam de viver e trabalhar naquele buraco onde tinham ido parar. Agora estar sentada na caixa da merda de um supermercado ICA, francamente! Não estava à espera daquilo. O único consolo era que Barbie também tinha lá ido parar. Estava na caixa registadora atrás de Jonna, com as suas mamas de silicone comprimidas contra o avental vermelho. Jonna tinha sido obrigada a ouvir a sua estúpida tagarelice a manhã toda, assim como as parvoíces dos clientes, desde adolescentes imaturas com vozes esganiçadas a velhos nojentos que tentavam meter conversa com Barbie. Não percebiam que não era preciso meter conversa com uma rapariga como Barbie? Bastava pagar-lhe umas bebidas e depois era sempre a abrir. Que idiotas.

– Ah, vai ser tão divertido vê-la na televisão. E à nossa cidadezinha, claro. Nunca teria imaginado que nós, os habitantes de Tanumshede, seríamos celebridades a nível nacional – vangloriava-se a velha tonta em frente da caixa, lançando de vez em quando um sorriso embevecido à câmara presa ao teto. Era tão estúpida que não percebia que aquela era a melhor forma de assegurar que não seria utilizada em nenhum dos segmentos. Olhar diretamente para a câmara dava direito a uma nega absoluta.

– São trezentas e cinquenta coroas e cinquenta *öre* – disse Jonna com voz cansada, olhando fixamente para a velha.

– Muito bem, estou a ver, sim, aqui está o meu cartão – disse a mulher obcecada com a televisão, passando o cartão VISA pelo leitor. – E agora tenho de marcar o código – chilreou.

Jonna suspirou. Perguntava a si própria se conseguiria safar-se se comesse a fazer gazeta logo no primeiro dia. A produção costumava adorar discussões com os diretores do elenco e coisas do género, mas talvez fosse demasiado cedo para isso. Se calhar, mais valia aguentar aquilo e ranger os dentes durante uma semana. Talvez depois conseguisse armar um ou outro escândalo.

Questionava-se se os pais estariam sentados em frente ao televisor na segunda-feira. Provavelmente não. Nunca tinham tempo para distrações tão triviais como ver televisão. Eram médicos; portanto, o seu tempo era mais precioso do que o de todas as outras pessoas. O tempo que passassem a ver *Sobreviventes* ou a fazer-lhe companhia, claro, podia ser aproveitado para fazer um *bypass* ou um transplante

renal. Jonna estava a ser egoísta ao não compreender aquilo. O pai até a tinha levado ao hospital para que pudesse vê-lo a realizar uma cirurgia ao coração de uma criança de dez anos. Queria que Jonna percebesse porque é que os empregos eram tão importantes, dissera o pai; porque não podiam passar tanto tempo com ela quanto desejariam. Ele e a mãe tinham um dom, o dom de poderem ajudar os outros, e tinham obrigação de lhe dar bom uso.

Que monte de tretas de merda. Porque tiveram filhos se não tinham tempo para eles? Porque não disseram «que se lixem os filhos!», para poderem passar vinte e quatro horas por dia com as mãos enfiadas no peito de outra pessoa?

No dia seguinte a ter visitado o hospital, Jonna começara a cortar-se. Tinha sido mesmo muito fixe. Logo que a faca fez o primeiro corte na sua pele sentira a ansiedade diminuir. Dava a sensação de que a ansiedade escorria da ferida no braço. Que desaparecia juntamente com o sangue que gotejava lentamente, vermelho e quente. Adorava a visão do seu próprio sangue. Adorava a sensação da faca ou da lâmina de barbear, ou de qualquer porra que conseguisse encontrar que desse um golpe na ansiedade que estava tão firmemente ancorada no seu peito.

Também tinha descoberto que aquela era a única forma de repararem nela. O sangue fazia os pais voltarem a sua atenção para Jonna e *vê-la* verdadeiramente. Mas a sensação diminuía progressivamente de intensidade. Cada ferida, cada cicatriz, produzia menos efeito na sua ansiedade. E, em vez de olharem para Jonna com preocupação, como tinham feito de início, os pais apenas a olhavam agora com resignação. Tinham perdido o controlo sobre a filha e decidiram antes ajudar aqueles que podiam salvar. Pessoas com corações doentes e órgãos internos que tinham deixado de funcionar e que precisavam de ser substituídos. Jonna não tinha nada desse género para oferecer. Era a sua alma que estava quebrada e os pais não a conseguiriam consertar com um bisturi. Por isso deixaram de tentar.

O único amor que estava agora ao seu dispor era o das câmaras e o das pessoas que se sentavam, noite após noite, em frente aos televisores a observá-la. A ver a *verdadeira* Jonna.

Ouviu um tipo atrás de si a perguntar a Barbie se lhe podia tocar nos implantes de silicone. Os espectadores adorariam. Jonna ergueu deliberadamente os braços para revelar as cicatrizes. Era a sua única forma de competir.

– Posso entrar por um momento, Martin? Temos de conversar.

– Claro, entra, estou só a acabar uns relatórios – Martin fez sinal a Patrik para que entrasse. – Que se passa? Pareces preocupado.

– Bem, não sei o que pensar disto. Recebemos o relatório da autópsia de Marit Kaspersen esta manhã e há uma coisa que me parece muito estranha.

– O quê? – Martin inclinou-se para a frente com interesse. Lembrava-se de Patrik

ter murmurado algo do género no dia em que ocorreu o acidente, mas depois esquecera-se completamente daquilo. E Patrik também não tinha voltado a tocar no assunto desde então.

– Bem, Pedersen anotou tudo o que descobriu, e eu também falei com ele ao telefone, mas há algo que, pura e simplesmente, não conseguimos explicar.

– Conta – a curiosidade de Martin crescia a cada segundo que passava.

– Antes de mais, Marit não morreu em consequência do choque. Já estava morta no momento do embate.

– Já estava morta? Como? Teve um ataque cardíaco, ou algo assim?

– Não, não foi bem isso – Patrik coçou a cabeça enquanto estudava o relatório. – Morreu por intoxicação etílica aguda. Tinha uma taxa de alcoolemia de 6,1 gramas de álcool por litro de sangue.

– Deves estar a gozar. Uma taxa de 6,1 é suficiente para matar um cavalo!

– Exato. Segundo Pedersen, Marit deve ter bebido uma garrafa de vodca inteira. Em muito pouco tempo.

– E as pessoas que a conheciam garantem que nunca tocava em bebidas alcoólicas.

– Precisamente. E o organismo dela não apresenta realmente sinais de abuso de álcool, o que provavelmente significa que deve ter desenvolvido uma intolerância absoluta ao álcool. De acordo com Pedersen, Marit terá reagido muito depressa à sobredosagem.

– Quer dizer que Marit se embebedou por algum motivo. Claro que é uma tragédia mas, infelizmente, é algo que acontece de tempos a tempos – afirmou Martin, intrigado perante a óbvia preocupação de Patrik.

– Sim, parece ter sido o que aconteceu. Mas Pedersen encontrou algo mais que torna tudo um pouco mais complicado – Patrik cruzou as pernas e folheou o relatório para encontrar o que queria. – Aqui está. Vou tentar traduzir isto em termos leigos. Tudo o que Pedersen escreve é tão hermético... Parece que Marit tinha uma contusão estranha em torno da boca. Existem igualmente sinais de lesões no interior da boca e na garganta.

– E então, aonde queres chegar?

– Não sei – Patrik suspirou. – Não havia o suficiente para Pedersen tirar conclusões. Não consegue afirmar *com toda a certeza* que Marit não emborcou uma garrafa inteira de uma bebida qualquer, morreu por intoxicação etílica aguda e depois se despistou.

– Mas ela devia estar completamente passada antes de ter o acidente. Temos alguma informação de alguém a conduzir aos esses no domingo passado?

– Que eu tenha conseguido encontrar, não. O que contribui ainda mais para que tudo isto pareça bastante estranho. Por outro lado, não há muito tráfego àquela hora

da noite; portanto, talvez os outros condutores tenham simplesmente tido a sorte de não se cruzarem com ela – disse pensativamente Patrik. – Mas Pedersen não conseguiu encontrar justificação para os ferimentos no interior e em torno da boca de Marit, por isso acho que há motivos suficientes para verificarmos tudo isto mais pormenorizadamente. Pode tratar-se de um mero caso de condução sob efeito do álcool, mas pode também não ser. Que te parece?

Martin fez uma pausa durante um momento.

– Desde o princípio que disseste que tinhas um estranho pressentimento acerca deste caso. Achas que Mellberg vai nisso?

Patrik olhou para o colega e Martin deu uma gargalhada.

– Tudo depende do modo de lhe apresentar o caso, não te parece? – disse Patrik.

– É isso mesmo. Tudo depende da apresentação.

Patrik também deu uma gargalhada enquanto se levantava. Depois ficou novamente sério.

– Achas que estou a fazer uma tempestade num copo de água? Pedersen não encontrou realmente nada em concreto a indicar que não se tratou de um acidente. Mas... – disse Patrik, abanando o fax com o relatório da autópsia – ao mesmo tempo, isto faz-me lembrar qualquer coisa. Diabos me levem, não consigo... – Patrik passou novamente a mão pelo cabelo.

– Vamos fazer o seguinte – disse Martin –, começaremos por fazer umas perguntas por aí e recolher mais alguns dados, para ver aonde isso nos leva. Talvez assim te recordes dessa tal coisa em que andas a matutar.

– Certo, ótimo. Mas primeiro vou falar com Mellberg. Que tal irmos mais logo a casa da companheira de Marit para termos outra conversa com ela?

– Por mim, tudo bem – respondeu Martin, regressando aos relatórios em que estava a trabalhar. – Vens buscar-me quando estiveres pronto?

– Combinado – Patrik já estava a sair quando Martin o deteve.

– Espera um segundo – disse hesitantemente. – Tenho andado para te perguntar como têm corrido as coisas lá em casa. Com a tua cunhada, e tudo isso.

Parado à porta, Patrik sorriu.

– Na verdade, estamos um pouco mais animados. Anna parece ter começado a trepar para fora do abismo. Graças a Dan.

– Dan? – disse Martin, surpreendido. – O Dan de Erica?

– Desculpa lá, que queres dizer com «o Dan de Erica»? Ele agora é *o nosso* Dan.

– Está, bem, está bem – disse Martin com uma gargalhada –, *o vosso* Dan. Mas que tem ele que ver com isso?

– Bem, na segunda-feira, Erica teve a brilhante ideia de pedir-lhe para ir lá a casa falar com Anna. E resultou. Começaram a dar longos passeios juntos, só para conversar, e parece que era mesmo disso que Anna precisava. Em poucos dias

tornou-se uma mulher completamente diferente. Os miúdos estão felicíssimos.

– Isso é fantástico – afirmou Martin com sinceridade.

– Podes crer – disse Patrik, dando uma palmada na ombreira da porta. – Olha, agora tenho de ir ter com Mellberg para despachar isto o mais depressa possível. Já conversamos.

– Certo – disse Martin, regressando à papelada; outro aspeto da sua profissão que dispensaria de bom grado.

* * *

Os dias arrastavam-se. Parecia que sexta-feira e o jantar que tinha combinado nunca mais chegavam. Era estranho estar a pensar daquela forma na sua idade. Mas, apesar de aquilo não ser um verdadeiro encontro romântico, sempre era um convite para jantar. Mellberg não tinha nenhum plano quando telefonou a Rose-Marie, por isso surpreendeu-se a si próprio ao sugerir que jantassem no Gestgifveri. A sua carteira ainda ficaria mais surpreendida. Mellberg não conseguia pura e simplesmente compreender o que estava a acontecer-lhe. Anteriormente, a ideia de ir jantar a um restaurante tão caro como o Gestgifveri nunca lhe teria passado pela cabeça e agora estava disposto a pagar duas refeições – não, aquilo não era de todo coisa dele. E, no entanto, não estava nada preocupado. Para ser franco, Mellberg estava ansioso por olhar para o rosto de Rose-Marie à luz das velas enquanto lhes iam sendo servidos pratos requintados.

Mellberg abanou a cabeça, perplexo, e o seu ninho de cabelo escorregou-lhe para uma orelha. Em que é que se tinha metido? Estaria doente? Dobrou o cabelo para o recolocar sobre a calva e apalpou a testa. Não, estava fria, não apresentava qualquer sinal de febre. Mas algo estava a acontecer. Talvez um pouco de açúcar ajudasse.

A mão ia já a caminho de um dos rebuçados de coco que guardava na última gaveta da secretária quando o superintendente ouviu alguém a bater à porta.

– Sim? – perguntou Mellberg com irritação.

Patrik entrou no gabinete.

– Posso? Venho interromper alguma coisa?

– Não, nada – disse Mellberg, suspirando e dando uma última olhadela à gaveta da secretária. – Entre.

Mellberg nutria sentimentos conflituosos por aquele detetive. A seu ver, Hedström era demasiado novo, embora estivesse quase na casa dos quarenta. E, apesar de se ter saído bem nas recentes investigações de homicídios e de nunca ter mostrado qualquer falta de respeito pelo seu chefe, Mellberg nunca conseguira afastar a sensação de que Hedström se julgava superior.

– Recebemos o relatório do acidente de segunda-feira.

– E então? – perguntou Mellberg com enfado. Afinal, os acidentes de viação eram

ocorrências rotineiras.

– Bem, parece que há alguns aspetos que precisam de ser clarificados.

– Clarificados? – aquela palavra despertou o interesse de Mellberg.

– Sim – disse Patrik, relanceando novamente as folhas que segurava. – A vítima apresenta alguns ferimentos que não podem ser relacionados com o próprio acidente. Além disso, Marit já estava morta antes da colisão. Intoxicação etílica aguda. Tinha uma taxa de alcoolemia de 6,1.

– 6,1?! Está a gozar?

– Não, infelizmente é mesmo verdade.

– E os ferimentos? – perguntou Mellberg, inclinando-se para a frente.

Patrik fez uma pausa.

– A vítima apresenta lesões no interior e em torno da boca.

– Em torno da boca? – repetiu Mellberg com ceticismo.

– Sei que isto não é grande coisa; porém, somado ao facto de toda a gente afirmar que Marit não consumia bebidas alcoólicas e de ela apresentar uma taxa de alcoolemia anormalmente elevada, parece-me que há algo aqui que não cheira bem.

– Algo que não cheira bem? Está a pedir-me que inicie uma investigação por causa de «algo que não cheira bem»? – Mellberg ergueu uma sobrancelha. Aquilo era tudo demasiado vago para o seu gosto. Por outro lado, os palpites de Patrik já se haviam revelado acertados antes, por isso não podia dar-se ao luxo de não lhes prestar atenção. Pensou naquilo durante um longo minuto, enquanto Patrik o observava tensamente.

– Muito bem – disse por fim Mellberg. – Ocupe-se disso durante umas horas e tente esclarecer o assunto. Se conseguirem – presumo que queira levar Molin consigo – descobrir alguma informação que indicie que nem tudo é o que parece, então prossigam com a investigação. Mas, se não encontrarem nada, então não quero que percam mais tempo com essa história. Fui claro?

– Sim, senhor – respondeu Patrik com alívio evidente.

– Certo, ao trabalho – concluiu Mellberg com um aceno da mão direita. A esquerda estava já a caminho da última gaveta da secretária.

Sofie entrou cautelosamente.

– Olá? Estás em casa, Kerstin?

O apartamento estava em silêncio, constatara-o antes de entrar, e Kerstin não estava no emprego, na Extra Film; tinha apresentado baixa por doença. Não era de estranhar, dadas as circunstâncias, pois na escola também lhe tinham concedido uns dias de folga. Mas onde se teria metido Kerstin? Sofie percorreu o apartamento. De repente, as lágrimas assaltaram-na. Deixou cair a mochila no chão e sentou-se no meio do tapete da sala de estar. Fechou os olhos e bloqueou todas as impressões

sensoriais que a tinham inundado. Havia recordações de Marit por todo o lado. As cortinas que a mãe costurara, os quadros que tinham comprado quando Marit se mudara para o apartamento de Kerstin, as almofadas que Sofie nunca ajeitava depois de ter estado deitada nelas – Marit ralhava-lhe sempre por causa disso... Enfim, todas aquelas trivialidades do dia a dia, que agora ecoavam tristemente no vazio. Sofie chateava-se tanto com a mãe e gritava tanto com Marit por ela estar sempre com exigências e a impor regras. Porém, secretamente, apreciava aquilo. As discussões e os gritos constantes em casa dos pais faziam com que Sofie ansiasse por estabilidade e por regras claras. E, apesar de toda a sua rebeldia de adolescente, sempre se sentira segura sabendo que a mãe estava lá. A mamã. Marit. Agora só restava o pai.

Uma mão pousou-lhe no ombro e Sofie deu um salto. Virou a cabeça e olhou para cima.

– Kerstin. Estavas em casa?

– Sim, estava a dormir uma sesta – respondeu Kerstin, agachando-se junto de Sofie. – Como estás?

– Oh, Kerstin – foi tudo o que Sofie conseguiu dizer, afundando o rosto no ombro da companheira da mãe. Kerstin abraçou-a desajeitadamente. Não estavam habituadas a ter muito contacto físico; Sofie tinha ultrapassado a fase dos abraços na mesma altura em que Marit se mudara para casa de Kerstin. Mas, daquela vez, a falta de jeito desapareceu rapidamente. Sofie inspirou avidamente o cheiro do camisolão que Kerstin vestia, um dos preferidos da mãe. O aroma do seu perfume ainda se conservava na lã. O cheiro familiar reavivou-lhe o pranto e Sofie sentiu que o ombro de Kerstin estava a ficar molhado. A rapariga soergueu-se.

– Desculpa, estou a sujar-te toda.

– Não tem importância – disse Kerstin, limpando as lágrimas de Sofie com os polegares. – Chora à vontade. Esta... esta camisola é da tua mãe.

– Eu sei – disse Sofie com uma gargalhada. – Ela matava-me se visse que a enchi de rímel.

– A lã não pode ser lavada com água a mais de trinta graus – disseram ao mesmo tempo, desatando depois a rir à gargalhada.

– Anda, vamos sentar-nos à mesa da cozinha – sugeriu Kerstin, ajudando Sofie a levantar-se. Só agora via como o rosto de Kerstin estava todo encovado e muito mais pálido do que era habitual.

– E tu, como estás? – perguntou Sofie com preocupação. Kerstin sempre fora tão... serena. Assustava-a ver as mãos dela a tremer enquanto enchia a chaleira e a punha ao lume.

– Estou bem, acho – disse Kerstin, incapaz de conter as lágrimas que lhe enchiam os olhos. Tinha chorado tanto nos últimos dias que estava espantada por ainda lhe

restarem lágrimas. Depois tomou uma decisão.

– Sabes, Sofie, a tua mãe e eu... Há algo que – Kerstin deteve-se, sem saber como prosseguir. Sem saber se *deveria* prosseguir. Porém, para seu espanto, viu que Sofie começava a rir-se.

– Então, Kerstin, não vais falar-me acerca da tua relação com a minha mãe, pois não? Como se isso fossem notícias de última hora!

– A nossa relação? – perguntou Kerstin, expectante.

– Isso de serem um casal e assim. Quem pensavam que estavam a enganar? – Sofie riu-se uma vez mais. – A mamã mudava as coisas dela de um quarto para o outro quando eu vinha cá para casa e tu e Marit davam as mãos às escondidas quando pensavam que eu não estava a ver. Meu Deus, que ridículo. Quer dizer, nos dias que correm, toda a gente é *gay* ou bissexual. É muito *in*.

Kerstin olhou para Sofie com perplexidade total.

– Mas então se já sabias porque não disseste nada?

– Porque era muito fixe. Ver-vos a representar os vossos papéis. Era incrivelmente divertido.

– Sua grande... – exclamou Kerstin, rindo-se com gosto. Depois dos últimos dias de dor e choro, era um alívio poder dar gargalhadas tão sonoras que ecoavam na cozinha. – Marit torcia-te o pescoço se descobrisse que sempre soubeste de tudo e agias como se nada fosse.

– Sim, quase de certeza – disse Sofie, rindo-se também. – Deviam ter-se visto uma à outra. A escapulirem-se para a cozinha para se beijarem, a porem tudo outra vez no lugar sempre que eu ia para casa do meu pai. Não se apercebiam da farsa que aquilo era?

– Percebo aonde queres chegar. Mas era assim que Marit queria fazer as coisas – disse Kerstin, voltando a pôr um ar sério. A chaleira assobiou e Kerstin agradeceu por poder ter uma desculpa para levantar-se e voltar as costas a Sofie. Tirou duas chávenas do armário, colocou dentro delas duas saquetas de chá e deitou água a ferver por cima.

– Primeiro, a água deve arrefecer um pouco – disse Sofie. E Kerstin não conteve outra gargalhada.

– Estava a pensar exatamente o mesmo. Treinou-nos bem, a tua mãe. Sofie sorriu.

– Podes crer. Embora talvez tivesse desejado conseguir treinar-me um pouco melhor – o sorriso da rapariga era agora triste, expressando todas as promessas e expectativas da mãe que já não teria oportunidade de cumprir.

– Sabes, Marit tinha muito orgulho em ti – Kerstin sentou-se novamente e entregou uma das chávenas de chá a Sofie. – Devias tê-la ouvido a elogiar-te. Mesmo depois de terem tido uma discussão daquelas, Marit dizia: «Caramba, aquela miúda tem

personalidade.»

– A mamã dizia isso? A sério? Tinha orgulho em mim? Mas eu era sempre tão teimosa.

– Oh, Marit dizia que estavas apenas a fazer o teu trabalho. Que o teu trabalho era libertares-te dela. E... – Kerstin fez uma pausa – tendo em conta tudo o que aconteceu entre Marit e Ola, a tua mãe pensava que era extremamente importante conseguires pensar pela tua cabeça – Kerstin bebeu um pouco de chá e queimou a língua. Primeiro, o chá teria de arrefecer um pouco. – Marit preocupava-se com isso, sabes? Achava que o divórcio e tudo o que aconteceu depois poderia... ter-te traumatizado de algum modo. Acima de tudo, Marit temia que pudesses não compreender porque se tinha separado. Mas fê-lo tanto para o teu bem como para o dela.

– Pois, na altura não compreendi isso, mas agora que já sou crescida compreendo.

– Desde que fizeste quinze anos, queres tu dizer – provocou-a Kerstin. – Aos quinze anos recebemos o manual com todas as respostas, tudo sobre a vida, a morte e a eternidade, certo? Será que podes emprestar-mo um dia destes?

– Vá lá – disse Sofie com uma gargalhada –, não foi isso que quis dizer. Apenas que talvez tenha começado a encarar a mãe e o pai mais como pessoas do que como pais. E, se calhar, também já não sou a menina do papá – acrescentou com tristeza.

Por um momento, Kerstin ponderou contar tudo a Sofie, revelar-lhe tudo a que a tinham tentado poupar. Mas, assim como tinha surgido, a oportunidade perdeu-se e Kerstin deixou-a passar.

Em vez disso, beberam chá e falaram acerca de Marit. Riram e choraram. Mas, acima de tudo, falaram da mulher que ambas tinham amado, cada qual à sua maneira.

– Olá, meninas, que vão querer hoje? Que tal a baguete do Uffe?

O riso das raparigas que se tinham apinhado na padaria revelavam que o comentário de Uffe tinha surtido o efeito desejado, o que o encorajou a ponto de tirar uma das baguetes da prateleira e tentar mostrar o que tinha para oferecer balançando-a à sua frente, à altura da cintura. O riso deu lugar a alegres gritinhos escandalizados que fizeram com que Uffe começasse a mover as ancas na direção das raparigas.

Mehmet suspirou. Uffe era tão cansativo. Não tinha tido sorte nenhuma ao ter sido destacado para trabalhar com ele na padaria. Tirando isso, aquele trabalho até era fixe. Mehmet adorava cozinhar e estava desejoso de aprender mais sobre aquele ofício, mas não conseguia imaginar como aguentaria passar ali cinco semanas com Uffe.

– Ei, Mehmet, porque não lhes mostras a tua baguete? Acho que as miúdas iam

adorar ver essa bela baguete preta.

– Vai-te lixar, meu – atirou Mehmet, continuando a dispor rolinhos de maçapão ao pé de uma bandeja de bolinhos de amêndoa.

– Julgava que eras um engatatão. E aposto que elas nunca viram um tipo tão preto por estas bandas. Pois não, meninas? Já tinham visto algum tipo tão preto? – Uffe fez um gesto teatral na direção de Mehmet, como se estivesse a apresentá-lo num palco.

Mehmet começava a ficar irritado. Mais do que vê-las, sentia as câmaras presas ao teto a focarem-no, prontas a captar a sua reação. Cada gesto seria enviado por cabo diretamente para as salas de estar dos telespectadores. Não reagir implicava não ter espectadores. Depois de ter conseguido chegar à final de *A Quinta*, Mehmet conhecia bem as regras do jogo. Portanto, porque teria aceitado tomar parte naquilo? Durante cinco semanas ser-lhe-ia permitido viver numa espécie de ambiente protegido. Sem responsabilidades, sem outras exigências além de ser ele próprio e de reagir. Sem ter de andar a ser escravizado num qualquer trabalho de merda, entediado até à morte só para poder pagar a renda da porra de um apartamento deprimente. Sem obrigações diárias a consumir-lhe a vida dia após dia, sem que nunca nada acontecesse. Sem desapontamentos por não estar a portar-se à altura do que era esperado dele. Era sobretudo disso que estava a fugir. Do desapontamento que via constantemente estampado nos olhos dos pais. Tinham depositado tantas esperanças nele. Estudar, estudar, estudar. Era esse o mantra que ouvira durante toda a infância. «Mehmet, tens de tirar um curso superior. Tens de aproveitar as oportunidades que este país extraordinário te oferece. Na Suécia, toda a gente pode ir para a universidade. Tens de estudar.» E Mehmet bem tentara, mas não tinha queda para aquilo. Fossem letras ou números, não retinha nada do que lhe ensinavam. A ideia era tornar-se médico ou engenheiro. Ou, no pior dos casos, licenciar-se em gestão de empresas. Os pais estavam firmemente decididos a dar-lhe um curso superior. As suas quatro irmãs mais velhas tinham abraçado todas essas três profissões. Duas eram médicas, uma era engenheira e a outra estava a estudar gestão. Mas Mehmet era o filho mais novo e, de algum modo, acabou por tornar-se a ovelha negra da família. E nem *A Quinta* nem *Tanum Sempre a Abrir* tinham aumentado o capital de respeito que a família tinha por ele, longe disso. Não é que Mehmet pensasse que tal viesse a acontecer. Aparecer bêbedo na TV não era algo que alguma vez tenha sido mencionado como alternativa a uma carreira como médico.

– Mostra-nos a tua baguete preta, mostra-nos a tua baguete preta! – Uffe não desarmava, tentando que o seu divertido público adolescente fizesse coro com ele. Mehmet sentia a raiva prestes a transbordar. Parou o que estava a fazer e aproximou-se de Uffe.

– Já te disse para parares com isso, Uffe.

Simon apareceu vindo das traseiras da padaria, transportando um grande tabuleiro de bolos acabados de cozer. Uffe lançou-lhe um olhar obstinado e ponderou se havia ou não de obedecer-lhe. Simon entregou-lhe o tabuleiro.

– Toma, dá mas é estes bolos que acabei de tirar do forno às meninas.

Uffe hesitou, mas acabou por pegar no tabuleiro. Um estremecimento ao canto da boca revelou que as suas mãos, ao contrário das de Simon, não estavam habituadas a lidar com tabuleiros quentes, mas não teve outro remédio que não fosse ranger os dentes e estender o tabuleiro às raparigas.

– Bem, ouviram o que o homem disse. O Uffe está a oferecer bolos à borla. Que tal agradecerem-lhe com um beijinho?

Simon rolou os olhos na direção de Mehmet, que lhe lançou um sorriso de gratidão. Gostava de Simon. Era o dono da padaria e tinham simpatizado um com o outro desde o dia em que Mehmet começara lá a trabalhar. Simon era uma pessoa especial. Havia tal empatia entre eles que bastava trocarem um olhar para se entenderem. Era algo verdadeiramente incrível.

Mehmet ficou a observar Simon enquanto este regressava à sua massa e aos seus bolos.

O verde que despontava dos ramos do lado de fora da janela despertava em Gösta uma dolorosa nostalgia. Cada novo rebento encerrava a promessa de dezoito buracos e da sua Grande Bertha. Em breve, nada se iria interpor entre ele e os seus tacos de golfe.

– Já conseguiste passar do quinto buraco? – perguntou uma voz de mulher vinda da entrada. Gösta encerrou rapidamente o seu jogo de computador, com ar culpado. Maldição! Costumava conseguir ouvir quando alguém se aproximava. Estava sempre de orelhas em pé quando jogava, o que, infelizmente, lhe perturbava a concentração.

– Estava... estava só a fazer uma pausa – balbuciou Gösta, envergonhado. Sabia que os seus colegas já não tinham grande fé nas suas capacidades de trabalho, mas gostava de Hanna e desejava poder contar com o seu respeito pelo menos por mais algum tempo.

– Ora, não te preocupes com isso – Hanna deu uma gargalhada e sentou-se ao lado de Gösta. – Adoro esse jogo de golfe. E Lars, o meu marido, também, e às vezes disputamos o computador para jogar. Mas esse quinto buraco é tramado... já conseguiste passá-lo? Caso não tenhas conseguido, posso ensinar-te o truque. Demorei horas a perceber como se faz – sem esperar por uma resposta, Hanna aproximou a sua cadeira do lugar de Gösta, que mal acreditava no que ouvira.

– Ando a lutar com o quinto buraco desde a semana passada. Faça o que fizer, desvio sempre a bola para a direita ou para a esquerda. Não percebo o que é que

estou a fazer mal.

– Repara, eu mostro-te – disse Hanna, tirando-lhe o rato da mão. Com destreza, carregou no botão e arrastou a bola para o sítio certo, fez algumas manobras com o rato e a bola moveu-se para a frente, aterrando no campo de golfe no local perfeito para que Gösta a enfiasse no buraco na tacada seguinte.

– Ena, então é assim que se faz! Obrigado! – Gösta estava profundamente impressionado.

– Sim, este jogo não é brincadeira – disse Hanna com uma gargalhada, empurrando a cadeira para ficar um pouco mais afastada do colega.

– Tu e o teu marido também já jogaram golfe a sério? – perguntou Gösta com entusiasmo renovado. – Podíamos dar umas tacadas juntos.

– Infelizmente nunca jogámos – respondeu Hanna com expressão pesarosa. – Já pensámos começar, mas parece que nunca arranjam tempo.

Gösta simpatizava mais com Hanna a cada minuto que passava. Tal como Mellberg, também ele tinha ficado cético quando ouvira que o novo colega seria do sexo oposto. Havia algo na combinação de seios e uniformes policiais que parecia, bem, no mínimo um pouco estranho, mas Hanna Kruse afastara todos os seus preconceitos de uma penada. Parecia ser uma mulher simpática e terra a terra e Gösta esperava que Mellberg compreendesse isso e que não lhe dificultasse muito a vida na esquadra.

– Que faz o teu marido? – perguntou Gösta. – Já conseguiu encontrar um emprego por estas bandas?

– Sim e não – respondeu Hanna, apanhando um fio invisível da blusa do seu uniforme. – Teve a sorte de encontrar um trabalho temporário por aqui, veremos como corre. – Gösta ergueu interrogativamente as sobrancelhas. Hanna sorriu. – Lars é psicólogo e, adivinhaste. Vai trabalhar com os concorrentes durante as filmagens do concurso. De *Tanum Sempre a Abrir*, claro.

Gösta abanou a cabeça.

– Alguns de nós são provavelmente demasiado velhos para perceber qual é o interesse de ver uns tipos a saltarem constantemente para a cama uns com os outros, a cambalearem perdidos de bêbedos e a fazerem figura de parvos para o país inteiro ver. Ainda por cima de livre vontade. Não, não compreendo qual é o sentido desse tipo de coisas. Nos meus tempos víamos bons programas, como *O Cantinho de Hyland*⁶ e as produções teatrais de Nils Poppe.

– Nils quê? – perguntou Hanna.

Gösta fez um ar soleno e suspirou.

– Nils Poppe... Encenava peças de teatro que... – interrompeu-se quando Hanna deu uma gargalhada.

– Gösta, eu sei quem é Nils Poppe. E também sei quem é Lennart Hyland. Não

precisas de ficar tão aflito.

– Obrigado – disse Gösta. – Por um momento senti-me com cem anos. Uma verdadeira relíquia.

– Gösta, tu não és nenhuma relíquia – disse Hanna com uma gargalhada, levantando-se em seguida. – Continua mas é a jogar, agora que te mostrei como passar do quinto buraco. Mereces abrandar um pouco o ritmo.

Gösta lançou-lhe um caloroso sorriso de agradecimento. Que mulher!

Depois, Gösta regressou ao jogo para tentar dominar o sexto buraco. Era um par 3. Não tinha nada que saber.

– Erica, telefonaste para o hotel por causa da ementa? Quando vamos poder provar uma amostra? – Anna segurava Maja no joelho, balouçando-a para cima e para baixo. Lançou um olhar urgente a Erica.

– Merda, esqueci-me – Erica deu uma palmada na testa.

– Então é o vestido? Tencionas casar de fato de treino? E talvez Patrik possa usar o traje que usou no juramento de bandeira da academia de polícia. Se assim for, se calhar era melhor pôr uns acrescentos de tecido dos lados e coser os botões da túnica com elásticos – disse Anna com uma gargalhada sonora.

– Ah, ah, ah, tens cá uma graça – disse Erica, embora transbordasse de felicidade sempre que olhava para a irmã. Era como se Anna fosse uma nova mulher. Falava, ria, tinha apetite e, sim, também provocava a irmã mais velha. – Quando irei ter tempo para tratar de tudo isso?

– Abre os olhos, tonta, acontece que eu sou a ama *numero uno* de Fjällbacka! Emma e Adrian passam o dia no infantário, por isso posso tomar conta desta senhorinha à vontade.

– Sim, é uma ideia – disse Erica, sentindo-se desconcertada. – Não tinha pensado que tu... – prosseguiu, para logo se calar.

– Não te preocupes. Eu compreendo. Não tens podido contar comigo, mas agora estou de novo em jogo. Já não estou no banco dos suplentes, acabou.

– Já percebi que alguém tem passado demasiado tempo com Dan – disse Erica, rindo-se com gosto e apercebendo-se de que aquela era exatamente a reação que Anna pretendia. Sem dúvida que os acontecimentos dos últimos meses também tinham afetado Erica. Tinha andado completamente crispada e stressada, e só agora sentia que podia relaxar. O único problema era que se sentia cada vez mais assustada por faltarem menos de seis semanas para o casamento e por ela e Patrik estarem irremediavelmente atrasados nos preparativos da boda.

– Ora bem, vamos fazer o seguinte – disse Anna com determinação, sentando Maja no chão. – Primeiro, fazemos uma lista do que ainda falta tratar. Depois, dividimos as tarefas entre os três: eu, tu e Patrik. Talvez Kristina também possa dar uma ajuda

– Anna lançou uma olhadela interrogativa a Erica; porém, quando viu a expressão aterrorizada da irmã, acrescentou: – Ou talvez não.

– Não, por amor de Deus, mantém a minha sogra afastada disto. Se a deixássemos tratar dos preparativos, encararia o casamento como a sua festa privada. Se sonhasses as ideias que Kristina já me deu «com a melhor das intenções», como ela diz! Sabes qual foi a reação dela quando lhe dissemos que queríamos casar?

– Não, qual foi? – perguntou Anna.

– Nem sequer começou por dizer «Que bom, parabéns!» ou algo do género, o que fez foi debitar cinco críticas e observações em relação ao casamento.

Anna deu uma gargalhada.

– É mesmo típico de Kristina. E então, quais foram as queixas dela?

Erica foi ter com Maja para a levantar do chão, pois a filha tinha começado a subir resolutamente as escadas. Ainda não tinham tido tempo para comprar uma cancela.

– Bem – começou Erica –, primeiro disse que era demasiado cedo; precisaríamos de pelo menos um ano para planear tudo. Depois não gostou do facto de querermos um casamento muito simples, porque assim a tia Agda e a tia Berta e a tia Ruth, ou como raio se chamam as tias, não poderiam estar presentes. E, atenção, elas não são tias de Patrik, são *as tias de Kristina*! Patrik deve tê-las visto uma vez na vida, quando tinha uns cinco anos. Também ficou desapontada por eu não querer usar o vestido de noiva dela. Era o que faltava! Já vi fotos do casamento de Lars e Kristina, ela usou um daqueles vestidos típicos dos anos sessenta, uma coisa em croché que acaba um pouco abaixo das costas. Gostava tanto de usá-lo quanto Patrik gostaria de usar as suíças e o bigode com que o pai aparece nessas fotografias.

– Ela é completamente maluca – Anna arfava entre ataques de riso.

– Mas não é tudo – disse Erica. – Kristina exigiu que o sobrinho se encarregue do entretenimento.

– E? Qual é o problema?

Erica fez uma pausa para criar efeito.

– O sobrinho toca harpa sueca⁷.

– Não, não, deves estar a gozar. Parece que já estou a ver. Um casamento gigantesco, com todas as tias de Kristina a arrastarem-se nos seus andarilhos, contigo enfiada numa minissaia de croché, Patrik com o traje do juramento de bandeira e de suíças e tudo isso ao som da harpa sueca. Caramba, que maravilha. Pagaria o que fosse preciso para ver semelhante espetáculo.

– Isso, ri-te à vontade – disse Erica. – Mas, no ponto em que as coisas estão, não vai haver casamento. Estamos tão atrasados nos preparativos que vai ser impossível.

– Certo, escuta – disse resolutamente Anna, sentando-se à mesa da cozinha de esferográfica e papel a postos. – Vamos fazer uma lista e depois começamos a tratar de tudo. E não te atrevas sequer a deixar que Patrik pense que não precisa de fazer a

parte dele. Afinal quem é que vai casar? Tu ou os dois?

– Bem, acho que é a segunda hipótese – disse Erica com ceticismo, pois não seria fácil libertar Patrik da ilusão de que, no tocante àquele casamento, ela era ao mesmo tempo líder do projeto e pau para toda a obra. Patrik parecia pensar que, depois de se declarar, cessavam todas as suas obrigações práticas; que apenas lhe bastava aparecer na igreja a horas.

– Contratar uma banda para a boda, hum, deixa cá ver... Patrik – decidiu Anna, divertida. Escreveu o nome dele com grande determinação, enquanto Erica se deleitava por não ser ela a decidir, para variar.

– Marcar um dia para provar a ementa... Patrik.

– Escuta, isto não vai... – começou Erica, mas Anna fingiu não ouvir.

– Vestido da noiva. Bem, acho que esta é para ti. Tens de começar a fazer um esforço para tratar disto. Que dizes de darmos amanhã um salto a Uddevalla para ver se há algum vestido de jeito?

– Bem – disse hesitantemente Erica. Experimentar roupa era a última coisa que lhe apetecia fazer. Os quilos que ganhara durante a gravidez de Maja teimavam em não desaparecer e até engordara mais uns quantos depois disso. O stresse dos últimos meses não lhe dera tempo para pensar no que metia à boca. Deteve a mão que segurava o bolo que estava prestes a devorar e voltou a pô-lo no cesto. Anna ergueu os olhos da sua lista.

– Sabes, se parares de comer hidratos de carbono até ao casamento, esses quilos vão acabar por desaparecer.

– Anna, sempre tive dificuldade em emagrecer – retorquiu Erica com desânimo. Uma coisa era pensar em perder peso, outra completamente diferente era alguém lembrar-lhe que precisava de emagrecer. Mas Erica teria de agir se quisesse sentir-se bonita no dia do casamento. – Está bem, vou tentar. Nada de bolos, bolinhos, doces ou pão, nada de massas sem serem integrais, vou acabar com tudo isso.

– Bem, seja como for, ainda tens de encontrar um vestido. Se for preciso, altera-se mesmo antes do casamento.

– Só acredito quando vir – disse Erica com voz desmaiada. – Mas amanhã de manhã vamos a Uddevalla assim que deixarmos Emma e Adrian no infantário. Depois se verá. Senão, terei mesmo de casar de fato de treino – disse Erica com desânimo ao imaginar-se nessa situação. – Mais alguma coisa? – perguntou, apontando com a cabeça para a lista de Anna. A irmã continuava a anotar tarefas e a dividi-las pelos três. De repente, Erica sentiu-se imensamente cansada. Aquilo nunca iria resultar.

Atravessavam a rua sem pressas. Patrik e Martin tinham feito o mesmo caminho há apenas quatro dias e não tinham a certeza do que iriam agora encontrar. Kerstin vivia

há quatro dias com a notícia da morte da companheira. Quatro dias que seguramente lhe devem ter parecido uma eternidade.

Patrik olhou de relance para Martin e tocou à campainha. Como se estivessem coordenados, ambos respiraram fundo e depois expiraram, libertando parte da tensão que se tinha acumulado dentro deles. De certa forma, parecia egoísta da sua parte estarem tão angustiados por irem encontrar-se com uma pessoa mergulhada nas profundezas da dor. Parecia egoísmo sentirem o mais pequeno desconforto quando tudo era infinitamente mais fácil para eles do que para a pessoa que chorava a perda de um ser amado. Mas o desconforto devia-se ao receio de poderem dizer algo que não deviam, de darem um passo em falso que pudesse piorar a situação. Porém, o bom senso dizia-lhes que nada do que pudessem fazer ou dizer poderia piorar aquela dor que era quase intolerável.

Ouviram passos a aproximar-se e a porta abriu-se. Do lado de dentro não estava Kerstin, como esperavam, mas Sofie.

– Olá – disse suavemente Sofie, e Patrik e Martin conseguiram ver vestígios evidentes de vários dias de lágrimas. A rapariga não se mexeu e Patrik aclarou a garganta.

– Olá, Sofie. Lembras-te de nós? Patrik Hedström e Martin Molin – Patrik olhou para Martin, mas depois voltou-se para Sofie. – Será que... que Kerstin está em casa? Gostaríamos de falar um pouco com ela.

Sofie desviou-se e depois seguiu pelo corredor para chamar Kerstin, enquanto Patrik e Martin esperavam no vestíbulo.

– Kerstin, está aqui a polícia. Querem falar contigo.

Kerstin apareceu e o seu rosto também estava vermelho do choro. Parou ao pé dos agentes sem dizer uma palavra e nem Patrik nem Martin souberam como abordar o assunto que os tinha trazido ali. Por fim, Kerstin perguntou:

– Não querem entrar?

Ambos assentiram, descalçaram os sapatos e seguiram-na até à cozinha. Sofie também parecia querer segui-los; porém, como que por instinto, Kerstin sentiu que a conversa não seria apropriada para os ouvidos da rapariga, pois abanou a cabeça de forma quase impercetível. Por um segundo, Sofie parecia preparada para ignorar o gesto, mas depois encolheu os ombros, foi para o seu quarto e fechou a porta. A seu tempo contar-lhe-iam o que se passava; por enquanto, Patrik e Martin queriam falar com Kerstin em privado.

Patrik foi direto ao assunto assim que se sentaram.

– Descobrimos uma série de... irregularidades no acidente de Marit.

– Irregularidades? – repetiu Kerstin, olhando de um polícia para o outro.

– Sim – disse Martin. – Há vários... ferimentos que poderão não ser consequência do acidente.

– Poderão não ser? Não sabem ao certo?

– Não, ainda não temos a certeza – admitiu Patrik. – Saberemos mais quando chegar o relatório final do patologista forense. Mas há questões suficientes para que precisássemos de ter esta conversa consigo. Precisamos de saber se alguém teria motivos para querer fazer mal a Marit – Patrik viu Kerstin encolher-se e sentiu que uma ideia lhe cruzou o pensamento, uma ideia que a companheira de Marit rejeitou de imediato. Mas Patrik tinha de saber do que se tratava, não podia ignorá-lo.

– Se souber de alguém que possa ter querido fazer mal a Marit, tem de dizer-nos. Nem que seja apenas para excluir essa pessoa da lista de suspeitos. – Patrik e Martin observaram-na tensamente. Kerstin parecia debater-se com algo no seu interior, pelo que os agentes permaneceram em silêncio para lhe dar tempo de formular o que queria dizer.

– Recebemos umas cartas – as palavras surgiram lenta e relutantemente.

– Cartas? – perguntou Martin, desejoso de saber mais.

– S-ii-mm – Kerstin revolia o anel de ouro que usava no dedo anelar esquerdo. – Há quatro anos que recebemos cartas.

– E qual era o teor das cartas?

– Ameaças, lixo, coisas acerca da minha relação com Marit.

– Eram enviadas por alguém que aludia à... – Patrik fez uma pausa, sem saber que palavras utilizar – que aludia à natureza da vossa relação?

– Sim – admitiu Kerstin. – Era alguém que sabia ou suspeitava de que éramos mais do que amigas e que estava... – era a vez de Kerstin procurar as palavras certas, mas decidiu-se – ofendido.

– Eram ameaças de que género? Muito injuriosas? – Martin estava agora a anotar tudo o que Kerstin dizia.

– Eram bastante injuriosas. As cartas diziam que nós éramos seres repugnantes, que estávamos a ir contra a natureza. Que as pessoas como nós deviam morrer.

– Com que frequência recebiam essas cartas?

Kerstin pensou na resposta. Girava nervosamente o anel vezes sem conta.

– Devemos ter recebido umas três ou quatro por ano. Às vezes mais, outras menos. Não parecia haver um padrão definido. Era mais como se a tal pessoa nos enviasse uma carta quando acordava para o lado errado, se é que me entendem.

– Porque é que nunca fizeram queixa à polícia? – Martin ergueu os olhos do bloco-notas.

Kerstin lançou-lhe um sorriso irónico.

– Marit não queria. Tinha medo de que isso piorasse as coisas. Que houvesse grande alarido em torno disto e que a nossa... relação fosse tornada pública.

– E Marit não queria que isso acontecesse? – perguntou Patrik, lembrando-se em seguida de que fora precisamente esse o motivo da discussão entre Kerstin e Marit

antes de esta ter saído de carro naquela noite. Na noite em que não regressara.

– Não, não queria – respondeu Kerstin com voz apagada. – Mas nós guardámos as cartas, para o que desse e viesse – Kerstin levantou-se.

Patrik e Martin olharam um para o outro, atónitos. Nem sequer tinham pensado em perguntar se as cartas ainda existiam. Aquilo era mais do que se tinham atrevido a esperar. Assim talvez descobrissem alguma prova que os pudesse conduzir ao autor das cartas.

Kerstin regressou com um grosso maço de cartas dentro de um saco de plástico. Despejou o conteúdo sobre a mesa. Patrik tinha receio de destruir mais provas. A manipulação nos correios e por parte de Kerstin e de Marit já tinham provocado danos suficientes. Por isso, Patrik examinou cuidadosamente as cartas com a ponta da esferográfica. Ainda estavam nos respetivos envelopes e Patrik sentiu o coração bater mais depressa perante a ideia de que poderia haver vestígios de ADN sob os selos que poderiam ter sido colados com saliva do remetente.

– Podemos levá-las? – perguntou Martin, que também observava o monte de cartas com expectativa.

– Sim, levem-nas – disse Kerstin com voz cansada. – Levem-nas e depois queimem-nas quando tiverem acabado.

– Nunca receberam outras ameaças além das cartas?

Kerstin voltou a sentar-se e pensou por um momento.

– Não tenho a certeza – afirmou. – Às vezes o telefone tocava, mas quando atendíamos ninguém dizia nada. Quem quer que fosse ficava em silêncio até desligarmos. Uma vez tentámos descobrir de quem era o número, mas chegou-se à conclusão de que os telefonemas eram feitos de um telemóvel com chamadas pré-pagas; portanto, foi impossível saber a quem pertencia.

– Quando foi a última vez que receberam uma chamada dessas? – Martin esperava tensamente com a caneta suspensa sobre o bloco-notas.

– Deixem-me ver – disse Kerstin. – Julgo que deve ter sido há duas semanas – respondeu, voltando a fazer o anel girar no dedo.

– Mas não houve mais nada, além das cartas e das chamadas? Não havia ninguém que pudesse querer fazer mal a Marit? Como era a relação dela com o ex-marido, por exemplo?

Kerstin ponderou a resposta. Depois de ter olhado de relance para o corredor, para se certificar de que a porta do quarto de Sofie estava fechada, disse:

– De início, Ola costumava incomodar-nos, e até o fez durante bastante tempo. Mas as coisas têm estado mais calmas desde o ano passado.

– De que forma é que o ex-marido de Marit vos incomodava? – perguntou Patrik enquanto Martin tomava notas.

– Ola não conseguia aceitar o facto de Marit o ter deixado. Estavam juntos desde

muito novos. Mas, segundo Marit, a relação deles não corria bem há muitos anos, se é que alguma vez correu. Para dizer a verdade, Marit ficou bastante surpreendida com a intensidade da reação de Ola quando ela lhe disse que ia sair de casa. Mas Ola... – Kerstin hesitou – Ola é um maníaco controlador. Tem de estar tudo limpo e ordenado e quando Marit o deixou, a ordem foi perturbada. Provavelmente, isso foi o que mais o irritou, não o facto de a ter perdido.

– Alguma vez recorreu à violência física?

– Não propriamente – respondeu hesitantemente Kerstin, lançando uma vez mais um olhar nervoso à porta do quarto de Sofie. – Mas suponho que tudo depende de como se defina violência física. Julgo que Ola nunca lhe bateu, mas sei que chegou a arrastá-la pelo braço e que a empurrou algumas vezes, entre outras coisas do género.

– Que acordo tinham em relação a Sofie?

– Bem, inicialmente, essa foi uma das fontes de conflito. Marit mudou-se logo para minha casa e, apesar de a nossa relação não ser explícita, Ola devia ter as suas suspeitas. Opunha-se terminantemente à presença de Sofie nesta casa. Tentava sabotar o tempo que ela passava connosco, vindo buscá-la muito mais cedo do que estava combinado, por exemplo.

– Mas depois as coisas melhoraram? – perguntou Martin.

– Sim, graças a Deus. Marit foi inflexível em relação a isso e Ola acabou por compreender que era inútil comportar-se daquela maneira. Marit ameaçou chamar a polícia e tudo o mais, e ele acabou por ceder. Mas continuou sempre a detestar que Sofie viesse cá.

– Marit alguma vez disse a Ola qual a natureza da vossa relação?

– Não – Kerstin abanou vigorosamente a cabeça. – Era muito teimosa a esse respeito! Dizia que ninguém tinha nada que ver com a nossa relação. Nem sequer queria contar a Sofie – Kerstin sorriu e abanou novamente a cabeça, mas com menos veemência. – Embora Sofie me tivesse dito hoje mesmo que não se deixou enganar por um minuto que fosse. De nada serviu passarmos a vida a mudar as nossas coisas de um quarto para o outro e tentarmos beijar-nos discretamente na cozinha como se fôssemos adolescentes – Kerstin deu uma gargalhada e Patrik ficou espantado com o facto de o riso lhe suavizar o rosto. Depois, Kerstin pôs-se novamente séria. – Mas, voltando ao assunto, custa-me a acreditar que Ola pudesse ter estado implicado na morte de Marit. Já passou tanto tempo desde as piores discussões deles que, enfim, não sei, mas parece-me muito pouco provável.

– E a pessoa que escreveu as cartas e vos telefonou? Não faz ideia de quem possa ser? Marit alguma vez referiu algum cliente da loja que se tenha comportado de modo estranho ou algo assim?

Kerstin pensou durante bastante tempo mas depois abanou a cabeça.

– Não, não me ocorre ninguém. Mas talvez os senhores tenham melhor sorte – fez um gesto com a cabeça a indicar o monte de cartas.

– Pois, esperemos que sim – disse Patrik, voltando a colocar as cartas no saco e levantando-se ao mesmo tempo que Martin. – Tem a certeza de que podemos levar as cartas?

– Sim, claro. Nunca mais quero pôr-lhes a vista em cima – Kerstin seguiu-os até à porta e depois despediram-se com apertos de mão. – Quando descobrirem algo mais definitivo acerca da... – Kerstin deixou a frase por terminar.

Patrik assentiu.

– Sim, prometo entrar em contacto consigo assim que soubermos mais alguma coisa. Obrigado pelo tempo que disponibilizou para falar connosco neste... momento difícil.

Kerstin limitou-se a assentir e fechou a porta atrás deles. Patrik olhou para o saco que transportava na mão.

– Que tal enviarmos um pequeno pacote ao Laboratório Nacional de Ciências Forenses⁸?

– Parece-me uma excelente ideia – disse Martin, encaminhando-se de imediato para a estação de correios. Pelo menos já tinham algo por onde começar.

* * *

– Pois é, depositamos grandes esperanças neste projeto. É na segunda-feira que vai para o ar?

– Sim, está tudo a postos – respondeu Fredrik, lançando um sorriso rasgado a Erling.

Estavam sentados no espaçoso escritório do conselho municipal, na zona onde tinham sido colocadas algumas poltronas em torno de uma mesa. Aquela tinha sido uma das primeiras alterações da lista de Erling a ser concretizada: a substituição do enfadonho mobiliário municipal por algo um pouco mais sofisticado. Não tinha sido difícil acrescentar a fatura à contabilidade sem que ninguém desse por nada; o município estava sempre a precisar de mobiliário de escritório.

O couro rangeu ligeiramente quando Fredrik mudou de posição na poltrona.

– Estamos muito satisfeitos com o que filmámos até agora – prosseguiu. – Talvez não tenha havido muita ação, mas é bom material para apresentar as personagens, para dar o tom, se é que me percebe. Depois, cabe-nos incentivar a intriga, para conseguirmos um bom enredo. Soube que amanhã à noite vai haver por aqui um espetáculo qualquer; acho que poderia ser uma boa ocasião para começarmos. Se bem os conheço, os meus concorrentes vão certamente animar a festa.

– Bem, queremos realmente que Tanum cause pelo menos tão boa impressão nos média como Åmål e Töreboda causaram – Erling deu uma baforada no seu charuto e

olhou para o produtor através do fumo. – De certeza que não aceita um charuto? – Erling fez um gesto com a cabeça a indicar o estojo sobre a mesa. O «humidificador», como sempre lhe chamava, acentuando o «o». Aquele era um pormenor importante, apenas os amadores guardavam os seus charutos no raio de uma caixa. Os verdadeiros apreciadores tinham um humidificador.

Fredrik Rehn abanou a cabeça.

– Não, obrigado, fico-me pelos meus pregos para o caixão – Fredrik extraiu um maço de *Marlboro* do bolso e acendeu um cigarro. Um fumo espesso começava a pairar sobre a mesa.

– Nunca é de mais salientar a importância de causarmos grande sensação nas próximas semanas – Erling deu nova baforada. – Åmål apareceu pelo menos uma vez por semana nas capas das revistas enquanto andaram por lá a filmar e Töreboda não lhe ficou muito atrás. Espero que tenhamos pelo menos a mesma cobertura – Erling utilizava o charuto para enfatizar as suas palavras.

O produtor não se deixou intimidar; estava habituado a lidar com padrões de estações de TV armados em importantes e não receava um velho acabado qualquer que se autoproclamara minipapa daquela Lilliput.

– Vai haver muitas capas, confie em mim. Se não houver ação suficiente logo de início, teremos de aquecer um pouco as coisas. Acredite, sabemos exatamente em que botões carregar para agitar estes tipos. Não são lá muito sofisticados – Fredrik deu uma gargalhada e Erling juntou-se-lhe. O produtor prosseguiu: – É simplicíssimo, juntamos um grupo de adolescentes burros e sedentos da atenção dos média, fornecemos-lhes bebidas à descrição e pomos as câmaras a filmá-los ininterruptamente. Dormem pouco, comem mal e sentem-se constantemente compelidos a fazer-se notar, além de sentirem a pressão de estarem a ser observados pelos telespectadores. Se as coisas não lhes correrem bem, podem dizer adeus às idas aos bares, a passar à frente de toda a gente nas filas para as discotecas, aos engates fáceis ou ao dinheiro que ganham a posar para as páginas centrais das revistas. Acredite no que lhe digo, eles estão motivados para nos darem capas de revistas e aumentar as audiências e nós temos as ferramentas para ajudá-los a canalizar essa energia.

– Bem, não há dúvida de que o Fredrik parece saber o que faz – Erling inclinou-se para a frente e bateu com o charuto na borda do cinzeiro para deixar cair um longo rolo de cinza. – Mas deixe que lhe diga que prefiro o tipo de programas que se faziam antigamente. Isso é que era televisão de qualidade. *Esta É a Tua Vida*, aquele programa de jogos de charadas, o programa de entrevistas de Hagge Geigert. Já não se fazem apresentadores como Lasse Holmqvist e Hagge Geigert.

Fredrik conteve o impulso de revirar os olhos. Aqueles velhadas de merda tinham sempre de vir com aquela porra de os programas de TV antigos serem melhores do

que os de agora. Contudo, se Fredrik os sentasse em frente ao televisor a ver um segmento do programa do Hagge não sei das quantas, nem dez segundos demoravam a adormecer. Fredrik limitou-se a sorrir ao sacana do velho, como se concordasse completamente com ele. Era importante incentivar a colaboração de Erling.

– Mas claro que não queremos que ninguém se magoe – prosseguiu Erling, franzindo a testa de preocupação.

– Claro que não – retorquiu o produtor, fazendo igualmente um esforço para parecer preocupado e ansioso. – Estaremos sempre muito atentos quanto ao estado de saúde dos concorrentes e também já tratámos de lhes providenciar aconselhamento psicológico durante o tempo que estiverem no programa.

– Quem contrataram? – perguntou Erling, apagando o que restava do charuto.

– Tivemos a sorte de encontrar um psicólogo que acaba de se mudar para Tanum. A mulher dele foi recentemente contratada para trabalhar na esquadra. O psicólogo tem um currículo bastante consistente e estamos muito contentes por tê-lo encontrado. Vai conversar com os concorrentes individualmente e em sessões de grupo duas vezes por semana.

– Ótimo, ótimo – disse Erling, assentindo. – Fazemos questão de que todos estejam de boa saúde – afirmou, lançando um sorriso paternal a Fredrik.

– Quanto a isso, estamos completamente de acordo – o produtor retribuiu o sorriso, embora a expressão não fosse tão paternal.

Calle Stjernfelt observou com repugnância os restos de comida nos pratos. Sem saber o que fazer, segurava a escova numa mão e um prato na outra.

– Isto é um nojo – disse, incapaz de desviar os olhos dos pedaços de batata, molho e carne que se misturavam numa massa indistinta. – Ouve lá, Tina, quando é que trocamos de lugar? – disse Calle, olhando furiosamente para Tina quando esta passou vinda da cozinha, transportando dois pratos cuidadosamente preparados.

– Se for eu a mandar, nunca! – respondeu bruscamente Tina, empurrando as portas basculantes com a anca.

– Merda, odeio isto – gritou Calle, arremessando o prato para o lavatório. Uma voz vinda de trás fê-lo dar um salto.

– Ouve lá, se partires alguma coisa vamos ter de descontar o valor no teu salário – Günther, o chefe de cozinha do restaurante Gestgifveri de Tanumshede, lançou-lhe um olhar ríspido.

– Se pensas que estou aqui pelo dinheiro, estás muito enganado – disse irritadamente Calle. – Só para que saibas, em Estocolmo ganhava mais numa noite do que tu ganhas num mês – acrescentou antes de pegar noutra prato e de o deixar cair no lavatório com ar de desafio. O prato estilhaçou-se e o olhar provocador de Calle incitava Günther a reagir. Por um momento, o chefe de cozinha parecia estar

prestes a abrir a boca para gritar com ele, mas depois olhou de relance para as câmaras e afastou-se a resmungar, decidindo-se antes a mexer alguns alimentos que estavam na placa de vapor.

Calle esboçou um sorriso escarninho. Era sempre a mesma coisa em toda a parte. Em Tanumshede ou na Praça Stureplan, em Estocolmo. Não havia porra de diferença. O dinheiro é que falava. Calle crescera no meio daquela ordem mundial e tinha aprendido a viver com ela e a até a apreciá-la. Porque não? Afinal, isso só lhe trazia vantagens. A única vez que se deparou com um mundo onde o dinheiro não falava mais alto foi na ilha. O rosto de Calle ensombrou-se perante aquele pensamento.

Calle participou nas audições de *Sobreviventes* com grandes expectativas. Estava habituado a ganhar. E os outros concorrentes eram uma cambada de trabalhadores braçais, cabeleireiras e tipos que viviam à custa do subsídio de desemprego. Pensou que ia ser canja. Mas a realidade revelara-se algo bem diferente e chocante. Impossibilitado de sacar a sua carteira ou de brilhar, percebeu que havia outros fatores mais importantes em jogo. Quando a comida acabou e a sujidade e as pulgas da areia assumiram o controlo, Calle vira-se rapidamente reduzido a nada. Era um zé-ninguém. Foi a quinta pessoa em quem votaram para sair da ilha e nem sequer conseguiu ser repescado. De repente, tinha-se visto forçado a perceber que as pessoas não gostavam dele. Não é que também fosse o tipo mais estimado de Estocolmo, mas aí, pelo menos, colhia algum respeito e admiração. E as pessoas também o engraxavam, para poderem partilhar o champanhe que corria e as miúdas que enxameavam à sua volta. Na ilha, esse mundo parecera longínquo e um zero à esquerda de Småland tinha ganhado o concurso. Um carpinteiro idiota que toda a gente apapricava por ser tão genuíno, tão honesto, tão amigo de todos. Idiotas de merda! Calle queria mesmo esquecer a experiência da ilha o mais depressa possível.

Mas agora ia ser diferente. Ali estava no seu elemento natural. Bem, talvez não exatamente ali, a lavar pratos, mas ao menos tinha oportunidade de mostrar que era alguém. O dialeto do bairro chique de Östermalm, o cabelo penteado para trás com estilo e as roupas caras de estilistas valiam alguma coisa numa terra como aquela. Não precisava de andar quase nu de um lado para o outro como o raio de um selvagem a tentar valer-se da ajuda de um merdas qualquer com «personalidade». Ali podia dominar. Relutantemente, Calle pegou num prato sujo do tabuleiro e começou a lavá-lo. Tinha de falar com a produção para ver se podia trocar de lugar com Tina. Aquela função não combinava com a sua imagem.

Como se estivesse sintonizada com o seu pensamento, Tina reapareceu pela porta oscilante. Encostou-se à parede, descalçou-se e acendeu um cigarro.

– Queres um? – Tina ofereceu-lhe o maço.

– Podes crer – respondeu Calle, encostando-se igualmente à parede.

– Não é permitido fumar aqui, pois não? – perguntou Tina, expelindo um anel de fumo.

– Pois não – disse Calle, soprando um anel de fumo para perseguir o de Tina.

– Que vais fazer esta noite? – perguntou Tina, olhando para Calle.

– Vou à discoteca, ou lá como chamam àquilo. Também vais?

– Claro, parece-me boa ideia – Tina deu uma gargalhada. – Acho que já não vou a uma «discoteca» desde miúda – acrescentou, encolhendo e esticando os dedos dos pés, doridos depois de terem estado enfiados durante um par de horas nuns sapatos de salto alto.

– Vai ser fixe, do melhor. Somos os donos desta cidade. As pessoas vão aparecer só para nos verem. É bem fixe, não é?

– Sabes, estou a pensar pedir a Fredrik se ele pode dar um jeito para eu poder cantar.

Calle deu uma gargalhada.

– Estás a falar a sério?

Tina lançou-lhe um olhar magoado.

– Achas que estou a fazer isto só por ser fixe como o caraças? Tenho de aproveitar esta oportunidade ao máximo. Há meses que ando a ter lições de canto e houve montes de propostas de editoras depois de *O Bar*.

– Quer dizer que já assinaste o contrato para gravar um disco? – provocou-a Calle, dando uma longa passa no cigarro.

– Não... acabou por não dar em nada. O único problema foi que o momento não era o mais oportuno, disse o meu agente. E temos de encontrar uma canção que encaixe na minha imagem. Ele vai tentar tratar disso e também vai tentar que seja Bingo Rímer⁹ a tirar as minhas fotos publicitárias.

– A ti? – Calle soltou uma gargalhada rude. – Barbie tem mais hipóteses. Tu simplesmente não tens... – Calle deixou que os olhos vagueassem pelo corpo de Tina – o «material».

– Que queres dizer com isso? O meu corpo é pelo menos tão *sexy* como o daquela bimba de merda. Talvez eu tenha mamas um pouco mais pequenas, nada mais – Tina deixou cair o cigarro no chão e pisou-o com o salto do sapato. – E estou a poupar para umas novas – acrescentou, lançando a Calle um olhar de desafio. – Porra, já só faltam dez mil coroas para poder passar a usar um sutiã de copa D.

– Certo, desejo-te sorte – disse Calle, esmagando o seu cigarro no chão.

Nesse preciso momento, Günther regressou. O seu rosto ganhou um tom ainda mais avermelhado do que aquele que o vapor que saía das frigideiras lhe conferia.

– Estão a *fumar* aqui? É proibido, completamente proibido, absolutamente proibido! – Günther esbracejava excitadamente e Tina e Calle entreolharam-se e vaiaram-no. Aquele tipo era uma perfeita anedota. Relutantemente, regressaram aos

seus afazeres. As câmaras tinham captado tudo.

[5](#) Festival de música que decorre no mês de julho na localidade sueca com o mesmo nome. *(N. do T.)*

[6](#) *Hylands Horna*, no original. Programa de entretenimento emitido pela Televisão Sueca entre 1962 e 1983. *(N. do T.)*

[7](#) *Nyckelharpa*, no original. Antigo instrumento de origem sueca com cordas e teclas. *(N. do T.)*

[8](#) Organismo independente financiado pelo Estado e supervisionado pela polícia sueca, o *Statens Kriminaltekniska Laboratorium* (SKL) destina-se a ajudá-la na investigação de crimes. *(N. do T.)*

[9](#) Bingo Rímer nasceu em 1975 e é um dos fotógrafos suecos mais famosos da atualidade. *(N. do T.)*

OS MELHORES MOMENTOS ERAM AQUELES EM QUE SE SENTAVAM JUNTOS, MUITO JUNTOS. OS MOMENTOS EM QUE ELA PEGAVA NO LIVRO. O RESTOLHAR DAS PÁGINAS À MEDIDA QUE ELA AS VIRAVA CUIDADOSAMENTE, O AROMA DO PERFUME DELA, O TOQUE DO TECIDO MACIO DA SUA BLUSA NA FACE DELE. NESSES MOMENTOS, AS SOMBRAS MANTINHAM-SE AFASTADAS. TUDO O QUE HAVIA LÁ FORA, ASSUSTADOR E TENTADOR AO MESMO TEMPO, DEIXAVA DE TER IMPORTÂNCIA. A VOZ DELA SUBIA E DESCIA EM ONDAS SUAVES. ÀS VEZES, SE ESTIVESSEM CANSADOS, UM DELES ADORMECIA COM A CABEÇA DEITADA NO COLO DELA. OU ENTÃO ADORMECIAM OS DOIS. A ÚLTIMA COISA QUE RECORDAVAM ANTES QUE O SONO OS EMBALASSE ERA A HISTÓRIA, A VOZ, O RESTOLHAR DO PAPEL E OS DEDOS DELA A ACARICIAR-LHES O CABELO.

JÁ TINHAM OUVIDO A HISTÓRIA TANTAS VEZES. SABIAM-NA DE COR. E, NO ENTANTO, PARECIA QUE ERA SEMPRE UMA NOVA HISTÓRIA. ÀS VEZES OBSERVAVA A IRMÃ ENQUANTO A ESCUTAVA. TINHA A BOCA ENTREABERTA, OS OLHOS FIXOS NAS PÁGINAS DO LIVRO E O CABELO CAÍA-LHE EM CASCATA PELAS COSTAS DA CAMISA DE NOITE PRETA. ELE COSTUMAVA PENTEÁ-LA TODAS AS NOITES. ERA O SEU TRABALHO.

QUANDO ELA LHES LIA, DESVANECIA-SE O ENORME DESEJO DE SAIR PELA PORTA TRANCADA. ENTÃO, APENAS EXISTIA UM COLORIDO MUNDO DE AVENTURAS, CHEIO DE DRAGÕES, PRÍNCIPES E PRINCESAS. NÃO UMA PORTA TRANCADA. NÃO DUAS PORTAS TRANCADAS.

RECORDAVA-SE VAGAMENTE DE TER FICADO ASSUSTADO DE INÍCIO. MAS JÁ NÃO TINHA MEDO. PORQUE ELA CHEIRAVA TÃO BEM E O SEU TOQUE ERA TÃO MACIO, E A SUA VOZ SUBIA E DESCIA DE MODO TÃO RITMADO. PORQUE SABIA QUE ELA ESTAVA A PROTEGÊ-LO. PORQUE SABIA QUE ERA UMA AVE DE MAU AGOIRO.

PATRIK E MARTIN TINHAM FICADO NA ESQUADRA, ocupados com tarefas várias durante algumas horas enquanto esperavam que Ola regressasse a casa depois de terminar o seu dia de trabalho na Inventing. Tinham pensado ir até lá para conversar com ele, mas decidiram esperar pelas cinco da tarde, a hora a que Ola saía do emprego. Não havia motivo para o sujeitar a uma série de perguntas por parte dos colegas. Pelo menos ainda não. Kerstin não acreditara que Ola tivesse tido algo que ver com as cartas e os telefonemas anónimos. Patrik não tinha tanta certeza. O maço de cartas tinha sido enviado para o Laboratório Nacional de Ciências Forenses nessa mesma tarde e Patrik tinha incluído um pedido para ter acesso aos registos telefónicos das chamadas efetuadas para Kerstin e Marit durante o período em que tinham recebido os telefonemas anónimos.

Ola parecia ter acabado de sair do duche quando abriu a porta. Vestira-se apressadamente, mas ainda tinha o cabelo molhado.

– Sim? – perguntou impacientemente.

Patrik e Martin já não vislumbravam qualquer vestígio da expressão de dor que Ola ostentara na segunda-feira, quando lhe tinham comunicado a morte da ex-mulher. Pelo menos, as marcas não eram óbvias, ao contrário das que tinham visto no rosto de Kerstin.

– Temos mais algumas perguntas que gostaríamos de colocar-lhe.

– Ah sim? – perguntou Ola, que continuava impaciente.

– Sim, temos novos dados em relação à morte de Marit – disse Patrik, lançando-lhe um olhar insistente.

Era óbvio que Ola tinha percebido o sinal, pois afastou-se e fez um gesto a indicar-lhes que entrassem.

– Ora ainda bem que vieram, porque tenho andado para vos telefonar.

– Ah sim? – disse Patrik, sentando-se no sofá. Desta vez, Ola não os tinha conduzido à cozinha, seguindo antes à frente dos dois agentes até ao conjunto de sofás da sala de estar.

– Sim, gostava de saber se seria possível conseguirem-me uma ordem judicial de interdição – Ola sentou-se numa grande poltrona de couro e traçou a perna.

– Uma ordem judicial de interdição contra quem? – perguntou Martin, olhando inquisitoriamente para Patrik.

Os olhos de Ola faiscaram.

– Contra Kerstin. Para proteger Sofie.

Nenhum dos agentes mostrou qualquer surpresa.

– E qual é o motivo do seu pedido? – o tom de Patrik era enganadoramente calmo.
– Não faz sentido que Sofie continue a ir a casa daquela... daquela... pessoa! – disse Ola com tal fúria que os salpicou de saliva. Depois inclinou-se para a frente e prosseguiu, com os cotovelos apoiados nas pernas: – Sofie foi até lá hoje. A mochila tinha desaparecido quando vim almoçar a casa e eu telefonei às amigas dela. Deve ter ido ter com aquela... lésbica. Será que não podem fazer alguma coisa para acabar com isto? Quer dizer, claro que eu vou ter uma conversa muito séria com a minha filha quando ela voltar a casa, mas deve haver alguma forma legal de impedir tais coisas, não é verdade?

– Bem, isso poderá ser difícil – disse Patrik, que via as suas suspeitas confirmarem-se. O motivo que os levara a quererem conversar novamente com Ola parecia agora cada vez mais pertinente. – Uma ordem judicial de interdição é uma medida extrema e não acho que se aplique neste caso – Patrik olhou para Ola, que estava a ficar claramente agitado.

– Mas, mas... – balbuciou. – Que diabo hei de fazer? Sofie tem quinze anos e eu não posso trancá-la em casa se ela se recusar a obedecer e aquela maldita... – Ola engoliu as palavras com dificuldade –, de certeza que não vai colaborar. Quando Marit era viva, tive de aceitar... aquilo tudo, mas agora não vou continuar a aturar esta porra, caramba! – Ola bateu com o punho no tampo de vidro da mesa de café, o que fez Patrik e Martin darem um salto.

– Quer dizer que não aprova o estilo de vida pelo qual a sua ex-mulher optou?

– Optou? Estilo de vida? – Ola resfolegou. – Se a cabra da Kerstin não tivesse posto aquelas ideias na cabeça de Marit, nada disto teria acontecido. Se não fosse isso, eu, Marit e Sofie podíamos ter continuado juntos. Em vez disso, Marit não só nos traiu a mim e a Sofie, e destruiu a família, como fez de todos nós motivo de chacota! – Ola abanou a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar no que tinha acontecido.

– O senhor manifestou a sua desaprovação de alguma forma? – perguntou astutamente Patrik.

Ola lançou-lhe um olhar de suspeição.

– Aonde quer chegar? É verdade, nunca escondi o que sentia por causa de Marit nos ter abandonado, mas fiz questão de não revelar a ninguém o que a motivou a separar-se de mim. Não é algo que se queira andar a alardear por aí, o facto de a nossa mulher ter passado a jogar na outra equipa. Ser trocado por uma mulher não é motivo de orgulho para ninguém. – Ola tentou dar uma gargalhada, mas a amargura na sua voz fez com que soasse sinistra.

– Portanto, não fez nada para incomodar a sua ex-mulher e Kerstin?

– Não percebo aonde quer chegar... – respondeu Ola, semicerrando os olhos.

– Estamos a falar de cartas e telefonemas – esclareceu Martin. – De cartas e

telefonemas ameaçadores.

– Acham que *eu* faria uma coisa dessas? – disse Ola, arregalando os olhos. Era difícil perceber se a sua surpresa era genuína ou se estava apenas a representar. – Que importância é que isso tem agora? Quer dizer, afinal, a morte de Marit foi acidental.

De momento, Patrik ignorou o comentário. Não queria revelar tudo o que sabiam de uma vez, preferindo fazê-lo pouco a pouco.

– Alguém enviou cartas anónimas e fez telefonemas anónimos a Kerstin e Marit.

– Bem, isso não é nenhuma surpresa, pois não? – disse Ola com um sorriso. – As mulheres como elas tendem a atrair esse tipo de atenções. É possível que essas coisas sejam toleradas nas grandes cidades, mas não aqui, na província.

Patrik estava quase a sufocar, tantos eram os preconceitos que o homem sentado na poltrona demonstrava. Com dificuldade, resistiu à tentação de agarrá-lo pelos colarinhos e dizer-lhe umas verdades. O seu único consolo era que Ola estava a enterrar-se cada vez mais na lama a cada frase que proferia.

– Quer dizer que não foi o Ola que escreveu aquelas cartas e estava constantemente a telefonar a Kerstin e a Marit? – perguntou Martin com a mesma expressão de repulsa mal disfarçada.

– Não, nunca me rebaixaria a ponto de fazer tais coisas – Ola lançou-lhes um sorriso sobranceiro. Estava tão seguro de si e a sua casa estava tão imaculadamente limpa e arrumada. Patrik ansiou por abanar um pouco o mundo ordenado de Ola.

– Portanto, não se opõe a que lhe tiremos impressões digitais? Nem que as comparemos com as que o laboratório forense encontre nos envelopes?

– Impressões digitais? – o sorriso de Ola esfumou-se de repente. – Não compreendo. Porquê estar agora a remexer em tudo isto? – a ansiedade no seu rosto era evidente. Patrik riu-se para dentro; uma olhadela a Martin mostrou-lhe que o colega estava a reagir de modo semelhante.

– Primeiro responda à pergunta. Posso presumir que nos deixará tirar as suas impressões digitais de livre vontade para que o possamos excluir da investigação?

Agora, Ola contorcia-se na poltrona de couro. Os olhos deslocavam-se de um ponto para o outro e começou a mexer nervosamente nos objetos que se encontravam sobre a mesa. Aos olhos de Patrik e Martin, os objetos já se encontravam dispostos em filas direitas como setas; porém, aparentemente, Ola não partilhava o ponto de vista deles; estava constantemente a movê-los uns milímetros em diferentes direções até estarem suficientemente alinhados para lhe acalmarem os nervos.

– Bem – disse Ola. – Acho que vou ter de confessar – o seu sorriso regressara. Recostou-se e parecia ter recuperado o equilíbrio que por um momento aparentara ter perdido. – Mais vale dizer a verdade. Realmente enviei algumas cartas e também

liguei a Kerstin e a Marit algumas vezes. Claro que foi uma estupidez, mas esperava que Marit se apercebesse de que aquela relação não iria durar. Esperava que ela ouvisse a voz da razão. Tivemos uma vida tão boa, juntos. E podíamos voltar a ter. Se ao menos Marit desistisse daquelas ideias idiotas e parasse de fazer figura de parva, e de me colocar naquela situação. E as coisas ainda eram piores para Sofie. Imagine-se ter de suportar aquilo na idade dela! Sofie acabaria por ser completamente marginalizada na escola. Marit tinha de compreendê-lo. Aquilo não iria resultar, pura e simplesmente.

– Mas há quatro anos que estava a resultar; portanto, parece que Marit não estava com muita pressa de voltar para si – Patrik mantinha uma expressão enganadoramente neutra.

– Era só uma questão de tempo – Ola estava novamente a reordenar os objetos sobre a mesa. De repente, voltou-se para os agentes sentados no sofá. – Só não consigo compreender que importância tem isso agora! Marit está morta e se eu e Sofie nos conseguirmos livrar daquela mulher, poderemos seguir em frente com as nossas vidas. Porquê estar a mexer em tudo isto agora?

– Porque há vários dados que indicam que a morte de Marit não foi accidental.

O choque de Ola fez com que a sala ficasse completamente mergulhada em silêncio por um momento. Ola olhou-os, embasbacado.

– Não foi accidental? – perguntou, olhando ora para Patrik, ora para Martin. – Que querem dizer com isso? Alguém a ...? – Ola deixou a frase por terminar. Se o seu espanto não era genuíno, Ola era um excelente ator. Patrik teria dado muito para saber exatamente o que ia na cabeça do ex-marido de Marit naquele momento.

– Sim, cremos que alguém pode ter estado envolvido na morte de Marit. Em breve saberemos mais. Mas, por enquanto, o Ola... é o nosso principal suspeito.

– Eu? – perguntou Ola, incrédulo. – Mas eu nunca faria nada que prejudicasse Marit! Eu amava-a! Só queria que fôssemos novamente uma família!

– E foi esse grande amor que o motivou a ameaçar Marit e a namorada dela? – a voz de Patrik transbordava sarcasmo.

Ola estremeceu ao ouvir a palavra «namorada».

– Mas ela não compreendia! Devia estar a passar por uma espécie de crise de meia-idade quando fez quarenta anos. Deve ter havido uma alteração hormonal e isso deve ter-lhe afetado o cérebro. Deve ter sido por isso que deitou tudo a perder. Estávamos juntos há vinte anos, será que não consegue perceber? Conhecemo-nos na Noruega quando tínhamos dezasseis anos e eu pensava que iríamos ficar juntos para sempre. Passámos por uma série de... – Ola fez uma pausa – merdas juntos quando éramos novos, mas acabámos por conseguir ter tudo o que queríamos. E depois... – Ola tinha estado a levantar a voz e afastava agora os braços num gesto que indiciava ainda não ter compreendido o que tinha acontecido ao seu casamento há quatro anos.

– Onde estava na noite do passado domingo? – Patrik lançou-lhe um olhar severo e esperou pela resposta.

Ola olhou para Patrik com incredulidade.

– Está a pedir-me um álibi? É isso que está a fazer? Quer a porra do meu álibi para domingo à noite? É isso que quer?

– Correto – respondeu calmamente Patrik.

Ola parecia estar à beira de perder o autocontrolo, mas conseguiu refrear-se.

– Estive toda a noite em casa. Sozinho. Sofie estava a passar a noite em casa de uma amiga, por isso não há ninguém que possa confirmar que estive aqui. Mas é verdade – o olhar de Ola era de desafio.

– Não falou com ninguém ao telefone? Nenhum vizinho veio cá a casa? – perguntou Martin.

– Não – respondeu Ola.

– Bem, isto não está com boa cara – disse laconicamente Patrik. – Portanto, terá de permanecer como suspeito, no caso de se provar que a morte de Marit não foi acidental.

Ola esboçou um sorriso amargo.

– Quer dizer que não têm a certeza. No entanto, vêm aqui e exigem-me um álibi – abanou a cabeça. – Estão completamente loucos – Ola ergueu-se da poltrona. – E agora acho que está na altura de se irem embora.

Patrik e Martin levantaram-se.

– Também já tínhamos terminado o que nos trouxe aqui. Mas poderemos voltar.

Ola riu-se novamente.

– Pois, não duvido – disse, dirigindo-se à cozinha sem se preocupar em despedir-se.

Patrik e Martin saíram sozinhos. Depois de fecharem a porta, fizeram uma pequena pausa.

– Bem, que te parece? – perguntou Martin, correndo o fecho do blusão até cima. O verdadeiro calor primaveril ainda não chegara e o vento ainda era frio.

– Não sei – suspirou Patrik. – Se tivéssemos a certeza de que estávamos a investigar um homicídio seria mais fácil, mas assim... – Patrik suspirou novamente.

– Se ao menos me lembrasse porque é que este cenário me parece tão familiar. Há algo que... – Patrik calou-se e abanou a cabeça com uma expressão amargurada. – Não, realmente não consigo lembrar-me do que possa ser. Talvez os peritos tenham conseguido descobrir alguma coisa no carro de Marit.

– Esperemos que sim – retorquiu Martin.

– Sabes, acho que vou a pé para casa – disse Patrik quando se dirigiam ao carro.

– Então e como é que vais para a esquadra amanhã?

– Cá me hei de arranjar. Talvez peça a Erica para me dar boleia no carro de Anna.

– Então está bem – disse Martin. – Levo o carro e sigo para casa. Pia não se estava a sentir muito bem esta manhã, por isso tenho de ir para casa para lhe dar uns mimos.

– Não é grave, espero – disse Patrik.

– Não, mas tem andado um pouco indisposta nos últimos dias.

– Estará... – começou Patrik, mas um olhar de relance de Martin cortou-lhe o pio. Certo, não era o momento para fazer aquela pergunta. Patrik riu à socapa e acenou a Martin quando este entrou no carro. Ia ser bom chegar a casa.

Lars massajava os ombros de Hanna, que estava sentada à mesa da cozinha de olhos fechados e com os braços languidamente caídos para os lados. Mas os ombros de Hanna estavam duros como pedras e Lars tentava aliviar a tensão acumulada da forma mais suave possível.

– Caramba, devias ir a um fisioterapeuta, os teus músculos estão todos contraídos.

– Hum, eu sei – disse Hanna, estremecendo quando Lars lhe pressionou o ombro para trabalhar um músculo mais tenso. – Ai! – queixou-se.

Lars parou imediatamente.

– Dói-te? Queres que pare?

– Não, continua – disse Hanna, ainda com um esgar de dor. Mas era uma dor agradável. A sensação de um músculo contraído a relaxar era maravilhosa.

– O trabalho está a correr bem? – as mãos de Lars não paravam de massajar.

– Sim, bastante bem – respondeu Hanna. – Mas é uma esquadra um pouco enfadonha. Nenhum deles é particularmente perspicaz. Com a possível exceção de Patrik Hedström. E o tipo mais novo, Martin, também poderá vir a tornar-se bom polícia. Agora Gösta e Mellberg! – Hanna deu uma gargalhada. – Gösta passa o tempo a jogar computador e mal vi Mellberg. Fica-se pelo seu gabinete o dia inteiro. Isto vai ser um desafio e peras.

O ambiente continuou descontraído durante mais algum tempo. Porém, os velhos fantasmas não tardaram a intrometer-se sorrateiramente e a tensão habitual abateu-se sobre eles. Tinham tanta coisa para dizer um ao outro. Havia tanto para fazer. Mas isso nunca acontecia. O passado pairava sobre eles como um gigantesco obstáculo que nunca conseguiam ultrapassar. Tinham-se resignado. A questão agora era se queriam sequer ultrapassá-lo.

As mãos de Lars passaram de uma massagem para uma carícia ao tocarem no pescoço dela. Ainda de olhos fechados, Hanna gemeu ao de leve.

– Será que isto nunca vai acabar, Lars? – sussurrou, enquanto as mãos dele continuavam a acariciá-la, descendo pelos ombros, avançando pela clavícula, passando por baixo do camisolão. A boca de Lars estava agora perto da orelha dela e Hanna sentiu o calor do seu hálito.

– Não sei. Não sei mesmo, Hanna.
– Mas temos de falar sobre isto. Algum dia teremos de falar sobre isto – Hanna conseguia ouvir o tom implorante e desesperado que a sua voz sempre traía quando o assunto vinha à baila.

– Não temos, não – agora, a língua de Lars explorava o lóbulo da orelha de Hanna. Ela tentava resistir, mas o desejo estava a crescer dentro dela, como sempre acontecia.

– Mas então, o que vamos fazer? – o desespero misturava-se agora com o desejo e Hanna virou-se abruptamente para ele.

Com a cara perto do rosto de Hanna, Lars respondeu:

– Vamos viver as nossas vidas. Dia a dia. Hora a hora. Vamos trabalhar, rir, fazer tudo o que se espera que façamos. Nós amamo-nos.

– Mas... – os protestos de Hanna pararam quando Lars a beijou. A capitulação que se seguiu era-lhe demasiado familiar. Sentiu as mãos dele a percorrer-lhe o corpo. Deixavam marcas ardentes no seu rasto e Hanna sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Todos aqueles anos de frustração, de vergonha, de paixão, estavam contidos naquelas lágrimas. Lars lambia-as sofregamente e a sua língua deixava marcas húmidas nas faces de Hanna. Tentou afastar-se, mas o amor dele, o desejo dele, era intenso e não a deixava libertar-se. Por fim, Hanna cedeu. Limpou a mente de todos os pensamentos, de todo o passado. Reagiu aos beijos de Lars e agarrou-se a ele quando Lars pressionou o corpo contra o seu. Arrancaram as roupas um ao outro e caíram no chão da cozinha. Lá longe, Hanna conseguia ouvir-se a gritar.

Depois sentiu-se tão vazia como sempre. E perdida.

– Patrik parecia estar muito em baixo quando chegou ontem a casa – Anna lançou uma olhadela a Erica, que se concentrava na condução.

Erica suspirou.

– Sim, anda mal-humorado. Tentei falar com ele esta manhã quando fui deixá-lo na esquadra, mas não estava muito falador. Já vi aquela expressão antes. Há algo que o preocupa, algo no trabalho que o está a consumir. A única coisa que posso fazer é dar-lhe tempo; mais cedo ou mais tarde, Patrik vai começar a falar.

– Homens – disse Anna, e o seu rosto ensombrou-se. Erica intuiu a reação da irmã e sentiu infantilmente um nó no estômago. Vivia no eterno temor de que Anna voltasse a cair na apatia, de que perdesse a faísca vital que se tinha reacendido nela. Porém, naquele momento, Anna conseguiu afastar as recordações do inferno que vivera, as recordações que estavam constantemente a abrir caminho na sua mente.

– Terá alguma coisa que ver com o acidente? – perguntou Anna.

– Julgo que sim – disse Erica, olhando cautelosamente em redor antes de entrar numa rotunda, perto de Torp. – Seja como for, Patrik disse-me que estão a investigar

umas discrepâncias que surgiram e que o acidente lhe lembrava algo.

– O quê? – perguntou Anna. – O que é que um acidente de viação lhe poderia lembrar?

– Não sei. Foi o que Patrik disse. E que ia investigar isso melhor na esquadra, tentar chegar ao fundo da questão.

– Presumo que não tenhas tido oportunidade de mostrar-lhe a lista.

Erica deu uma gargalhada.

– Não, não tive coragem, ele estava tão abatido. Tentarei mostrar-lha este fim de semana, como quem não quer a coisa, quando for o momento adequado.

– Ótimo – disse Anna. Sem que lho tivesse sido pedido, tinha assumido o papel de planeadora principal e de coordenadora do projeto do casamento. – O mais importante é falar com Patrik acerca do que ele vai usar na cerimónia. Podemos tratar disso hoje e tu podes escolher algumas roupas que queiras que ele experimente, mas essa parte não vai ser fácil sem a presença dele.

– Bem, o problema não vai ser o que Patrik vai usar, vai ser o que eu vou usar – disse Erica com tristeza. – Achas que têm uma secção de tamanhos muito grandes na loja de vestidos de noiva? – Erica virou para o parque de estacionamento em Kampenhof e desapertou o cinto de segurança. Anna fez o mesmo e depois virou-se para Erica.

– Não te preocupes, vais estar fantástica no dia do casamento.

– Só acredito quando vir – disse Erica. – Prepara-te, isto não vai ser divertido – trancou o carro e seguiu pela rua principal, com Maja sentada no carrinho. A loja ficava numa das transversais estreitas e Erica ligara para lá antes de saírem para se certificar de que estaria aberta. Anna não disse nada até terem chegado à loja. Apertou o braço da irmã quando entraram, para lhe incutir um pouco de entusiasmo. Afinal, estavam à procura de um vestido de noiva.

Erica respirou fundo quando fecharam a porta depois de entrarem. Branco, branco, branco. Tule e renda, pérolas e lantejoulas. Uma mulher baixa na casa dos sessenta e excessivamente maquilhada foi ao encontro das irmãs.

– Bem-vindas, bem-vindas! – chilreou a mulher, batendo palmas, entusiasmada. Erica pensou cinicamente que a dona da loja não devia ter muitos clientes, tendo em conta a satisfação que sentiu ao vê-las.

Anna aproximou-se da mulher e assumiu o comando das operações.

– Gostaríamos de ver um vestido de noiva aqui para a minha irmã – disse, apontando para Erica, ao que a mulher bateu novamente palmas.

– Oh, que maravilha, vai casar?

«Não, apenas me apetece ter um vestido de noiva», pensou Erica com irritação, mas manteve o comentário para si própria.

Anna pareceu ouvir o que Erica estava a pensar e não tardou a acrescentar:

– O casamento vai ser no sábado de Pentecostes.
– Nossa senhora! – exclamou a mulher, espantada. – Então vai ter de apressar-se mesmo muito. Falta menos de um mês. Não é nada cedo para começar a procurar um vestido.

Uma vez mais, Erica engoliu um comentário sarcástico ao sentir a mão de Anna no ombro. A mulher fez-lhes sinal para se aproximarem e Erica seguiu-a hesitantemente. Aquela situação era tão... estranha. Erica nunca tinha posto os pés numa loja de roupa para casamentos, o que podia explicar a sensação de estranheza. Olhou em redor e a cabeça começou a andar à roda. Como diabo conseguiria desencantar ali um vestido, no meio daquele mar de folhos?

Anna apercebeu-se novamente da disposição da irmã. Apontou para uma poltrona e disse a Erica para se sentar. Erica pôs Maja no chão. Então, Anna disse com voz decidida:

– Talvez possa trazer vários vestidos de estilos diferentes para a minha irmã poder ver. Não traga nada com muitos folhos nem com demasiados adornos. Queremos algo simples e clássico. Mas talvez também com algum pormenor que lhe dê um toque de elegância. Não achas? – Anna lançou uma olhadela a Erica, que não pôde deixar de sorrir. Anna conhecia-a quase melhor do que ela própria.

Começaram a aparecer vestidos uns atrás dos outros. Erica ia abanando a cabeça a uns e aprovando outros. Por fim, restavam no cabide os cinco vestidos que Erica tinha selecionado. Entrou no gabinete de provas com o coração nas mãos. Aquele *não* era o seu passatempo preferido. Ver o seu corpo de três ângulos diferentes, ao mesmo tempo que a luz iluminava implacavelmente tudo o que tinha estado escondido debaixo das roupas de inverno era uma experiência de pôr os nervos em franja. Sobretudo depois de Erica ter notado que talvez devesse ter utilizado uma lâmina, aqui e ali. Bem, agora era tarde de mais para tratar disso. Erica enfiou cuidadosamente o primeiro vestido. Era muito decotado e não tinha alças, pelo que soube, mal subiu o fecho de correr, que não ia ser um sucesso.

– Está tudo bem? – perguntou a mulher no seu tom mais entusiástico do lado de fora do gabinete. – Precisa de ajuda com o fecho de correr?

– Sim, acho que sim – disse Erica, saindo relutantemente do gabinete. Virou-se para que a mulher lhe pudesse apertar o fecho, respirou fundo e contemplou-se no espelho de corpo inteiro. Aquilo não tinha remédio, era completamente escusado. Erica sentiu os olhos marejarem-se de lágrimas. Não era assim que se tinha imaginado como noiva. Nos seus sonhos estava sempre elegantemente magra, tinha o peito firme e a pele brilhante. A figura que a mirava do espelho parecia uma versão feminina do homem da Michelin. Rolos de gordura salientes na cintura e pele macilenta e baça por causa do frio invernal. O corpete também tinha criado estranhas salsichas de gordura e pele debaixo das axilas. Estava pavorosa. Engoliu as lágrimas

e regressou ao gabinete de provas. Sem saber como, conseguiu descer o fecho de correr sem ajuda e despiu o vestido. Que viesse o próximo.

Erica conseguiu vesti-lo sozinha e foi mostrá-lo a Anna e à dona da loja. Dessa vez não conseguiu esconder o que sentia; via claramente o lábio inferior a estremecer no espelho. Derramou algumas lágrimas que limpou bruscamente com as costas da mão. Não queria estar para ali a chorar, cheia de vergonha do seu corpo, mas não conseguia disfarçar o que sentia. Aquele vestido também lhe assentava horivelmente. Tinha um corte simples, mas tinha uma gola subida, o que, pelo menos, eliminava os rolos sob os braços. A maior preocupação de Erica era a barriga. Por mais que tentasse, não fazia ideia de como conseguiria ficar suficientemente em forma para se sentir bonita no dia do casamento. Aquela deveria ser uma ocasião agradável, não era? Era algo que desejara a vida inteira. Estar ali a experimentar vestidos de noiva fantásticos uns a seguir aos outros. Imaginara como os olhares de admiração de todos os convidados se voltariam para ela quando caminhasse pela nave da igreja de braço dado com o noivo. Nos seus sonhos, Erica parecia sempre uma princesa no dia do casamento. Rolaram-lhe mais lágrimas pelas faces e Anna aproximou-se dela e pôs-lhe a mão no braço nu.

– Que foi, querida?

Erica soluçou.

– Estou, estou... tão gorda. Fica-me tudo horivelmente mal.

– Não estás nada gorda. Ficaram-te uns quilos da gravidez, nada mais, e vamos resolver isso antes do casamento. Tens uma figura fantástica. Quer dizer, olha para este decote, por exemplo. Era capaz de matar para ter um decote assim quando casei

– Anna apontou para o espelho e Erica olhou relutantemente para o seu reflexo. Primeiro viu o seu rosto patético com as marcas das lágrimas e o nariz vermelho e inchado. Depois olhou para baixo e, sim, talvez Anna tivesse razão. Havia realmente ali um decote bastante agradável.

Então, a dona da loja juntou-se à conversa.

– O vestido serve-lhe, só lhe falta a roupa interior adequada – comentou de forma aprovadora. – Se o experimentar com um *body* ou com uma cinta por baixo, essa barriguinha vai desaparecer como que por encanto. Acredite, já vi coisas bem piores nestes anos todos. Como disse a sua irmã, a menina tem uma figura maravilhosa. Só precisa de encontrar um vestido que lhe accentue as curvas. Tome, experimente este. Garanto-lhe que vai ficar muito mais animada. Este vai assentar-lhe ainda melhor. – A mulher tirou um dos vestidos do cabide e entregou-o a Erica, que voltou relutantemente a entrar no gabinete. Com expressão cética, Erica enfiou o vestido e voltou a sair. Respirou fundo, expirou e depois foi pôr-se em frente ao enorme espelho tão estoicamente como um soldado a regressar à linha da frente. Um sorriso de espanto espalhou-se-lhe pelo rosto. Aquele vestido era algo completamente

diferente. Servia-lhe... na perfeição! Aquele vestido fazia com que tudo o que anteriormente parecera horrível se virasse a seu favor. A barriga ainda ficava demasiado saída, mas isso não era nada que uma boa cinta não resolvesse. Lançou a Anna e à mulher um olhar de surpresa. Encantada, Anna limitou-se a assentir, ao passo que a dona da loja bateu palmas, deleitada.

– Ena, que *noiva*! Eu não lhe disse? Este vestido é perfeito para a sua altura e para a sua figura!

Erica viu-se ao espelho uma vez mais, ainda algo hesitante. Mas tinha de concordar. Sentia-se uma princesa. Desde que conseguisse livrar-se de alguns daqueles quilos em excesso durante as semanas que antecederiam o casamento, o vestido ficaria simplesmente perfeito. Erica virou-se para Anna.

– Não preciso de experimentar mais nenhum. Levo este!

– Fantástico! – exultou a mulher. – Acho que vai ficar mais do que satisfeita. Se quiser, pode deixá-lo aqui até ao casamento, assim podemos fazer uma última prova uma semana antes da cerimónia. Para o caso de precisar de ser apertado. Haverá tempo suficiente.

– Obrigada, Anna – sussurrou Erica, apertando-lhe a mão. Anna retribuiu o gesto. – Ficas simplesmente deslumbrante nesse vestido – disse, e Erica julgou ver lágrimas nos olhos da irmã. Era um momento maravilhoso. Um momento que ambas mereciam, depois de tudo por que tinham passado.

– Então, como têm corrido as coisas até agora? – Lars olhou para todos os elementos do grupo, sentados em semicírculo. Ninguém disse uma palavra. A maioria olhava fixamente para os sapatos. Mas não Barbie, que o observava intensamente.

– Alguém quer começar? – Lars lançou-lhes um olhar de encorajamento e, ao menos, alguns deles ergueram os olhos dos sapatos. Por fim, Mehmet falou:

– Sim, tem corrido bem – disse o rapaz sem acrescentar mais nada.

– Podias ser mais preciso? – Lars falava num tom suave e ligeiramente persuasivo.

– Bem, quer dizer, até agora tem sido excelente. O emprego é, tipo, fixe e tudo... – Mehmet ficou novamente em silêncio.

– Como é que os restantes se sentem em relação aos empregos que vos foram atribuídos?

– Empregos? – Calle resfolegou. – A única coisa que faço é estar para ali a lavar pratos o dia todo. Mas vou falar com Fredrik acerca disso esta tarde. Tenho de tratar de fazer umas alterações naquela frente – Calle lançou a Tina uma olhadela plena de significado. A rapariga limitou-se a olhá-lo com raiva.

– E a ti, Jonna, como te correu a semana?

Jonna era a única que ainda parecia estar a achar os sapatos incrivelmente

interessantes. Murmurou algo em resposta, mas sem erguer os olhos. Todos os concorrentes, sentados em semicírculo no meio do salão do centro comunitário, se inclinaram para a frente para tentar ouvir o que Jonna estava a dizer.

– Desculpa, Jonna, não ouvimos o que disseste. Podes repetir? E gostava que fizesses o favor de olhar para nós quando falares connosco, caso contrário ficamos com a sensação de que não nos respeitas. É essa a tua intenção, Jonna?

– Então, é essa a tua ideia? – perguntou bruscamente Uffe ao mesmo tempo que dava uma pisadela a Jonna. – Achas-te melhor do que nós, ou quê? – insistiu.

– Isso não é lá muito construtivo, Uffe – advertiu Lars. – O que pretendemos conseguir aqui é um ambiente amistoso e seguro onde todos possam expressar os seus sentimentos e experiências num contexto de proteção e apoio.

– Se calhar está a usar palavras demasiado caras para Uffe – disse Tina com escárnio. – Terá de usar frases mais simples se quiser que Uffe o acompanhe.

– Cabra de merda – foi a resposta eloquente de Uffe, que ficou a olhar para Tina com ódio.

– Era exatamente disso que eu estava a falar – a voz de Lars assumira um tom severo. – Não adianta estarem a embirrar com os outros dessa maneira. Estão todos numa situação extrema que pode ser muito desgastante a nível emocional. Esta é uma oportunidade de libertarem a pressão de forma saudável – Lars olhou para todos os elementos do grupo, fixando o seu olhar de desaprovação num concorrente de cada vez. Alguns assentiram. Barbie pôs o braço no ar para pedir a palavra.

– Sim, Lillemor? – perguntou Lars, ao que a rapariga baixou o braço.

– Antes de mais, o meu nome não é Lillemor, agora é Barbie – disse, fazendo beicinho. Mas depois sorriu. – Só queria dizer que acho fantástico podermos vir para aqui dizer o que nos vai na alma. Nunca tivemos nada disto no *Big Brother*.

– Ó Barbie, deixa-te de merdas – atirou Uffe, afundando-se na cadeira e olhando fixamente para Barbie. O sorriso da rapariga sumiu-se e Barbie baixou os olhos.

– Acho que isso foi muito bem dito – afirmou Lars, tentando encorajar Barbie. E também vão ter oportunidade de fazer terapia individual, além da terapia de grupo. Acho que agora vamos terminar o segmento de grupo, por isso talvez eu e tu... Barbie, possamos dar início à terapia individual, está bem?

Barbie olhou para cima e sorriu novamente.

– Sim, isso era bom. Há montes de coisas de que preciso de falar.

– Excelente – disse Lars, retribuindo o sorriso de Barbie. – Então sugiro irmos até à sala que há nas traseiras do cenário para podermos conversar sem sermos perturbados. Depois falo com todos pela ordem em que estão sentados. Depois de Barbie é a vez de Tina, a seguir vem Uffe e assim por diante. Pode ser? – ninguém respondeu e Lars interpretou o silêncio como assentimento.

Assim que a porta se fechou atrás de Barbie e de Lars, começaram todos a falar.

Todos, menos Jonna que, como era habitual, preferia o silêncio.

– Grande treta – escarneceu Uffe, dando uma palmada no joelho.

Mehmet lançou-lhe um olhar zangado.

– Que queres dizer com isso? Eu acho que isto é uma coisa boa. Sabem bem como às vezes ficamos todos lixados depois de passarmos uma ou duas semanas neste tipo de concursos. Acho que é excelente que, para variar, pensem nos concorrentes. Querem que nos sintamos bem.

– «Querem que nos sintamos bem» – imitou-o Uffe com voz esganiçada. – És cá um mariconço, Mehmet. Sabias que és um mariconço? Devias era estar a apresentar um daqueles programas de meditação na TV, enfiado numas *leggings* e a fazer ioga ou lá como se chama essa merda.

– Não lhe liguês, está só a ser estúpido – disse Tina, olhando com raiva para Uffe, que não tardou a apontar-lhe as baterias.

– Que estás para aí a dizer, minha cabra? Achas-te muito espertinha, não é? Sempre a gabares-te das tuas boas notas e da quantidade de palavras caras que sabes. Tens a mania de que és melhor do que nós. E agora também achas que vais ser uma estrela *pop* – a gargalhada de Uffe transbordava desprezo. O rapaz olhou para o grupo em busca de apoio. Ninguém reagiu. Mas também ninguém protestou; por isso, Uffe prosseguiu: – Acreditas mesmo nessa merda? Vais fazer figura de parva e vais envergonhar-nos a todos. Soube que os convenceste a deixarem-te cantar a merda da tua música patética hoje à noite e estou ansioso por ver o pessoal a atirar-te tomates podres. Porra, eu próprio vou lá estar, mesmo na primeira fila, para te atirar alguns.

– Agora é melhor calares a boca, Uffe – disse Mehmet, trespassando-o com o olhar. – Estás é com ciúmes por Tina ter talento, ao passo que a única coisa que tu tens é uma curta carreira como idiota do *reality show*. Quando isto acabar, vais outra vez para o armazém acartar caixas o dia inteiro.

Uffe deu nova gargalhada, mas agora parecia nervoso. Havia uma ponta de verdade nas palavras de Mehmet e isso fez com que o desconforto crescesse dentro dele. Mas afastou logo aquela sensação.

– Não és obrigado a acreditar em mim, mas tu e todos vão ter oportunidade de ouvi-la hoje à noite. Bem, os campónios desta cidade vão morrer a rir.

– Odeio-te, Uffe, nunca te esqueças disso – Tina levantou-se com lágrimas nos olhos e afastou-se do grupo. Uma câmara seguiu-a. Começou a correr para sair dali, mas era impossível escapar às câmaras. Os seus olhos famintos estavam por todo o lado.

Patrik não conseguia concentrar-se em mais nada. Os pensamentos sobre o acidente atormentavam-no. Se ao menos percebesse porque é que aquela morte lhe

parecia tão familiar. Pegou na pasta contendo todos os documentos relacionados com a investigação e sentou-se para rever tudo uma vez mais. Já perdera a conta às vezes que fizera aquilo. Como acontecia sempre quando estava profundamente concentrado, Patrik murmurava para si mesmo.

– Ferimentos em torno da boca, taxa de alcoolemia incrivelmente alta para uma pessoa que nunca bebia, diz a família... – Patrik correu os dedos sobre o relatório da autópsia, procurando algo que lhe pudesse ter escapado em leituras anteriores. Mas não parecia haver nenhuma irregularidade. Pegou no telefone e marcou um número que sabia de cor.

– Estou, Pedersen, fala Patrik Hedström, da polícia de Tanum. Ouça, estou sentado à frente do relatório da autópsia. Será que podia dispensar-me cinco minutos para darmos uma olhadela a isto mais uma vez? – Pedersen concordou e Patrik prosseguiu: – Conseguir determinar quando terão ocorrido estas contusões em torno da boca? Certo – Patrik tomava notas nas margens do relatório enquanto falava. – E a taxa de alcoolemia? É possível determinar o intervalo temporal em que a vítima ingeriu aquela quantidade de álcool? Não, não me refiro a uma hora específica do dia; bem, talvez isso também interesse. Mas será que esteve a beber durante muito tempo ou emborcou tudo de uma vez, ou... É exatamente isso que quero dizer – Patrik escutava com toda a atenção enquanto ia tomando notas energicamente. – Interessante, muito interessante. Descobriu mais alguma coisa estranha durante o exame *post mortem*? – Patrik escutou e, por um momento, não escreveu nada. Descobriu que estava a pressionar o auscultador contra o ouvido com tanta força que começou a sentir dores, por isso afrouxou a pressão.

– Resíduos de fita adesiva em torno da boca? Sim, sem dúvida que isso é significativo. Mas não há nada mais que me consiga dizer? – Patrik suspirou perante as respostas meramente informativas que estava a obter e beliscou a ponta do nariz, frustrado.

– Certo, acho que isto vai ter de servir. – Patrik desligou relutantemente o telefone. Na verdade esperara mais. Pegou nas fotografias do local do acidente e começou a estudá-las, procurando algo, o que quer que fosse, que pudesse despertar a sua memória intratável. O mais irritante de tudo era o facto de nem sequer ter a certeza absoluta de haver algo que precisava de ser recordado. Talvez estivesse apenas a imaginar coisas. Talvez fosse uma forma estranha de *déjà vu*. Talvez tivesse visto algo na televisão ou no cinema, ou talvez tenha ouvido alguma coisa que estava a fazer com que o cérebro tentasse procurar algo que não existia. Mas, quando Patrik estava prestes a afastar as fotos com frustração, fez-se luz nas sinapses no seu cérebro. Inclinou-se para a frente para inspecionar mais pormenorizadamente a foto que ainda segurava e uma sensação de triunfo apoderou-se dele. Afinal, talvez não estivesse tão perdido. Afinal, talvez uma ideia concreta tenha estado mesmo a pairar

nos cantos mais recônditos da sua memória.

Patrik chegou à porta com uma única passada. Estava na altura de ir ao arquivo.

Os produtos iam passando no tapete rolante enquanto Barbie lia apaticamente os códigos de barras. As lágrimas marejavam-lhe os olhos, mas Barbie estava constantemente a piscá-los para as afastar. Não queria fazer figura de parva e pôr-se para ali a chorar.

As conversas daquela manhã tinham mexido com tantas emoções. E fora tanta a lavagem de roupa suja. Olhou para Jonna, sentada na caixa à sua frente. De certo modo, invejava-a. Talvez não lhe invejasse a depressão nem todos aqueles cortes, pois Barbie nunca seria capaz de cortar intencionalmente a sua própria carne com uma faca. O que invejava em Jonna era a indiferença notória quanto ao que todas as outras pessoas pensavam dela. Para Barbie não havia nada mais importante do que a sua própria imagem e o modo como os outros a viam. Nem sempre fora assim, como as fotos desenterradas por aquele maldito tabloide revelaram. As fotos de quando era pequena e magricela, que a mostravam com um aparelho gigantesco nos dentes, um peito quase inexistente e cabelos escuros. Barbie ficara perturbada quando as fotos apareceram nas bancas de jornais. Mas não pelo motivo que todos julgavam. Não pelo facto de as pessoas ficarem a saber que tanto o cabelo como as mamas eram falsos. Não era assim tão estúpida. Mas custava-lhe ver o que já não tinha. O seu sorriso feliz. Cheio de autoconfiança. Era feliz por ser como era e estava satisfeita com a sua vida. Mas tudo mudara no dia em que o pai morreu.

Ela e o pai davam-se tão bem. A mãe morreu quando era pequena, com um cancro. Porém, de algum modo, o pai tinha conseguido fazer com que se sentisse amada apesar da morte da mãe; nunca sentiu que lhe faltasse nada. Sabia que as coisas tinham andado aos altos e baixos durante algum tempo, quando era bebé, logo depois de a mãe ter morrido, e quando Todo o Mal acontecera. Lillemor ouvira toda a história, mas o pai tinha pago o preço, aprendido com isso e seguido em frente para construir uma vida para si e para a filha. Até àquele dia de outubro.

Aquilo pareceu-lhe tão irreal quando aconteceu. Num instante, toda a sua vida se desmoronara e tudo lhe fora tirado. Não tinha mais família, não havia quaisquer parentes a quem pudesse recorrer; portanto, fora lançada para o mundo das famílias de acolhimento e das condições de vida transitórias. Aprendera lições que teria preferido desconhecer. Os amigos não conseguiram compreender que Lillemor tinha mudado interiormente por causa do que acontecera. Aquele dia tinha-lhe arrancado uma parte do seu ser e ela nunca mais seria a mesma. Os amigos tentaram apoiá-la durante algum tempo, mas acabaram por deixá-la entregue à sua sorte.

Foi então que começou a sua ânsia de afirmação junto de rapazes mais velhos e de raparigas mais sabidas. Já não bastava ser uma maria-rapaz como outra qualquer. E

o nome Lillemor também já não servia. Por isso começou por alterar sozinha o que podia e com o pouco dinheiro que tinha. Pintou o cabelo de louro na casa de banho de um dos namorados que passaram pela sua vida. Comprou roupas novas: mais justas, mais curtas, mais *sexy*. Porque descobrira qual ia ser o seu passaporte para sair da miséria. O sexo. O sexo permitia-lhe comprar atenção e bens materiais. Permitia-lhe evidenciar-se no meio da multidão. Um dos namorados tinha bastante dinheiro, por isso financiou-lhe os implantes mamários. Barbie teria preferido uns mais pequenos, mas ele é que pagava; portanto, ele é que decidiu. Queria copas E, e foi isso que conseguiu. Depois de terminada a transformação física, o resto era apenas uma questão de embalagem. O namorado que veio a seguir ao financiador das mamas novas chamara-lhe «pequena boneca Barbie» e isso resolveu a questão do novo nome. Depois, bastou-lhe decidir qual era o melhor fórum para lançar o seu novo ser. Começou por pequenos trabalhos como modelo que exigiam pouca roupa, ou nenhuma. Mas a sua grande oportunidade surgiu no *Big Brother*. Barbie tornou-se a grande estrela do programa. E não ficou minimamente preocupada por toda a população da Suécia poder seguir a sua vida sexual a partir da sala de estar. Que importava isso? Não tinha familiares que a censurassem por estar a envergonhá-los em público. Estava sozinha no mundo.

Normalmente, conseguia abstrair-se do que ia na cabeça de Lillemor. Tinha-a empurrado para um lugar tão longínquo da sua mente que a rapariga já mal existia. Barbie fizera o mesmo às recordações do pai. Não se podia permitir lembrar-se dele. Para conseguir sobreviver, o som do riso do pai ou o toque da mão dele na sua face já não podiam existir na sua nova vida. Seria demasiado doloroso. Mas a conversa daquela manhã com o psicólogo tinha tocado em cordas que continuavam a vibrar dentro dela. E Barbie não parecera ser a única a ter tal reação. O ambiente acalmara depois de cada um deles ter passado pela divisão por detrás do cenário e se ter sentado na cadeira voltada para aquele homem. Por vezes, parecia que centravam nela tudo o que era negativo e Barbie chegara a ter a sensação de que alguns dos concorrentes lhe lançavam olhares maliciosos. Mas, sempre que se voltava para ver de onde vinha aquela sensação assustadora, esta desvanecia-se.

Ao mesmo tempo, havia algo que se agitava impientemente dentro dela. Algo em que Lillemor tentava concentrar-se mas que Barbie forçava a recuar. Havia certas coisas que Barbie simplesmente não podia deixar que escapassem.

Os produtos continuavam a passar à sua frente sobre o tapete rolante junto da caixa registadora. Aquilo não tinha fim.

Procurar algo no arquivo era, como sempre, um trabalho monótono e árduo ao mesmo tempo. Nada parecia estar onde devia. Patrik tinha-se sentado no chão de pernas cruzadas e havia caixas por todo o lado. Sabia que documentos procurar e,

num momento de loucura, pensara que seria fácil encontrá-los numa caixa rotulada «Material de Formação». Mas não tivera tal sorte. Ouviu passos nas escadas e olhou para cima. Era Martin.

– Olá, Annika disse que te viu a vir para aqui. Que estás a fazer? – Martin olhou espantado para a quantidade de caixas espalhadas em redor de Patrik.

– Estou à procura de notas sobre um seminário em Halmstad em que participei há uns anos. Seria de supor que estariam arquivadas de forma lógica, mas não. Um idiota qualquer mudou tudo de lugar e agora está tudo trocado – Patrik lançou mais uma pilha de documentos para a enésima caixa que tinha sido arquivada no lugar errado.

– Pois, Annika está sempre a insistir connosco para mantermos os documentos em ordem aqui em baixo. Afirma que arquiva tudo no lugar certo, mas que depois parece que os documentos ganham asas.

– Não compreendo porque é que as pessoas não conseguem simplesmente voltar a colocar as coisas onde as encontraram. Sei que guardei algumas notas numa pasta que arquivei nesta caixa – Patrik apontou para a caixa rotulada «Material de Formação» e prosseguiu: – Mas agora já não estão aqui. Portanto, a questão é: em que raio de caixa estão elas? Nas «Pessoas Desaparecidas», nos «Casos Resolvidos», nos «Casos por Solucionar», etc., etc. É incrível, podem estar em qualquer lugar – Patrik fez um gesto largo com o braço, abarcando toda a cave, apinhada de caixas do chão até ao teto.

– Bem, o que mais me fascina é o facto de teres chegado a arquivar as tuas notas do tal seminário. As notas que eu vou tirando durante os seminários ainda estão no meu gabinete, enfiadas numa pilha de documentos qualquer.

– Se calhar, valia mais ter feito o mesmo que tu. Mas fui ingénuo a ponto de pensar que mais alguém poderia precisar delas – Patrik suspirou, pegou noutro maço de documentos e começou a folheá-los. Martin sentou-se no chão ao lado do colega e começou a procurar numa das caixas.

– Eu ajudo-te. Assim é mais rápido. Estamos à procura de quê? Que tipo de seminário foi esse? E, afinal, porque estás à procura das tais notas?

Patrik não ergueu os olhos, limitando-se a responder:

– Como eu disse, as notas são de um seminário realizado em Halmstad em 2002, se não me falha a memória. Têm que ver com casos estranhos que, à data do seminário, ainda levantavam algumas questões e permaneciam por solucionar.

– E... – disse Martin, à espera de mais.

– Bem, digo-te mais quando encontrar as notas. Por enquanto só tenho uma vaga ideia, por isso quero refrescar a memória antes de avançar com alguma informação.

– Está bem – disse Martin. Ainda estava curioso, mas conhecia suficientemente bem Patrik para saber que de nada adiantaria pressioná-lo.

De repente, Patrik ergueu os olhos e sorriu com malícia.

– Mas posso dizer-te já qual é a minha ideia, se me contares...

– Se te contar o quê? – perguntou Martin, surpreendido. Porém, ao ver o sorriso de Patrik, percebeu aonde o colega queria chegar. Deu uma gargalhada e depois disse:

– Parece-me justo. Quando me contares, eu conto-te.

Após uma hora de buscas infrutíferas, Patrik bradou repentinamente:

– Cá estão elas! – Patrik retirou algumas folhas de uma pasta de plástico.

Martin reconheceu a caligrafia de Patrik e tentou ler o que as folhas viradas ao contrário diziam. Mas era inútil e teve de esperar com frustração que Patrik passasse rapidamente os olhos pelas notas. Depois de ter lido três páginas, o dedo indicador do colega deteve-se abruptamente a meio de uma das folhas. Uma ruga profunda formou-se entre as sobrancelhas de Patrik e Martin tentou mentalmente persuadi-lo a ler mais depressa. Depois do que pareceu uma eternidade, Patrik ergueu os olhos triunfante.

– Muito bem, primeiro quero ouvir o teu segredo.

– Eh pá, não me faças uma coisa destas, estou tão curioso que ainda vou desta para melhor – Martin deu uma gargalhada e tentou arrancar as folhas da mão de Patrik. Mas o colega estava preparado para aquela manobra e afastou-as, segurando-as no ar.

– Esquece. Primeiro tu, depois eu.

Martin suspirou.

– Gostas mesmo de infernizar a vida a uma pessoa, não é? Pronto, é mesmo o que estás a pensar. Pia e eu vamos ter um bebé. No final de novembro – Martin ergueu um dedo a adverti-lo. – Mas ainda não podes contar a ninguém! Só vamos na oitava semana e queremos manter o segredo até passar a décima segunda.

Patrik ergueu as mãos para as juntar numa prece e as folhas que segurava na mão direita flutuaram.

– Prometo, os meus lábios são um túmulo. Mas, parabéns, caramba!

Martin fez um sorriso de orelha a orelha. Já estivera várias vezes para revelar o segredo a Patrik. Estava ansioso por espalhar a boa nova, mas Pia queria esperar que os três primeiros meses críticos passassem sem percalços. Depois, Martin poderia contar a toda a gente. Era um alívio poder finalmente dar a notícia a alguém.

– Pronto, agora já sabes. Que tal explicares-me porque é que estamos aqui a apanhar pó há uma hora?

Patrik ficou sério. Entregou o documento a Martin, apontou para a linha a partir da qual o colega devia começar a ler e esperou. Passado algum tempo, Martin ergueu os olhos, perplexo.

– Agora já não há dúvida de que Marit foi assassinada – disse Patrik.

– Pois, parece que não.

Tinham a resposta a uma pergunta. Mas isso só fazia com que muitas mais se acumulassem. Tinham toneladas de trabalho pela frente.

Estava a bater com os tabuleiros de ir ao forno com tanta força que o barulho podia ouvir-se da zona do balcão. Mehmet espreitou para o fundo da padaria.

– Qual é a tua, queres partir isto tudo, ou quê?

– Vai à merda – disse Uffe, continuando a bater propositadamente com os tabuleiros.

– Perdão – disse Mehmet, juntando as mãos. – Hoje acordaste com o pé esquerdo, não foi?

Uffe não respondeu. Acabou de empilhar os tabuleiros e depois sentou-se. Estava tão farto daquilo tudo. *Tanum Sempre a Abrir* não estava à altura das suas expectativas. Pelo menos, ainda não. Uffe só agora tinha interiorizado que realmente teria de trabalhar. E isso era um contratempo dos grandes. Aquele era o primeiro dia de trabalho honesto de toda a sua vida. Uns quantos assaltos por arrombamento, uns roubos por esticção e outras coisas do género tinham-lhe proporcionado uma vida isenta de trabalho. Porém, Uffe nunca tivera grandes luxos; nunca se atrevera a ir além de pequenos delitos que lhe permitiam manter-se afastado da labuta diária. Até a vida na ilha fora mais fácil do que aquilo. Na ilha, podia passar o dia inteiro sem fazer nada, a tomar banhos de sol e a malhar nos outros concorrentes. Havia uma prova ou outra para superar, mas de resto era pura diversão. Tinha passado fome a valer, mas a falta de comida não o incomodara tanto quanto julgara.

Os restantes concorrentes de *Tanum Sempre a Abrir* também não estavam à altura das suas expectativas. Eram todos uns atrasados mentais. O não-me-toques do Mehmet trabalhava de livre vontade como um escravo na padaria. Calle só participava no concurso para poder continuar a ser o rei da noite da Praça Stureplan. Tina era tão estupidamente superior que Uffe tinha vontade de lhe dar uma tarefa. Quanto a Jonna, bem, não passava de uma falhada. E faltava Barbie, claro. O rosto de Uffe ensombrou-se. Se aquela cabra oferecida pensava que se conseguiria safar com uma cena daquelas devia estar bem enganada. As coisas que ouvira nessa manhã faziam com que desejasse ter uma pequena conversa com aquela rainha do silicone.

– Uffe, estás a pensar trabalhar, ou quê? – Simon lançou-lhe um olhar ríspido e, com um suspiro, Uffe levantou-se da cadeira. Fez um sorriso rasgado para a câmara colocada na parede e dirigiu-se à parte da frente da padaria. Teria de ceder e fingir que estava atarefado durante algum tempo. Mas à noite... à noite, ele e Barbie teriam uma conversa a sério.

Antes de sair da esquadra, Mellberg passou pelo gabinete de Hedström. Patrik

estava lá com Martin. Pareciam ocupados. Havia folhas espalhadas por toda a secretária e Martin escrevia no seu bloco-notas. Patrik estava ao telefone, com o auscultador preso entre o ouvido e o ombro, de modo a ter as mãos desocupadas para poder ao mesmo tempo consultar os documentos que tinha à sua frente. Por um momento, Mellberg ponderou entrar para descobrir qual era o motivo de tanta urgência. Mas decidiu não o fazer. Tinha coisas mais importantes para tratar. Como ir para casa preparar-se para o encontro com Rose-Marie. Tinham combinado encontrar-se às sete à entrada do Gestgifveri, o que significava que tinha duas horas para se pôr o mais apresentável possível.

Mellberg respirava pesadamente depois da curta caminhada até casa. Não estava na melhor das formas, tinha de admiti-lo. Quando entrou no apartamento, por momentos olhou para tudo como se fosse um estranho. Não, aquilo não podia ficar assim. Até ele conseguia perceber isso. Se quisesse ter a sorte de Rose-Marie ir lá a casa para um pequeno interlúdio noturno, algo teria de ser feito. Ficou cansado só de pensar que teria de dar um jeito à casa. Por outro lado, raramente tivera tão bom incentivo. Mellberg ficou surpreendido por achar que era tão importante causar boa impressão a Rose-Marie.

Uma hora mais tarde, quando se sentou no sofá, o superintendente arfava. As almofadas tinham sido batidas pela primeira vez desde que se mudara para ali. De repente, Mellberg apercebeu-se do motivo de raramente fazer trabalhos domésticos. Era demasiado extenuante. Porém, quando contemplou o resultado, pôde constatar que a limpeza tinha realmente feito maravilhas. O apartamento já não parecia desleixado. Mellberg herdara alguns móveis bonitos dos pais. Libertos da camada de poeira, não pareciam maus de todo. O superintendente também arejara a casa, livrando-se do cheiro a mofo que normalmente pairava no apartamento, originado por restos de comida e outras coisas pouco higiénicas. A bancada, que estava sempre atravancada com pratos sujos, refletia o sol primaveril. Agora, Mellberg conseguia verdadeiramente imaginar-se a levar uma mulher lá a casa.

Olhou para o relógio e levantou-se abruptamente. Só lhe restava uma hora até ao encontro com Rose-Marie e estava suado e coberto de pó. Teria de se lavar rapidamente. Procurou algo para vestir. A seleção não era tão vasta como teria desejado. Uma inspeção mais cuidadosa revelou que a maior parte das camisas e das calças estava manchada e que não viam um ferro de engomar há muito tempo. Por fim, através de um processo de eliminação, acabou por vestir uma camisa às riscas azuis e brancas, calças pretas e uma gravata vermelha com o Pato Donald. Mellberg pensou que esta última peça lhe ficava a matar. Tinha realmente de admitir que o vermelho o favorecia. As calças, porém, pertenciam à categoria da roupa por engomar e Mellberg ponderou como resolver o problema. Procurou por todo o apartamento, mas não havia vestígios de um ferro de engomar. O olhar deteve-se no

sofá e Mellberg teve uma ideia brilhante. Arrancou as almofadas e estendeu as calças sobre o espaço vazio, esticando-as ao máximo. Claro que não estava muito limpo debaixo das almofadas, mas trataria disso mais tarde. Era sobretudo algodão e migalhas e uma escova resolveria o problema. Mellberg voltou a colocar as almofadas e sentou-se em cima delas durante cinco minutos. Se, depois de tomar duche, passasse mais cinco minutos sentado no sofá, as calças ficariam como que acabadas de engomar. Que sorte não ser um daqueles solteirões inúteis, pensou com satisfação. Ainda estava suficientemente capaz para conseguir encontrar uma boa solução para qualquer problema.

A multidão começava a afluir ao centro comunitário, onde a festa ia ser realizada. As camas dos concorrentes tinham sido retiradas do salão e os seus pertences tiveram de ser fechados à chave. Ainda não tinham deixado entrar ninguém no salão e a fila estava a crescer e a serpentear pela zona de estacionamento. As raparigas tiritavam de frio e saltitavam sem sair do lugar. O vento frio primaveril estava a dar o seu melhor para fazer com que as raparigas lamentassem ter vestido as suas saias mais curtas e os *tops* mais decotados. A única coisa que todas as pessoas na fila tinham em comum era a expressão expectante no rosto. Há muitos anos que não se realizava em Tanumshede um evento tão excitante. Tinham aparecido jovens de todo o município e alguns até de mais longe, de Strömstad e Uddevalla. Observavam com avidez a porta que em breve seria aberta. Lá dentro estavam os seus heróis, os seus ídolos. Tinham conseguido aquilo que para a maior parte das pessoas não passava de um sonho: tornar-se uma celebridade, ser convidado para festas onde havia outras celebridades, ser visto na televisão. Por isso, talvez naquela noite alguém da cidade tivesse oportunidade de apanhar um pouco de pó de estrelas. De fazer algo que levasse as câmaras a apontarem na sua direção. Como tinha acontecido com aquela rapariga que entrara em *Töreboda Sempre a Abrir*. Tinha conseguido engatar Andreas de *O Bar* e depois aparecera em algumas emissões do concurso. Imagine-se conseguir algo assim. As raparigas compunham nervosamente as roupas e tiravam batons brilhantes das malas para aplicar mais uma camada. Ajeitavam o cabelo e pulverizavam-no com laca, tentando depois apreciar o resultado em pequenos espelhos de bolso. A tensão era palpável.

Fredrik Rehn deu uma gargalhada ao ver a fila da janela.

– Vejam, meninos e meninas, os figurantes estão a chegar. Temos de aproveitar esta noite ao máximo, certo? Não se contenham. Bebam, divirtam-se e façam o que vos apetecer – o produtor semicerrou os olhos. – Mas certifiquem-se de que fazem tudo isso à frente das câmaras. Não quero ninguém a escapar-se para se divertir por conta própria. Isso poderia valer-vos um processo por incumprimento do contrato. Estão aqui para trabalhar e a vossa função é animar a festa.

– Então que raio está Jonna aqui a fazer? – Uffe deu uma gargalhada e olhou em redor em busca de aprovação. – Ela nem sequer conseguia animar um lar de idosos – já todos conheciam as gargalhadas cruas de Uffe, mas Jonna nem sequer se deu ao trabalho de olhar para ele, mantendo os olhos fixos no colo.

– Jonna é incrivelmente popular entre as raparigas na faixa dos catorze aos dezanove anos. Muitas identificam-se com ela. É por isso que a queremos aqui – mas Fredrik não conseguia deixar de concordar com Uffe. Era tremendamente deprimente. A decisão de incluir Jonna fora tomada contra a sua vontade e Fredrik tinha de grammar a rapariga.

– Então, já todos perceberam o que têm de fazer hoje à noite? Festa, festa, festa! – Fredrik apontou para a mesa onde tinham sido colocadas as bebidas. – E vamos dar o nosso apoio a Tina quando ela interpretar a sua canção. Certo? – o produtor olhou fixamente para Uffe, que se limitou a resfolegar.

– Sim, sim, como queiras. Então, podemos começar a beber, ou quê?

– Faça favor – disse Fredrik com um sorriso. Os dentes do produtor irradiavam um brilho incrivelmente branco. – Esta noite vamos dar um *show* do caraças! – exortou Fredrik, erguendo os polegares.

Os comentários do produtor foram recebidos com murmúrios esporádicos de assentimento. Depois, os concorrentes atacaram a mesa das bebidas.

As pessoas que faziam fila do lado de fora começaram a entrar lentamente no salão.

Anna fazia o jantar quando Patrik chegou a casa. Erica estava sentada com as crianças na sala de estar, a assistir ao programa infantil *Bolibompa* no Canal 1. Maja esbracejava de deleite sempre que Björne aparecia no ecrã e Emma e Adrian pareciam estar em transe. O estômago roncava-lhe sonoramente, pelo que Erica inspirava avidamente o ar em busca do aroma da comida tailandesa vindo da cozinha. Anna prometera preparar uma refeição ao mesmo tempo deliciosa e de baixo valor calórico. E, a julgar pelo cheiro, estava a cumprir a promessa quanto ao primeiro ponto.

– Olá, meu amor – disse Erica com um sorriso quando Patrik entrou na sala. Parecia cansado. E também um pouco sujo, constatou quando o viu mais de perto. – Que estiveste a fazer hoje? Estás... desmazelado – disse Erica, apontando para a camisa de Patrik.

Patrik deu uma olhadela às suas roupas sujas e suspirou. Começou a desabotoar a camisa.

– Estive no nosso arquivo poeirento a desenterrar uma coisa. Vou lá acima tomar um duche rápido e mudar de roupa. Depois conto-te o que aconteceu.

Erica ficou a vê-lo a subir as escadas e desaparecer em direção ao quarto. Depois

foi ter com Anna à cozinha.

– Patrik já chegou? – perguntou Anna sem desviar os olhos dos seus tachos. – Sim, já. Mas foi lá acima tomar um duche e mudar de roupa. Deve ter tido um dia em cheio na esquadra.

Anna ergueu os olhos.

– Podes ajudar-me a pôr a mesa? Para ver se jantamos logo que Patrik desça.

Correu tudo na perfeição. Quando Patrik estava a descer as escadas, de cabelo molhado e com roupa confortável, Anna acabara de colocar a grande caçarola sobre a mesa.

– Hum, isto cheira bem – disse Patrik, sorrindo a Anna. O ambiente mudara completamente desde que a irmã de Erica saíra da sua depressão.

– É um caril tailandês feito com leite de coco magro e acompanhado com arroz e legumes preparados na *wok*.

– Porquê tanta urgência numa dieta saudável? – perguntou Patrik com ceticismo e já sem ter a certeza de que a refeição saberia tão bem como cheirava.

– A tua futura mulher expressou o desejo de ambos estarem em forma quando caminharem pela nave da igreja. Portanto, estamos hoje a dar início ao «Plano Forma Perfeita».

– Bem, quanto a isso têm razão – disse Patrik, puxando a *T-shirt* para baixo para esconder a protuberância que se tinha vindo a formar nos últimos dois anos. – Então e os miúdos? Não jantam connosco?

– Não, estão a divertir-se na sala – disse Anna. – Assim podemos ter alguma paz e sossego.

– Então e Maja? Fica bem ali sozinha?

Erica deu uma gargalhada.

– Bem, saíste-me cá uma mãe galinha! Ela está bem, não te preocupes. E vais ver que Emma dá logo sinal se ela se portar mal.

Como que a confirmar as palavras de Erica, ouviram uma voz estridente proveniente da sala de estar:

– Erica... a Maja está a mexer no vídeo!

Patrik deu uma gargalhada e levantou-se.

– Eu vou lá. Fiquem aqui e vão-se servindo.

Ouviram-no a repreender Maja e a dar-lhe um beijo em seguida. As crianças mais velhas também receberam um e Patrik parecia mais descontraído quando regressou à cozinha e se sentou.

– Então, andaram de volta do quê o dia inteiro?

Patrik resumiu-lhes o que tinha acontecido. Anna e Erica pousaram os talheres e olharam-no fixamente, fascinadas com o que Patrik estava a contar-lhes. Erica foi a primeira a falar:

- Mas qual achas que é a ligação? E como vão proceder a seguir?
- Patrik acabou de mastigar antes de responder.
- Martin e eu passámos a tarde a fazer telefonemas para recolher informações. Tencionamos chegar ao fundo da questão na segunda-feira.
- Quer dizer que tens o fim de semana livre? – perguntou Erica, agradavelmente surpreendida. Patrik passava demasiados fins de semana a trabalhar.
- Sim, para variar. De qualquer modo, as pessoas com quem falei só estão disponíveis na segunda-feira. Portanto, minhas meninas, estou ao vosso dispor durante todo o fim de semana – Patrik fez-lhe um sorriso rasgado e Erica retribuiu-lho com satisfação. Parecia que se tinham conhecido no dia anterior e, ao mesmo tempo, era como se tivessem estado sempre juntos. Por vezes, Erica mal acreditava que já tinha vivido sem Patrik. E que estariam casados dentro de poucas semanas.
- Ouviu Maja a tagarelar na sala. Agora que Anna estava recuperada, Erica podia voltar a apreciar a vida.

Rose-Marie já estava sentada à mesa quando Mellberg chegou, dez minutos atrasado. Escovar as calças que tinha comprimido debaixo das almofadas do sofá não se revelara uma tarefa tão fácil como previra. Uma grande bola de pastilha elástica tinha-se colado ao assento; tivera de servir-se de todo o seu engenho e de uma faca muito afiada para a remover. O tecido ficara um pouco puído depois de passar a faca; porém, se puxasse o *blazer* suficientemente para baixo, talvez ela não notasse. Lançou uma última olhadela ao vidro de uma fotografia emoldurada para se certificar de que estava tudo em ordem. Mellberg tinha-se esmerado mais do que o costume para enrolar habilidosamente o cabelo no topo da cabeça. Não se via um milímetro da sua calva. Sabia envelhecer com dignidade, pensou com satisfação.

O superintendente ficou mais uma vez surpreendido ao sentir o coração parar de bater por um segundo quando a viu. Como é que aquela mulher de meia-idade e um pouco rechonchuda o conseguia afetar daquela maneira? Mellberg só conseguia pensar nos olhos dela. Eram os mais azuis que alguma vez vira e ainda eram mais penetrantes em contraste com o tom avermelhado do cabelo dela. Mellberg olhou-a fixamente, como se estivesse em transe, não reparando logo na mão que Rose-Marie lhe estendia. Depois recuperou, e deu por si a inclinar-se de maneira antiquada para lha beijar. Por um momento, Mellberg sentiu-se um idiota, sem conseguir perceber de onde lhe viera tal impulso. Mas depois reparou que a sua companheira de refeição parecia ter apreciado o gesto e sentiu-se invadido por uma agradável sensação de calor. Ainda tinha jeito para aquilo, sabia como fazer as coisas com estilo.

– Este restaurante é muito agradável. Nunca aqui tinha vindo – disse suavemente Rose-Marie enquanto ambos examinavam atentamente o menu.

– É um estabelecimento de primeira classe, garanto-lhe – retorquiu Mellberg de peito cheio, como se fosse o proprietário do Gestgifveri.

– Sim, e parece ser tudo muito apetitoso – os olhos de Rose-Marie absorviam todos os pratos requintados da ementa. Mellberg também os estudava e, por um momento, entrou em pânico ao ver os preços. Mas depois os seus olhos encontraram os de Rose-Marie por cima das ementas e o formigueiro no estômago acalmou. Numa noite como aquela, o dinheiro não era um problema.

Rose-Marie olhou pela janela na direção do centro comunitário.

– Ouvi dizer que vai haver lá uma festa esta noite.

– É essa gente do *reality show*. Costumamos conseguir passar ao lado dessas coisas por aqui. Normalmente, os nossos colegas de Strömstad é que apanham com todo esse tipo de eventos e com as bebedeiras e o vandalismo que se segue.

– Estão a contar com problemas? Será que vai mesmo conseguir estar livre esta noite? – Rose-Marie parecia preocupada.

Mellberg inchou ainda mais de orgulho e presunção. Era agradável sentir-se importante na companhia de uma bela mulher. Aquilo era tão raro desde que tinha sido tão rudemente transferido para Tanumshede. Por algum motivo, as pessoas daquela terra tinham dificuldade em apreciar as suas verdadeiras qualidades.

– Destaquei dois agentes para manterem a coisa debaixo de olho – disse Mellberg. – Para podermos ter um jantar agradável e divertirmo-nos em paz e sossego. Um bom chefe sabe delegar e admito que tenho muito talento para isso.

Um sorriso de Rose-Marie confirmou que não duvidava de que Mellberg fosse um excelente chefe. Aquela estava a revelar-se uma noite muito agradável.

Mellberg olhou de novo para o centro comunitário e depois afastou o pensamento de tudo aquilo. Martin e Hanna que se encarregassem da festa. Havia outros assuntos mais agradáveis a requerer a sua atenção.

Antes de subir ao palco, Tina praticou os poucos exercícios de voz que conhecia. Claro que apenas ia cantar em *playback*; era suficiente fazer a mímica apropriada de microfone em punho. Mas, nunca se sabia. Uma vez, em Örebro, o CD que estava a utilizar para fazer *playback* tinha parado repentinamente e, como Tina não tinha ensaiado como devia ser, teve de grasnar a canção até ao fim ao vivo. Nunca mais queria estar numa situação daquelas.

Tina sabia que os outros concorrentes estavam a rir-se nas suas costas e estaria a mentir se dissesse que não se importava com isso. Por outro lado, não lhe restava outra alternativa que não fosse subir ao palco e mostrar a todos do que era capaz. Aquela era a sua grande oportunidade de iniciar uma carreira como cantora. Desde muito nova que Tina desejava ser cantora. Passara horas a fio em frente ao espelho a imitar artistas *pop*, utilizando a pega da sua corda de saltar ou o que estivesse à mão

como microfone. Depois da sua aparição em *O Bar*, tinha finalmente tido oportunidade de mostrar o que valia. Participara numa audição de *Ídolos* antes das provas para *O Bar*, mas essa experiência ainda lhe doía. Aqueles imbecis do júri tinham-na feito em pedaços e o vídeo da sua curta atuação tinha sido repetido até à exaustão na TV. Quando acabou de cantar, Tina limitara-se a ficar para ali com um sorriso estúpido nos lábios. Depois, aquele sacana do Clabbe disse-lhe para se pôr a andar. Mas a humilhação continuara, até que, à beira das lágrimas, Tina lhes dissera desafiadoramente que, à exceção dos jurados, toda a gente reconhecia que ela tinha uma excelente voz. E que a mãe e o pai se emocionavam quando a ouviam cantar, tal era o orgulho que sentiam. Só de pensar que se tinha sentido tão feliz naquela manhã bem cedo, enquanto esperava na fila e olhava em redor com expressão triunfante, convencida de que ia ganhar, de que seria uma das eleitas. Tina tinha a certeza de que iria impressionar o júri com a canção que escolhera. Cantaria «Without You» de Mariah Carey, o seu ídolo. Iria dar tudo o que tinha e pôr os membros do júri em delírio. E depois poderia começar uma nova vida. Tinha imaginado tudo com tanta clareza. Festas com celebridades e os fãs do *Ídolos* em histeria de roda dela. Digressões de verão e vídeos na MTV. Mas tinha dado tudo para o torto.

Quando os produtores de *O Bar* lhe telefonaram foi como se tivesse recebido uma dádiva dos céus. Aquela era uma oportunidade que não tencionava desperdiçar. Passado algum tempo, Tina conseguiu perceber o motivo do seu falhanço no *Ídolos*. Tinha sido o peito, claro. O júri gostara da sua canção, mas não a tinha querido no programa por saber que Tina não seria um sucesso se não tivesse o resto do equipamento necessário, o que, no caso de uma rapariga, significava ter umas mamas grandes. Portanto, assim que a rotação de *O Bar* começou, Tina começou a poupar. Poupou cada *öre* que ganhou até ter dinheiro suficiente para pagar a cirurgia para os implantes mamários. Com as copas D no sítio, nada a conseguiria parar. Mas não ia exagerar a ponto de pintar o cabelo de louro. Afinal de contas era uma rapariga inteligente.

Leif cantarolava quando saiu do camião. Normalmente, apenas fazia o percurso na área de Fjällbacka, mas com tantos trabalhadores de baixa com gastroenterite, tinha de conduzir durante mais horas e cobrir uma área superior à habitual. Mas não se importava. Adorava o seu emprego e lixo era sempre lixo, fosse onde fosse que o recolhesse. Com o passar dos anos até se habituara ao cheiro. Já não havia muitos odores que o fizessem torcer o nariz. Infelizmente, o seu olfato pouco apurado impedia-o de notar o aroma dos bolos de canela acabados de sair do forno ou o perfume de uma mulher bonita. Mas, enfim, eram ossos do ofício. Leif gostava de ir para o trabalho e nem toda a gente podia dizer o mesmo.

Calçou as grandes luvas e premiu um dos botões do painel de instrumentos. O

camião do lixo verde soprava e rangia enquanto o braço mecânico ia descendo. Normalmente, Leif podia permanecer na cabina quando o braço apanhava o contentor e despejava o seu conteúdo diretamente na prensa, mas aquele contentor em particular não estava corretamente posicionado; por isso, Leif teve de sair para o arrastar até ao camião.

Agora estava a observar o braço do camião a erguer o contentor. Ainda era bastante cedo e Leif bocejou. Não costumava deitar-se tarde; porém, na noite anterior tinha estado a tomar conta dos rapazes, dos seus adorados netos. Tinha-os deixado ficar acordados a brincar até mais tarde do que era aconselhável, mas valera a pena. Leif expirou e ficou a observar a nuvem branca criada pelo seu hálito a erguer-se no ar. Estava um frio do caracas, apesar de abril já ir adiantado. Mas ainda se registavam grandes descidas de temperatura.

Leif observou o bairro à sua volta, composto sobretudo por casas de férias. Não tardaria a ficar cheio de vida e todos os contentores teriam de ser despejados. Contentores cheios de cascas de camarão e de garrafas de vinho branco que as pessoas tinham tido demasiada preguiça de ir depositar nos ecopontos. Todos os anos era a mesma coisa. Verão após verão. Bocejou novamente e ergueu os olhos para o contentor suspenso no preciso momento em que este rodou e o seu conteúdo foi despejado para o interior do camião. Leif ficou espantado com o que viu.

Com o punho cerrado, martelou o botão que parava a prensa. E depois pegou no telemóvel.

* * *

Patrik soltou um longo suspiro. Aquele sábado não estava a correr como esperara. Olhou em redor, resignado. Vestidos, vestidos e mais vestidos. Tule, florões, lantejoulas e o diabo a quatro. Transpirava um pouco, pelo que aliviou o colarinho da camisa do fato de tortura que estava a experimentar. Picava, estava apertado nos sítios mais estranhos e era tão quente como uma sauna portátil.

– Que tal? – perguntou Erica, lançando-lhe um olhar crítico. – Sentes-te bem? Serve-te? – prosseguiu, virando-se para a dona da loja, que ficara encantada quando Erica entrara com o futuro marido a reboque: – Talvez precise de umas alterações; as calças parecem um pouco compridas – acrescentou, voltando-se novamente para Patrik.

– Nós trataremos de tudo, não há qualquer problema – disse a mulher, que se baixou e começou a espetar alfinetes nas bainhas.

Patrik fez um ligeiro esgar.

– É normal ser tão... apertado? – perguntou, enquanto aliviava novamente o colarinho. Sentia-se a sufocar.

– O fato assenta-lhe na perfeição – chilreou a mulher, o que era um grande feito,

tendo em conta que tinha dois alfinetes a despontar-lhe dos cantos da boca.

– Só acho que talvez esteja demasiado justo – disse Patrik, tentando colher algum apoio por parte de Erica. Mas não houve perdão. A companheira lançou-lhe o que a mente de Patrik processou como um sorriso diabólico e retorquiui:

– Queres ficar o mais elegante possível no dia do casamento, não queres?

Patrik olhou pensativamente para a futura mulher. Estava a revelar tendências preocupantes, mas talvez as lojas de roupa para casamentos afetassem todas as mulheres daquela maneira. Queria simplesmente sair dali o mais depressa possível. Resignado, apercebeu-se de que havia apenas uma forma de o conseguir. Com grande esforço, Patrik forçou um sorriso que não era dirigido a ninguém em particular.

– Tens razão – disse –, começo realmente a sentir-me muitíssimo bem com este fato. Vamos levá-lo!

Erica bateu palmas, encantada. Pela milésima vez, Patrik perguntou a si próprio o que tinham os casamentos de tão especial para fazerem os olhos das mulheres brilharem daquela maneira. Claro que também estava desejoso de casar, mas teria ficado plenamente satisfeito com algo mais simples. Mas não podia negar que o olhar de felicidade de Erica era muito reconfortante. Apesar de tudo, para Patrik não havia nada mais importante no mundo do que a felicidade da companheira. Se isso significasse ter de andar um dia inteiro metido num fato de pinguim quentíssimo e que picava horivelmente, então era isso que faria. Patrik inclinou-se para a frente e beijou Erica nos lábios.

– Achas que Maja está bem?

Erica deu uma gargalhada.

– Sabes, Anna tem dois filhos; portanto, acho que é perfeitamente capaz de tomar conta de Maja.

– Mas agora tem de tomar conta de três crianças. Então e se Anna tiver de ir a correr atrás de Adrian ou de Emma e Maja aproveitar para se escapar, e...

Erica interrompeu-o com um sorriso.

– Vá lá, para com isso. Eu tomei conta dos três durante o inverno inteiro e correu tudo bem. Além disso, Anna disse qualquer coisa acerca de Dan dar um salto lá a casa. Por isso não vale mesmo a pena estares preocupado.

Patrik acalmou-se. Erica tinha razão. Mas estava sempre com receio de que algo acontecesse à filha. Talvez fosse por causa de tudo o que vira no seu trabalho. Estava plenamente consciente das coisas terríveis que podiam acontecer às pessoas comuns. E das coisas terríveis que podiam acontecer às crianças. Lera algures que, depois de se ter um filho, era como se se vivesse permanentemente com uma pistola carregada encostada à têmpora. E havia um fundo de verdade naquilo. O medo estava sempre presente, iminente. O perigo estava sempre à espreita. Mas Patrik ia

tentar parar de pensar nisso. Maja estava bem. E ele e Erica estavam a ter um dia só para eles, o que era raro.

– Queres ir almoçar a algum lado? – sugeriu Patrik depois de terem pago e agradecido à mulher. O sol primaveril brilhava, aquecendo-lhes os rostos quando saíram da loja.

– Que ideia fantástica – disse Erica, dando o braço a Patrik. Passearam despreocupadamente pela rua das lojas de Uddevalla, olhando para os vários restaurantes à escolha. Acabaram por decidir-se por um restaurante tailandês numa das transversais e estavam prestes a ir ao encontro do aroma tentador do caril quando o telemóvel de Patrik tocou. Olhou para o ecrã. Maldição, era da esquadra.

– Não me digas... – começou Erica, abanando a cabeça com cansaço. Pela expressão do companheiro, percebeu logo de onde vinha a chamada.

– Tenho de atender – disse Patrik. – Mas vai entrando, tenho a certeza de que não é nada de importante.

Erica resmungou com ceticismo, mas seguiu a sugestão de Patrik, que ficou à porta do restaurante, consciente da antipatia na sua voz quando atendeu.

– Sim, fala Hedström – a expressão irritada no seu rosto depressa se transformou em descrença.

– Num contentor de lixo?

– Já vai mais alguém a caminho? Martin? Certo.

– Vou já para aí. Mas estou em Uddevalla, por isso ainda demoro um pouco. Dá-me a morada – Patrik tirou a esferográfica do bolso, mas não tinha onde escrever, por isso anotou a morada na palma da mão. Depois, fechou a tampa do telemóvel com um clique e respirou fundo. Não estava com vontade nenhuma de dizer a Erica que teriam de esquecer o almoço e ir diretamente para casa.

ÀS VEZES PENSAVA QUE SE LEMBRAVA DA OUTRA, DAQUELA QUE NÃO ERA TÃO DELICADA NEM TÃO BONITA COMO ELA. DA OUTRA, CUJA VOZ ERA TÃO FRIA E IMPLACÁVEL. COMO VIDRO DURO E AGUÇADO. POR ESTRANHO QUE PARECESSE, HAVIA OCASIÕES EM QUE TINHA SAUDADES DELA. PERGUNTARA À IRMÃ SE SE LEMBRAVA DELA, MAS ESTA LIMITARASE A ABANAR A CABEÇA. ENTÃO, PEGARA NA MANTA, NA MANTA MACIA COM OS URSINHOS DE PELUCHE COR-DE-ROSA, E APERTARA-A COM FORÇA. E VIU QUE AFINAL ELA SE RECORDAVA. A MEMÓRIA ESTAVA ALGURES NAS PROFUNDEZAS DELA, NO SEU PEITO, NÃO NO SEU CÉREBRO.

UMA VEZ TENTARA PERGUNTAR-LHE POR AQUELA VOZ. SABER ONDE ESTAVA NAQUELE MOMENTO. A QUEM PERTENCERA. MAS ELA TINHA FICADO TÃO PERTURBADA. NÃO HAVIA MAIS NINGUÉM, DISSERA. NUNCA EXISTIRA NINGUÉM COM UMA VOZ DURA E AGUÇADA. APENAS ELA. SÓ ELA. ENTÃO, ABRAÇARA-O A ELE E À IRMÃ. SENTIU A SEDA DA BLUSA DELA CONTRA A SUA FACE, O AROMA DO SEU PERFUME NAS NARINAS. UM CARACOL DO CABELO LOURO DA IRMÃ FAZIA-LHE CÓCEGAS NA ORELHA, MAS NÃO SE ATREVEU A MEXER-SE. NÃO SE ATREVEU A QUEBRAR A MAGIA. NUNCA MAIS LHE FIZERA AQUELA PERGUNTA. OUVIR A VOZ TRANSTORNADA DELA ERA TÃO INSÓLITO, TÃO PERTURBANTE, QUE NUNCA MAIS SE ATREVERA A FAZER AQUELA PERGUNTA.

AS OUTRAS OCASIÕES EM QUE A DEIXAVA PERTURBADA ERAM AQUELAS EM QUE LHE PEDIA PARA VER O QUE ESTAVA ESCONDIDO LÁ FORA. NÃO QUERIA FAZÊ-LO, SABIA QUÃO INFRUTÍFERO ERA, MAS NÃO CONSEGUIA RESISTIR. A IRMÃ OLHAVA-O SEMPRE COM OS OLHOS MUITO ABERTOS E ASSUSTADOS QUANDO ELE BALBUCIAVA A PERGUNTA. O MEDO DELA FAZIA-O ENCOLHER-SE, MAS NÃO CONSEGUIA CONTER-SE, A PERGUNTA TRANSBORDAVA COMO UMA FORÇA DA NATUREZA; ERA COMO SE ESTIVESSE A BORBULHAR DENTRO DELE E QUISESSE SUBIR À SUPERFÍCIE, SAIR.

A REAÇÃO ERA SEMPRE A MESMA. PRIMEIRO, O OLHAR DE DESAPONTAMENTO NOS OLHOS DELA. DESAPONTAMENTO POR, APESAR DE LHE DAR TANTO, DE LHE DAR TUDO, ELE AINDA QUERER MAIS. ALGO DIFERENTE. DEPOIS VINHA A RESPOSTA RELUTANTE. POR VEZES TINHA LÁGRIMAS NOS OLHOS AO RESPONDER. ESSAS ERAM AS PIORES OCASIÕES. FREQUENTEMENTE AJOELHAVA-SE, TOMAVA-LHE O ROSTO NAS MÃOS. E DEPOIS VINHAM AS PALAVRAS TRANQUILIZADORAS DE SEMPRE. QUE AQUILO ERA PARA O BEM DELES. QUE AS PESSOAS COMO ELES NÃO PODIAM ANDAR LÁ POR FORA. QUE TUDO IRIA CORRER MAL, TANTO PARA ELE COMO PARA A IRMÃ, SE OS DEIXASSE PASSAR POR AQUELA PORTA.

ENTÃO ELA TRANCAVA CUIDADOSAMENTE A PORTA ANTES DE SAIR. E ELE FICAVA ALI SENTADO, ENTREGUE ÀS SUAS INTERROGAÇÕES, E A IRMÃ APROXIMAVA-SE E IA SENTAR-SE A SEU LADO.

MEHMET INCLINOU-SE SOBRE UM DOS LADOS DA CAMA E VOMITOU. Estava vagamente consciente de que tinha vomitado para o chão e não para um qualquer recipiente, mas estava demasiado ressecado para se preocupar com isso.

– Porra, Mehmet, que nojo – ouviu Jonna dizer muito ao longe. Semicerrando os olhos, Mehmet viu-a sair de rompante do quarto. Também não tinha energia suficiente para se preocupar com aquilo. A única coisa que lhe enchia a cabeça era uma sensação palpitante e perturbante entre as têmporas. Tinha a boca seca e sentia o sabor acre a álcool rançoso e vômito. Apenas tinha uma vaga sensação do que acontecera na noite anterior. Lembrava-se da música, lembrava-se de ter dançado, das raparigas com trajes reduzidos a chegarem-se a ele avidamente, desesperadamente, revoltantemente. Mehmet fechou os olhos para bloquear aquelas imagens, mas isso apenas as amplificou. As náuseas intensificaram-se e Mehmet inclinou-se novamente sobre a borda da cama. Agora só restava bília. Algures junto a ele, Mehmet conseguia ouvir a câmara, a zumbir como um moscardo. Imagens da família rodopiavam-lhe na cabeça. A ideia de que o pudessem ver naquele estado multiplicava por cem a dor de cabeça, mas não podia fazer nada quanto a isso além de tapar a cabeça com as cobertas.

O cérebro de Mehmet era constantemente assaltado por fragmentos de palavras e frases que apareciam tão depressa como desapareciam. Assim que tentava juntá-los num todo coerente, dissolviam-se tudo no vazio. Precisava de recordar algo. Palavras iradas e desagradáveis que tinham sido arremessadas como setas a alguém? A muita gente? Maldição, Mehmet não conseguia lembrar-se. Enroscou-se na posição fetal, pressionando os punhos cerrados contra a boca. As palavras começavam novamente a surgir. Palavrões. Acusações. Palavras ofensivas destinadas a magoar. Se bem se lembrava, as palavras tinham alcançado esse objetivo. Alguém chorara. Protestara. Mas de nada servira. Em vez de se calarem, as vozes tinham subido de tom. Depois ouviu o som de uma bofetada. O som inconfundível de pele contra pele a uma velocidade que causava dor. Um gemido agudo de partir o coração penetrou aquela névoa. Deitado na cama, Mehmet enroscou-se ainda mais sob as cobertas, tentando repelir os fragmentos aparentemente dissociados que se agitavam descontroladamente no seu cérebro. Mas era inútil. Os fragmentos eram tão perturbadores, tão fortes, que nada parecia conseguir mantê-los ao largo. Queriam algo dele. Mas havia qualquer coisa que devia recordar. E também havia algo de que não queria lembrar-se. Pelo menos, Mehmet julgava que assim era. Estava muito confuso. Então, as náuseas apoderaram-se novamente dele. Afastou as cobertas e

inclinou-se sobre a borda da cama.

Mellberg estava deitado na cama a olhar para o teto. Aquela sensação... Já não se sentia assim há muito tempo. Talvez a pudesse descrever como... satisfação. E aquilo não era de todo o que esperaria sentir, uma vez que tinha ido para a cama sozinho e que também acordara só. No seu mundo, nunca tinha associado aquilo a um encontro satisfatório. Mas as coisas tinham mudado desde que conhecera Rose-Marie. *Ele* tinha mudado.

Tinha tido uma noite tão agradável. A conversa fluíra com tanta naturalidade. Tinham falado de tudo e mais alguma coisa. E Mellberg interessara-se pelo que Rose-Marie tinha para dizer. Quis saber tudo acerca dela. Onde crescera, como crescera, o que fizera na vida, quais eram os seus sonhos, de que comida gostava, quais os programas de televisão que via. Tudo. A certa altura, Mellberg parara para olhar de relance os reflexos de ambos na vidraça, a rirem, a brindarem um ao outro, a conversarem. Mellberg mal se reconheceu. Nunca se vira com tal sorriso nos lábios e tinha de admitir que lhe ficava bem. Que o sorriso de Rose-Marie lhe ficava bem já o sabia.

Cruzou as mãos atrás da cabeça e espreguiçou-se. O sol primaveril filtrava-se pela janela e Mellberg reparou que há muito tempo que as cortinas não eram lavadas.

Tinham dado um beijo de boas-noites à porta do Gestgifveri. Um beijo algo hesitante, algo cauteloso. Mellberg abraçara-a, muito ao de leve, e o toque do tecido macio e fresco em contacto com os seus dedos, combinado com o aroma do perfume de Rose-Marie quando a beijou, foi a experiência mais erótica que alguma vez tivera. Como era possível que Rose-Marie exercesse um efeito tão poderoso sobre ele? Ainda por cima, passado tão pouco tempo de a ter conhecido.

«Rose-Marie... Rose-Marie...» Mellberg saboreava o nome dela. Fechou os olhos e tentou imaginar o seu rosto. Tinham combinado encontrar-se em breve. Mellberg perguntava a si próprio a partir de que horas lhe poderia telefonar. Pareceria demasiado atrevido? Demasiado ansioso? Mas, que se lixasse, ou vai ou racha. Com Rose-Marie não precisava de entrar em jogos muito complicados. Olhou para o relógio. A manhã já ia avançada. Rose-Marie já devia estar acordada. Esticou o braço para o telefone, mas este tocou antes de conseguir levantar o auscultador. Viu no visor que a chamada era de Hedström. Não podia ser coisa boa.

Patrik chegou ao local onde o cadáver fora encontrado ao mesmo tempo que os peritos em locais de crime. Deviam ter partido de Uddevalla mais ou menos na mesma altura em que Patrik entrou no carro para levar Erica a casa. O regresso a Fjällbacka tinha sido bastante sombrio. Erica limitara-se a olhar pela janela praticamente durante toda a viagem. Não estava zangada, apenas triste e

desapontada. E Patrik compreendia-a. Também estava triste e desapontado. Tinham tido tão pouco tempo só para eles nos últimos meses.

Patrik mal conseguia recordar a última vez em que tinham tido ocasião de estar sentados a conversar, só os dois.

Às vezes odiava o seu trabalho. Em situações como aquela, Patrik chegava a questionar-se porque escolhera uma profissão que lhe deixava tão pouco tempo livre. Podia ser chamado à esquadra a qualquer momento. O emprego estava sempre à distância de um telefonema. Mas, ao mesmo tempo, aquele trabalho dava-lhe tanto em troca. Quanto mais não fosse a satisfação de sentir que estava realmente a fazer a diferença, pelo menos de vez em quando. Nunca teria suportado uma profissão em que fosse obrigado a mexer em papelada e a lidar com números o dia inteiro. A polícia fazia com que sentisse que tinha uma missão, com que se sentisse necessário. O problema, ou antes, o desafio, era que também precisavam dele em casa.

Caramba, porque é que se tinha de abdicar de tanta coisa para se conseguir trabalhar como devia ser?, pensou Patrik ao estacionar o carro a curta distância do camião de lixo verde. Tinha-se juntado uma multidão em redor do veículo, mas os peritos forenses tinham vedado uma extensa área em torno da traseira do camião com faixas para o efeito, para assegurarem que ninguém entrava e destruía quaisquer provas que pudessem existir no local. O chefe da equipa de peritos forenses, Torbjörn Ruud, aproximou-se de Patrik, estendendo-lhe a mão.

– Olá, Hedström. Bem, isto não é lá muito agradável.

– Pois, soube que, desta vez, Leif recolheu mais do que o lixo com que contava – Patrik acenou com a cabeça na direção do homem do lixo, que permanecia a pouca distância do local e parecia perturbado.

– Sim, apanhou um susto de morte. Não é uma visão agradável. Ela ainda está lá dentro; por enquanto ainda não lhe mexemos. Siga-me e dê uma vista de olhos, mas tenha cuidado onde põe os pés. Tome – Torbjörn entregou-lhe duas proteções de plástico com elásticos e Patrik inclinou-se para as colocar nos sapatos. Desta forma, as suas pegadas não seriam confundidas com eventuais marcas deixadas pelo criminoso ou criminosos. Patrik e Ruud passaram cuidadosamente por cima das faixas azuis e brancas da polícia. Ao aproximar-se do local, Patrik sentiu uma ligeira sensação de desconforto no estômago e teve de reprimir o impulso de dar meia-volta e fugir dali. Odiava aquela parte do seu trabalho. Como sempre, teve de ganhar coragem antes de se pôr em bicos de pés para olhar para o interior do compartimento na traseira do camião. Ali, no meio de uma misturada repugnante e malcheirosa de restos de comida e outros detritos, estava uma rapariga nua. Estava dobrada ao meio, com os pés junto da cabeça, como se estivesse a fazer uma complexa acrobacia. Patrik lançou um olhar intrigado a Torbjörn Ruud.

– *Rigor mortis* – explicou secamente Ruud. – Os membros enrijeceram naquela posição depois de a terem dobrado para poder caber no contentor.

Patrik fez um esgar. Aquilo indicava uma frieza incrível e um desrespeito absoluto pela vida humana; o autor do crime não se limitara a matar aquela rapariga, livrara-se do seu cadáver como se este fosse lixo. Patrik afastou-se.

– Quanto tempo vai durar a pesquisa no local do crime?

– Talvez umas duas horas – respondeu Törbjorn. – Presumo que entretanto vá tentar encontrar testemunhas. Infelizmente, não há muitas por aqui – o chefe da equipa forense fez um gesto com a cabeça a indicar as casas vazias que esperavam a chegada dos seus ocupantes de verão. Contudo, umas quantas pessoas viviam ali o ano inteiro, por isso talvez tivessem alguma sorte.

– Que aconteceu aqui? – a voz de Mellberg soou tão irritada como de costume. Patrik e Törbjorn viraram-se e viram o superintendente a aproximar-se deles a todo o vapor.

– Alguém atirou uma mulher para aquele contentor – respondeu Patrik, apontando para o contentor à beira da estrada. Dois peritos forenses estavam a calçar luvas para dar início ao seu trabalho. – Leif descobriu-o quando o despejou – Patrik apontou para o homem do lixo. – Por isso é que o cadáver está dentro do camião.

Mellberg tomou aquelas palavras como um convite para passar por cima da faixa e olhar para o interior do camião. Törbjorn nem sequer tentou pedir-lhe que colocasse as proteções de plástico em torno dos sapatos. Não valia a pena. Já tinham tido de eliminar as marcas deixadas por Mellberg nos locais do crime em investigações anteriores, pelo que as pegadas do superintendente já constavam dos seus ficheiros.

– C’um caraças! – exclamou Mellberg, tapando o nariz. – Isto tresanda – concluiu enquanto se afastava, aparentemente mais preocupado com o cheiro do lixo do que com a visão do cadáver da rapariga. Patrik suspirou. Podia sempre contar com o comportamento inapropriado e insensível de Mellberg.

– Alguém sabe quem é ela? – perguntou o superintendente.

Patrik abanou a cabeça.

– Não, por enquanto não sabemos nada. Estou a pensar ligar a Hanna para lhe pedir que verifique se alguém telefonou ontem por causa de uma rapariga que não regressou a casa. E, como Martin está a caminho, pensei que nós os dois podíamos começar a bater às portas das poucas casas habitadas das redondezas.

Mellberg assentiu, mal-humorado.

– Parece-me boa ideia. Era exatamente o que eu ia sugerir que se fizesse.

Patrik e Törbjorn trocaram um olhar. Mellberg apropriava-se invariavelmente das ideias de toda a gente, uma vez que raramente tinha alguma.

– Então e onde se meteu Molin? – perguntou Mellberg, olhando irritadamente em redor.

Nem de propósito, o carro de Martin Molin apareceu. Começava a ser difícil encontrar um lugar para estacionar ao longo da estrada de gravilha; por isso, Martin teve de recuar um pouco até encontrar um. Vinha com o cabelo ruivo em pé e parecia cansado. O rosto ainda apresentava sulcos, como se tivesse acabado de sair da cama.

– Estava uma rapariga morta naquele contentor. Agora está dentro do camião do lixo – resumiu Patrik.

Martin limitou-se a assentir. Não fez qualquer menção de se aproximar para dar uma vista de olhos. O seu estômago tinha tendência para se revolver ante a visão de cadáveres.

– Tu e Hanna não estiveram a trabalhar ontem à noite?

Martin assentiu.

– Sim, estivemos de olho na festa no centro comunitário. E ainda bem, aquilo foi um inferno e só chegámos a casa às quatro da manhã.

– Que aconteceu? – perguntou Patrik, franzindo a testa.

– Enfim, o costume. Uns quantos tipos passaram-se da cabeça, um namorado ciumento começou uma discussão, dois putos bêbados andaram ao murro... Mas isso não foi nada comparado com a confusão em que se envolveram os concorrentes. Hanna e eu tivemos de os separar umas poucas de vezes.

– Estou a ver – disse Patrik, cada vez mais atento. – Então e porquê? Qual foi o motivo da briga?

– Parece que estavam todos furiosos com uma das raparigas do grupo. Aquela que tem uns implantes de silicone enormes. Levou umas boas estaladas antes de conseguirmos acabar com aquilo – Martin esfregou os olhos com cansaço.

Um pensamento atravessou a mente de Patrik.

– Martin, será que podes ir dar uma vista de olhos à rapariga que está no camião?

Martin fez um esgar.

– Tem mesmo de ser? Sabes como eu... – o jovem agente interrompeu-se e assentiu, resignado. – Está bem, eu vou, mas porquê?

– Vai lá, está bem? – disse Patrik, que não queria revelar o que tinha em mente. – Já te explico.

– Certo – disse Martin com ar envergonhado. Pegou nas proteções de plástico que Patrik lhe entregou, colocou-as nos sapatos e deu alguns passos hesitantes na direção da traseira do camião. Depois de respirar fundo uma última vez, Martin olhou para baixo e depois virou-se rapidamente para Patrik, atónito. – Mas esta é...

Patrik assentiu.

– A concorrente de *Tanum Sempre a Abrir*. Pois, calculei logo quando começaste a falar dela. E parece que lhe deram uma tarefa das grandes.

Martin recuou cautelosamente do camião do lixo. Tinha o rosto branco como a cal

e Patrik viu que o colega estava a debater-se para conseguir manter o pequeno-almoço no estômago. Momentos depois, teve de admitir a derrota e desatou a correr na direção de um arbusto que havia nas proximidades.

Patrik foi ter com Mellberg, que conversava animadamente com Törbjorn Ruud e esbracejava. Patrik interrompeu-os.

– Já identificámos a vítima. É uma das concorrentes daquele *reality show*. Ontem à noite houve uma festa no centro comunitário e, de acordo com Martin, aquela rapariga esteve envolvida numa contenda.

– Uma contenda? – perguntou Mellberg, franzindo a testa. – Está a dizer que ela foi espancada até à morte?

– Não sei – respondeu Patrik num tom algo irritado. Às vezes não suportava as perguntas estúpidas de Mellberg. – Só o patologista forense é que se pode pronunciar quanto à causa da morte depois de ter efetuado a autópsia.

«Não devia ter de te estar a explicar isto», pensou Patrik.

– Mas primeiro vamos ter uma conversa com os restantes concorrentes. E tratar de conseguir o acesso a todas as cassetes com as gravações que eles fizeram ontem à noite. Talvez tenhamos uma testemunha de confiança, para variar.

– Pois, ia mesmo agora lembrá-lo de que é possível que as câmaras tenham captado algumas imagens importantes – disse Mellberg.

Patrik contou até dez.

– Então vamos fazer o seguinte – afirmou Patrik com calma forçada. – Quando telefonar a Hanna, vou igualmente perguntar-lhe o que observou ontem à noite. Também podíamos falar com a produção de *Tanum Sempre a Abrir* e talvez não fosse má ideia informar o conselho municipal. Tenho a certeza de que toda a gente concorda que o programa vai ter de ser imediatamente cancelado.

– Porquê? – perguntou Mellberg, lançando um olhar espantado a Patrik.

Patrik ficou estupefacto.

– É tão óbvio! Um dos concorrentes foi assassinado! Eles não podem continuar as filmagens depois de ter acontecido uma coisa destas!

– Não tenho muita certeza quanto a isso – disse Mellberg. – E, se bem conheço Erling, ele vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance para se assegurar de que as filmagens continuam. Muito do seu prestígio está em jogo neste projeto.

Por um instante, Patrik teve a sensação paralisante de que, para variar, Mellberg poderia estar certo. Mas ainda lhe custava acreditar que assim fosse. As pessoas não podiam ser assim tão cínicas, ou podiam?

Hanna e Lars estavam sentados em silêncio à mesa da sala de jantar, parecendo tão apáticos e exaustos como se sentiam. Tudo o que pairava entre eles também contribuía para o seu torpor. Havia tanto que precisava de ser dito. Mas, como de

costume, nenhum dos dois disse nada. Hanna sentia a habitual sensação desagradável no estômago, que fazia com que o pedaço de ovo que estava a mastigar lhe soubesse a papel. Forçava-se a mastigar e engolir, mastigar e engolir.

– Lars – começou Hanna, arrependendo-se imediatamente. O nome dele soou tão desconsolado e distante quando perfurou o silêncio. Hanna engoliu e fez nova tentativa: – Lars, temos de falar, não podemos continuar assim.

Lars não olhou para Hanna. Dedicava toda a sua concentração a barrar o pão com manteiga. Fascinada, Hanna observava a forma como o marido movia a faca de trás para a frente, de trás para a frente, até a manteiga ter ficado uniformemente distribuída pela fatia de pão. O movimento era algo hipnótico e Hanna encolheu-se quando Lars recolocou a faca na manteigueira. Hanna insistiu:

– Lars, fala comigo, por favor. Fala comigo. Não podemos continuar assim – Hanna conseguia ouvir o desespero na sua voz. Mas sentia-se como se viajasse num comboio que avançava a duzentos quilómetros à hora, sem ter qualquer hipótese de fuga antes da queda inevitável no precipício que se aproximava rapidamente.

Hanna queria inclinar-se para a frente, fincar as mãos nos ombros de Lars e abaná-lo. Obrigá-lo a falar com ela. Ao mesmo tempo, sabia que isso de nada serviria. Lars estava num lugar onde Hanna não era admitida, onde nunca lhe seria permitido entrar.

Sentindo uma enorme pressão no peito, bem dentro do seu coração, Hanna limitou-se a observá-lo. Ficara novamente em silêncio e capitulara uma vez mais. Como sempre acontecia. Mas amava-o tanto. Amava tudo nele. O cabelo castanho em desalinho quando acordava. As rugas no rosto, que tinham aparecido demasiado cedo, mas que lhe davam carácter. A barba curta que parecia lixa fina quando tocava na sua pele.

Tinha de haver uma maneira. Hanna sabia-o. Não podia permitir que descessem àquele abismo sombrio, juntos mas ao mesmo tempo afastados. Num impulso, Hanna inclinou-se para a frente e agarrou-lhe o pulso. Reparou que Lars tremia. Tão levemente como a folha de um álamo. Hanna fê-lo parar de tremer, pressionando-lhe o braço contra a mesa, e depois obrigou-o a olhá-la nos olhos. Era um daqueles momentos raros na vida em que apenas a verdade podia ser dita. A verdade acerca da vida deles. A verdade acerca do seu passado. Hanna abriu a boca. Então, o telefone tocou. Lars teve um sobressalto e libertou o braço. Depois voltou a pegar na faca da manteiga. O momento tinha passado.

– Que achas que vai acontecer agora? – perguntou Tina a Uffe em voz baixa, enquanto davam longas passas nos seus cigarros, à porta do centro comunitário.

– Também não faço ideia – respondeu Uffe com uma gargalhada. – Não faço a porra da mais pequena ideia.

– Mas, depois de ontem... – Tina fez uma pausa e fixou as botas.

– O que aconteceu ontem não significa nada – disse Uffe, soprando um anel de fumo branco para o calmo ar primaveril. – Não significa nada, acredita em mim. Uma produção como esta custa montes de dinheiro e eles não vão acabar com o programa e perder tudo o que investiram nele até agora. Nem por sombras.

– Não tenho muita certeza disso – afirmou sombriamente Tina, continuando a olhar para baixo. Agora, o seu cigarro tinha uma longa coluna de cinza, que caiu mesmo em cima das botas de camurça.

– Merda! – exclamou, baixando-se rapidamente para escovar as cinzas. – Pronto, estão arruinadas. E foram bem caras. Que grande merda!

– É bem feito – disse desdenhosamente Uffe. – És uma mimada.

– Mimada? Como assim? – sibilou Tina, virando-se para olhar para o rapaz. – Só porque os meus pais se mataram a trabalhar em vez de viverem à conta do subsídio de desemprego a vida inteira não significa que eu seja mimada!

– Não digas uma merda que seja acerca dos meus pais! Não sabes uma porra sobre eles! – Com um gesto ameaçador, Uffe abanou o cigarro à frente da cara de Tina. Mas a rapariga não se deixou intimidar. Em vez disso, deu um passo na direção dele.

– Eu sei o que *tu* és. E não é lá muito difícil perceber que tipo de pessoas são os teus pais!

Uffe fechou o punho. Uma veia pulsava-lhe na testa. Tina apercebeu-se de que talvez tivesse cometido um erro. Lembrou-se do que acontecera na noite anterior e apressou-se a dar um passo atrás. Se calhar não devia ter dito aquilo. Estava prestes a abrir a boca para pôr água na fervura quando Calle se aproximou deles e olhou interrogativamente primeiro para Tina e depois para Uffe.

– Qual é a ideia? Vão brigar, ou quê? – Calle deu uma gargalhada. – Bem, Uffe, tu és um mestre a dar tarefa nas miúdas; portanto, força! Vamos lá ver como te saís desta vez.

Uffe limitou-se a resfolegar e baixou os braços. Estava furioso e continuava a olhar fixamente para Tina, que recuou mais um passo. Havia algo de errado com Uffe. Tina foi uma vez mais invadida por impressões visuais e auditivas dispersas da noite anterior, pelo que deu meia-volta e entrou no centro. A última coisa que ouviu antes de a porta se fechar foi Uffe a dizer em voz baixa a Calle:

– Tu também não és nenhum menino a dar-lhes porrada.

Não ouviu a resposta de Calle.

* * *

Uma olhadela ao espelho do vestíbulo mostrou a Erica que parecia tão desanimada quanto se sentia. Pendurou vagarosamente o casaco e o lenço e depois fez uma

pausa para escutar. Por entre os gritos dos miúdos, que eram ensurdecedores mas também de felicidade, graças a Deus, ouviu igualmente uma voz adulta que não era de Anna. Entrou na sala. Num enorme amontoado no meio do chão estavam três crianças e dois adultos, a lutar, a gritar e a agitar as pernas e os braços, dando àquela confusão a aparência de um monstro deformado.

– Mas afinal que vem a ser isto? – perguntou Erica com o tom mais autoritário que conseguiu convocar.

Anna olhou para cima, surpreendida e com o cabelo invulgarmente desalinhado.

– Olá! – disse alegremente Dan, erguendo também os olhos para Erica antes de ser imediatamente atirado ao chão por Emma e Adrian. Maja dava gargalhadas tão sonoras que quase se engasgava, enquanto tentava ajudar as outras crianças, puxando o pé de Dan com quanta força tinha.

Anna levantou-se e esfregou os joelhos. Pela janela atrás dela, a luz etérea da primavera brilhava intensamente, formando um halo em torno do seu cabelo louro. Erica ficou espantada com a beleza da irmã. E também reparou pela primeira vez como Anna era tão parecida com a mãe. Aquele pensamento provocou-lhe uma pontada de dor, seguida da eterna pergunta: porquê? Porque é que a mãe não as amara? Porque nunca tinham recebido de Elsy uma palavra carinhosa, uma carícia, nada de nada? Apenas indiferença e frieza. O pai fora o oposto absoluto. Elsy era dura, o pai, brando. Elsy era fria, ao passo que ele era caloroso. O pai tentara explicar, encontrar justificações para o comportamento de Elsy, compensar as filhas pela sua negligência. E, até certo ponto, tinha-o conseguido. Mas o pai não podia ocupar o lugar dela. Ainda havia um vazio imenso na alma de Erica, apesar de já terem passado quatro anos desde o acidente de automóvel que os tinha vitimado.

Anna lançou-lhe um olhar intrigado e Erica apercebeu-se de que estava para ali especada a olhar o vazio. Fez o melhor que pôde para ocultar os seus sentimentos e sorriu à irmã.

– Onde está Patrik? – perguntou Anna, lançando um último olhar ao emaranhado de braços e pernas no chão antes de sair da sala para ir até a cozinha. Erica seguiu-a sem responder. – Acabei de fazer café – disse Anna, deitando café em três chávenas. – E os miúdos e eu fizemos uns bolos – só nesse momento é que Erica se apercebeu do aroma convidativo a canela que pairava no ar. – Mas tu vais ter de te ficar por estes – acrescentou a irmã, pondo-lhe à frente uma bandeja com uns biscoitos minúsculos.

– Que biscoitos são estes? – perguntou Erica com desalento, dando-lhes pancadinhas com o dedo.

– Biscoitos integrais – explicou Anna, voltando-lhe as costas enquanto enchia um cesto com bolos acabados de fazer que tirara do tabuleiro sobre a bancada.

– Mas... – protestou Erica com pouca convicção, sentindo água na boca perante a

visão dos grandes bolos fofos polvilhados com açúcar mascavado.

– Bem, não te esperava tão cedo. Tinha pensado pôr estes bolos no frigorífico antes de chegares, para te poupar. Por isso, se os comeres, a culpa é só tua. Mas, se precisares de motivação, pensa no vestido de noiva.

Erica pegou num biscoito e mordiscou-o hesitantemente. Tal como pensara, mais valia estar a mastigar um pedaço de cartão.

– Então, onde está Patrik? E porque vieste mais cedo para casa? Pensava que iam aproveitar para descontraír, fazer umas compras na cidade, almoçar – Anna sentou-se à mesa da cozinha e gritou na direção da sala de estar: – O café está na mesa!

– Patrik foi chamado para uma ocorrência – respondeu Erica. Depois desistiu e voltou a colocar o biscoito na bandeja. Ainda tinha o primeiro e último pedaço na boca.

– Ocorrência? – perguntou Anna, surpreendida. – Pensava que ele estava de folga este fim de semana.

– Sim, foi isso que lhe disseram – afirmou Erica, reparando no tom amargo da sua voz. – Mas afinal teve de ir – Erica fez uma pausa, perguntando a si própria quanto mais poderia revelar, e depois disse abruptamente: – Hoje de manhã, Leif, o homem do lixo, encontrou um cadáver no camião.

Anna ficou embasbacada.

– No camião do lixo? Como é que foi lá parar?

– Parece que o cadáver foi enfiado num contentor e que, quando o esvaziaram...

– Meu Deus, que coisa horrível – disse Anna, olhando fixamente para Erica. – Mas quem foi que fez isso? Quer dizer que foi homicídio? Bem, calculo que deva ter sido – disse Anna, respondendo à sua própria pergunta. – Porque teria alguém ido parar a um contentor de lixo se não tivesse sido assassinado? Meu Deus, que coisa pavorosa.

Dan entrou na cozinha e olhou-as interrogativamente.

– Que coisa pavorosa é essa? – perguntou, sentando-se ao lado de Erica.

– Patrik teve de ir trabalhar. Leif, o homem do lixo encontrou um cadáver no seu camião – respondeu Anna, adiantando-se a Erica.

– Estás a gozar? – exclamou Dan com a mesma expressão perplexa com que Anna ficara.

– Não, antes estivesse – disse soturnamente Erica. – Mas agradecia que não contassem isto a ninguém. Não tardará a saber-se, mas não precisamos de pôr mais lenha na fogueira da coscuvilhice.

– Pois, claro que não, nós não contamos nada – disse Anna.

– Não compreendo como é que Patrik suporta o trabalho dele – disse Dan, batendo levemente com a ponta do dedo no seu bolo de canela. – Eu nunca conseguiria dar conta do recado. Tentar ensinar gramática a miúdos de catorze anos já é

suficientemente difícil.

– Eu também não era capaz – disse Anna, olhando o vazio. Dan e Erica estavam a amaldiçoar-se por dentro. Talvez não fosse muito boa ideia falar de cadáveres e de crimes à frente de Anna.

Como se conseguisse ler-lhes o pensamento, Anna disse com um sorriso desmaiado:

– Não se preocupem comigo. Podem falar disso à vontade – Erica só podia imaginar as imagens que rodopiavam na mente da irmã.

– Venham meninos, temos bolos de canela! – anunciou Anna, quebrando o ambiente sombrio. Ouviram dois pares de pés e um par de mãos e de joelhos a aproximarem-se e, numa questão de segundos, entrava a primeira criança louca por bolos de canela.

– Bolo, quero um bolo – gritou Adrian, encavalitando-se agilmente na sua cadeirinha. Emma vinha logo atrás dele e Maja apareceu em seguida, a gatinhar. Não demorara muito a perceber o significado de «bolo». Erica começou a levantar-se, mas Dan foi mais rápido e ergueu Maja, não conseguindo resistir a dar-lhe um beijo na bochecha. Depois, colocou cuidadosamente a menina na cadeirinha e começou a partir pequenos pedaços de bolo para lhe dar. A visão de tanto açúcar à sua frente fê-la sorrir muito, o que expôs os dois dentinhos de leite no maxilar inferior. Os adultos não conseguiram conter uma gargalhada. Era uma bebé deliciosa.

Ninguém voltou a falar de homicídios nem de cadáveres, mas nenhum dos três conseguiu deixar de pensar no trabalho que Patrik teria pela frente.

Tinham todos expressões apáticas enquanto esperavam na sala de convívio da esquadra. O rosto de Martin ainda apresentava uma palidez pouco natural e o jovem agente parecia tão exausto quanto Hanna. Patrik estava encostado à bancada, de braços cruzados, esperando que todos terminassem os seus cafés. Depois de um assentimento por parte de Mellberg, Patrik começou a falar:

– Hoje de manhã, Leif Christensson, o proprietário de um serviço de recolha de resíduos, encontrou um cadáver que tinha sido enfiado num contentor e que foi depois parar ao seu camião quando ele despejou o contentor – Patrik fez uma pausa, bebeu um pouco de café e depois pousou a chávena na bancada. – Chegámos rapidamente ao local do crime e confirmámos que realmente estava lá uma mulher morta. Dadas as circunstâncias e o facto de o cadáver apresentar ferimentos, chegámos à conclusão preliminar de que se tratou de homicídio. Também apresentava alguns ferimentos no corpo que indicavam que tinha sido vítima de violência, o que apoia essa teoria. Não sabemos ao certo até recebermos os resultados da autópsia; por isso, por enquanto, vamos presumir que se tratou de um homicídio e agir como tal.

– Sabemos quem...? – começou Gösta, mas foi logo interrompido por um olhar de relance de Patrik.

– Sim, já identificámos a vítima – Patrik virou-se para olhar para Martin, que teve de conter as náuseas quando as fotografias do local do crime apareceram à sua frente. Ainda não parecia capaz de falar, pelo que Patrik prosseguiu: – Parece que é uma das concorrentes de *Tanum Sempre a Abrir*. A rapariga a quem chamam Barbie. Temos de descobrir o seu verdadeiro nome. Não me parece muito respeitoso chamar-lhe Barbie, dadas as circunstâncias.

– Nós... nós vimo-la ontem. Eu e Martin – disse Hanna. O rosto da agente estava tenso quando olhou de Patrik para Martin.

– Sim, ele já me disse – afirmou Patrik, acenando com a cabeça na direção de Martin. – Foi Martin quem a identificou. Parece que houve problemas, não foi? – perguntou Patrik, erguendo as sobrancelhas, o que incentivou Hanna a prosseguir.

– Bem – disse hesitantemente Hanna. – Sim, as coisas estiveram muito agitadas durante algum tempo. Os outros concorrentes estavam a importuná-la, mas apercebi-me de que eram sobretudo ofensas verbais e uns quantos empurrões, nada mais. Martin e eu tivemos de intervir para os separar e a última vez que vimos Barbie foi quando ela fugiu a correr em direção ao centro da cidade.

Martin assentiu em confirmação.

– Pois, foi isso. Houve alguma gritaria e insultos, mas nada que pudesse provocar os ferimentos que vimos no cadáver.

– Vamos ter de conversar com aquela pandilha – disse Patrik. – Saber qual foi o motivo da discussão. E se alguém viu para onde... – Patrik hesitou antes de dizer o nome da rapariga – Barbie foi. Também temos de falar com a equipa de filmagens e obter as gravações de ontem para lhes darmos uma vista de olhos. – Annika anotava tudo enquanto Patrik listava as tarefas com que teriam de lidar. Patrik ficou pensativo por uns segundos e depois apontou para Annika com a cabeça e acrescentou: – Também temos de tratar de avisar a família da rapariga. E descobrir se mais alguém viu alguma coisa ontem à noite – Patrik fez uma pausa e depois afirmou de forma grave: – Quando isto se tornar público, o que não demorará mais do que umas quantas horas, vai ser uma confusão dos diabos. Isto é uma notícia de âmbito nacional e temos de estar preparados para o assalto dos órgãos de comunicação social, que vai durar toda a investigação. Portanto, tenham cuidado com quem falam e com o que dizem. Não quero que apareça nada na imprensa que eu, e Mellberg, não tenhamos autorizado.

Para ser franco, Patrik estava preocupado com que pudesse ser Mellberg o primeiro a pôr a boca no trombone. O chefe adorava ser o centro das atenções e um repórter habilidoso conseguiria provavelmente fazer com que Mellberg debitasse tudo o que sabia acerca do caso. Mas, por enquanto, Patrik não podia fazer muito

para evitá-lo. Mellberg era o chefe da esquadra, pelo menos em teoria, e Patrik não podia pôr-lhe uma mordalha na boca. Teria de fazer figas e rezar para que ainda restasse um pinga de bom senso naquela cabeçorra. Mas não apostaria uma coroa que fosse nisso.

– Vamos fazer o seguinte: eu vou falar com o tipo encarregado da produção... – disse Patrik, estalando os dedos como se tentasse recordar o nome do produtor.

– Rehn, Fredrik Rehn – ajudou Mellberg. Patrik assentiu, agradecido, embora tivesse ficado surpreso. Não era muito frequente Mellberg contribuir com informações relevantes.

– Isso, Fredrik Rehn. Martin e Hanna, ficam aqui os dois a elaborar o relatório sobre o que viram e ouviram ontem à noite. E, Gösta... – disse Patrik, tentando febrilmente pensar numa tarefa para atribuir ao colega mais velho. Por fim, Patrik prosseguiu: – Gösta, tu vais descobrir mais acerca dos proprietários da casa a que pertence o contentor onde o cadáver foi encontrado. Não me parece que haja qualquer ligação, mas nunca se sabe.

Gösta assentiu com cansaço. Uma tarefa específica. Já conseguia sentir o peso da responsabilidade.

– Portanto, é isto – Patrik bateu palmas para assinalar que a reunião estava terminada. – Temos muito que fazer. – Todos murmuraram algo em resposta e levantaram-se. Patrik observou-os a sair em fila da sala. Perguntou a si próprio se os colegas fariam alguma ideia do que estava prestes a atingi-los quando a imprensa desse a notícia e lhes caíssem em cima como cães de fila.

– Isto vai ser fantástico! Consigo sentir o cheiro do sucesso a um quilómetro de distância! – No reduzido espaço do autocarro do estúdio, Fredrik Rehn deu uma palmada nas costas do técnico. Tinham estado a rever as filmagens do dia anterior e começado a editá-las. Fredrik gostara do que vira. Mas tudo o que já era bom ainda podia ser melhorado.

– Será que podemos acrescentar mais umas vaías quando Tina está a cantar? As que se ouvem na gravação sabem a pouco e acho que a atuação dela foi tão desastrosa que devemos ampliar a reação negativa do público – Fredrik deu uma gargalhada, e o assistente de edição assentiu, entusiasmado. Era fácilimo. Bastava-lhe acrescentar um pouco mais de ruído em vários canais para fazer com que parecesse que todo o público estava de pé a vaiar Tina aos gritos.

– Estes tipos não existem – disse Fredrik com um sorriso. Recostou-se na cadeira e traçou a perna. – São tão incrivelmente estúpidos que nem sequer se apercebem disso. Tina, por exemplo, pensa realmente que vai ser uma grande estrela *pop*. E, no entanto, não acerta uma única nota. Falei com o tipo que produziu o *single* dela e ele disse-me que foi preciso recorrer a todos os truques do manual para que aquilo

soasse mais ou menos decente. Disse-me que Tina estava tão fora de tom que quase rebentou com as colunas – Fredrik deu uma gargalhada e depois inclinou-se sobre a mesa de mistura à sua frente. Aumentou o volume. – Ouve-me só isto. É uma gritaria do caraças! – o assistente de edição também não conseguiu evitar um amplo sorriso ao ouvir a versão de Tina de «Quero Ser a Tua Coelhinha». Não admirava que os jurados de *Ídolos* a tivessem massacrado.

Uma batida determinada na porta do autocarro interrompeu-lhes as gargalhadas.

– Entre! – disse Fredrik, virando-se para ver quem era. Não reconheceu o homem que abriu a porta.

– Sim? Posso ajudá-lo? – Fredrik sentiu uma sensação de desconforto no estômago perante a visão do distintivo da polícia. Aquilo não podia ser coisa boa. Ou poderia, dependendo do que tivesse acontecido e de quão telegénico pudesse ser. – Então, que poderemos fazer para vos ajudar desta vez? – perguntou com uma risada quando se levantou para cumprimentar o agente.

O polícia entrou e encontrou um sítio para se sentar no meio do emaranhado de fios e cabos. Olhou em redor com curiosidade.

– Sim, é aqui que tudo acontece – disse Fredrik com orgulho. – Custa a crer que consigamos fazer um programa líder de audiências a partir deste espaço exíguo, não é? Claro que algum trabalho adicional é feito em Estocolmo – admitiu com relutância. – Mas a parte criativa é feita aqui mesmo.

O agente, que se apresentou como Patrik Hedström, assentiu cortesmente. Depois aclarou a garganta.

– Receio ter más notícias – disse. – Trata-se de um dos vossos concorrentes.

Fredrik revirou os olhos.

– Certo, quem foi desta vez? – perguntou, dando uma gargalhada. – Deixe-me adivinhar... Uffe fez mais uma das suas – Fredrik virou-se para o assistente de edição. – Eu disse-te que Uffe seria o primeiro a armar confusão, não disse? – Cada vez mais curioso, o produtor virou-se novamente para o agente. Estava a magicar como conseguiria pôr aquilo, o que quer que fosse, no programa.

Patrik aclarou novamente a garganta e depois disse em voz baixa:

– Infelizmente, uma das vossas concorrentes foi encontrada morta.

Foi como se uma bomba explodisse no espaço apinhado. O único som que se ouvia era o zumbido do equipamento.

– Que foi que disse? – perguntou por fim Fredrik, começando a recuperar a compostura. – Uma delas foi encontrada morta? Quem? E onde? Como? – os pensamentos rodopiavam-lhe na cabeça. Que acontecera? Enquanto isso, uma parte do seu cérebro compunha já uma estratégia para apresentar o caso à imprensa. Nunca acontecera nada como aquilo a meio das filmagens de um *reality show*. Sexo, sim, seguido da consequência tão velha como o mundo: a gravidez. O *Big Brother*

norueguês tinha sido pioneiro nisso. Pedidos de casamento, sim, o *Big Brother* sueco tinha sido um enorme sucesso graças a Oliver e Carolina. E aquela agressão com um cano de chumbo em *O Bar* dera azo a capas de revista durante várias semanas. Mas uma morte! Isso era algo completamente novo. Absolutamente único.

– Foi a rapariga a quem chamam Barbie. Foi encontrada esta manhã num... – Patrik hesitou um momento antes de prosseguir – contentor de lixo. Tudo aponta para que tenha sido morta.

– Morta? – repetiu Fredrik. – Quer dizer assassinada? Barbie foi assassinada? É isso que está a dizer-me? Quem foi que a matou? – Fredrik parecia tão confuso quanto provavelmente se sentia. Aquele cenário não estava na lista de acontecimentos que tinham despontado na sua mente.

– Por enquanto não temos nenhum suspeito. Mas vamos começar a fazer interrogatórios imediatamente. A começar pelos seus concorrentes. Os agentes destacados para a sua festa da noite passada relataram que houve uma grande discussão entre a mulher assassinada e os outros concorrentes.

– Sim, foram trocadas umas quantas palavras duras e houve alguma discussão – disse Fredrik, recordando a cena a que tinham acabado de assistir no monitor. – Mas nada que parecesse suficientemente grave a ponto de alguém...

– Também precisamos das gravações que fizeram ontem – disse laconicamente Patrik, olhando Fredrik nos olhos.

Fredrik retribuiu o olhar do agente.

– Não estou autorizado a fornecer-lhe quaisquer gravações – disse calmamente. – Até receber um mandado a ordenar-me que entregue o material não sai daqui nada. Tudo o que me peça para além disso é inaceitável.

– Compreende que se trata da investigação de um homicídio? – perguntou Patrik, irritado. Embora esperasse uma reação diferente, não tinha ficado surpreendido com a resposta de Rehn.

– Sim, compreendo, mas não posso simplesmente entregar-lhe o material. Há muitos princípios éticos envolvidos – Fredrik sorriu, fingindo lamentar a situação. Patrik limitou-se a resfolegar. Ambos sabiam que a ética não era o motivo da recusa do produtor.

– Mas estarei certo se presumir que vai cancelar imediatamente a emissão do programa, tendo em conta o sucedido?

Fredrik abanou a cabeça.

– Não podemos de todo fazer isso. Temos gravações agendadas para as próximas quatro semanas e parar uma produção agora... não, é completamente impossível. E também não acho que Barbie gostasse que isso acontecesse; ela teria desejado que o concurso continuasse. – Quando olhou para Patrik, Fredrik percebeu que tinha passado dos limites. O rosto do agente estava vermelho como um tomate e o homem

parecia estar a conter-se para não o mandar àquela parte.

– Não está a querer dizer-me que está a pensar... – Patrik interrompeu-se e perguntou: – Qual era o verdadeiro nome da rapariga? Não posso continuar a chamar-lhe Barbie. É demasiado degradante. E, já agora, vou precisar de todos os dados pessoais dela e dos contactos dos familiares. Está disposto a fornecer-nos essas informações, ou isso também mexe com questões *éticas*?

As últimas palavras transbordavam sarcasmo, mas a sua ira não surtiu efeito em Fredrik. Por algum motivo, o formato do *reality show* parecia atrair hostilidade; estava acostumado a lidar com aquilo. Calmamente, respondeu:

– O nome dela é Lillemor Persson e cresceu em lares de acolhimento; portanto, não temos registo de nenhum familiar. Mas ser-lhe-ão dadas todas as informações de que dispusermos. Não há problema – o produtor sorriu suavemente. – Quando vão começar os interrogatórios? Há alguma hipótese de os filmarmos? – Era um tiro no escuro e o olhar assassino que recebeu de Patrik foi uma resposta suficientemente esclarecedora.

– Vamos começar os interrogatórios imediatamente – disse laconicamente Patrik, levantando-se para sair do autocarro. Nem sequer se deu ao trabalho de dizer adeus antes de bater com a porta.

– Que golpe de sorte do caraças – exclamou Fredrik sem fôlego, ao que o assistente não pôde deixar de assentir. Era a sua oportunidade de levar um drama real até às salas de estar da Suécia. Pensou em Barbie durante um segundo. Depois pegou no telefone. O conselho de administração tinha de saber daquilo. *Tanum Sempre a Abrir* transformado em *CSI*. Caramba, as audiências iam disparar!

– Como havemos de fazer isto? – perguntou Martin. Tinham decidido ficar a trabalhar na sala de convívio. Martin alcançou a cafeteira para voltar a encher as chávenas de ambos. Hanna deitou leite no café e mexeu-o. – Achas que cada um de nós deve fazer um relatório separado ou elaboramo-lo em conjunto?

Hanna pensou durante um momento.

– Acho que o relatório ficaria mais completo se o fizéssemos em conjunto e comparássemos as nossas notas sobre o que aconteceu à medida que o formos elaborando.

– Está bem – disse Martin, abrindo o seu computador portátil e iniciando-o. – Escrevo eu, ou preferes ser tu?

– Escreve tu – respondeu Hanna. – Eu ainda escrevo só com dois dedos e nunca consegui melhorar a velocidade.

– Certo, eu trato da escrita – Martin deu uma gargalhada enquanto introduzia a palavra-chave. Abriu um novo documento do *Word* e preparou-se para começar a preencher o ecrã com palavras.

– Ontem à noite não me tinha apercebido de qualquer agitação até ter ouvido alguém a falar alto nas traseiras do centro comunitário. E tu?

Hanna assentiu.

– Sim, antes disso não tinha dado por nada. A única situação digna de registo até ao final da noite foi aquela rapariga que estava tão bêbeda que mal se aguentava em pé. A que horas terá sido isso? À meia-noite? – Martin datilografava enquanto Hanna falava. – Depois, julgo que devia faltar pouco para a uma da manhã quando ouvi duas pessoas a gritar uma com a outra. Chamei-te, fomos até às traseiras do centro e demos com Barbie e Uffe.

– Hum – disse Martin, continuando a datilografar. – Olhei para o relógio e eram dez para a uma. Dobrei a esquina antes de ti e vi Uffe a agarrar Barbie pelos ombros e a abaná-la violentamente. Ambos corremos na direção deles. Eu neutralizei Uffe e arrastei-o para longe, enquanto tu foste ver como estava Barbie.

– Sim, e Uffe estava tão agressivo que tentou pontapear a rapariga enquanto tu o seguravas.

– Dominámos a situação – prosseguiu Martin – e eu separei-os. Falei com Uffe e disse-lhe que teria de ir à esquadra se não parasse com aquele estrilho.

– Espero que não vás pôr «parasse com aquele estrilho» no relatório – Hanna deu uma gargalhada.

– Bem, é só temporariamente. Mais tarde tenho de editar o texto e dar-lhe um ar burocrático, por isso não te preocupes. Por enquanto, vamos deixar as palavras fluir para não deixarmos nada de fora no relatório.

– Está bem – disse Hanna com um sorriso. Depois pôs-se séria outra vez. – Falei com Barbie e tentei descobrir o que precipitara a discussão. Estava muito perturbada e não parava de dizer que Uffe estava doido por ela estar a «dizer porcarias» acerca dele, mas que não percebia do que estava Uffe a falar. Passado um bocado, Barbie acalmou-se e parecia estar bem.

– E então deixámo-los ir – completou Martin, erguendo os olhos do computador. Carregou na tecla *enter* duas vezes para criar um novo parágrafo, bebeu mais um pouco de café e prosseguiu: – O incidente seguinte ocorreu às... bem, diria que cerca das duas e meia da manhã.

– Por aí – disse Hanna. – Duas e meia, um quarto para as três.

– Foi a vez de um dos adolescentes que participavam na festa vir alertar-nos para uma discussão que estava a acontecer na encosta que vai dar à escola. Aproximámo-nos do local e vimos várias pessoas a agredir uma mulher. Estavam a insultá-la e a empurrá-la. Os concorrentes Mehmet, Tina e Uffe estavam a agredir Barbie. Nós aproximámo-nos e tivemos de usar a força para acabar com aquilo. Barbie estava a chorar; tinha o cabelo desgrenhado e a maquilhagem esborratada. Parecia muito abalada. Falei com os outros para tentar descobrir o que tinha acontecido. Deram-me

a mesma resposta que Uffe tinha dado anteriormente, que Barbie estava a «dizer uma data de porcarias». Esta foi a melhor explicação que consegui dele.

– Entretanto, eu fiquei junto de Barbie a poucos metros de distância – completou Hanna, parecendo emocionada. – Barbie estava perturbada e assustada. Perguntei-lhe se queria apresentar queixa contra eles, mas a rapariga disse que não. Falei com ela durante algum tempo para tentar acalmá-la e descobrir o que se passava, mas Barbie afirmava que não fazia ideia. Passado algum tempo, virei-me para ver como te estavam a correr as coisas. Quando me voltei novamente para Barbie, vi-a a correr em direção à cidade, mas depois virou à direita em vez de continuar na direção do centro. Pensei ir a correr atrás dela, mas depois decidi que Barbie devia precisar de estar sozinha para se poder acalmar – a voz de Hanna tremia um pouco. – Depois não voltámos a vê-la.

Martin ergueu os olhos do computador e sorriu-lhe para a consolar.

– Não poderíamos ter feito outra coisa. Apenas sabemos que os concorrentes tiveram uma forte alteração. Nada indicava que aquilo iria... – Martin fez uma pausa – terminar da forma como terminou.

– Achas que Barbie foi assassinada por um dos outros concorrentes? – perguntou Hanna, ainda com voz trémula.

– Não sei – respondeu Martin, lendo no ecrã o que tinha escrito. – De momento, são todos suspeitos. Teremos de esperar pelo resultado dos interrogatórios. – Martin gravou o documento e desligou o computador, pegando nele assim que se levantou. – Agora vou para o meu gabinete escrever a versão oficial. Se te lembrares de mais alguma coisa, não hesites em bater à minha porta.

Hanna assentiu e depois de Martin sair, limitou-se a ficar ali sentada. As mãos que seguravam a chávena de café ainda tremiam.

Calle deu um passeio pela cidade. Em Estocolmo, costumava exercitar-se no ginásio pelo menos cinco vezes por semana, mas ali tinha de contentar-se com umas caminhadas para se livrar da gordura acumulada. Estugou o passo para queimar as calorias. Achava que era importante estar em forma. Não tinha paciência para pessoas que não cuidavam do seu corpo. Era um verdadeiro prazer ver-se ao espelho para admirar o abdómen tonificado, a forma como os bíceps se distendiam quando fletia os braços e apreciar a musculatura do seu tronco. Quando saía à noite na cidade, na Praça Stureplan, desabotoava sempre a camisa de modo estudadamente descontraído quando se aproximava dos bares. As miúdas adoravam aquilo. Não conseguiam parar de lhe enfiar as mãos na camisa para sentir os músculos do peito e arranhá-lo com as unhas.

Por vezes, Calle perguntava a si próprio como teria sido a sua vida se não tivesse dinheiro. Como teria sido viver como Uffe ou Mehmet, num apartamento merdoso

qualquer nos subúrbios, mal conseguindo ter dinheiro para as necessidades mais básicas. Uffe tinha-se gabado dos assaltos e das suas outras avarias, mas Calle quase não conseguira conter uma gargalhada quando soube a miséria que lhe tinham rendido aqueles crimes de trazer por casa. Eram trocos, caramba, a semanada que o pai lhe dava punha aquilo a um canto.

Contudo, nada parecia preencher o vazio que sentia no coração. Em anos recentes, Calle tinha constantemente procurado algo que lhe conseguisse finalmente tapar aquele buraco. Mais champanhe, mais festas, mais miúdas, mais coca para snifar, mais de tudo. Sempre mais de tudo, como se não houvesse limite para o dinheiro que conseguia queimar. Calle não ganhava uma coroa. O dinheiro vinha-lhe todo do pai. E Calle estava sempre a pensar que agora... agora, aquilo teria finalmente de parar. Mas o dinheiro continuava a chegar. O pai pagava uma conta a seguir à outra. Comprara-lhe um apartamento em Östermalm sem pestanejar e pagara àquela rapariga que inventara a história de ter sido violada – tudo mentira, claro, uma vez que ela tinha ido para casa dele com Ludde e não houvera dúvida quanto às suas intenções. O pai estava constantemente a encher os bolsos de Calle. E não parecia exigir nada em troca. Calle sabia porquê. O pai nunca dizia que não, porque o seu sentimento de culpa o obrigava a continuar a pagar. Continuava a despejar coroas no buraco que Calle tinha no peito, mas o dinheiro esfumava-se simplesmente, sem nunca preencher o vazio.

Ambos tentavam utilizar o dinheiro para compensar o que tinham perdido. O pai dava; Calle gastava.

À medida que as recordações o inundavam, a dor que sentia no peito intensificava-se. Calle caminhou mais depressa, incitando-se a seguir em frente, tentando forçar as imagens a recuar. Mas era impossível escapar àquelas recordações. A única coisa que as poderia extinguir era uma mistura de champanhe e cocaína. À falta disso, Calle teria de viver com o seu passado. Começou a correr.

Gösta suspirou. A cada ano que passava tornava-se mais difícil manter-se motivado. Ir para o trabalho todas as manhãs tirava-lhe toda a energia que lhe restava; era quase impossível tentar fazer o que quer que fosse. Podia passar dias a fio preocupado com tarefas simples. Não compreendia como tinham as coisas chegado àquele ponto. Aquele marasmo tinha-se infiltrado nele desde a morte de Majbritt e a solidão consumia-o por dentro, privava-o do prazer que em tempos o trabalho lhe dera. Nunca fora muito ambicioso, era o primeiro a admiti-lo, mas tinha feito o que era esperado dele e, por vezes, até sentira alguma satisfação. Porém, qual era o sentido de tudo aquilo? Não tinha filhos a quem deixar alguma coisa; o seu único filho morrera poucos dias depois de ter nascido. Não tinha ninguém em casa à sua espera ao final da tarde, ninguém com quem passar os fins de semana. O único

prazer de Gösta era jogar golfe. E, atualmente, o golfe era mais uma obsessão do que um passatempo. Gostaria de poder jogar vinte e quatro horas por dia. Mas o golfe não lhe pagava a renda da casa, por isso tinha de continuar a trabalhar, pelo menos até se reformar. E Gösta ia contando os dias.

Sentou-se e olhou fixamente para o computador. Por motivos de segurança, não lhes era permitido ter ligação à Internet. Em vez disso, Gösta tinha de verificar o nome correspondente à morada telefonando para as informações. Após uma breve conversa, localizara o proprietário da casa de férias à qual pertencia o contentor de lixo. Percebeu logo que tudo aquilo era inútil, e o seu ceticismo foi confirmado quando obteve o número de telefone da casa do proprietário, em Gotemburgo. Era óbvio que aquelas pessoas não tinham nada que ver com o homicídio. Tinham simplesmente tido o azar de o assassino ter escolhido o seu contentor para se livrar da rapariga.

Os pensamentos de Gösta divagaram para a rapariga assassinada. Não ter iniciativa não significava de todo que não sentisse empatia. Sofria pelas vítimas e pelos seus familiares e estava grato por, pelo menos, não ter tido de ver a rapariga. Martin ainda estava um pouco pálido quando se cruzou com ele no corredor.

Gösta já tinha visto mais do que o seu quinhão de cadáveres e, mesmo depois de quarenta anos na corporação, ainda conseguia lembrar-se de cada um deles. A maioria eram vítimas de acidentes de viação e suicidas, os homicídios eram uma exceção. Mas cada morte gravava uma ruga na sua memória e Gösta conseguia evocar imagens que eram tão nítidas como fotografias. Tinha tido de informar tantas pessoas da morte dos seus entes queridos, provocando tantas lágrimas, desespero, choque e horror. Talvez fosse por isso que estava agora tão deprimido; cada morte, com toda a dor e infelicidade inerente, tinha acrescentado mais umas quantas gotas de mágoa ao cálice da vida, enchendo-o por completo. Aquilo não era desculpa, mas talvez ajudasse a explicar o seu estado de espírito.

Com um suspiro, Gösta pegou no auscultador para telefonar aos proprietários da casa e informá-los de que tinha sido encontrado um cadáver no seu contentor de lixo. Marcou o número. Mais valia despachar aquilo.

– Qual é o motivo de tudo isto? – sentado na sala de interrogatórios, Uffe parecia cansado e irritado.

Patrik não se apressou a responder, ordenando cuidadosamente com Martin a documentação sobre o caso. Estavam sentados à frente de Uffe, a uma mesa desengonçada. Para além de quatro cadeiras, não havia mais móveis na sala. Patrik reparou que Uffe não parecia particularmente nervoso, mas aprendera ao longo dos anos que o modo como um interrogado exteriorizava as suas emoções não refletia necessariamente o que lhe ia na alma. Patrik aclarou a garganta, cruzou as mãos

sobre a pilha de documentos e inclinou-se para a frente.

– Ouvi dizer que houve uns problemas a noite passada – Patrik estudava atentamente a reação de Uffe. Apenas obteve um sorriso sarcástico. Uffe recostou-se descontraidamente na cadeira. Depois soltou uma pequena gargalhada.

– Ah, sim, aquilo. Agora que penso nisso, não foi brincadeira nenhuma – Uffe fez um gesto com a cabeça na direção de Martin. – Talvez alguém devesse pensar em apresentar uma queixa contra a brutalidade da polícia – Uffe deu nova gargalhada e Patrik sentiu a raiva a crescer dentro de si.

– Ora bem – disse calmamente Patrik –, já temos o relatório aqui do meu colega e da outra agente que esteve no local. Agora quero ouvir a tua versão.

– A minha versão – Uffe esticou as pernas até ter ficado praticamente reclinado na cadeira. Não parecia estar muito confortável. – A minha versão é que houve uma discussão. Uma discussão entre bêbados. Nada mais. E então, qual é o problema? – Uffe semicerrou os olhos e Patrik conseguia sentir o cérebro alcoolizado do rapaz a trabalhar freneticamente.

– Nós é que fazemos as perguntas, não tu – disse rispidamente Patrik. – Ontem, às dez da noite, dois dos nossos agentes viram-te a agredir uma das concorrentes, Lillemor Persson.

– O nome dela é Barbie – interrompeu-o Uffe com uma gargalhada. – Lillemor... Essa é boa, porra.

Patrik teve de se conter para não pregar uma valente bofetada no jovem que estava à sua frente. Martin reparou no que estava a acontecer, por isso assumiu o comando do interrogatório para dar tempo a Patrik de se recompor. – Nós vimos-te a empurrar e a agredir Lillemor. Qual foi o motivo da discussão?

– Bem, não percebo porque estão a massacrar-me sobre isso. Não foi nada de especial. Tivemos um ligeiro... desentendimento, nada mais. Mal lhe toquei! – a descontração de Uffe começava agora a esbater-se e o rapaz deixou transparecer algum desconforto.

– Qual foi o motivo do desentendimento? – prosseguiu Martin.

– Nenhum! Ou, enfim, está bem, ela tinha estado a dizer umas merdas sobre mim e eu soube. Só queria que ela o admitisse. E que retirasse o que tinha dito! Ela não pode andar para aí a espalhar essas merdas. Só queria que ela compreendesse isso.

– Quer dizer que foi isso que tu e os outros tentaram obrigá-la a admitir, umas horas mais tarde? – perguntou Patrik, olhando para o relatório à sua frente.

– Sim – respondeu Uffe. – Agora estava sentado muito direito na cadeira. O sorriso sarcástico também começava a desvanecer-se. – Mas basta perguntarem a Barbie. Garanto-vos que ela vai confirmar tudo o que eu disse. Foi uma discussão. Não percebo porque é que os chuis se estão agora a meter nisto.

Por um momento, o olhar de Patrik encontrou o de Martin. Depois, o agente mais

velho olhou calmamente para Uffe e afirmou:

– Temo que Lillemor já não possa dizer muito sobre o que quer que seja. Foi encontrada morta esta manhã. Assassinada.

O silêncio desceu sobre a sala de interrogatórios. Uffe empalideceu. Martin e Patrik esperaram que o rapaz falasse.

– Está... estão... estão a gozar, certo? – disse por fim Uffe. Os dois agentes não reagiram. O cérebro de Uffe interiorizava lentamente o que Patrik dissera. Já não havia qualquer vestígio do sorriso do rapaz.

– Mas que porra? Acham que eu...? Mas eu... Aquilo foi só uma pequena discussão. Eu seria incapaz de... Eu não... – balbuciou Uffe, deslocando nervosamente o olhar de um agente para outro.

– Vamos precisar de uma amostra do teu ADN – disse Patrik, colocando sobre a mesa o material necessário. – Não te opões, pois não?

Uffe hesitou.

– Não, que se lixe. Tirem lá a merda do ADN. Eu não fiz nada de mal.

Patrik inclinou-se para a frente e, com um cotonete, retirou uma amostra de saliva do interior da bochecha de Uffe. Por um momento, Uffe parecia estar arrependido de ter dado o seu consentimento, mas depois o cotonete foi colocado num envelope e este foi selado, pelo que era tarde de mais para mudar de ideia. Uffe olhou fixamente para o envelope. Engoliu em seco e depois fitou Patrik de olhos muito abertos.

– Não vão acabar com o programa, ou vão? Não podem fazer isso, pois não? Quer dizer, não podem acabar com o programa sem mais nem menos! – Uffe falava num tom pleno de desespero e Patrik sentiu desprezo por todo aquele espetáculo. Como era possível que um programa de televisão fosse mais importante do que a vida de uma pessoa?

– Não nos compete decidir isso – respondeu secamente Patrik. – A decisão cabe à empresa que produz o programa. Se fosse eu a decidir, acabava com essa treta em cinco segundos, mas... – Patrik abriu os braços e viu o alívio que se espalhou pelo rosto de Uffe. – Já podes ir-te embora – disse laconicamente Patrik. Ainda tinha bem presente a imagem do cadáver nu de Barbie e sentia um amargo de boca ao pensar que a sua morte seria convertida em entretenimento. Aquela gente estava louca, ou quê?

O dia começara de forma muito prometedora para Erling. Primeiro, tinha ido dar uma longa corrida saboreando o ar fresco daquela manhã de primavera. Normalmente, não era grande amante da natureza; porém, nessa manhã, surpreendera-se com a felicidade que sentira ao ver a luz do sol filtrar-se através das copas das árvores. Aquela sensação de vastidão permaneceu no seu peito durante todo o

caminho até casa e motivou-o a fazer amor com Viveca, que, para variar, se deixou facilmente persuadir. Aquela costumava ser uma das poucas nuvens negras na vida de Erling. Depois de terem casado, Viveca parecia ter perdido o interesse pelo sexo. Ocorreu a Erling como era inútil ter encontrado uma mulher jovem e fresca e não poder ter acesso ao seu corpo. Não, isso teria de mudar. As atividades dessa manhã convenceram-no ainda mais de que tinha de ter uma conversa séria com Viveca acerca daquele pormenor. Tinha de explicar-lhe que o casamento tinha que ver com favores, dados e recebidos. E, se Viveca ainda quisesse continuar a ser recetora, no que tocava a roupas, joias, distrações e belos objetos de decoração para o lar, bem, então teria de ser mais entusiasta para prestar os favores de que ele, como homem, necessitava. Não houvera qualquer problema nessa área antes do casamento. Instalou Viveca num apartamento confortável que pagava. Isso na altura em que Erling ainda vivia com a mulher com quem estava casado há trinta anos. Nessa altura, Erling e Viveca faziam amor a qualquer hora e nos sítios mais invulgares. Aquela lembrança despertava a libido de Erling. Talvez estivesse na altura de recordar isso à mulher. Afinal, Erling tinha muito tempo perdido para recuperar.

Erling tinha acabado de pôr o pé nas escadas para ir até ao andar de cima falar com Viveca quando foi interrompido pelo telefone. Por um momento, ponderou deixá-lo tocar, mas depois deu meia-volta e dirigiu-se ao telefone sem fios que estava sobre a mesa de café. Podia ser algum assunto importante.

Cinco minutos mais tarde, Erling continuava com o telefone na mão, mudo de espanto. As consequências do que ouvira andavam aos trambolhões na sua cabeça e o seu cérebro tentava já formular possíveis soluções. Levantou-se e gritou para o andar de cima:

– Viveca, tenho de ir ao escritório. Houve um problema que tenho de resolver.

Uma resposta murmurada vinda do primeiro andar confirmou a Erling que a mulher o ouvira. Vestiu o casaco e pegou na chave do carro que estava pendurada junto da porta principal. Não tinha contado com uma situação daquelas. Que diabo ia fazer agora?

Sabia bem ser chefe num dia como aquele. Mellberg teve de mudar estrategicamente de expressão para ocultar a satisfação que sentia. Precisava antes de mostrar uma mistura de empatia e determinação. Mas não podia negar que ser o centro das atenções da imprensa lhe dava imenso prazer. Aquilo era a sua cara. E não pôde deixar de perguntar a si próprio como iria Rose-Marie reagir quando o visse no noticiário da noite a encabeçar a investigação. Encheu o peito de ar e endireitou os ombros, assumindo uma pose que exsudava poder. Os *flashes* das máquinas fotográficas quase o cegavam, mas Mellberg manteve a sua postura grave e séria. Aquela era uma oportunidade que não podia deixar escapar.

– Dou-vos mais um minuto para tirarem fotografias, depois têm de se acalmar – os *flashes* das máquinas fotográficas continuaram a disparar durante mais alguns segundos, até que Mellberg ergueu a mão e percorreu com os olhos os rostos atentos dos repórteres.

– Como já é do vosso conhecimento, hoje de manhã encontrámos o cadáver de Lillemor Persson. – Um mar de mãos ergueu-se no ar e Mellberg dirigiu um assentimento magnânimo ao repórter do *Expressen*¹⁰.

– Já está provado que se trata de homicídio? – todos esperaram pela resposta de Mellberg de esferográficas a pairar sobre os blocos-notas. O superintendente aclarou a garganta.

– Antes da conclusão do relatório da autópsia não podemos afirmá-lo com toda a certeza. Mas todos os indícios apontam para que Lillemor Persson tenha sido vítima de homicídio – a resposta de Mellberg foi seguida por um murmúrio e pelo raspar das esferográficas nos blocos-notas. As câmaras de TV, ostentando as siglas dos respetivos canais, zumbiam, e os focos brilhantes apontavam todos para o superintendente. Mellberg ponderou a que canal dar prioridade. Após cuidada reflexão, optou por virar o seu melhor lado para a câmara da TV4. A avalanche de perguntas não parava e Mellberg fez um gesto de assentimento ao repórter de outro diário vespertino.

– Já têm algum suspeito? – instalou-se um silêncio tenso, tal era a expectativa para a resposta de Mellberg. A luz intensa dos focos fez com que o superintendente semicerrasse os olhos.

– Já foram chamados vários indivíduos para interrogatório – respondeu –, mas ainda não temos nenhum suspeito específico.

– As filmagens de *Tanum Sempre a Abrir* vão ser compulsivamente interrompidas por causa do sucedido? – a pergunta foi feita por um repórter do *Aktuellt*¹¹.

– No ponto em que as coisas estão, não podemos nem temos nenhum motivo para tomar essa decisão. Isso é algo que deve ser decidido pela produção do programa e pelo conselho de administração da estação emissora.

– Mas será que faz sentido que um programa de entretenimento como *Tanum Sempre a Abrir* continue a ir para o ar depois de um dos seus concorrentes ter sido assassinado? – perguntou o mesmo repórter.

Claramente irritado, Mellberg respondeu:

– Como eu disse, a polícia não tem voto nessa matéria. Terá de contactar a estação emissora a esse respeito.

– Ela foi violada? – já ninguém esperava pelo assentimento de Mellberg; as perguntas voavam na direção do superintendente como pequenos projecteis.

– Deve dirigir essa pergunta ao patologista forense.

– Mas havia indícios de agressão sexual?

– A vítima estava nua quando a encontramos; portanto, pode retirar as suas próprias conclusões – assim que respondeu, Mellberg apercebeu-se de que talvez não tivesse sido muito boa ideia divulgar aquela informação. O superintendente sentia-se esmagado pela pressão da situação e alguma da excitação acerca da conferência de imprensa começava a atenuar-se. Aquilo era algo bem diferente de responder às perguntas da imprensa local.

– Existe alguma relação entre o crime e o local onde a vítima foi encontrada? – um repórter local tinha finalmente conseguido introduzir a custo uma pergunta. Os jornais e as televisões das grandes cidades pareciam ter os cotovelos consideravelmente mais treinados.

Mellberg ponderou cuidadosamente a resposta. Não queria pôr novamente a pata na poça.

– De momento, não há nenhum indício de tal relação – disse por fim.

– Então onde foi encontrada a vítima? – perguntou bruscamente o repórter do tabloide vespertino. – Circula o rumor de que foi encontrada num camião de lixo. É verdade? – uma vez mais, todos os olhares se fixaram em Mellberg. O superintendente lambeu nervosamente os lábios.

– Sem comentários.

Maldição, os tipos iam perceber que aquela resposta significava que o rumor tinha fundamento. Talvez devesse ter dado ouvidos a Hedström quando este se ofereceu para lidar com a conferência de imprensa. Mas não ia abdicar do seu momento sob as luzes da ribalta. Só de pensar em Hedström ficou tão irritado que se endireitou novamente na cadeira.

– Sim? – apontou para uma repórter que estava a acenar há bastante tempo para pedir tempo de antena.

– Já interrogaram algum concorrente de *Tanum Sempre a Abrir*?

Mellberg assentiu. Aqueles tipos adoravam pavonear-se na imprensa, por isso não estava minimamente incomodado por partilhar aquela informação.

– Sim, já os interrogámos.

– Algum deles é suspeito do homicídio? – a câmara do programa informativo *Rapport* estava a filmar e o jornalista esticou o seu grande microfone para captar a resposta de Mellberg.

– Antes de mais, ainda não há confirmação de se tratar de um homicídio e, por enquanto, ainda não temos suspeitas que apontem para um indivíduo específico – era uma mentira pura e simples. Mellberg lera o relatório de Molin e Kruse e já tinha uma ideia bem formada sobre quem era o culpado. Mas não era tão estúpido a ponto de partilhar aquela pequena pérola até a investigação estar terminada.

As perguntas perderam o ímpeto e Mellberg ouviu-se a repetir as mesmas respostas vezes sem conta. Depois, o superintendente fartou-se e declarou que a

conferência de imprensa estava terminada. Com as câmaras a dispararem os seus *flashes* nas suas costas, Mellberg caminhou para fora da sala do modo mais solene que conseguiu. Queria que Rose-Marie visse um homem poderoso quando assistisse ao noticiário dessa noite.

Nos dias que se seguiram à morte de Barbie, Jonna tinha visto por diversas vezes pessoas a sussurrar e a apontar na sua direção. Desde que participara no *Big Brother* que estava habituada a ser observada atentamente. Mas aquilo era algo completamente diferente. Não se tratava de curiosidade ou de admiração por Jonna aparecer na TV. Aquilo era uma ânsia de sensacionalismo, uma espécie de sede de sangue por parte dos média que a fazia ficar com pele de galinha.

Jonna desejou ir para casa assim que soube o que tinha acontecido a Barbie. O seu primeiro instinto foi fugir, regressar ao único sítio que conhecia. Mas apercebeu-se de que aquilo não era opção. Em casa apenas encontraria o mesmo vazio, a mesma solidão. Não estaria lá ninguém para a abraçar ou para lhe acariciar o cabelo. Todos aqueles pequenos gestos de consolo pelos quais o seu corpo ansiava ardentemente. Mas não havia ninguém capaz de satisfazer essa necessidade. Nem em casa nem ali. Por isso, Jonna decidiu que mais valia ficar.

A caixa por detrás dela parecia vazia. Agora estava lá sentada outra rapariga, uma das funcionárias habituais. Mas Jonna continuava a sentir que não estava lá ninguém. Espantava-se com o vazio que Barbie tinha deixado. Jonna tinha escarnecido da rapariga, tinha-a enxotado. Mal a considerara um ser humano. Porém, agora que tinha morrido, Jonna apercebeu-se da alegria que Barbie irradiava, apesar de toda a sua insegurança e daquele disparate de querer ser loura, do seu desejo de atenção. Barbie estava sempre a rir e a tentar animar todos os outros, tal era o seu entusiasmo em relação ao concurso. E, como forma de agradecimento, tinham gozado com ela e tinham-na posto de parte, apelidando-a de loura burra e desrespeitando-a até ao limite. Só agora compreendia quanto Barbie lhes tinha dado.

Jonna desceu as mangas do camisolão. Não tinha qualquer desejo de atrair olhares curiosos, fossem de compaixão ou de espanto e repugnância. As feridas nos seus braços eram mais profundas do que o habitual. Jonna cortara-se todos os dias desde a morte de Barbie. De forma mais violenta e brutal do que nunca. Via a pele a abrir-se e a jorrar sangue e continuava a retalhar a carne cada vez mais fundo. Mas a visão do fluido vermelho e palpitante já não conseguia acalmar a sua ansiedade. A sensação era agora tão esmagadora que nada a conseguia conter.

Às vezes ouvia vozes excitadas dentro da sua cabeça. Como se estivesse a ouvir uma gravação. Ouvia o que era dito como se as palavras viessem do exterior. Era horrível. Tudo tinha corrido mal. Terrivelmente mal. A escuridão tinha-se apoderado dela aos poucos e Jonna não conseguia detê-la. Toda a escuridão que tentava expelir

através do seu próprio sangue, através das feridas, tinha-a antes inundado com uma fúria implacável.

Agora sentia o vazio que reinava na caixa por detrás dela misturar-se com a vergonha. E com o terror. As veias pulsavam. Era o sangue a querer sair. Mais sangue.

– Que se lixe isto tudo; se eu tiver algum voto na matéria, vamos fechar este maldito circo! – Uno Brorsson bateu com o punho na grande mesa de reuniões do centro comunitário e olhou furiosamente para Erling. Nem sequer olhou para Fredrik Rehn, que tinha sido convidado para debater o que acontecera e comunicar o ponto de vista da produtora do concurso.

– Acho que devia acalmar-se – admoestou Erling. Na verdade, apetecia-lhe pegar em Uno pela orelha e arrastá-lo para fora da sala de reuniões como se ele fosse um miúdo malcomportado, mas conteve o impulso. – O que aconteceu é incrivelmente trágico, mas não significa que tenhamos de tomar decisões precipitadas apenas com base nas emoções. Estamos aqui hoje para debater o projeto de forma sensata. Convidei Fredrik para que possa comunicar-nos o seu ponto de vista acerca da continuação ou não do projeto. Recomendo que ouçam o que ele tem para dizer. Vistas bem as coisas, Fredrik é quem tem mais experiência no tocante a este tipo de produções. Apesar de o sucedido ser algo completamente novo, e trágico, claro, como já referi, tenho a certeza de que Fredrik tem uma série de bons conselhos para nos dar sobre como lidar com toda esta situação.

– Idiota inútil – resmungou Uno baixinho, mas suficientemente alto para que Fredrik ouvisse. O produtor optou por ignorar o comentário e foi colocar-se por detrás dele com as mãos firmemente apertadas em torno das costas da sua cadeira.

– Bem, compreendo que isto tenha despertado bastantes emoções. Claro que lamentamos profundamente a morte de Barbie, Lillemor. Toda a equipa de produção, assim como o conselho de administração em Estocolmo, lamenta profundamente o que aconteceu. E eu também, claro – Fredrik aclarou a garganta e baixou os olhos com tristeza. Após um momento de silêncio incómodo, Fredrik ergueu os olhos. – Porém, como dizem na América: «*The show must go on.*» Tenho a certeza de que nenhum de vós poderia parar de trabalhar se, Deus não o permita, alguma coisa acontecesse a um dos membros da vossa família. E nós também não podemos fazer isso. Além do mais, estou convencido de que Barbie, Lillemor, teria querido que continuássemos com o concurso – Fredrik ficou novamente em silêncio e com olhar pesaroso.

Ouviu-se uma fungadela vinda da extremidade da grande mesa lustrosa.

– Pobre criança – Gunilla Kjellin limpou cuidadosamente uma lágrima com um lenço de papel.

Por um momento, Fredrik pareceu algo perturbado, mas não tardou a prosseguir:

– Nem podemos ignorar os factos. E um desses factos é que investimos uma quantia considerável em *Tanum Sempre a Abrir*, um investimento que sempre esperámos vir a gerar lucros, tanto para a vossa comunidade como para nós. Ganharíamos audiência e receitas publicitárias, ao passo que a vossa comunidade lucraria com o empurrão dado ao turismo. Trata-se de uma equação muito simples.

O diretor financeiro municipal, Erik Bohlin, começou a erguer o braço para indicar que tinha uma pergunta. Mas Erling estava apreensivo com o facto de isso poder conduzir o debate numa direção indesejada, pelo que olhou furiosamente para o jovem economista, incitando-o a baixar o braço.

– Mas, agora, como é que isto vai trazer-nos turistas? Os homicídios têm sempre um certo... efeito negativo no turismo – afirmou Jörn Schuster, o anterior presidente do conselho municipal, olhando reprovadoramente para Fredrik Rehn.

Erling contou até dez em silêncio. Porque teriam aquelas pessoas de ser sempre tão incrivelmente pessimistas? Não se aguentariam um dia inteiro no mundo real. Nem no mundo a que Erling se habituara durante os seus anos como diretor-geral de uma grande empresa. Com uma calma gélida, Erling virou-se para Jörn:

– Não posso deixar de referir que estou extremamente desapontado com a sua atitude, Jörn. Se havia alguém que eu esperava que conseguisse ver o quadro todo, essa pessoa era você, Jörn. Um homem com a sua experiência não devia estar a perder tempo com pormenores. Estamos aqui para promover os melhores interesses da comunidade; não podemos colocar obstáculos a tudo o que nos possa fazer andar para a frente como se fôssemos um bando de burocratas arrependidos – a repreensão de Erling, envolta em bajulação, trouxe um brilho incerto ao olhar do anterior presidente do conselho municipal. Acima de tudo, Jörn queria ser visto como alguém que tinha voluntariamente renunciado ao cargo para agir como uma espécie de mentor do recém-chegado. Erling estava disposto a entrar nesse jogo, desde que pudesse levar a água ao seu moinho. Esperou pacientemente. Reinava um silêncio denso na sala e todos olhavam tensamente para Jörn, esperando a sua reação. Após uma longa pausa, o ex-presidente do conselho virou-se para Erling e um sorriso paternalista despontou-lhe por entre a espessa barba branca.

– Claro que tem razão, Erling. Durante os muitos anos em que estive à frente desta comunidade, eu próprio implementei ideias arrojadas sem permitir que os pessimistas e os pormenores mesquinhos se interpusessem no meu caminho – disse Jörn, assentindo com satisfação e olhando em torno da mesa. Os restantes membros do conselho pareciam perplexos. Nenhum deles se conseguia recordar de qualquer ideia arrojada saída da cabeça de Jörn, muito menos se lembravam de o ex-presidente do conselho alguma vez ter implementado o que quer que fosse.

Erling assentiu aprovadoramente. A velha raposa sabia em que cavalo apostar.

Depois de ter assegurado o apoio de Jörn, o presidente do conselho municipal colocou um ponto final no assunto.

– No que diz respeito ao turismo, encontramos-nos agora numa situação única. O nome da nossa cidade vai aparecer em letras garrafais em todas as bancas de jornais do país. Claro que isso vai acontecer por causa desta tragédia, mas o nome da nossa cidade vai à mesma andar na cabeça de cada sueco durante alguns dias. Sem dúvida de que se trata de algo que podemos virar a nosso favor. Proponho que contratemos uma empresa de relações públicas para nos ajudar a tirar o melhor partido da atenção mediática.

Erik Bohlin começou a murmurar algo acerca do «orçamento», mas Erling fez um gesto com a mão a desvalorizar o comentário, como se estivesse a enxotar uma mosca importuna.

– Não percamos tempo com meros pormenores, Erik. Agora estamos a pensar em grande; o resto vai resolver-se por si – Erling virou-se para Fredrik Rehn, que acompanhava, divertido, o debate. – E *Tanum Sempre a Abrir* vai continuar com o nosso apoio total. É assim, não é? – Erling virou-se para os restantes membros do conselho e olhou intensamente para cada um deles.

– Claro que sim – disse Gunilla Kjellin num fio de voz, lançando-lhe um olhar de admiração.

– Sim, que se lixe, essa porcaria que continue – disse Uno Brorsson de mau humor. – Pior do que tem sido até agora deve ser difícil.

– Concordo – disse laconicamente Bohlin, deixando um milhão de interrogações a pairar no ar.

– Ótimo, excelente – disse Jörn Schuster. – Fico muito contente por todos conseguirem ver «o quadro todo» da mesma forma que Erling e eu conseguimos – Jörn lançou um amplo sorriso ao presidente do conselho municipal.

«O velho fóssil não sabe o que está para ali a dizer», pensou Erling ao mesmo tempo que lhe retribuía o sorriso. As coisas tinham-se resolvido mais facilmente do que imaginara. Caramba, era mesmo bom naquilo!

* * *

– Peixe ou carne de aves?

– Algo intermédio – respondeu Anna com uma gargalhada.

– Vá lá, para com isso – disse Erica, deitando a língua de fora à irmã. Estavam sentadas na varanda, embrulhadas em mantas e a beber café. No colo, Erica tinha as sugestões para a ementa enviadas pelo Stora Hotellet e estava a ficar com água na boca. A dieta rígida que seguira nas duas últimas semanas tinha-lhe despertado as papilas gustativas e acirrado a fome. Parecia que ia começar a babar-se a qualquer momento.

– Que me dizes a isto, por exemplo? – Erica leu a Anna em voz alta. – «Miolo de caranguejo em cama de alface com vinagreta de lima» como entrada, «Linguado com risoto de manjerição e cenouras tostadas com mel» como prato principal e depois «*Cheesecake* num espelho de framboesa» para a sobremesa.

– Divinal! – exclamou Anna. – Sobretudo o linguado! – bebericou o seu café, enroscou-se um pouco mais na manta e olhou para o mar que se estendia à sua frente. Erica não conseguia deixar de se espantar ao ver como a irmã mudara tanto nos últimos tempos. Admirou o perfil de Anna e reparou que o seu rosto transmitia uma calma que não se recordava de ter visto antes. Sempre se preocupara com Anna. Era fantástico poder deixar de o fazer.

– O papá ia adorar ver-nos aqui sentadas a palrar – disse Erica. – Tentou sempre fazer-nos ver que devíamos aproximar-nos mais uma da outra, como irmãs. Achava que eu te tratava mais como se fosses minha filha.

– Eu sei – disse Anna com um sorriso e virando-se para olhar para Erica. – Ele também falava comigo, tentava convencer-me a ser mais responsável, mais adulta, a não ser um fardo tão pesado para ti. Porque era isso que eu era. Apesar de estar sempre a protestar por me tratares como tua filha, de certa forma gostava que o fizesses. E esperava sempre que fosses tu a resolver tudo e a arcar com as responsabilidades.

– Como teria sido a nossa vida se tivesse sido a mãe a assumir essa responsabilidade? Afinal, era a ela que cabia o papel de adulta, não a mim – Erica sentia sempre uma pressão no peito quando falava da mãe. A mãe que tinha estado fisicamente presente durante toda a infância das duas irmãs, mas cuja mente estivera sempre muito longe.

– Não adianta especular – disse pensativamente Anna, puxando a manta até ao queixo. Embora estivessem ao sol, o vento estava frio e aproveitava todas as aberturas na manta para se infiltrar. – Quem sabe que fardo carregaria. Agora que penso nisso, não me lembro de ela ter falado da sua infância uma vez que fosse, nem da sua vida antes de conhecer o papá. Não achas estranho? – Anna nunca tinha pensado naquilo antes. As coisas eram como eram e nunca lhe ocorrera que pudessem ser de outra forma.

– Podes crer, aquilo era tudo muito estranho – disse Erica com uma gargalhada. Mas não deixou de notar o tom amargo que o seu riso traiu.

– Bem, vamos falar a sério por um momento – disse Anna. – Lembras-te de Elsy alguma vez ter falado da infância dela, dos pais, de como conheceu o papá, enfim, de alguma coisa que fosse? Eu não me recordo de um único comentário. E a mãe também não tinha quaisquer fotografias. Lembro-me de uma vez lhe ter pedido para ver fotografias da avó e do avô e de ela ter ficado aborrecida e de ter dito que os avós já tinham morrido há tanto tempo que já não se lembrava onde tinha posto todas

essas coisas antigas. Não é estranho? Quer dizer, quem é que não tem fotos antigas? E as pessoas sabem onde as guardam, não é?

De repente, Erica apercebeu-se de que Anna tinha razão. Também nunca tinha visto ou ouvido nada acerca do passado de Elsy. Era como se a mãe apenas tivesse começado a existir depois de a fotografia do seu casamento com Tore ter sido tirada. Antes disso havia apenas... nada.

– Bem, terás de investigar isso um dia destes – disse Anna, e Erica percebeu que a irmã queria mudar de assunto. – Tu tens jeito para essas coisas. Mas, por agora, acho que devíamos regressar à ementa. Decidiste-te pela última opção que me leste?

– Primeiro tenho de perguntar ao Patrik, para ver se ele concorda – disse Erica. – Tenho de admitir que parece um pouco fútil estar constantemente a chateá-lo com pormenores destes quando está empenhado na investigação de um homicídio. Parece-me demasiado... superficial, não sei.

Erica pôs a ementa no colo e olhou sombriamente para o horizonte. Mal tinha visto Patrik nos últimos dias e tinha saudades dele. Mas compreendia o companheiro. O assassinio daquela rapariga era pavoroso e Erica sabia que Patrik queria apanhar o culpado mais do que tudo o resto. Ao mesmo tempo, o facto de o companheiro estar embrenhado num caso tão vital servia para acentuar a falta que sentia de trabalhar. Claro que ser mãe também era importante, mas Erica não conseguia deixar de desejar poder fazer algo... mais adulto. Algo em pudesse ser Erica, não apenas a mãe de Maja. Agora que Anna tinha emergido do crepúsculo que a aprisionara, Erica esperava conseguir começar a escrever umas horas todos os dias. Abordara a ideia junto de Anna, e a irmã oferecera-se entusiasticamente para tomar conta de Maja.

Por isso, Erica começou a procurar novos projetos, um caso de crime verídico que tivesse uma componente humana excitante e que Erica achasse que poderia dar um bom livro. Após os dois anteriores, Erica fora alvo de várias críticas negativas na imprensa. Acusaram-na de parecer uma hiena, necrófaga, de se alimentar de casos reais de homicídio. Mas Erica não via o assunto dessa forma. Tinha sempre o cuidado de dar voz a todas as partes envolvidas e tentava apresentar uma visão do que tinha acontecido tão justa e multifacetada quanto lhe fosse possível. Além disso, achava que os livros nunca se teriam vendido tão bem se não tivessem sido escritos com empatia. Mas tinha de admitir que o segundo livro fora mais fácil de escrever, pois não tinha uma ligação pessoal com o caso, ao contrário do que acontecera com o homicídio da sua amiga Alex Wijkner¹². Era muito mais difícil permanecer objetiva quando tudo o que escrevia era colorido pelas suas próprias vivências.

Pensar nos livros despertou em Erica o desejo de recomeçar a trabalhar.

– Acho que vou surfar um bocado na *net* – disse Erica, levantando-se. – Vou ver se consigo encontrar um caso novo sobre o qual possa escrever. Podes tomar conta de Maja por um bocado, se ela acordar?

Anna sorriu.

– Eu tomo conta de Maja, vai mas é trabalhar. Boa pescaria!

Erica deu uma gargalhada e dirigiu-se ao escritório. A vida em casa tinha-se tornado muito mais fácil ultimamente. Só esperava que Patrik conseguisse avançar rápida e decisivamente no caso em que estava a trabalhar.

[10](#) Fundado em 1944, o diário vespertino *Expressen* é um dos tabloides de maior circulação na Suécia, com uma tiragem de cerca de 300 mil exemplares. (N. do T.)

[11](#) Programa de informação transmitido diariamente pela televisão estatal sueca. (N. do T.)

[12](#) Ver *A Princesa de Gelo*, Camilla Läckberg, Oceanos, 2009. (N. do T.)

O CHEIRO A ÁGUA SALGADA. PÁSSAROS A PIAR BEM ALTO NO CÉU E O AZUL QUE SE ESTENDIA ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇAVA. A SENSÇÃO DE UM BARCO A BALANÇAR. A SENSÇÃO DE QUE ALGO TINHA MUDADO. ALGUÉM DESAPARECERA. ALGO QUE FORA QUENTE E MACIO TINHA-SE TORNADO DURO E AGUÇADO. BRAÇOS QUE O SEGURAVAM, MAS QUE TINHAM UM CHEIRO PENETRANTE E DESAGRADÁVEL QUE PERMANECIA NA ROUPA E NA PELE. MAS O PIOR CHEIRO DE TODOS VINHA DA BOCA DA MULHER. NÃO CONSEGUIA LEMBRAR-SE DE QUEM ELA ERA. E NÃO SABIA PORQUE SE ESTAVA A TENTAR LEMBRAR. PARECIA QUE SONHARA COM ALGO DURANTE A NOITE, COM ALGUMA COISA DESAGRADÁVEL E FAMILIAR AO MESMO TEMPO. COM ALGUMA COISA SOBRE A QUAL QUERIA SABER MAIS.

E NÃO CONSEGUIA TRAVAR AS SUAS PERGUNTAS. NÃO SABIA PORQUÊ. PORQUE É QUE NÃO CONSEGUIA LIMITAR-SE A ACEITAR AS COISAS, COMO FAZIA A IRMÃ? ELA PARECIA SEMPRE TÃO ASSUSTADA QUANDO ELE FAZIA PERGUNTAS. DESEJAVA PODER DEIXÁ-LA EM PAZ. MAS NÃO CONSEGUIA. NÃO QUANDO SENTIA O CHEIRO A ÁGUA SALGADA E RECORDAVA O VENTO NOS CABELOS. E O HOMEM QUE COSTUMAVA ERGUÊ-LOS BEM ALTO NO AR, A ELE E À IRMÃ. AO PASSO QUE A OUTRA, A MULHER CUJA VOZ FORA PRIMEIRO SUAVE E DEPOIS SE TORNARA DURA, FICAVA POR DETRÁS DELE E OBSERVAVA. POR VEZES, NA SUA MEMÓRIA, JULGAVA VÊ-LA SORRIR.

MAS TALVEZ FOSSE COMO ELA DIZIA. ELA, QUE ERA REAL E LINDA E OS AMAVA. QUE AQUILO NÃO PASSAVA DE UM SONHO. UM PESADELO QUE ELA SUBSTITUIRIA POR SONHOS AGRADÁVEIS E BELOS. NÃO A CONTRADIZIA. MAS, POR VEZES, DAVA POR SI A ANSIAR POR AQUELE CHEIRO A SAL. E PELO PIAR DOS PÁSSAROS. ATÉ ANSIAVA PELA VOZ DURA. MAS NUNCA SE ATREVIA A DIZÊ-LO.

– MARTIN, QUE DIABO ESTÁS A FAZER? – Patrik atirou a esferográfica para cima da secretária com frustração. A esferográfica ricocheteou no tampo e caiu no chão. Martin apanhou-a calmamente e colocou-a no porta-canetas de Patrik.

– Só passou uma semana, Patrik. Estas coisas levam tempo, sabes bem que é assim.

– O que sei é que as estatísticas mostram que quanto mais uma investigação se prolonga, menos provável se torna solucionar o caso.

– Mas nós estamos a fazer tudo o que podemos. Os dias não têm mais horas – Martin estudou Patrik por um momento. – A propósito, não era melhor tirares a manhã de folga, tomar um longo duche, descontraír? Pareces estar exausto.

– Descontraír? A meio deste circo? Não me parece – Patrik passou a mão pelo cabelo, que estava completamente despenteado, todo em pé. O telefone tocou estridentemente e ambos deram um salto. Irritado, Patrik levantou o auscultador e voltou a colocá-lo no descanso. O telefone esteve em silêncio durante um minuto e depois tocou novamente. Frustrado, Patrik foi até ao corredor e gritou: – Caramba, Annika, podes desligar o meu telefone? – Regressou ao seu gabinete e bateu com a porta atrás dele. Havia outros telefones a tocar quase ininterruptamente, mas com a porta fechada o som não era tão audível.

– Vá lá, Patrik, estás praticamente a trepar às paredes. Tens de descansar um pouco. Tens de comer. E, se calhar, é boa ideia pedires desculpa a Annika, senão ela vai lançar-te um mau-olhado. Ou então vais ter sete anos de azar. Ou talvez não voltes a provar aqueles queques caseiros maravilhosos que ela nos traz todas as sextas-feiras.

Patrik sentou-se pesadamente na cadeira, mas não pôde deixar de sorrir.

– Com que então os queques, não é. Achas que ela seria maquiavélica a ponto de me negar os queques dela?

– Talvez até deixes de receber o cabaz especial com caramelos e doces, pelo Natal – disse Martin, acenando com a cabeça e fingindo estar a falar a sério.

Patrik entrou na brincadeira e arregalou os olhos.

– Não, os doces não, ela não seria capaz de ser assim tão mazinha.

– Acho que seria – disse Martin. – Por isso, se fosse a ti, ia até lá pedir-lhe desculpa.

Patrik deu uma gargalhada.

– Pronto, eu vou – disse, passando novamente a mão pelos cabelos castanhos. – Só não estava a contar com este... cerco. Estes repórteres parecem não ter quaisquer

escrúpulos. Será que não percebem que estão a sabotar a investigação, sempre de roda de nós como cães de caça? É impossível fazer um trabalho de jeito nestas condições!

– Acho que já conseguimos muito numa semana – disse calmamente Martin. – Interrogámos todos os concorrentes, examinámos o vídeo da noite da festa, da noite em que Lillemor desapareceu, e verificámos todas as informações que recebemos da população. Parece-me que estamos a fazer um trabalho do caracas. Isto tornou-se incrivelmente caótico por causa de *Tanum Sempre a Abrir*, é certo, mas não podemos fazer grande coisa quanto a isso.

– Não é incrível que eles tenham decidido continuar a transmitir aquela merda? – Patrik atirou as mãos ao ar. – Uma rapariga é assassinada e eles utilizam isso como entretenimento para transmitir em horário nobre. E toda a Suécia fica sentada a assistir. Acho que isto revela uma extraordinária falta de respeito.

– É verdade – retorquiu Martin. – Mas que podemos nós fazer quanto a isso? Mellberg e o odioso Erling W. Larson estão tão desejosos de engraxar a imprensa que nem sequer lhes passa pela cabeça parar a produção do concurso. Temos simplesmente de continuar a fazer o nosso trabalho. A situação não vai mudar. E continuo a pensar que tu e a investigação beneficiariam com uma curta pausa.

– Eu não vou para casa, se é isso que estás a sugerir. Não tenho tempo. Mas podíamos almoçar no Gestgifveri. Isso contaria como uma pausa? – Patrik olhou furiosamente para Martin, mas sabia que o colega tinha razão.

– Julgo que terá de contar – disse Martin, levantando-se. – E certifica-te de que pedes desculpa a Annika antes de saíres.

– Sim, mamã – disse Patrik. Pegou no blusão e seguiu Martin pelo corredor. Só agora se apercebia de como estava esfomeado.

À sua volta, os telefones não paravam de tocar.

Kerstin não conseguia encarar a perspetiva de ir trabalhar. Na verdade, não precisava de se preocupar com isso, pois ainda estava de baixa e o médico tinha-lhe dito para não fazer grandes esforços. Mas a educação de Kerstin ditava que colocasse o trabalho acima de tudo o resto custasse o que custasse. Segundo o pai, o único motivo válido para não ir trabalhar era estar às portas da morte. Mas era exatamente assim que Kerstin se sentia. O seu corpo estava a funcionar; movia-se, comia, lavava-se e fazia tudo o que tinha de fazer, mas de forma mecânica. Por dentro, era como se estivesse morta. Já nada parecia ter importância. Nada lhe despertava sensações alegres ou mesmo qualquer interesse. Tudo parecia frio e morto. A única coisa que restava dentro dela era uma dor que às vezes era tão forte que a fazia dobrar-se ao meio.

Tinham passado duas semanas desde que a polícia lhe dera a notícia. Todas as

noites, quando se ia deitar e tentava adormecer, a discussão com Marit reproduzia-se na sua mente. Kerstin nunca conseguiria esquecer que a última conversa que tivera com Marit fora uma violenta discussão. Desejava poder retirar pelo menos algumas das palavras duras que arremessara à companheira. Mas de que adiantava isso agora? Porque não a deixara em paz? Porque quisera que Marit assumisse uma posição e tornasse pública a sua relação? O mais importante devia ter sido o facto de estarem juntas. O que as outras pessoas sabiam, pensavam ou diziam tinha-se agora tornado tão insignificante. E Kerstin não conseguia compreender como, num passado distante, que na realidade tinha ocorrido há apenas duas semanas, aquilo lhe parecera tão fundamental.

Incapaz de decidir o que fazer, Kerstin deitou-se no sofá e ligou o televisor com o controlo remoto. Tapou-se com uma manta, a mesma manta que Marit tinha comprado durante uma das suas visitas esporádicas à sua Noruega natal. Cheirava a lã e ao perfume de Marit. Kerstin enterrou a cara na manta e inspirou profundamente, na esperança de que o perfume preenchesse o vazio que havia dentro dela. Uns pedaços de lã entraram-lhe pelo nariz e fizeram-na espirrar.

De repente, Kerstin teve saudades de Sofie. Da rapariga que lhe lembrava tanto Marit e tão pouco Ola. Sofie fora visitá-la duas vezes. Fizera o que pudera para consolar Kerstin, apesar de parecer estar prestes a ir-se abaixo a qualquer momento. A rapariga ganhara repentinamente uma expressão adulta que Kerstin nunca lhe tinha notado. Um rasgo novo de maturidade dolorosa. Kerstin desejava poder libertá-la daquilo, desejava poder fazer com que o relógio voltasse para trás, poder repor a imaturidade ingénua que era própria das raparigas da idade de Sofie. Mas essa atitude tinha desaparecido para sempre. E Kerstin também sabia que ia perder Sofie. A rapariga ainda não se apercebera disso; sem dúvida que estava plenamente empenhada em manter o contacto com a companheira da mãe. Mas a vida não o permitiria. Havia tantas outras realidades a chamá-la, apelos que se imporiam à medida que a dor se esbatia: amigos, namorados, festas, estudos... Enfim, todas as situações que deviam fazer parte da vida de uma adolescente. E, além disso, Ola dificultaria o contacto entre as duas. Com o passar do tempo, Sofie não conseguiria continuar a resistir a tudo aquilo. As visitas tornar-se-iam menos frequentes e acabariam por cessar por completo. Dentro de um ou dois anos, Kerstin e Sofie poderiam cumprimentar-se quando se encontrassem por acaso na rua, talvez trocassem umas palavras, mas depois afastar-se-iam e cada uma iria à sua vida. Restar-lhes-iam apenas as recordações daquela outra vida, as memórias. Que, como réstias de nevoeiro, se dispersariam se tentassem agarrar-se a elas. Kerstin ia perder Sofie. Era tão simples como isso.

Kerstin percorria os canais com indiferença. Quase todos passavam programas em que os telespectadores telefonavam para adivinhar palavras. Eram terrivelmente

maçadores. Os pensamentos de Kerstin desviaram-se para o assunto que a preocupava há vários dias. Quem quisesa fazer mal a Marit? Quem a agarrara quando estava completamente desesperada por causa da discussão, quando estava irada? Teria ficado assustada? Terá tido uma morte rápida ou lenta? Teria sido dolorosa? Saberia Marit que ia morrer? Todas aquelas perguntas se atropelavam na mente de Kerstin sem que surgissem quaisquer respostas. Acompanhara as notícias do homicídio da rapariga do *reality show*, tanto nos jornais como na TV, mas sentia-se estranhamente distante de tudo aquilo; a sua própria dor preenchia-a completamente. Estava mais preocupada por o segundo homicídio poder desviar recursos da investigação da morte de Marit. A atenção da imprensa faria com que a polícia gastasse todo o seu tempo a tentar encontrar o assassino da rapariga, deixando de preocupar-se com Marit.

Kerstin sentou-se e esticou a mão para o telefone sobre a mesa de café. Já que ninguém ia fazer nada, teria de ser ela a encarregar-se de proteger os interesses de Marit. Devia isso à companheira.

Desde a morte de Barbie que se reuniam em semicírculo no meio do jardim do centro comunitário pelo menos uma vez por dia. De início, a ideia tinha sido acolhida com protestos. A um silêncio mal-humorado tinham-se seguido comentários mordazes, mas depois de Fredrik ter explicado que aquilo era essencial para poderem continuar com as filmagens, todos tinham relutantemente concordado em colaborar. Cerca de uma semana depois, até tinham estranhamente começado a ansiar pela reunião de grupo com Lars. O psicólogo não lhes falava com superioridade, escutava-os, fazia comentários que não pareciam deslocados e falava com eles na mesma língua. Até Uffe tinha reservadamente começado a gostar de Lars, embora preferisse morrer a admiti-lo abertamente. As sessões de grupo eram complementadas com aconselhamento individual e, apesar de nenhum dos concorrentes estar propriamente exultante com o processo terapêutico, prevalecia agora um ambiente de aceitação resignada.

– Como encararam os últimos dias? Tudo o que aconteceu? – Lars percorreu os rostos com os olhos, à espera de que alguém comesasse a falar. O olhar deteve-se em Mehmet.

– Acho que têm corrido bem – disse Mehmet passado um momento. – O caos tem sido tal que nós, tipo, quase nem temos tido tempo para pensar.

– Para pensar em quê? – perguntou Lars.

– No que aconteceu. Em Barbie – Mehmet olhou para baixo, para as mãos. Lars desviou os olhos do rapaz e percorreu os restantes concorrentes com o olhar.

– Acham que isso é bom? Não terem tempo para pensar no que aconteceu? Também têm a mesma ideia? Que o caos tem sido benéfico? – novo momento de

silêncio.

– Eu não – disse sombriamente Jonna. – Acho que tem sido duro. Muito duro.

– De que forma? Que aspeto dos últimos dias é que foi duro? – Lars inclinou a cabeça para o lado.

– Pensar no que aconteceu a Barbie. Ver aquelas imagens na minha mente. Pensar como ela deve ter morrido e essas coisas. E a forma como ela foi atirada para aquele... contentor de lixo. Aquilo foi nojento.

– Os restantes também pensam muito nisso? – o olhar de Lars deteve-se em Calle.

– Claro que sim. Mas não adianta nada. Barbie vai continuar morta à mesma.

– Então e não acham que seria melhor lidarem com essas imagens mentais. Enfrentá-las?

– Porra, mais vale bebermos mais uma cerveja. Não achas, Calle? – Uffe deu uma canelada a Calle e soltou uma gargalhada, mas depois regressou à sua habitual expressão mal-humorada, ao constatar que ninguém lhe dava troco. Lars centrava agora a atenção em Uffe, o que fez com que o rapaz se contorcesse desconfortavelmente na cadeira. Era o único que ainda se recusava teimosamente a colaborar no processo, como Lars lhe chamava.

– Uffe, tu pões sempre uma fachada tão dura. Mas o que é que te vem à mente quando pensas em Barbie? Que imagens te ocorrem?

Uffe olhou em redor como se não acreditasse no que ouvia. Que imagens de Barbie lhe vinham à mente? Deu uma gargalhada e olhou para Lars.

– Bem, quem disser que as mamas dela não são a primeira coisa que lhe vem à mente está a mentir. Que bombas de silicone do caracas! – Uffe ergueu as mãos em concha e depois olhou para o grupo em busca de apoio. Mas, mais uma vez, ninguém parecia ter ficado divertido.

– Porra, Uffe, cala-te – disse Mehmet irritado. – És tão estúpido quanto pareces ou estás só a armar-te?

– Quando é que paras de criticar-me, sacana? – Uffe inclinou-se para Mehmet com uma expressão hostil, mas depois regressou ao seu silêncio mal-humorado. Quando era viva, ninguém gostava dela, mas agora falavam todos de Barbie como se tivessem perdido a melhor amiga.

– Tens estado muito calada, Tina. De que forma é que a morte de Lillemor te afetou?

– Acho que foi uma tragédia tão grande – Tina tinha lágrimas nos olhos e abanava a cabeça. – Quer dizer, tinha a vida toda pela frente e uma carreira internacional em perspetiva, mais ou menos. E ia fazer uma foto para a *Slitz*¹³ quando o concurso acabasse, isso já estava assegurado. Também já tinha falado com um tipo para ir para os Estados Unidos e tentar aparecer na *Playboy*. Quer dizer, Barbie podia ser a próxima Victoria Silvstedt, que já está um bocado velha. Barbie estava pronta para

substituí-la. Falámos muito disso. Barbie era tão ambiciosa... E também era muito fixe. Isto é uma merda, tenho mesmo pena dela – agora, as lágrimas rolavam pelas faces de Tina, que as limpou com a mão tendo o cuidado de não esborratar o rímel.

– Sim, que peninha tão grande – disse Uffe. – O mundo perdeu a próxima Victoria Silvstedt. Meu Deus, o mundo está perdido! – Uffe deu uma gargalhada mas ergueu as mãos ao ver os olhares assassinos que os outros concorrentes lhe lançavam. – Pronto, pronto, eu calo-me. Fiquem para aí sentados a choraminger, cambada de hipócritas.

– Pareces estar a sentir-te muito frustrado acerca disto, Uffe – disse suavemente Lars.

– Não é frustração, só acho que eles são uns falsos de merda. A fungar por causa da Barbie depois de se terem estado nas tintas para ela quando era viva. Pelo menos eu estou a ser franco – disse Uffe, abrindo os braços.

– Tu *não* és uma pessoa franca – murmurou Jonna. – Estás simplesmente a ser um idiota.

– Atenção a todos! O destroço psicótico está a falar. Arregaça as mangas para eu poder ver a tua última obra. Psicopata de merda – Uffe deu uma gargalhada e Lars levantou-se.

– Não me parece que consigamos avançar muito mais por hoje. Uffe, acho que tu e eu devíamos ter uma sessão individual agora mesmo.

– Tudo bem. Mas não pense que vou ficar para ali sentado a chorar. Estes parvos é que são peritos nisso – Uffe levantou-se e deu uma palmada na nuca de Tina, o que a fez virar-se e ameaçá-lo com o punho. Uffe deu uma gargalhada e seguiu Lars com andar gingão. Os restantes concorrentes ficaram a vê-lo afastar-se.

Rose-Marie ia almoçar a Tanumshede. Era o primeiro encontro deles desde o jantar no Gestgifveri e Mellberg esperava que o relógio chegasse ao meio-dia numa excitação febril. Especado à entrada, o superintendente olhou para o relógio, que ainda marcava dez para o meio-dia. Os ponteiros arrastavam-se e Mellberg estava constantemente a relancear o relógio e os veículos que, de vez em quando, viravam para o parque de estacionamento. Tinha sugerido novamente o Gestgifveri. Não havia outro restaurante com um ambiente tão romântico. Cinco minutos mais tarde, Mellberg avistou o *Fiat* vermelho de Rose-Marie. O coração começou a martelar-lhe o peito de forma estranha e o superintendente sentiu a boca a secar. Verificou instintivamente se o cabelo estava no sítio. Limpou as mãos suadas às calças e foi ao encontro de Rose-Marie. Ela ficou radiante ao avistá-lo e Mellberg teve de conter-se para não se inclinar e dar-lhe um longo beijo em pleno parque de estacionamento. A intensidade dos seus sentimentos surpreendia-o. Abraçaram-se e apertaram as mãos. Mellberg afastou-se para deixar Rose-Marie entrar à sua frente

no restaurante. As mãos tremeram-lhe ligeiramente quando lhe tocou nas costas por um segundo.

Quando entraram no restaurante, Mellberg ficou com falta de ar, tal foi a surpresa. Martin e Patrik estavam sentados a uma das mesas junto das janelas e olhavam-no fixamente, espantados. Rose-Marie olhou para Mellberg e depois para os seus dois colegas com curiosidade e o superintendente apercebeu-se com relutância de que teria de apresentá-los. Martin e Patrik trocaram apertos de mão com Rose-Marie, sorrindo efusivamente. Mellberg suspirou. Aquilo ia espalhar-se por toda a esquadra num ápice. Por outro lado... Mellberg não tinha vergonha nenhuma de ser visto na companhia de Rose-Marie.

– Querem juntar-se a nós? – Patrik fez um gesto com a mão a indicar as duas cadeiras livres.

Mellberg estava prestes a recusar quando ouviu Rose-Marie a aceitar alegremente o convite. O superintendente praguejou de modo inaudível. Ansiara por aquele momento em que poderiam estar a sós. Um almoço com Hedström e Molin não proporcionaria a intimidade romântica que antevira. Mas teria de fazer cara alegre e aguentar. Nas costas de Rose-Marie, Mellberg lançou um olhar irritado a Patrik. Depois resignou-se e afastou a cadeira para que Rose-Marie pudesse sentar-se. Hedström e Molin pareciam não acreditar no que os seus olhos viam. Mellberg pensou que aqueles putos eram tão novos que nunca na vida deviam ter ouvido a palavra *cavalheiro*.

– Muito prazer em conhecê-la... Rose-Marie – disse Patrik, olhando-a. Rose-Marie sorriu e as rugas de expressão em torno dos olhos aprofundaram-se. Mellberg não conseguia parar de olhar para ela. Havia qualquer coisa no modo como os olhos de Rose-Marie faiscavam e os seus lábios sorriam que... não, Mellberg não conseguia pura e simplesmente verbalizar o que sentia.

– Então e onde foi que se conheceram? – a voz de Molin tinha um tom ligeiramente divertido e Mellberg olhou para o subordinado com ar carrancudo. Só esperava que eles não pensassem que iam divertir-se à sua custa. E à custa de Rose-Marie.

– Numa festa popular, em Munkedal – os olhos de Rose-Marie brilhavam. – Eu e Bertil fomos ambos arrastados para lá pelos nossos amigos e não estávamos muito entusiasmados com a ideia. Mas, por vezes, Deus escreve direito por linhas tortas – Rose-Marie lançou um amplo sorriso a Mellberg, que se sentiu a corar de felicidade. Então ele não era o único tolo sentimental. Rose-Marie também sentira que tinha havido algo especial entre eles naquela primeira noite.

O empregado de mesa aproximou-se para anotar os pedidos.

– O almoço hoje é por minha conta, por isso peçam o que quiserem! – disse Mellberg, espantando-se logo em seguida com as suas próprias palavras. Por um instante, lamentou ter dito aquilo, mas o olhar de admiração que Rose-Marie lhe

lançou convenceu-o a manter a oferta. Mellberg apercebeu-se, talvez pela primeira vez na vida, do verdadeiro valor do dinheiro. Afinal, que valiam umas quantas coroas comparadas com o apreço estampado nos olhos de uma bela mulher? Hedström e Molin olharam espantados para ele e Mellberg resfolegou, irritado. – Acho melhor fazerem os vossos pedidos antes que eu mude de ideias e desconte o almoço do vosso ordenado – disse. Ainda em estado de choque, Patrik balbuciou:

– Para mim pode ser solha de Torbay.

Molin, tão estupefacto como o colega, conseguiu apenas assentir para indicar que queria o mesmo que Patrik.

– Eu quero *pyttipanna*¹⁴ – disse Mellberg, e depois olhou para Rose-Marie. – E tu, minha querida? Que deseja hoje, minha senhora? – Mellberg ouviu Hedström tossir depois de se ter engasgado com a água que acabara de beber. O superintendente lançou-lhe um olhar de reprovação e pensou como era embaraçoso estar na companhia de dois homens adultos que não sabiam comportar-se. Já não sabiam educar os jovens como antigamente.

– Eu queria lombo de porco, por favor – disse Rose-Marie, desdobrando o seu guardanapo e colocando-o no colo.

– Vive em Munkedal? – perguntou educadamente Martin, deitando um pouco mais de água no copo da mulher sentada ao seu lado.

– De momento estou a morar em Dingle – respondeu Rose-Marie, bebendo um golinho de água antes de prosseguir. – Propuseram-me a reforma antecipada e as condições eram irrecusáveis, por isso decidi mudar-me para mais perto da família. Portanto, agora estou temporariamente alojada em casa da minha irmã, até encontrar um sítio para mim. Vivi durante muito tempo na costa oriental e quero ficar a conhecer bem esta zona antes de decidir onde assentar arraiais. Depois de me instalar, só saio de lá para o cemitério. – Rose-Marie soltou uma gargalhada tão sonora que fez com que o coração de Mellberg parasse de bater por uns segundos. Como se ouvisse o que Mellberg estava a pensar, Rose-Marie prosseguiu, baixando recatadamente os olhos: – Teremos de ver o que acontece. Tudo depende das pessoas que encontramos – Rose-Marie olhou para cima e encontrou o olhar de Mellberg. O superintendente não se lembrava de alguma vez ter sido tão feliz. Abriu a boca para dizer algo; porém, nesse preciso momento o empregado de mesa regressou com o almoço. Rose-Marie virou-se depois para Patrik e perguntou-lhe: – É verdade, já conseguiram descobrir quem cometeu aquele crime pavoroso? Pelo que Bertil me contou, foi uma coisa horrível.

Por um momento, Patrik concentrou-se em equilibrar a garfada de peixe, batata, molho e legumes que ia a caminho da boca.

– Sim, horrível é realmente a palavra certa para o descrever – respondeu, depois de ter acabado de mastigar. – E não tem sido fácil para nós, com aquele circo

mediático todo que armaram – Patrik olhou para o centro comunitário pela janela.

– Pois, não compreendo como é que as pessoas conseguem ver aquele tipo de programas – Rose-Marie abanou a cabeça. – Sobretudo depois de uma desgraça daquelas. Parecem abutres!

– Tem toda a razão – disse sombriamente Martin. – Julgo que o problema é não encararem aquelas pretensas celebridades como pessoas reais. É a única explicação que me ocorre. De outro modo, como conseguiriam deleitar-se com uma tragédia daquelas?

– Suspeitam de que algum dos concorrentes esteja implicado no homicídio? – perguntou Rose-Marie, baixando a voz de forma conspiratória.

Patrik lançou um olhar ao seu chefe. Não se sentia muito à vontade a debater aspetos da investigação com a população em geral. Mas Mellberg permanecia em silêncio.

– Estamos a estudar o caso de todos os ângulos possíveis – respondeu cautelosamente Patrik. – Ainda não nos concentrámos em nenhum indivíduo em particular – acrescentou, decidindo ficar-se por ali.

Almoçaram em silêncio durante algum tempo. A refeição era excelente, mas o estranho quarteto teve dificuldade em encontrar um tema de conversa do interesse de todos. Subitamente, o silêncio foi quebrado pelo toque estridente de um telemóvel. Patrik vasculhou o bolso em busca do aparelho e depois levantou-se e dirigiu-se rapidamente para o vestíbulo enquanto atendia a chamada. Não queria incomodar os restantes clientes. Poucos minutos depois, Patrik regressou. Sem se sentar, dirigiu-se a Mellberg.

– Era Pedersen. Já acabaram de autopsiar Lillemor Persson. Talvez tenhamos mais qualquer coisa por onde pegar – disse Patrik com expressão sombria.

* * *

Hanna estava a desfrutar da calma que reinava no apartamento. Decidira ir até casa almoçar; de carro, a viagem demorava alguns minutos. Depois do caos dos últimos dias na esquadra era maravilhoso poder descansar um pouco os ouvidos de todos aqueles telefonemas constantes. Ali em casa, Hanna apenas ouvia o ruído distante do tráfego na rua.

Sentou-se à mesa da cozinha e soprou a comida que aquecera durante uns minutos no micro-ondas. Eram restos de *stroganoff* de salsicha do jantar do dia anterior, um prato que Hanna achava sempre que sabia melhor no dia seguinte.

Era muito agradável poder estar sozinha em casa. Amava muito Lars, mas quando ele estava em casa havia sempre aquela tensão no ar, aquela preocupação não verbalizada. Hanna apercebeu-se de como aquilo a exauria.

O problema era que Hanna sabia que a relação dos dois estava a ser desgastada

por algo que nunca conseguiriam mudar. O passado era como um cobertor húmido e pesado que asfixiava cada aspeto das suas vidas. Várias vezes, Hanna tentara fazer ver a Lars que tinham de tentar levantar juntos o cobertor, de deixar entrar um pouco de ar. Mas Lars não sabia viver de outro modo que não fosse na escuridão e a respirar ar viciado. Pelo menos, aquilo era algo que lhe era familiar.

Hanna ansiava frequentemente por mais. Por alguma coisa diferente do miserável círculo vicioso em que tinham caído. Nos últimos anos, sentira que um filho poderia apagar o passado de ambos. Uma criança que pudesse iluminar a escuridão, aliviar aquele peso e deixá-los respirar novamente. Mas Lars recusara. Nem sequer queria ouvir falar do assunto. Tinha o seu trabalho, dizia, e Hanna tinha o dela; era suficiente. Mas Hanna sabia que não era assim. Havia sempre um vazio permanente. E sempre haveria. Mas um filho poria um ponto final no passado. Desanimada, Hanna pousou o garfo no prato. Tinha perdido o apetite.

* * *

– Como vai isso? – Simon olhou com preocupação para Mehmet quando se sentou à frente do rapaz na mesa ao fundo da padaria. Tinha estado a trabalhar arduamente e permitiam-se agora uma curta pausa. Mas isso significava que teria de ser Uffe a atender os clientes, pelo que Simon olhava constantemente na direção da loja, inquieto.

– Em cinco minutos ele não consegue dar cabo de nada. Pelo menos, acho que não – disse Mehmet com uma gargalhada.

Simon descontraiu-se e também deu uma gargalhada.

– Infelizmente, perdi todas as ilusões no que diz respeito àquele «reforço» do meu pessoal em particular – disse. – Devo ter tirado a palha mais curta quando fizeram a distribuição dos concorrentes – Simon bebeu um pouco de café.

– Pode ser. Mas eu também te saí na rifa! – retorquiu Mehmet com um sorriso rasgado. – Por isso, se me somares a Uffe ficas com um empregado mediano.

– Essa é boa. Também me saíste na rifa! – disse Simon com uma gargalhada. Depois ficou novamente sério e olhou demoradamente para Mehmet, que optou por ignorá-lo. Havia tantas perguntas e palavras por verbalizar encerradas naquele olhar. Mas Mehmet não conseguia lidar com elas de momento. Se é que alguma vez conseguiria fazê-lo.

– Não chegaste a responder à minha pergunta. Como vai isso? – insistiu Simon.

Mehmet estava tão nervoso que sentiu uns estremeções nas mãos. Tentou desvalorizar a pergunta.

– Eu estou fixe. Não a conhecia muito bem. O pior é o falatório que tem havido. Mas os tipos da televisão estão todos contentes. As audiências estão a bater todos os recordes.

– Pois, mas eu estou tão farto de apanhar convosco na loja o dia todo que ainda não vi um único programa – Simon baixara a intensidade do olhar e Mehmet pôde descontrair-se um pouco. Deu uma grande dentada num bolo acabado de sair do forno, desfrutando do sabor e do aroma da canela morna.

– Como foi, ser interrogado pela polícia? – Simon também alcançou um bolo e engoliu quase um terço de uma vez.

– Não foi assim tão mau – Mehmet não se sentia muito à vontade a falar sobre aquilo com Simon. Além disso, estava a mentir. Não queria contar-lhe a humilhação que sentira quando as perguntas choveram sobre ele e quando constataria que as respostas que dava nunca pareciam ser satisfatórias. – Eles foram educados. Acho que não suspeitam verdadeiramente de nenhum de nós – Mehmet evitou o olhar de Simon. Vieram-lhe à mente imagens dispersas, mas Mehmet afastou-as de imediato. Recusava-se a aceitar o que as imagens lhe faziam recordar.

– Esse psicólogo com quem têm falado presta para alguma coisa? – Simon inclinou-se para a frente e deu mais uma enorme dentada no bolo, enquanto esperava pela resposta de Mehmet.

– Lars é fixe. Tem sido bom poder falar com ele.

– Como está Uffe a reagir? – Simon acenou com a cabeça na direção da loja, onde puderam ver Uffe a passar apressadamente em frente à porta enquanto fingia tocar guitarra elétrica com uma baguete. Mehmet não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Como é que achas? Uffe é... Uffe. Mas podia ter sido pior. Felizmente, ele não se atreve a dizer tudo o que lhe passa pela cabeça a Lars. Enfim, acho que está a reagir bem.

Uma mulher idosa entrou na padaria e Mehmet viu-a recuar, um pouco assustada com a dança tresloucada de Uffe.

– Acho que está na hora de ir salvar os clientes.

Simon virou-se para onde Mehmet estava a olhar e levantou-se de repente.

– Valha-me Deus, a senhora Hjertén vai ter um ataque cardíaco se não nos apressarmos.

Quando entraram na loja, a mão de Simon roçou ao de leve a de Mehmet. O rapaz afastou bruscamente a mão, como se se tivesse queimado.

* * *

– Erica, tenho de ir a Gotemburgo mais logo, por isso vou chegar um pouco tarde a casa. Por volta das oito, acho.

Enquanto esperava pela resposta de Erica, Patrik ouviu Maja a tagarelar ao fundo. De repente, ficou cheio de saudades delas. Daria tudo para mandar aquilo tudo para o diabo, ir para casa e atirar-se para o chão para brincar com a filha. Também se tinha afeiçoado muito a Emma e a Adrian nos últimos meses e também tinha

saudades de estar com eles. Ao mesmo tempo, sentia-se culpado por Erica ter de tratar de quase todos os preparativos do casamento; porém, no estado em que as coisas estavam, não tinha outra opção. A investigação atingira a fase mais crítica e Patrik não tinha tempo para mais nada.

Era uma sorte que Erica fosse tão compreensiva, pensou Patrik ao entrar no carro. Ainda tinha pensado pedir a Martin para o acompanhar, mas não eram precisas duas pessoas para ir falar com Pedersen. Martin precisava de ir para casa mais cedo para poder fazer companhia a Pia. O colega também tinha trabalhado muito nos últimos tempos. Assim que Patrik meteu a primeira e se preparava para arrancar, o telemóvel tocou novamente.

– Hedström – disse Patrik com alguma irritação, pois esperava mais uma torrente de perguntas por parte de um repórter qualquer. Quando ouviu quem era, lamentou o tom impaciente com que atendera a chamada.

– Olá, Kerstin – disse Patrik, desligando o motor. A vaga sensação de culpa que sentira durante mais de uma semana atingia-o agora em cheio. Tinha descurado a investigação da morte de Marit por ter estado a trabalhar no caso de Lillemor. Não desejava que assim fosse, mas a pressão por parte dos média, sobre o homicídio da rapariga, tinha sido demasiado implacável para lhe permitir fazer o contrário. Com um esgar, Patrik ouviu o que Kerstin tinha para dizer e depois respondeu:

– Nós... ainda não descobrimos grande coisa. Lamento imenso.

– Compreendo que devam ter andado bastante ocupados ultimamente.

– Mas garanto-lhe que a investigação da morte de Marit não foi esquecida – Patrik fez novo esgar, contrariado por ter tido de mentir. Mas tudo o que podia fazer agora era tentar recuperar o tempo perdido. Ficou sentado no carro a pensar durante um bocado antes de desligar o telefone. Depois ligou para outro número e passou os cinco minutos seguintes a falar com uma pessoa que se mostrou muito confusa com o que Patrik lhe disse. Um pouco mais animado, Patrik seguiu para Gotemburgo.

Duas horas mais tarde, chegou ao Instituto de Patologia Forense de Gotemburgo. Não tardou a dar com o gabinete de Pedersen. Bateu à porta. Costumavam comunicar por fax ou por telefone; porém, dessa vez, Pedersen insistira que debatessem pessoalmente os resultados da autópsia. Patrik suspeitava de que o furor mediático os levara a redobrar a cautela.

– Olá, já não nos víamos há algum tempo – disse Pedersen quando Patrik entrou. Levantou-se e apertaram as mãos. Apesar de ser alto e corpulento, Pedersen era uma pessoa atenciosa, o que contrastava fortemente com a brutalidade com que se deparava na sua profissão. Os óculos deslizavam-lhe constantemente para a ponta do nariz e o cabelo ligeiramente grisalho estava sempre bastante despenteado. A aparência de Pedersen poderia induzir um observador incauto a acreditar que estava perante uma pessoa distraída e desleixada. Mas a verdade era algo completamente

diferente. Os documentos estavam ordenadamente empilhados sobre a secretária e os dossiês e as pastas estavam arrumados nas prateleiras, cuidadosamente rotulados. Pedersen era muito metuculofo. Pegou em algumas folhas e estudou-as antes de voltar a olhar para Patrik e começar a falar.

– A rapariga foi estrangulada, não há dúvida. O cadáver apresenta fraturas no osso hioide, assim como no bordo superior da cartilagem tireoide. Mas não apresenta os sulcos que uma corda deixaria, apenas estas contusões em ambos os lados do pescoço, que encaixam bem no quadro de estrangulação manual. – Pedersen colocou uma fotografia ampliada à frente de Patrik e mostrou-lhe as contusões a que se estava a referir.

– Está portanto a afirmar que alguém a estrangulou com as mãos?

– Sim – respondeu Pedersen. Sentia sempre grande empatia pelas vítimas que iam parar à sua mesa de autópsias, mas raramente o deixava transparecer no seu tom de voz. – Outro indício de estrangulamento é o facto de a vítima apresentar petéquias, pequenas manchas cutâneas provocadas por hemorragias internas, tanto na conjuntiva como na pele em torno dos olhos.

– É necessário empregar muita força para estrangular uma pessoa dessa forma? – Patrik não conseguia tirar os olhos da fotografia de Lillemor, cujo rosto estava pálido e ligeiramente azulado.

– Mais do que se possa pensar. Demora bastante tempo a estrangular uma pessoa e o criminoso precisaria de manter constantemente uma forte pressão no pescoço da vítima. Neste caso, porém – Pedersen tossiu e virou-se por um momento antes de prosseguir –, neste caso, o criminoso concedeu a si próprio algumas facilidades.

– Que quer dizer com isso? – Patrik inclinou-se para a frente com interesse.

Pedersen folheou o documento até encontrar a passagem que procurava.

– Aqui está! Encontrámos vestígios de um sedativo no organismo da vítima. Parece que primeiro adormeceu e só depois foi estrangulada.

– Merda! – exclamou Patrik, olhando novamente para as fotos de Lillemor. – Conseguiu determinar como foi ministrado o sedativo?

Pedersen abanou a cabeça.

– O conteúdo do estômago dela era uma confusão infernal. Não faço ideia do que terá bebido, mas o cheiro a álcool era evidente. A rapariga estava completamente embriagada quando morreu.

– Sim, soubemos que a vítima bebeu bastante naquela noite. Esteve numa festa. Acha que alguém misturou o sedativo numa das bebidas que tomou?

Pedersen abriu os braços.

– É impossível afirmar com toda a certeza que tenha sido isso que aconteceu.

– Muito bem. Portanto, a vítima adormeceu e depois foi estrangulada. Quanto a isso não há dúvidas. E não há mais nada por onde possamos pegar?

Pedersen deu mais uma vista de olhos aos documentos.

– Sim, havia outros ferimentos. A vítima parece ter recebido alguns golpes no corpo e uma das faces apresentava também um hematoma subcutâneo, com o consequente reflexo na musculatura facial, como se a tivessem esbofeteado com muita força.

– Isso vai ao encontro do que sabemos ter ocorrido naquela noite – disse Patrik, carrancudo.

– A vítima também apresentava cortes profundos nos pulsos. Devem ter sangrado abundantemente.

– Cortes? – disse Patrik. Não tinha reparado neles quando viu Barbie dentro do camião do lixo. Por outro lado, não observara atentamente a vítima. Olhara de relance para o cadáver e afastara-se rapidamente. Aquela informação tinha um interesse indesmentível.

– Que pode dizer-me acerca dos cortes?

– Muito pouco – Pedersen passou a mão pelo cabelo, revolvendo-o um pouco mais, e Patrik teve uma sensação de *déjà vu* ao pensar na imagem que há vários dias via refletida no espelho.

– A julgar pela localização das feridas, não creio que tenham sido autoinfligidas. Embora os cortes no próprio corpo sejam muito populares nos dias que correm, sobretudo entre as adolescentes.

Patrik viu a imagem de Jonna na sala de interrogatórios, com os braços lacerados dos pulsos até aos cotovelos. Uma ideia começou a tomar forma na sua mente. Mas, por enquanto, isso teria de esperar.

– E quanto às horas? – perguntou Patrik. – Sabe dizer-me qual foi a hora da morte, aproximadamente?

– A temperatura do corpo da vítima no momento em que foi encontrada indica que morreu durante a madrugada. A minha experiência diz-me que a morte terá ocorrido por volta das três ou quatro da manhã.

– Certo – disse Patrik com ar pensativo. Não se preocupou em tomar notas. Sabia que receberia uma cópia do relatório da autópsia antes de sair do Instituto. – Mais alguma coisa? – Patrik apercebeu-se do tom esperançoso da sua voz. Já passara uma semana e não havia quaisquer pistas que fizessem a investigação avançar; por isso, Patrik agarrava-se com unhas e dentes ao mínimo pormenor.

– Bem, conseguimos recuperar uns pelos interessantes que estavam na mão da vítima. Calculo que o criminoso a tenha despido para se livrar de quaisquer possíveis provas, mas que lhe tenha escapado o facto de a vítima se ter agarrado a algo, presumivelmente quando estava a morrer.

– Quer dizer que os pelos não são do contentor de lixo?

– Tendo em conta a forma como estavam apertados na mão da vítima, não.

– E então? – Patrik sentiu a impaciência a queimá-lo por dentro. Viu pela expressão de Pedersen que aquilo era um bom achado, que iriam finalmente conseguir chegar a algum lado. – Que tipo de pelos são?

– Na verdade, «pelos» foi uma descrição algo incompleta da minha parte. São pelos de um cão. De um galgo espanhol de pelo duro, para ser mais preciso. Tudo isto de acordo com o Laboratório Nacional de Ciências Forenses – Pedersen pôs o relatório do LNCF à frente de Patrik. O documento tapava misericordiosamente a fotografia de Lillemor.

– É possível associar os pelos a um cão específico?

– Sim e não – respondeu Pedersen, abanando a cabeça de forma algo pesarosa. – O ADN canino é tão específico e identificável como o ADN humano. Mas, tal como acontece com as pessoas, é preciso que o folículo do qual se extrai o ADN esteja preso ao pelo. E, quando cai pelo aos cães, normalmente os folículos não vão agarrados. Neste caso, não havia folículos. Por outro lado, é uma vantagem que o galgo espanhol seja uma raça muito pouco comum. Não deve haver mais de 200 em toda a Suécia.

Patrik olhou para Pedersen com os olhos esbugalhados de espanto.

– Sabe isso tudo de cabeça?

Pedersen deu uma gargalhada.

– Aquelas séries acerca de investigação de locais de crime que passam na TV, como o *CSI*, têm feito maravilhas pela nossa reputação. Toda a gente pensa que sabemos tudo acerca do que quer que seja! Mas, infelizmente, vou ter de desapontá-lo. Acontece que, por acaso, o meu sogro é uma dessas duzentas pessoas que têm um galgo espanhol. E, de cada vez que nos encontramos, passo horas a ouvir falar do raio do cão.

– Sei muito bem o que isso é. O pai da minha ex-mulher era igual, mas a paixão dele não eram os cães, eram os carros.

– Pois, os sogros têm cada pancada! Enfim, é melhor não falar muito, também pode chegar a nossa vez – Pedersen deu uma gargalhada, mas depois pôs-se sério. – Se tiver mais perguntas acerca dos pelos de cão que encontrámos, terá de falar diretamente com o LNCF. Apenas sei o que está neste relatório, do qual lhe vou dar uma cópia.

– Ótimo – disse Patrik. – Só tenho mais uma pergunta. Havia algum indício de violência sexual no cadáver de Lillemor?

Pedersen abanou a cabeça.

– Não havia qualquer indicação nesse sentido. O que não significa que o homicídio não tenha tido motivações sexuais, mas não há provas que apontem para violação.

– Obrigado pela sua ajuda – disse Patrik, começando a levantar-se da cadeira.

– Como está a correr o outro caso? – perguntou Pedersen tão repentinamente que Patrik voltou a sentar-se. O seu rosto espelhava a culpa que sentia.

– Esse... esse caso tem sido bastante negligenciado – disse Patrik, envergonhado. – Com as televisões e os jornais e os chefes a ligarem de cinco em cinco minutos a perguntar se já conseguimos chegar a alguma conclusão em relação ao caso do homicídio de Lillemor, a outra investigação foi praticamente deixada em banho-maria. Mas agora tudo isso vai mudar.

– Bem, seja como for, era bom que a polícia caçasse o mais depressa possível quem quer que tenha feito aquilo. Nunca vi nada assim. Que forma tão fria de matar alguém.

– Sim, concordo plenamente – disse distraidamente Patrik. Estava a pensar na voz de Kerstin ao telefone umas horas antes. Em como tinha soado desesperada e sem vida. Não podia perdoar a si próprio ter negligenciado a investigação da morte de Marit. – Mas espero obter algumas respostas hoje mesmo – Patrik levantou-se, pegou no maço de documentos que Pedersen lhe entregou e agradeceu-lhe com um aperto de mão.

De volta ao carro, Patrik dirigiu-se para o lugar onde esperava encontrar mais algumas respostas. Ou, pelo menos, mais interrogações.

– Pedersen disse-te alguma coisa com interesse? – Martin escutava ao telefone e tomava notas enquanto Patrik resumia o que o patologista forense lhe dissera.

– A parte acerca do pelo de cão deve vir a revelar-se útil. Pelo menos dá-nos algo de concreto por onde pegar – disse Martin, voltando a prestar atenção ao que Patrik dizia.

– Cortes? Sim, compreendo aonde queres chegar. Estou a lembrar-me de uma certa pessoa.

– Outro interrogatório! Sim, claro. Posso levar Hanna comigo para a irmos buscar. Não há qualquer problema.

Depois de ter pousado o auscultador, Martin ficou sentado em silêncio durante um momento. Em seguida foi à procura de Hanna.

Exatamente meia hora mais tarde, Martin e Hanna estavam sentados na sala de interrogatórios com Jonna à sua frente. Não tinham precisado de ir muito longe para encontrá-la. Estava na caixa da Hedemyr, mesmo em frente da esquadra.

– Então, Jonna, gostarias de acrescentar alguma coisa desde a última vez que conversámos contigo acerca da noite de sexta-feira? – Pelo canto do olho, Martin viu que Hanna observava Jonna como um falcão. Tinha a habilidade de pôr um ar tão severo que até Martin se sentia compelido a desbobinar todos os seus pecados. Esperava que Hanna produzisse o mesmo efeito na rapariga sentada à frente deles. Mas Jonna evitou o olhar de Hanna, olhou para o tampo da mesa e limitou-se a

murmurar uma resposta.

– Que foi que disseste, Jonna? Vais ter de falar mais alto, porque assim não conseguimos ouvir o que estás a dizer! – exclamou assertivamente Hanna. Martin viu como a voz dura da colega forçou Jonna a erguer os olhos. Era impossível não obedecer aos comandos de Hanna.

Em voz baixa, mas agora perfeitamente perceptível, Jonna disse:

– Já vos contei tudo o que sabia sobre a noite de sexta-feira.

– Não acredito nisso – a voz de Hanna cortou o ar como se fosse uma das lâminas de barbear que Jonna utilizava nos braços. – Não me parece que nos tenhas contado sequer um décimo de tudo o que sabes!

– Não sei do que está a falar – insistiu nervosamente Jonna, subindo e descendo compulsivamente as mangas. Martin vislumbrou as cicatrizes sob o camisolão e estremeceu.

– Para de mentir! – Hanna falou tão alto que até Martin teve um pequeno sobressalto na cadeira. Caramba, que mulher de força. Hanna prosseguiu, agora num tom de voz insidiosamente baixo: – Sabemos que estás a mentir, Jonna. Temos provas que indicam que estás a mentir. Mas tens agora a oportunidade de contar-nos exatamente o que aconteceu.

Uma sombra de incerteza toldou o rosto de Jonna. Os dedos brincavam nervosamente com o camisolão. Após um momento de hesitação, a rapariga disse:

– Não sei do que está a falar.

A mão de Hanna abateu-se sobre o tampo da mesa.

– Para de dizer parvoíces! *Sabemos* que tu a cortaste.

Os olhos de Jonna encontraram ansiosamente os de Martin e o agente disse num tom de voz mais calmo:

– Jonna, se souberes de mais alguma coisa, tens de contar-nos. Mais cedo ou mais tarde, a verdade vem ao de cima e seria muito melhor para ti se nos desses uma explicação.

– Mas eu... – Jonna olhou nervosamente de relance para Martin, mas depois foi-se abaixo. – Sim, eu cortei-a com uma lâmina de barbear – disse em voz baixa. – Quando estávamos a discutir, antes de ela se ter ido embora a correr.

– Porque fizeste isso? – perguntou calmamente Martin.

– Eu... eu... não sei bem. Estava tão furiosa. Ela tinha estado a dizer uma data de porcarias acerca de mim, por causa de eu, tipo, me cortar, e só quis que ela soubesse qual era a sensação.

Jonna desviou o olhar de Martin para Hanna.

– Não percebo porque é que... quer dizer, não me costumo enfurecer daquela maneira, mas tinha estado a beber um bocado e... – Jonna parou de falar e olhou para o tampo da mesa.

A rapariga tinha uma postura tão reservada e triste! Martin teve de se controlar para não lhe ir dar um abraço. Mas recordou a si próprio que a Jonna estava a ser interrogada por causa de um homicídio. Olhou de relance para Hanna. O seu rosto estava rígido, inacessível, e a colega não parecia sentir a mínima empatia pela rapariga.

– E depois, que aconteceu? – perguntou asperamente Hanna.

Jonna fixou o olhar no tampo da mesa quando respondeu.

– Depois apareceram vocês os dois. Falaram com os outros e também com Barbie – Jonna ergueu os olhos e fixou Hanna.

Martin virou-se para a colega.

– Reparaste se ela estava a sangrar?

Hanna refletiu um pouco, mas depois limitou-se a abanar a cabeça.

– Não, tenho de admitir que isso me escapou. Estava escuro e Barbie estava de braços cruzados, por isso era difícil ver bem. E depois ela desatou a correr.

– Há mais alguma coisa que não nos tenhas contado? – o tom de Martin era suave e Jonna respondeu, lançando-lhe um olhar de gratidão.

– Não, nada. Juro – Jonna abanou vigorosamente a cabeça e o seu cabelo comprido caiu-lhe para a cara. Quando o voltou a pôr para trás, os agentes viram toda a rede de cortes no antebraço da rapariga e Martin não conseguiu conter um sobressalto. Caramba, aquilo devia ter-lhe causado dores tremendas. Martin mal conseguia suportar a dor quando tinha de arrancar um penso rápido, quanto mais cortar a própria carne... não, nunca seria capaz de fazer uma coisa daquelas.

Depois de um olhar interrogativo a Hanna, ao qual a agente respondeu abanando a cabeça, Martin recolheu a sua documentação.

– Vamos precisar de falar mais contigo, Jonna. Acho que nem sequer vale a pena acrescentar que isto de teres ocultado informações durante a investigação de um homicídio não abona nada a teu favor. Espero que nos informes voluntariamente caso te lembres de mais alguma coisa.

Jonna assentiu suavemente.

– Já posso ir-me embora?

– Sim, podes ir – respondeu Martin. – Eu acompanho-te à saída.

Ao sair da sala de interrogatórios, Martin voltou-se para olhar para a colega que estava sentada à mesa a rebobinar a cassete no gravador. A expressão de Hanna era amarga.

Patrik demorou algum tempo a dar com a direção em Borås. Tinham-lhe dado indicações acerca de como chegar à esquadra; porém, assim que chegara a Borås, nada parecia bater certo. Mas, depois de alguma ajuda por parte dos habitantes locais, Patrik conseguiu finalmente encontrar a esquadra e estacionar o carro. Após

uma breve espera na recepção, o inspetor Jan Gradenius apareceu e conduziu-o ao seu gabinete. Depois de ter aceitado de bom grado uma chávena de café, Patrik sentou-se numa das cadeiras reservadas às visitas. O inspetor sentou-se à secretária e olhou-o com curiosidade.

– Bem – começou Patrik, bebendo um pouco do excelente café –, temos um caso bastante estranho em mãos em Tanumshede.

– Refere-se ao homicídio da rapariga daquele concurso de televisão?

– Não – disse Patrik. – Recebemos uma chamada sobre um acidente de viação na semana anterior ao homicídio de Lillemor Persson. Uma mulher despistou-se, desceu uma colina íngreme e foi embater numa árvore. A princípio, parecia tratar-se de um acidente mortal envolvendo um único carro, tanto mais que a vítima estava completamente embriagada antes de morrer.

– Quer dizer que não foi isso que aconteceu? – o inspetor Gradenius inclinou-se para a frente com interesse. Devia andar pela casa dos sessenta, calculou Patrik, era alto e atlético e tinha uma farta cabeleira que agora era grisalha mas que em tempos devia ter sido loura. Patrik não pôde deixar de sentir inveja ao comparar a sua linha de cabelo, que recuava sem parar, com a abundante melena de Gradenius. Apercebeu-se de que, à velocidade com que o cabelo estava a recuar, ia acabar por ficar mais parecido com Mellberg do que com Gradenius quando chegasse à idade deles. Patrik suspirou para si mesmo, bebeu mais um pouco de café e respondeu à pergunta do inspetor.

– Pois não. O primeiro indício de que algo não batia certo foi o facto de todas as pessoas que conheciam a vítima terem afirmado que ela nunca tocava numa gota de álcool – Patrik viu as sobrancelhas de Gradenius arquearem-se, mas continuou o seu relato. A seu tempo, o inspetor tiraria as suas próprias conclusões. – Aquilo era sem dúvida um sinal de alarme e, quando mais tarde a autópsia forneceu alguns dados estranhos, então... bem, acabámos por concluir que a vítima tinha sido assassinada – Patrik pôde ouvir quão seco e impessoal soou o jargão policial quando teve de descrever o que na realidade fora uma tragédia. Mas aquela era a linguagem que ambos conheciam e cujas cambiantes captavam na perfeição.

– Então e que foi que revelou a autópsia? – perguntou Gradenius, olhando fixamente para Patrik. Parecia já saber a resposta.

– Que a vítima tinha uma taxa de alcoolemia de 6,1, mas que grande parte do álcool se encontrava nos pulmões. Havia igualmente lesões e contusões em torno da boca e no interior da garganta, assim como resíduos de fita adesiva nos lábios. Também foram encontradas marcas nos calcanhares e nos pulsos, o que indicava que a vítima tinha sido amarrada.

– Reconheço tudo o que me está a contar – disse Gradenius, pegando numa pasta que estava sobre a secretária. – Mas como é que me descobriu?

Patrik deu uma gargalhada.

– Excesso de zelo quanto ao arquivo de documentação, segundo um dos meus colegas. Eu e o inspetor participámos num seminário em Halmstad há uns anos. Um dos *workshops* consistia na apresentação e discussão, em cada grupo, de um caso ainda não solucionado. De algo que nos intrigasse, mas que não sabíamos resolver. O inspetor apresentou um caso que me recordou o que acabei de referir. Eu sabia que tinha conservado as minhas notas; por isso, antes de lhe ligar, tive de encontrá-las, para me certificar de que a memória não me tinha atraído.

– Nada mal, deixe que lhe diga. Estou impressionado por se recordar. E é uma sorte para ambos. Esse caso atormentou-me durante anos, mas a investigação acabou num beco sem saída. Terei todo o gosto em dar-lhe todas as informações de que dispomos e, em troca, talvez me possa dar as que tem.

Patrik assentiu e pegou no maço de documentos que Gradenius lhe entregou.

– Posso levar esta documentação comigo?

– Claro que sim, são apenas cópias. Gostaria que eu lhes desse uma vista de olhos consigo?

– Primeiro gostava de as examinar sozinho e depois telefonava-lhe; tenho a certeza de que terei bastantes perguntas para lhe colocar. E vou pedir que lhe enviem amanhã uma cópia do nosso material.

– Excelente – retorquiu Gradenius, levantando-se. – Era bom que conseguíssemos resolver este assunto. A mãe da vítima ficou completamente desfeita e continua em grande sofrimento. Ainda me telefona, de vez em quando. Gostava de ter algo para lhe dizer.

– Faremos o nosso melhor – disse Patrik. – Estava em pulgas para regressar a Tanumshede para poder ler o processo de ponta a ponta. Tinha a sensação de que aquilo seria um ponto de viragem. Tinha de ser.

Lars atirou-se para o sofá e pôs os pés sobre a mesa de café. Andava tão cansado nos últimos tempos. Aquela exaustão constante e paralisante não lhe dava tréguas e recusava-se a desaparecer. As dores de cabeça também eram cada vez mais frequentes; era como se uma desencadeasse a seguinte. A exaustão e as dores de cabeça formavam uma espiral sem fim que o arrastava cada vez mais para o fundo. Massajou cautelosamente as têmporas, aliviando um pouco a dor. Quando sentiu a pressão dos dedos de Hanna nos seus, Lars colocou as mãos no colo, recostou-se e fechou os olhos. Os dedos de Hanna continuaram a massajar-lhe a cabeça. Sabia exatamente o que fazer para lhe aliviar a dor. Tinha praticado muito ultimamente.

– Como te sentes? – perguntou suavemente Hanna, enquanto movia os dedos cuidadosamente para a frente e para trás.

– Bem – respondeu Lars, reparando como o tom preocupado de Hanna o invadia e

lhe causava uma sensação irritante. Lars não queria que Hanna se preocupasse. Detestava que ela se preocupasse.

– Não pareces bem – disse Hanna, acariciando-lhe a testa. As carícias eram maravilhosas, mas Lars não conseguia descontraír-se por causa de todas as perguntas que Hanna não verbalizava e que pairavam no ar. Irritado, Lars afastou as mãos de Hanna e sentou-se.

– Sinto-me bem. Só estou um pouco cansado. Deve ser febre-dos-fenos.

– Febre-dos-fenos – repetiu Hanna com uma gargalhada, ao mesmo tempo amarga e irónica. – Agora culpas a primavera? – Hanna permanecia de pé por detrás do sofá.

– Sim, onde diabo é que hei de pôr as culpas? Talvez no facto de ter andado a matar-me a trabalhar nos últimos tempos. A trabalhar no livro e ao mesmo tempo a tentar manter aqueles imbecis de merda do centro comunitário no bom caminho.

– Ena, que forma tão cortês de falar dos teus clientes, ou antes, dos teus pacientes. Dizes-lhes mesmo na cara que são imbecis? Isso deve facilitar muito a terapia, não haja dúvida.

O tom de Hanna era ríspido e destinava-se inequivocamente a provocá-lo. Lars não compreendia porque estava ela a fazer aquilo. Porque não poderia simplesmente deixá-lo em paz? Alcançou o controlo remoto e recostou-se no sofá, de costas voltadas para ela. Depois de percorrer os canais durante algum tempo, Lars parou no *Jeopardy*¹⁵ e testou os seus conhecimentos, competindo com os concorrentes do programa. Sabia todas as respostas.

– Tens mesmo de trabalhar tanto? – perguntou Hanna. – E precisas mesmo de trabalhar para esse programa? – acrescentou. Tudo o que deixava por dizer deixava o ambiente entre eles mais carregado.

– Tenho de trabalhar em algum lado – respondeu Lars, desejando que Hanna se calasse. Que compreendesse tudo o que fazia por ela. Virou-se para olhar para ela. – Faço o que tenho de fazer, Hanna. Como sempre. Sabes bem que é assim.

Os olhos de ambos fitaram-se intensamente por um segundo. Depois, Hanna voltou-se e saiu da sala. Lars ficou a vê-la afastar-se. Pouco depois, ouviu a porta de casa fechar-se.

Na TV, o concurso não parava de debitar novos desafios.

Mas eram demasiado fáceis.

– Então, que tal têm achado o concurso até agora? – Uffe abriu uma cerveja para cada uma das raparigas, que as aceitaram por entre risadinhas.

– Espetacular – disse a loura.

– Podes crer – concordou a morena.

Calle não se sentia com disposição nenhuma para engates naquela noite. Uffe tinha

atraído duas das fãas que não largavam a porta do centro comunitário e estava agora concentrado numa grande operação de charme. Ou antes, a tentar dar o seu melhor. O charme não era propriamente o seu forte.

– De quem gostam mais? – Uffe pôs o braço em torno da rapariga loura e chegou-se mais a ela. – De mim, certo? – Uffe fez-lhe cócegas e deu uma gargalhada, recebendo uma risadinha de deleite em troca. Encorajado, o rapaz prosseguiu: – Bem, isto não é um concurso a sério. Eu sou o único homem como deve ser por aqui – Uffe bebeu uma golada de cerveja pelo gargalo e apontou para Calle com a garrafa. – Olhem-me só para este tipo, por exemplo. É um daqueles engatatões finórios típicos da Praça Stureplan, não é digno de umas beldades como vocês. A única coisa que estes tipos sabem é sacar o cartão de crédito do papá. Mehmet, por outro lado – Uffe apontou para Mehmet, que estava deitado na sua cama a ler um livro –, não tem rigorosamente nada que ver com um engatão finório. Mehmet é um verdadeiro preto da classe operária. É um lutador nato. Mas não consegue escapar ao facto de a carne sueca ser melhor que a dele. – Uffe esticou os braços e tentou enfiar a mão debaixo do camisolão da loura. A rapariga percebeu instantaneamente o que ele estava a tentar fazer e, depois de lançar uma olhadela ansiosa à câmara, afastou discretamente a mão de Uffe. O rapaz mostrou desagrado por um momento, mas não tardou a recompor-se. As raparigas ainda demorariam um pouco a abstrair-se da presença da câmara. Mas, depois disso, ia ser sempre a abrir. O objetivo de Uffe para as semanas restantes do concurso era dar umas cambalhotas debaixo das cobertas. Porra, podia tornar-se uma lenda a fazer isso. Quase o conseguira na ilha, se aquela miúda tontinha de Jokkmokk tivesse ficado um pouco mais bêbada.

– Acalma-te, Uffe, vamos lá levar as coisas com calma, está bem? – Calle sentia-se cada vez mais irritado.

– Que queres dizer com isso de levar as coisas com calma? – Uffe tentou apalpar novamente a rapariga, mas também não foi muito mais longe. – Não estamos aqui para levar as coisas com calma. E eu para aqui a pensar que eras o maior borgas de todos! Ou a coisa só resulta na Praça Stureplan?

Calle olhou para Mehmet em busca de apoio, mas o rapaz parecia completamente mergulhado no seu livro de ficção. Calle estava outra vez com aquela merda pelos cabelos. Nem sequer percebia porque tinha participado nas audições para o concurso. Participar em *Sobreviventes* era uma coisa, mas aquilo, francamente! Estar para ali trancado com aqueles falhados! Colocou ostensivamente os auriculares e recostou-se, a ouvir música no seu *iPod*. Aumentou o volume e deixou que o som abafasse misericordiosamente a tagarelice de Uffe. Calle deu rédea solta aos pensamentos. Foi inexoravelmente arrastado para o passado. Primeiro vieram as memórias mais antigas. Imagens da infância, granuladas e entrecortadas, como se estivesse a assistir a um filme em Super-8. Viu-se a correr para os braços da mãe. O

cheiro do seu cabelo, misturado com a fragrância da relva e do verão. A sensação de segurança quando os braços da mãe o envolveram. Também viu o pai a rir-se e a olhar carinhosamente para eles. Mas o pai estava sempre de saída, a caminho de qualquer outro lugar. Nunca tinha tempo para parar e partilhar o abraço deles. Nunca tinha tempo para cheirar o cabelo da mãe. O aroma do champô *Timotei*, que Calle ainda recordava intensamente.

Depois, o filme avançava até parar numa imagem que era muito mais nítida. Completamente focada. A imagem dos pés da mãe quando Calle abriu a porta do quarto dela. Calle tinha treze anos. Há muitos anos que não corria para os braços da mãe. Tinha acontecido tanta coisa. Tanta coisa mudara.

Calle lembrava-se de a ter chamado. Que ficara um pouco irritado, que perguntara a si próprio porque é que a mãe não tinha respondido. Porém, quando abriu a porta, sentiu um silêncio opressivo e a primeira sensação gelada no estômago a indicar que havia algo que não estava bem. Lentamente, Calle aproximara-se dela. Parecia estar a dormir. Estava deitada de costas e o cabelo, que ela usara comprido quando Calle era pequeno, estava agora cortado muito curto. Havia sulcos de cansaço e de amargura gravados no seu rosto. Por um segundo, Calle pensou que a mãe estivesse realmente a dormir. A dormir profundamente. Depois viu o frasco de comprimidos vazio no chão, junto da cama. Caíra-lhe das mãos quando os comprimidos tinham começado a fazer efeito. A mãe tinha-se finalmente libertado da vida que já não conseguia suportar.

Calle e o pai tinham vivido juntos desde esse dia, mergulhados num silêncio hostil. Nunca tinham falado do que aconteceu. Nunca fora dita uma palavra que fosse acerca da mudança da nova mulher do pai lá para casa, uma semana depois do funeral da mãe. Nunca ninguém foi capaz de o confrontar com as palavras duras que tinham conduzido ao último ato da mãe, de mencionar a forma como ela tinha sido posta de lado como um casaco muito usado.

Em vez disso, o dinheiro falara mais alto. Ao longo dos anos, aquilo tinha-se tornado uma enorme dívida, uma dívida de consciência que parecia não ter fim. Calle aceitara o dinheiro, até o exigira, mas sem nunca mencionar o que ambos sabiam ser o motivo de todos os pagamentos. Aquele dia. Quando o silêncio ecoara pela casa. Quando Calle tinha chamado sem obter qualquer resposta.

O filme foi novamente rebobinado. Sugou-o para trás, cada vez mais depressa, até Calle ver novamente apenas as imagens granulosas e entrecortadas na sua mente. E correu uma vez mais para os braços estendidos da mãe.

– Gostava de fazer uma reunião no gabinete de Mellberg às nove. Podes dar conhecimento aos outros?

– Pareces cansado; andaste na borga ontem à noite? – Annika olhou para Patrik por

cima dos óculos para ler no ecrã do computador. Patrik sorriu, mas o sorriso não se estendeu aos seus olhos cansados.

– Quem me dera. Não, passei metade da noite acordado a ler relatórios e documentos. E é por isso que tenho de convocar esta reunião.

Patrik dirigiu-se ao seu gabinete e olhou para o relógio. Oito e dez. Estava exausto e tinha os olhos cansados de tanta leitura e tão pouco sono. Mas ainda tinha cinquenta minutos para ordenar as ideias; depois teria de contar-lhes o que tinha descoberto.

Os cinquenta minutos passaram demasiado depressa. Quando Patrik entrou no gabinete de Mellberg, toda a equipa estava reunida. Patrik tinha posto o superintendente a par dos factos pelo telefone quando estava a caminho da esquadra; portanto, o chefe sabia mais ou menos o que Patrik ia dizer. Os restantes olhavam-no inquisitoriamente.

– Nos últimos dias demos demasiada atenção à investigação do homicídio de Lillemor Persson em detrimento da investigação da morte de Marit Kaspersen. – Patrik estava de pé junto do quadro de conferências, de costas para a secretária de Mellberg, e olhava para os colegas com expressão séria. Não faltava ninguém. Annika tinha trazido papel e esferográfica e tomava notas, como era costume. Martin estava sentado ao lado dela, com o cabelo ruivo em pé. As sardas destacavam-se na palidez invernal da sua pele e o jovem agente esperava ansiosamente pelo que Patrik tinha para dizer. Junto de Martin sentava-se Hanna, com o ar descontraído, frio e sereno a que todos se tinham habituado, uma vez que já trabalhava na esquadra há duas semanas. Parecia que a nova agente estava com eles há muito mais tempo. Gösta, como sempre, estava afundado na cadeira. Não havia uma centelha de interesse nos seus olhos; parecia desejar estar noutro lugar completamente diferente. Mas aquela era a eterna expressão de Gösta quando não estava num campo de golfe, pensou Patrik com irritação. Mellberg, por outro lado, inclinara o seu corpo enorme para a frente, assinalando que estava atentíssimo. Sabia aonde Patrik queria chegar com aquela reunião; nem ele podia ignorar as ligações que Hedström lhe revelara.

– Como todos sabem, num primeiro momento encarámos a morte de Marit como um acidente. Mas o exame forense e a autópsia mostraram que não foi disso que se tratou. Alguém a amarrou, forçou um objeto ainda não identificado para dentro da sua boca e pela garganta abaixo e depois fê-la ingerir uma grande quantidade de álcool, o que, esclareço, foi a causa da morte. Então, o criminoso, ou os criminosos, colocaram o cadáver no carro de Marit e tentaram fazer com que o despiste parecesse accidental. Não sabemos muito mais do que isto. Mas também não fizemos grande esforço para investigar o caso mais aprofundadamente, uma vez que a nossa investigação muito mais... – Patrik procurou a palavra certa – mediática absorveu todas as nossas energias. Consequentemente, distribuímos os nossos recursos de

uma forma que, em retrospectiva, me parece extremamente infeliz. Mas não adianta chorar sobre leite derramado. Teremos simplesmente de esforçar-nos mais para tentar recuperar o tempo que perdemos.

– Tu tinhas uma possível pista – começou Martin.

Patrik interrompeu-o com impaciência.

– Sim, realmente descobri uma possível pista e ontem fui investigá-la – Patrik voltou-se e pegou no grosso maço de documentos que colocara sobre a secretária de Mellberg.

– Ontem estive em Borås e encontrei-me com um colega nosso, o inspetor Jan Gradenius. Há uns anos, participámos ambos num seminário em Halmstad. Durante o seminário, Gradenius contou pormenorizadamente um caso em que esteve envolvido. Suspeitava de que a vítima tivesse sido assassinada mas não havia provas suficientes para prová-lo. Tive acesso a toda a documentação acerca do caso e... – Patrik fez uma pausa para dar efeito dramático e olhou para o pequeno grupo ali reunido – e acontece que há semelhanças espantosas com as circunstâncias que levaram à morte de Marit Kaspersen. A vítima também tinha uma quantidade absurda de álcool no organismo, incluindo os pulmões. E isto apesar de nunca ingerir bebidas alcoólicas, de acordo com os depoimentos dos parentes mais próximos.

– Foram encontradas as mesmas provas físicas? – perguntou Hanna, franzindo a testa. – Contusões em torno da boca, resíduos de fita adesiva e tudo o resto?

Frustrado, Patrik coçou a cabeça.

– Infelizmente, não dispomos dessa informação. O tribunal considerou que a vítima, um homem de trinta e um anos de nome Rasmus Olsson, se suicidou depois de ter bebido uma garrafa inteira de vodka e saltado de uma ponte. A investigação foi conduzida com base nesse pressuposto; por isso, os nossos colegas de Borås não foram tão cuidadosos com as provas como deveriam ter sido. Mas existem fotografias da autópsia e eu tive oportunidade de vê-las. Embora seja leigo nesta matéria, pareceu-me ver vestígios de contusões em torno dos pulsos e da boca, mas enviei as fotografias a Pedersen para que as avaliasse. Ontem à noite perdi umas boas horas a estudar o material que me foi dado e não me resta qualquer dúvida de que existe algum tipo de ligação entre os dois casos.

– Estás então a dizer – perguntou Gösta num tom cético – que alguém assassinou esse tipo em Borås há uns anos e que agora decidiu matar Marit Kaspersen, aqui em Tanumshede? Se queres a minha opinião, parece-me um pouco rebuscado. Que tipo de ligação existe entre as vítimas?

Patrik compreendia o ceticismo de Gösta, mas mesmo assim ficou irritado com a pergunta do colega. Estava convencido de que havia uma ligação.

– Isso é o que vamos ter de descobrir – disse Patrik. – Pensei que poderíamos começar por anotar o pouco que sabemos e depois, em conjunto, talvez consigamos

descobrir uma forma de agir – Patrik desenhou uma linha vertical a dividir ao meio a folha presa ao grande quadro com tripé. No topo de uma das colunas escreveu «Marit» e na outra «Rasmus».

– Ora bem, que sabemos nós sobre as vítimas? Ou antes, que sabemos sobre Marit? Eu preencho os dados relativos à morte de Rasmus Olsson, uma vez que fui o único a ter acesso a eles. Depois dou-vos cópias de tudo.

– Quarenta e três anos – disse Martin. – Vivia com a companheira, Kerstin, tinha uma filha de quinze anos e era proprietária de uma loja.

Patrik anotou tudo o que Martin disse e depois virou-se à espera de mais sugestões, de marcador na mão.

– Abstmia – disse Gösta, que parecia estar alerta, para variar.

Patrik apontou enfaticamente para o colega e escreveu «ABSTMIA» na folha. Depois anotou os dados correspondentes na coluna de Rasmus.

– Interessante – comentou Mellberg.

– Mais alguma coisa?

– Nascida na Noruega, divorciada, tinha uma relação conflituosa com o ex-marido, responsável...

Hanna abriu os braços a indicar que não se lembrava de mais nada. Patrik anotou aqueles três pontos. A coluna de Marit estava a ficar muito mais comprida do que a de Rasmus. Patrik acrescentou «responsável» à coluna da vítima masculina; ficara a sabê-lo através da conversa que tivera com a parente mais próxima do homem. Depois de pensar por um momento, Patrik escreveu «acidente?» no lado da folha reservado a Marit e «suicídio?» na coluna de Rasmus.

O silêncio por parte dos outros confirmou que, de momento, não havia muito mais a acrescentar.

– Temos dois indivíduos aparentemente muito diferentes que foram assassinados da mesma forma invulgar. Têm idades diferentes, sexos diferentes, empregos diferentes e ambientes familiares diferentes; não aparentam ter nada em comum, à exceção do facto de ambos serem abstmios.

– Abstmios – repetiu Annika. – Para mim, essa palavra tem uma conotação quase religiosa. Pelo que sei, Marit não professava nenhum tipo de religião; simplesmente não bebia bebidas alcoólicas.

– Sim, temos de averiguar isso em relação a Rasmus. Mas, como é o único denominador comum, é um ponto de partida tão bom como qualquer outro. Pensei que Martin e eu podíamos ir até Borås falar com a mãe de Rasmus. E tu, Gösta, podes ir com Hanna falar com a companheira de Marit e com o seu ex-marido. Para descobrirem o máximo possível acerca da opção de Marit pela abstinência de bebidas alcoólicas. Havia algum motivo concreto para isso? Pertencia a alguma espécie de organização? Enfim, algo que nos pudesse dar uma pista acerca do tipo

de ligação que possa ter tido com um tipo solteiro de Borås. Por exemplo, onde vivia Rasmus antes? Será que Marit alguma vez viveu na zona de Borås?

Gösta lançou um olhar cansado a Hanna.

– Acho que podemos fazer isso esta manhã.

– Claro – disse Hanna, que parecia longe de ter ficado satisfeita com a tarefa.

– Há algum problema? – perguntou Patrik de mau humor.

– Não, nenhum – respondeu Hanna num tom aborrecido. – Só acho que isto parece um pouco vago. Era bom que tivéssemos mais por onde pegar, para não acabarmos num beco sem saída. Quer dizer, será que podemos realmente concluir que existe uma ligação? Talvez o facto de terem morrido da mesma forma seja mera coincidência. Como não há qualquer relação óbvia entre as vítimas, parece-me tudo um pouco nebuloso. Mas esta é apenas a minha opinião – Hanna abriu os braços, indicando que pensava que todos concordariam com o seu raciocínio.

Patrik respondeu laconicamente e num tom glacial que surpreendeu todos, incluindo ele próprio:

– Então acho que, por enquanto, devias guardar essa opinião para ti e cumprir a tarefa que te foi atribuída.

Reparou que os outros o fitavam com espanto quando saiu do gabinete de Mellberg. Não costumava perder as estribeiras. Mas Hanna tinha posto o dedo na ferida. E se o seu pressentimento não os levasse a lado algum?

– Então? – perguntou Kristina, bebericando o seu chá com um esgar. Para grande surpresa de Erica, a sogra declarara que já não tomava café por causa do seu «estômago sensível», dando uma palmadinha na barriga com um suspiro. Desde que Erica a conhecia que Kristina bebia bastante café; portanto, seria interessante ver até quando conseguiria manter aquela decisão.

– *Esta* é a queridinha da avozinha, não é? Sim, é *mesmo* a queridinha da avozinha, a sua pequenina mais linda do mundo, cutchi-cutchi– arrulhou Kristina. Maja olhava para a avó com espanto. Por vezes, Erica achava que a filha já parecia mais inteligente do que a sogra; porém, até ver, tinha-se absterido de expor aquela teoria a Patrik. Como se ouvisse os pensamentos de Erica, Kristina virou-se para a nora e lançou-lhe um olhar penetrante.

– Então, como estão a correr os preparativos deste... casamento? – perguntou já num tom de conversa entre adultos. Pronunciou a palavra «casamento» com a mesma repugnância com que diria «merda de cão». Estava zangada por não ter sido envolvida nos preparativos.

– Estão a correr maravilhosamente. Obrigada pelo seu interesse – disse Erica, mostrando-lhe o seu melhor sorriso, enquanto debitava para si as piores asneiras de que se conseguia lembrar. Um marinheiro teria invejado a riqueza do seu

vocabulário.

– Estou a ver – retorquiu Kristina de mau humor. Erica sentiu que a sogra fizera aquela pergunta na esperança de ao menos obter um vislumbre de desastre iminente.

Anna, que se mantinha à margem da conversa, a observar atentamente a interação de Erica com a sogra, decidiu atirar uma boia de salvação à irmã.

– Está tudo a correr na perfeição. As coisas até estão bastante adiantadas, não é verdade, Erica?

Erica assentiu com orgulho óbvio. Mas, nesse momento, todos os epítetos silenciosos foram substituídos por um enorme ponto de interrogação. Que queria Anna dizer com aquilo de estar tudo bastante adiantado? Era um exagero. Erica não deixou que a sogra percebesse a sua confusão. Aprendera a encarar Kristina como um tubarão. Se a sogra captasse o mais ténue cheiro a sangue, mais cedo ou mais tarde alguém perderia um braço. Ou uma perna.

– Então e a música? – perguntou Kristina, fazendo nova tentativa para bebericar o chá. Erica bebeu uma golada do seu café negro como carvão e abanou a chávena no ar para que o aroma fluísse para a mesa onde Kristina estava sentada.

– Contratámos uma banda de Fjällbacka. São os Garage, e são muito bons.

– Estou a ver – retorquiu Kristina com irritação mal contida. – Quer dizer que vão tocar essas músicas *pop* que vocês, os jovens, apreciam. As pessoas com um pouco mais de idade, como eu, terão provavelmente de abandonar a festa mais cedo. – Erica sentiu a canelada que Anna lhe deu por baixo da mesa. Não se atreveu a olhar para a irmã com receio de desatar às gargalhadas, apesar de não achar a situação lá muito engraçada. – Bem, espero que ao menos tenham pensado na lista de convidados. Eu não poderia estar presente se as tias Göta e Ruth não fossem convidadas.

– A sério? – perguntou inocentemente Anna. – Patrik deve ser muito chegado às tias. Passou muito tempo com elas quando era pequeno?

Kristina não esperara que o assunto despertasse um ataque tão insidioso.

– Bem, não, não posso dizer que tenham passado muito tempo juntos.

Anna interrompeu-a, perguntando com o mesmo tom inocente:

– Quando foi a última vez que Patrik as viu? Não me recordo de ele alguma vez ter falado nas tias.

Franzindo a testa de indignação, Kristina viu-se obrigada a recuar.

– Julgo que já não se veem há algum tempo. Patrik devia ter uns... dez anos, se bem me lembro.

– Então talvez devamos guardar esses lugares para pessoas com quem Patrik tenha estado nos últimos vinte e sete anos – disse Erica, lutando contra o desejo de bater com a palma da mão na da irmã em sinal de vitória.

– Suponho que, seja como for, acabem por fazer o que vos apetecer – disse

irritadamente Kristina. Apercebeu-se de que podia dar por perdido aquele ponto da agenda. Mas, bebendo com desagrado mais um golinho de chá, desferiu o seu golpe de misericórdia, mantendo os olhos fixos nos de Erica. – Espero que Lotta possa ser a madrinha!

Erica lançou a Anna um olhar desesperado. Nem sequer lhe tinha passado pela cabeça convidar a irmã de Patrik para ser a madrinha do casamento; queria naturalmente que Anna desempenhasse esse papel. Ficou sentada em silêncio por um momento, ponderando como rechaçar a última investida de Kristina. Por fim, decidiu que mais valia pôr simplesmente as cartas na mesa.

– Anna é que vai ser a madrinha – afirmou calmamente Erica. – E, quanto aos outros pormenores do casamento, quero que sejam surpresa. Terá de esperar até ao dia do casamento.

Kristina abriu a boca para protestar, mas viu o olhar de aço de Erica e deteve-se. Em vez disso, contentou-se em resmungar:

– Bem, só estava a tentar ajudar. Nada mais. Se não querem a minha ajuda, então...

Erica não disse nada. Limitou-se a sorrir e bebeu mais um pouco de café.

Patrik dormiu durante toda a viagem para Borås. Estava exausto depois de tudo o que acontecera nas últimas semanas e depois de ter passado a noite a ler atentamente a documentação que Gradenius lhe forneceu. Quando acordou, nos arredores de Borås, Patrik tinha um torcicolo desagradável por ter estado a dormir com a cabeça encostada à janela. Com um esgar, massajou o pescoço dorido enquanto pestanejava por causa da luz.

– Daqui a cinco minutos estamos lá – disse Martin. – Falei com Eva Olsson, que me indicou o caminho até casa dela.

– Ótimo – disse Patrik, tentando organizar as ideias para a conversa que iriam ter com a mãe de Rasmus, que parecera ansiosíssima quando lhe telefonaram. Convidara-os para passarem lá por casa para conversarem. «Finalmente!», exclamara. «Finalmente alguém vai dar-me ouvidos.» E Patrik esperava não ter de desapontá-la.

As indicações que Eva dera a Martin eram excelentes, pelo que não demoraram muito a dar com o bairro onde vivia. Tocaram à campainha do apartamento da mãe de Rasmus e a porta do prédio destrancou-se com um zumbido. Dois lanços acima, a porta abriu-se, mal tinham posto os pés no patamar. Uma mulher baixa e de cabelo escuro esperava-os. Apertaram as mãos e Eva conduziu-os à sala de estar. Tinha servido café numa mesa com uma toalha de renda; havia chávenas finas e guardanapos e talheres de sobremesa elegantes. Um jarro esguio com leite e um açucareiro com uma tenaz de prata. Era tudo tão delicado e refinado que a mesa

parecia estar posta para uma festa de bonecas. Cinco tipos de bolos estavam igualmente dispostos numa grande travessa de porcelana decorada no mesmo padrão das chávenas.

– Sentem-se, por favor – disse a mulher, apontando para o sofá com tecido às flores. O apartamento estava banhado em luz. A janela com três vidraças isolava o ruído do tráfego da rua; o único som que se ouvia era o tiquetaque de um antigo relógio de parede. Patrik reconheceu o elaborado padrão dourado e o formato do relógio. A avó tinha um igualzinho.

– Ambos tomam café? Se preferirem, também tenho chá – Eva lançou-lhes uma olhadela ansiosa. Queria tanto agradar-lhes que Patrik sentiu um aperto no peito. Sentiu que a mãe de Rasmus não devia ter visitas com muita frequência.

– Café seria excelente – disse Patrik com um sorriso. Enquanto Eva enchia cuidadosamente as chávenas, Patrik pensou que a mãe de Rasmus parecia tão pequena e delicada como a sua porcelana. Devia ter entre cinquenta e sessenta anos, calculou, mas era difícil saber ao certo, pois havia uma aura de eterna tristeza em seu redor. Como se o tempo tivesse parado. Curiosamente, Eva parecia ter-lhe lido o pensamento.

– Já passaram quase três anos e meio desde que Rasmus morreu – disse Eva. Olhou para as fotografias dispostas sobre uma grande secretária a um dos cantos da sala de estar. Patrik olhou na mesma direção e reconheceu o homem que aparecia nas fotos da pasta que Gradenius lhe dera. Mas as circunstâncias em que estas tinham sido tiradas contrastavam de modo chocante com as fotos da sala.

– Posso tirar um bolo? – perguntou Martin.

Eva Olsson assentiu, afastando os olhos das fotografias do filho.

– Com certeza, faça favor.

Martin alcançou um bolo e colocou-o no pires à sua frente. Olhou para Patrik, que respirou fundo antes de falar.

– Conforme lhe disse pelo telefone, estamos a reavaliar a morte de Rasmus.

– Sim, eu compreendo – disse Eva, e os seus olhos tristes cintilaram, atentos. – O que me intriga é o facto de ser a polícia de... Tanumshede, não foi o que disse?, a reavaliar o caso. Não deveria ser a polícia aqui de Borås a fazê-lo?

– Sim, em termos formais, deveria. Mas a investigação foi arquivada, aqui em Borås, e nós julgamos ter encontrado uma ligação com um caso que temos em mãos na nossa cidade.

– Outro caso? – perguntou Eva, surpreendida, detendo a chávena a meio caminho da boca.

– Sim. De momento, não posso entrar em pormenores – respondeu Patrik. – Mas seria muito útil para nós se pudesse contar-nos tudo o que aconteceu quando Rasmus morreu.

– Bem – começou Eva, mas hesitou logo em seguida. Patrik apercebeu-se de que, independentemente da satisfação que sentia por estarem a investigar a morte do filho, a mulher estava aterrorizada perante o facto de ter de desenterrar memórias antigas. Deu-lhe tempo para ordenar as ideias. Momentos depois, Eva prosseguiu, embora com a voz ligeiramente trémula: – Foi há três anos, no dia dois de outubro. Bem, agora já lá vão quase três anos e meio. Rasmus... vivia aqui comigo. Não tinha dinheiro para ter casa própria. Ia todos os dias para o trabalho, saía às oito da manhã. Tinha aquele emprego há oito anos e dava-se bem com toda a gente. E eles tratavam-no muito bem – Eva sorriu ao recordar-se. – Costumava vir para casa às três. Nunca se atrasava mais do que dez minutos. Nunca. Naquele dia... – as palavras ficaram-lhe presas na garganta, mas a mãe de Rasmus prosseguiu: – Naquele dia, olhei para o relógio e vi que já eram três e um quarto. Depois deram as três e meia e, por fim, as quatro. Então soube que havia um problema. Percebi que tinha acontecido alguma coisa. Telefonei imediatamente para a polícia, mas eles não quiseram dar-me ouvidos. Disseram-me que Rasmus não devia tardar a chegar a casa, que o meu filho era adulto e que ainda não podiam dá-lo como desaparecido, não com indícios irrelevantes. Foi exatamente o que disseram: «não com indícios tão irrelevantes». Pessoalmente, não acho que existam indícios mais relevantes do que a intuição de uma mãe, mas quem sou eu para contrariá-los? – Eva fez-lhes um sorriso desmaiado.

– Como... – balbuciou Martin, procurando a melhor forma de expressar a sua pergunta. – De que tipo de ajuda precisava Rasmus no dia a dia?

– O que quer saber é de que tipo de atraso sofria o meu filho, não é? – perguntou Eva sem rodeios, ao que Martin assentiu relutantemente.

– A princípio não precisava de qualquer ajuda. Rasmus era o melhor aluno da turma na maior parte das disciplinas, além de ajudar muitíssimo em casa. Desde o início que éramos apenas os dois – Eva sorriu novamente, um sorriso tão repleto de amor e de amargura que Patrik teve de desviar os olhos. – Só depois de ter tido um acidente, quando tinha dezoito anos, é que ele... mudou. Sofreu um traumatismo craniano e nunca mais foi o mesmo. Não conseguia cuidar de si próprio, de fazer planos em relação à vida ou de ir viver sozinho como os outros rapazes da idade dele. Ficou aqui, comigo. E tivemos uma boa vida, juntos. Uma boa vida; julgo que tanto eu quanto Rasmus a encarávamos assim. Pelo menos, dadas as circunstâncias, era a melhor que podíamos ter. Claro que havia maus momentos, mas enfrentávamo-los juntos.

– Foi por causa desses «maus momentos» que a polícia descartou a hipótese de o seu filho poder ter sido assassinado, não é verdade?

– Sim, Rasmus tentou tirar a própria vida uma vez. Dois anos após o acidente. Quando finalmente se apercebeu de como tinha mudado e de que nada voltaria a ser

como era. Mas eu encontrei-o a tempo. E ele prometeu-me que nunca mais voltaria a tentar fazer aquilo. Sei que manteve a promessa – Eva olhou primeiro para Patrik e depois para Martin.

– Então e que aconteceu depois? Que aconteceu no dia em que Rasmus morreu? – perguntou cautelosamente Patrik. Alcançou uma tarte de avelã e amêndoa. O estômago estava a roncar, a dizer-lhe que já passava da hora do almoço, mas Patrik talvez conseguisse protelar a fome durante algum tempo com a ajuda de um pouco de açúcar.

– Eles tocaram à campainha. Foi pouco antes das oito. Soube assim que os vi – Eva pegou no guardanapo e limpou cuidadosamente uma lágrima que lhe escorria pela face. – Disseram-me que tinham encontrado Rasmus. Que ele tinha saltado de uma ponte. Era... era... tão absurdo. O meu filho nunca faria uma coisa dessas. E disseram que ele parecia ter bebido muito antes de se atirar. Mas isso não fazia qualquer sentido. Rasmus nunca tocava em bebidas alcoólicas. Não podia, por causa do acidente. Não, nada batia certo, e eu disse-lhes isso. Mas ninguém acreditou em mim – Eva baixou os olhos e limpou mais uma lágrima. – Passado algum tempo, o caso foi arquivado, por considerarem que se tinha tratado de um suicídio. Mas eu telefonava ao inspetor Gradenius com regularidade, só para que não se esquecesse. E acho que ele acreditou em mim. Pelo menos em parte. E agora aparecem os senhores.

– Sim – disse Patrik, pensativo. – Agora aparecemos nós – sabia demasiado bem como era difícil para os familiares aceitarem a ideia do suicídio. Como encontravam todas as razões e mais algumas para explicar porque é que a pessoa que amavam nunca teria optado voluntariamente por deixá-los e causar-lhes tanta dor. Embora frequentemente soubessem, bem no fundo do seu ser, que tinha sido suicídio. Mas, naquele caso, Patrik estava inclinado a acreditar na mãe de Rasmus. A história que lhes estava a contar levantava tantas interrogações como a morte de Marit, pelo que o pressentimento de Patrik acerca de existir uma ligação intensificou-se.

– Ainda conserva as coisas que estavam no quarto do seu filho?

– Sim, claro – disse Eva, erguendo-se. Parecia ter ficado grata pela interrupção. – Eu nunca toquei em nada nestes anos todos. Pode parecer... demasiado sentimental, mas é tudo o que tenho de Rasmus. Às vezes entro, sento-me na beira da cama dele e falo com o meu filho. Conto-lhe como correu o meu dia, digo-lhe como estive o tempo, conto-lhe o que vai acontecendo pelo mundo. Sou uma velha tonta, não sou? – disse Eva com uma risada que lhe iluminou todo o rosto.

Patrik pensou que a mãe de Rasmus devia ter sido muito bonita quando era nova. Não bela, mas bonita. Uma fotografia que viu quando passaram pelo corredor confirmou isso mesmo. Era uma foto de Eva quando era nova, segurando um bebé nos braços. O rosto irradiava felicidade, embora tivesse certamente sido difícil criar

um bebé sozinha. Sobretudo naqueles tempos.

– Aqui está – anunciou Eva, indicando-lhes um quarto ao fundo do corredor. O quarto de Rasmus era tão elegante e estava tão limpo e arrumado como o resto do apartamento. Mas tinha uma atmosfera própria. Era óbvio que tinha sido o próprio a decorá-lo.

– O meu filho gostava de animais – disse Eva com orgulho enquanto se sentava na cama.

– Sim, dá para ver – disse Patrik com uma gargalhada. Havia fotografias de animais por todo o lado. Tinha almofadas com animais, uma colcha com animais e, no chão, um tapete enorme com o desenho de um tigre.

– O sonho dele era ser tratador no jardim zoológico. Todos os outros rapazes queriam ser bombeiros ou astronautas, mas Rasmus queria ser tratador no jardim zoológico. Pensava que ele acabaria por mudar de ideias, mas estava muito determinado. Pelo menos até... – a voz de Eva apagou-se. A mãe de Rasmus aclarou a garganta e passou cuidadosamente a mão pela colcha. – Depois do acidente, o meu filho continuou a ter grande interesse por animais. Foi... uma dádiva dos céus terem-no deixado trabalhar na loja de animais. Rasmus adorava o seu trabalho e tinha jeito para aquilo. Era responsável por alimentar os animais e limpar as jaulas e os aquários. E orgulhava-se muito de fazer tudo como devia ser.

– Podemos dar uma vista de olhos?

Eva levantou-se.

– Demorem-se o tempo que for preciso, perguntem o que quiserem, para que possam fazer o vosso melhor para nos darem, a mim e a Rasmus, um pouco de paz.

Eva saiu do quarto e Patrik trocou um olhar com Martin. Não precisaram de dizer o que quer que fosse. Ambos sentiam o peso da responsabilidade que carregavam aos ombros. Não queriam trair as esperanças da mãe de Rasmus, mas era impossível prometer-lhe que a investigação conduziria a bom porto. No entanto, tencionavam fazer tudo o que estivesse ao seu alcance.

– Eu procuro nas gavetas e tu podes encarregar-te do guarda-fatos – disse Patrik, abrindo a gaveta de cima da cómoda.

Martin dirigiu-se à parede onde estava um guarda-fatos branco e simples.

– Procuramos alguma coisa específica?

– Para ser franco, não faço ideia – respondeu Patrik. – Qualquer coisa que nos possa dar um indício do tipo de ligação que existia entre Rasmus e Marit.

– Certo – disse Martin, suspirando. Sabia que já era bastante difícil encontrar algo quando sabiam do que estavam à procura, pelo que encontrar não se sabia bem o quê revelava-se uma tarefa virtualmente impossível.

Durante uma hora vasculharam cuidadosamente o quarto de Rasmus, mas não encontraram nada que lhes despertasse interesse. Absolutamente nada.

Desanimados, foram ter com Eva, que se atarefava a limpar a cozinha. Pararam à entrada.

– Obrigado por nos ter deixado dar uma vista de olhos ao quarto do seu filho.

– Não têm de quê – disse Eva, olhando-os com ar esperançoso. – Descobriram alguma coisa? – o silêncio dos agentes deu-lhe a resposta e a esperança foi substituída pelo desânimo.

– O que procuramos é uma ligação com a vítima encontrada na nossa cidade. Uma mulher chamada Marit Kaspersen. Este nome diz-lhe alguma coisa? Será possível que Rasmus a tivesse conhecido algures?

Eva pensou durante alguns segundos, mas depois abanou lentamente a cabeça.

– Não, não me parece. Não reconheço esse nome.

– A única ligação aparente que encontrámos entre os dois foi o facto de Marit também não beber bebidas alcoólicas, embora tivesse uma grande quantidade de álcool no sangue quando morreu. O seu filho era membro de alguma associação de abstmios? – perguntou Martin.

Eva abanou novamente a cabeça.

– Não, nada disso – respondeu. Depois hesitou por um momento e depois disse: – Não, Rasmus não pertencia a nenhum grupo desses.

– Muito bem – retorquiu Patrik. – Obrigado pela sua ajuda. Manter-nos-emos em contacto. Tenho a certeza de que teremos mais perguntas a fazer-lhe.

– Podem telefonar-me à noite, estou sempre por aqui. – Patrik teve de resistir à tentação de dar uns passos em frente para abraçar aquela mulher pequenina com olhos tristes e castanhos como os de um esquilo.

Quando estavam prestes a sair do apartamento, Eva deteve-os.

– Esperem, tenho mais uma coisa que talvez possa ter interesse – a mãe de Rasmus deu meia-volta e foi até ao quarto do filho. Momentos depois, regressou. – Esta é a mochila do meu filho. Andava sempre com ela. Tinha-a quando... – a voz de Eva quebrou. – Não tive coragem para a tirar do saco em que vinha quando a polícia ma devolveu.

Eva entregou a Patrik o saco de plástico transparente com a mochila.

– Por favor, levem-na convosco. Talvez tenha algo com interesse.

Quando a porta se fechou atrás deles, Patrik ficou parado com o saco na mão. Olhou para a mochila. Reconheceu-a das fotografias que a polícia tinha tirado no local onde Rasmus fora encontrado morto. Aquilo não era visível nas fotografias, que tinham sido tiradas à noite, mas a mochila estava coberta de manchas escuras. Patrik apercebeu-se de que era sangue seco. O sangue de Rasmus.

Folheava impacientemente o livro enquanto falava ao telemóvel.

– Claro, tenho-o aqui.

- Então e quanto está disposta a pagar?
- Só isso? – perguntou, franzindo a testa de desapontamento.
- Mas é material do melhor. Pode fazer um programa inteiro com isto.
- Não, assim prefiro falar com a revista *Hänt*.
- Pronto, ficamo-nos pelas dez mil coroas. Posso entregar-lhe o material amanhã.

Mas, nessa altura, o dinheiro já tem de estar na minha conta; caso contrário, não fazemos negócio.

Satisfeita, Tina fechou a tampa do telemóvel. Afastou-se do centro comunitário e sentou-se num pedregulho a ler. Nunca chegara a conhecer Barbie. Na verdade, também nunca a quisera conhecer. Mas era um pouco esquisito entrar na mente dela depois do que tinha acontecido. Virava as páginas do diário, lendo com avidez. Já conseguia imaginar como os excertos iam aparecer nos jornais da tarde, com as melhores partes sublinhadas. O que mais a desalentava em relação ao diário era o facto de Barbie não ser tão estúpida como julgara. Os pensamentos e observações de Barbie estavam bem formulados e, ocasionalmente, eram até bastante espirituosos. Mas Tina franziu a testa quando chegou à parte que a fizera decidir-se a vender o diário aos vespertinos. Claro que ia rasgar aquela página antes de o entregar.

Dizia: *«Hoje estive a ouvir Tina a praticar a sua canção. Vai cantá-la esta noite no centro comunitário. Pobre Tina. Não faz ideia de como canta mal. Pergunto-me como é que é possível; como pode um som que soa tão mal a quem o ouve, soar tão bem a quem o canta? Mas, afinal, é nisto que se baseia todo o conceito de Ídolos, por isso talvez não devesse parecer tão estranho. É óbvio que foi a mãe que lhe meteu na cabeça esta ideia de que ela poderia ser cantora. A mãe dela deve ser surda que nem uma porta. É a única explicação que me ocorre. Mas não tenho coragem para dizer isto a Tina. Portanto, entrei no jogo, embora no fundo ache que lhe estou a prestar um mau serviço. Falei com ela sobre a sua música, de todo o sucesso que vai ter, de todos os concertos, de todas as digressões. Mas sinto-me uma merda por estar a mentir-lhe descaradamente. Pobre Tina.»*

Furiosa, Tina arrancou a página e rasgou-a em mil pedaços. Grande cabra! Se tivera alguma pena por Barbie ter morrido, agora já não tinha. Aquela cabra teve o que merecia! Sabia lá ela o que estava a dizer. Tina esmagou com o salto os pedaços de papel na gravilha.

Então, folheou as páginas até chegar à parte que a surpreendera. Numa das páginas, que fora escrita pouco tempo depois de terem chegado a Tanumshede, Barbie escrevera: *«Há alguma coisa nele que me soa familiar. Não sei o que é. Sinto que o meu cérebro trabalha a toda a velocidade para tentar descobrir algo que está oculto. Mas não sei o que possa ser. Algo relacionado com a forma como ele se move. Algo que tem que ver com a maneira dele falar. Sei que já vi aquilo*

antes, mas não sei onde. Só sei que sinto um desconforto cada vez maior. Parece que algo anda às voltas no meu estômago e que não consigo fazê-lo parar. Pelo menos até saber o que isto é.

Tenho pensado tanto no papá ultimamente. Não sei porquê. Pensava que já tinha encerrado essa parte da minha memória há muito tempo. A recordação é tão dolorosa. Dói tanto ver o sorriso do papá, ouvir a voz rouca dele e sentir os seus dedos na minha testa quando me afastava suavemente o cabelo para me dar um beijo de boa noite. Todas as noites. Dava-me sempre um beijo na testa e outro na ponta do nariz. Agora me lembro. É a primeira vez em muitos anos que me lembro disto. E vejo-me como se fosse do exterior. Vejo o que fiz a mim própria, o que deixei que os outros me fizessem. Agora consigo ver os olhos do papá fixos em mim. Consigo ver a confusão dele, o desapontamento. A sua Lillemor está agora tão longe! Está escondida algures por detrás de toda esta ansiedade, da água oxigenada, do terror e do silicone. Escondi-me atrás de uma máscara. Para que os olhos do meu pai não me pudessem descobrir, não pudessem olhar para mim. Dói tanto recordar como ele olhava para mim. Como éramos só nós os dois durante tantos anos. Como isso era seguro e reconfortante. A única maneira de sobreviver ao frio que veio depois foi esquecer aquele calor. Mas agora consigo senti-lo outra vez. Recordo-me dele, sinto-o. E, às vezes, sinto que me chamam. O meu pai está a tentar dizer-me alguma coisa. Se ao menos soubesse o que é. Mas tem algo que ver com ele. É a única coisa que sei.»

Tina leu aquela passagem várias vezes. De que diabo estava Barbie a falar? Reconhecera alguém, ali em Tanum? Aquelas linhas tinham despertado a sua curiosidade. Apanhou o longo cabelo escuro num rabo-de-cavalo que lhe caía sobre um dos ombros. Com o diário no colo, acendeu um cigarro e deu umas quantas passas com prazer antes de continuar a folhear o livro. À exceção da passagem que acabara de ler, não encontrou grande coisa com interesse. Algumas considerações sobre os outros concorrentes, uns pensamentos sobre o futuro... Enfim, o mesmo aborrecimento que todos começavam a sentir em relação ao dia a dia passado naquele lugar. Por um instante, pensou que a polícia poderia estar interessada no diário. Mas depois retirou cuidadosamente os restos da página que arrancara e rejeitou a ideia. Ia adorar ver a vida privada de Barbie escarrapachada em grandes cabeçalhos a negro nos jornais. Era bem feito para aquela cabra mentirosa e hipócrita.

Pelo canto do olho, viu Uffe a aproximar-se. Sem dúvida de que queria cravar-lhe um cigarro. Apressou-se a enfiar o diário no blusão e colocar uma expressão des preocupada. Aquela descoberta era só sua, não fazia tenção de partilhá-la.

[14](#) Prato tradicional sueco preparado com batatas, cebolas, salsichas e pedaços de carne ou presunto, que são cortados em pequenos cubos e depois fritos. *(N. do T.)*

[15](#) Concurso de perguntas e respostas criado nos EUA na década de sessenta e atualmente exibido pela CBS. *(N. do T.)*

A FALTA DO MUNDO EXTERIOR ERA CADA VEZ MAIS INTENSA. DE VEZ EM QUANDO ELA DEIXAVA-OS CORRER PELA RELVA, MAS APENAS DURANTE CURTOS PERÍODOS. E SEMPRE COM UM OLHAR ANSIOSO QUE FAZIA COM QUE ELE ESTIVESSE SEMPRE ALERTA, EM BUSCA DOS MONSTROS QUE ELA AFIRMAVA ESTAREM ESCONDIDOS POR ALI, OS MONSTROS DOS QUAIS SÓ ELA OS PODIA PROTEGER.

MAS, APESAR DO TERROR, AQUILO ERA MARAVILHOSO. PODEREM SENTIR O SOL A AQUECER-LHES A PELE E AS CÓCEGAS QUE A RELVA LHES FAZIA NAS PLANTAS DOS PÉS. ELE E A IRMÃ COSTUMAVAM CORRER COMO LOUCOS E, ÀS VEZES, NEM ELA CONSEGUIA CONTER UMA GARGALHADA AO VÊ-LOS A SALTITAR DE UM LADO PARA O OUTRO. UMA VEZ JOGARA À APANHADA COM ELES E REBOLARA NA RELVA AO SEU LADO. NESSE MOMENTO, ELE SENTIRA UMA FELICIDADE PURA E GENUÍNA. MAS O SOM DE UM CARRO À DISTÂNCIA FIZERA-A LEVANTAR-SE E, COM O TERROR ESTAMPADO NOS OLHOS, GRITOU-LHES QUE CORRESSEM PARA DENTRO DE CASA. DEPRESSA! PERSEGUIDOS PELO TERROR SEM NOME, TINHAM-SE PRECIPITADO PARA A PORTA E SUBIDO ATÉ AO QUARTO. ELA CORRERA ATRÁS DELES E TRANCARA TODAS AS PORTAS DA CASA. DEPOIS FICARAM TODOS MUITO JUNTOS NO QUARTO, ABRAÇADOS E A TREMER. ELA PROMETERA-LHES ATÉ À EXAUSTÃO QUE NINGUÉM OS LEVARIA DALI. QUE NÃO PERMITIRIA QUE NINGUÉM VOLTASSE A MAGOÁ-LOS.

ACREDITARA NELA. ESTAVA GRATO PELA SUA PROTEÇÃO, COMO SE ELA FOSSE O ÚLTIMO BASTIÃO CONTRA TODOS AQUELES QUE QUERIAM FAZER-LHES MAL.

GÖSTA OBSERVAVA HANNA SUB-REPTICIAMENTE enquanto se dirigiam ao prédio de Kerstin. Constatou que, em pouco tempo, tinha ficado encantado com Hanna Kruse. Não como um velho babado ficaria, mas antes com uma espécie de sentimento paternal. Hanna também lhe recordava bastante a falecida mulher quando era nova. Tinha o mesmo cabelo louro e os mesmos olhos azuis e, tal como Hanna, era pequena mas forte. No entanto, era óbvio que falar com os parentes mais próximos não era uma das tarefas preferidas de Hanna. Pelo canto do olho, Gösta viu a colega cerrar os maxilares e teve de conter-se para não lhe pôr uma mão consoladora no ombro. Algo lhe disse que Hanna não ia apreciar o gesto. E que se arriscava mesmo a levar um murro bem assente.

Tinham telefonado a Kerstin a avisá-la da visita e, quando a companheira de Marit abriu a porta, Gösta reparou que a mulher tinha tomado um duche rápido antes que eles chegassem. Não tinha qualquer maquilhagem no rosto e ostentava a mesma resignação que Gösta já vira tantas vezes. Era uma expressão que aparecia nos rostos das pessoas que perdiam entes queridos depois de passado o choque inicial. Quando a dor se tornava mais crua e aguda. Quando tomavam plena consciência do carácter definitivo do que acontecera.

– Entrem – disse Kerstin, e Gösta reparou que a sua tez tinha aquele tom levemente acinzentado de alguém que não saía à rua há muito tempo.

Hanna tinha um ar determinado quando se sentaram à mesa da cozinha. O apartamento estava limpo e arrumado, mas cheirava um pouco a bafio, o que confirmava a impressão de Gösta de que Kerstin não parecia ter passado muito tempo fora de casa desde a morte de Marit. Perguntou a si próprio onde iria ela buscar a comida, se teria alguém que lhe fizesse as compras. Como que a responder à sua pergunta, Kerstin abriu o frigorífico e retirou um pacote de leite para pôr no café e uma rápida olhadela mostrou a Gösta que o frigorífico estava bem fornecido. Kerstin também dispôs sobre a mesa alguns bolos que pareciam ter sido comprados numa padaria; portanto, alguém devia estar realmente a ajudá-la a fazer as compras.

– Há alguma novidade? – perguntou Kerstin com desalento enquanto se sentava. Parecia estar a fazer a pergunta por mera obrigação, não porque se importasse verdadeiramente. Aquela era outra consequência da tomada de consciência da verdade nua e crua. Kerstin já interiorizara que Marit tinha partido para sempre. Aquela consciencialização podia ensombrar durante algum tempo o desejo de obter uma resposta, uma explicação. No entanto, as reacções variavam muito, como Gösta tinha aprendido ao longo de mais de quarenta anos de serviço. Para algumas

peessoas, a busca de uma explicação tornava-se mais importante do que tudo o resto; porém, na maior parte dos casos, era apenas uma forma de adiar o confronto com a verdade e a aceitação dos factos. Vira familiares que viviam em negação durante muitos anos, por vezes até à sua própria viagem para a sepultura. Kerstin não era uma dessas pessoas. Enfrentara a morte de Marit olhos nos olhos e esse encontro parecia ter-lhe sugado toda a energia. Como se estivesse a mover-se em câmara lenta, Kerstin serviu o café.

– Peço desculpa, talvez um de vós preferisse chá, não? – perguntou, algo desconcertada.

Gösta e Hanna abanaram a cabeça. Ficaram sentados em silêncio durante um minuto, antes de Gösta responder finalmente à pergunta de Kerstin.

– Sim, conseguimos algumas pistas que estamos a seguir – Gösta parou, sem saber o que poderia revelar-lhe. Hanna tomou a palavra:

– Há informações que apontam para uma ligação com outro homicídio. Em Borås.

– Borås? – ecoou Kerstin. E, pela primeira vez desde que tinham entrado, os agentes viram uma centelha de interesse nos olhos da companheira de Marit.

– Mas... não estou a perceber. Borås?

– Sim, também ficámos surpreendidos – disse Gösta, esticando-se para tirar um bolo da travessa. – E é por isso que aqui estamos. Para sabermos se tem conhecimento de alguma ligação entre Marit e a vítima de Borås.

– O quê... quem? – Kerstin olhou alternadamente para Gösta e para Hanna e depois compôs nervosamente o cabelo por detrás da orelha direita.

– Trata-se de um homem na casa dos trinta. Chamava-se Rasmus Olsson. Morreu há três anos e meio.

– E nunca resolveram o caso?

Gösta olhou para Hanna de relance.

– Não, a polícia de Borås concluiu que se tratou de um suicídio. Havia várias indicações que apontavam para... – Gösta abriu os braços.

– Mas Marit nunca viveu em Borås. Pelo menos que eu saiba. Mas talvez possam confirmar isso com Ola.

– Claro que também vamos conversar com Ola – disse Hanna. – Mas a Kerstin não está ao corrente de qualquer ligação que possa existir? Uma das semelhanças entre a morte de Rasmus e a de Marit é o facto de... – Hanna hesitou – terem sido obrigados a ingerir uma grande quantidade de álcool antes de morrerem, apesar de nenhum dos dois tocar em bebidas alcoólicas. Marit não pertencia a nenhuma organização de abstémios, pois não? Ou será que fazia parte de alguma comunidade religiosa?

Kerstin deu uma gargalhada e o sorriso conferiu uma nota de cor ao seu rosto.

– Marit? Religiosa? Não, eu teria sabido se o fosse. Assistíamos sempre à Missa

do Galo no Natal, mas essa devia ser a única ocasião em que Marit punha os pés numa igreja, aqui em Fjällbacka. Ela era como eu. Não era de todo praticante, embora mantivesse um pouco da fé que lhe foi inculcada na infância, uma convicção de que havia algo mais – afirmou. – Pelo menos espero que mantivesse essa fé, agora mais do que nunca – acrescentou em voz baixa.

Os agentes permaneceram em silêncio. Hanna olhou para o tampo da mesa e Gösta julgou ver os olhos da colega a brilhar. Compreendia aquela reação. Embora já não chorasse na presença de pessoas enlutadas há muito anos. Mas estavam ali para trabalhar e Gösta prosseguiu cautelosamente:

– O nome Rasmus Olsson diz-lhe alguma coisa?

Kerstin abanou a cabeça e aqueceu as mãos na chávena de café.

– Não, nunca ouvi esse nome antes.

– Então não lhe tomamos mais tempo. Caso se lembre de alguma coisa, telefonemos, está bem? – Gösta levantou-se e Hanna imitou-o imediatamente. Parecia ter ficado aliviada.

– Seja como for, vou-me mantendo em contacto – disse Kerstin, que permaneceu sentada.

À entrada, Gösta não resistiu. Virou-se para a companheira de Marit e disse:

– Saia, vá dar um passeio, Kerstin, o tempo está tão bom. Fazia-lhe bem apanhar um pouco de ar fresco.

– O senhor agora fez-me lembrar Sofie – disse Kerstin, sorrindo novamente. – Mas acho que tem razão. Talvez dê um passeio logo à tarde.

– Ótimo – retorquiu Gösta, e fechou a porta. Hanna não olhou para o colega. Já se dirigia à esquadra.

Patrik colocou cuidadosamente o saco que continha a mochila sobre a secretária. Não sabia se era necessário, uma vez que a polícia de Borås já tinha revistado o conteúdo há três anos e meio; porém, por questões de segurança, calçou as luvas de borracha. Mas não o fez apenas por motivos forenses. Não lhe agradava a ideia de tocar no sangue seco que havia na mochila.

– Que vida tão solitária. Uma desgraça – comentou Martin, que estava ao lado de Patrik a observar a operação.

– Sim, parece que o filho era a única pessoa que ela tinha no mundo – disse Patrik com um suspiro enquanto abria o fecho da mochila.

– Não deve ter sido fácil criar um filho sozinha. E depois o acidente... – Martin fez uma pausa – e o homicídio.

– E ainda por cima ninguém acreditou nela – acrescentou Patrik enquanto retirava um objeto da mochila. Era um *Walkman* com auscultadores. Duvidava de que ainda funcionasse. Parecia ter ficado danificado devido à queda da ponte e chocalhou

quando Patrik pegou nele. Não era bom sinal.

– De que altura caiu Rasmus? – perguntou Martin, puxando uma cadeira para se sentar junto da secretária de Patrik.

– De dez metros – disse Patrik que continuava a esvaziar a mochila, compenetrado.

– Ena! – disse Martin com um esgar. – Não deve ter sido um espetáculo muito bonito.

– Pois não – retorquiu Patrik. As fotos do local onde Rasmus fora encontrado morto passaram a toda a velocidade pela sua mente e Patrik preferiu mudar de assunto. – Estou preocupado por termos de dividir os nossos recursos, agora que temos de trabalhar em duas investigações ao mesmo tempo.

– Eu sei – disse Martin. – E já adivinhei no que estás a pensar. Que foi um erro termos deixado que a imprensa nos obrigasse a relegar a investigação da morte de Marit para segundo plano. Mas o que lá vai, lá vai e agora já não podemos mudar nada. A não ser distribuirmos as nossas tarefas de uma forma mais inteligente.

– Sim, sei que tens razão – disse Patrik, tirando uma carteira que colocou sobre a secretária. – Mas ainda fico furioso quando penso em tudo o que podíamos ter feito de maneira diferente. E não faço ideia de como havemos de proceder em relação à investigação do homicídio de Lillemor Persson.

Martin refletiu durante um momento.

– Não temos nada em concreto além dos pelos do cão e dos vídeos que a produtora nos cedeu.

Patrik abriu a carteira e começou a vasculhar o interior.

– Sim, era mais ou menos nisso que eu estava a pensar. Os pelos do cão são uma pista muito interessante que temos de continuar a investigar. Segundo Pedersen, o galgo espanhol é uma raça muito pouco comum, talvez haja uma lista de proprietários, de clubes, de algo que possamos utilizar para localizar o dono do animal. Quer dizer, com apenas duzentos cães desses em toda a Suécia deve ser relativamente fácil localizar um proprietário na nossa região.

– Pois, esperemos que sim – disse Martin. – Queres que me encarregue disso?

– Não, acho que devia ser Mellberg a fazê-lo. Para ser feito como deve ser – retorquiu Patrik. Martin lançou-lhe um olhar assassino e o colega deu uma gargalhada. – Estava a gozar! Claro que quero que sejas tu a tratar disto!

– Ah, ah, ah, tens cá uma graça – Martin pôs-se sério e inclinou-se sobre a secretária. – Que tens aí?

– Nada particularmente excitante. Duas notas de vinte, uma moeda de dez, um bilhete de identidade e um pedaço de papel com a morada de Rasmus e os contactos da mãe: o número fixo e o telemóvel.

– Só isso?

– Não, aqui está uma fotografia dele com Eva – Patrik ergueu-a para que Martin pudesse vê-la. Era uma foto de Rasmus quando era mais novo. Tinha o braço em torno dos ombros da mãe. Ambos sorriam para a máquina fotográfica e havia algo de protetor na pose de Rasmus. Devia ter sido tirada antes do acidente. Depois disso, os papéis de ambos reverteram-se. Patrik recolocou cuidadosamente a fotografia na carteira.

– Há tantas pessoas solitárias por aí – disse Martin, olhando o vazio.

– Sim, podes crer. Estás a pensar em alguma em especial?

– Bem... estava a pensar em Eva Olsson. Mas também em Lillemor. Imagina não termos ninguém para chorar a nossa morte. Os pais dela morreram. Não tem mais família. Ninguém a quem possamos dar a notícia. Neste mundo, Lillemor deixa apenas as centenas de horas em que aparece nas gravações dos *reality shows* em que participou e que agora vão ficar num arquivo qualquer a ganhar pó.

– Se ela tivesse vivido mais perto daqui, eu teria ido ao funeral – disse Patrik em voz baixa. – Ninguém merece ser enterrado de forma tão solitária. Mas soube que o funeral é em Eskilstuna, por isso não vou poder estar presente.

Ficaram sentados em silêncio durante um momento. Ambos visualizaram um caixão a ser descido à terra sem quaisquer amigos ou familiares ao pé. Era infinitamente triste.

– Um caderno de apontamentos! – exclamou subitamente Patrik, quebrando o silêncio. Era um livrinho grosso com capa negra e cantos dourados. E parecia que Rasmus o tinha estimado.

– Tem alguma coisa escrita?

Patrik folheou algumas páginas, que estavam escritas de alto a baixo.

– Acho que são lembretes sobre os animais da loja onde Rasmus trabalhava. Aqui, por exemplo, escreveu: «*Hércules*: ração seca três vezes ao dia, mudar a água com frequência, limpar a gaiola todos os dias. *Gudrun*: um rato por semana, limpar o viveiro uma vez por semana.»

– Parece que *Hércules* é um coelho ou um porquinho da Guiné e diria que *Gudrun* é uma cobra – disse Martin com um sorriso.

– Sim, e não há dúvida de que era meticoloso, aquele Rasmus. Tal como a mãe disse – Patrik folheou as restantes páginas do caderno. Todas pareciam conter notas sobre os animais. Não houve nada que lhe despertasse a atenção. – Parece que é tudo.

Martin suspirou.

– Bem, também não esperava que encontrássemos nada de extraordinário, mas no fundo tinha uma pequena esperança.

Patrik estava a guardar o caderno no fundo da mochila quando um som o fez reagir.

– Espera, há aqui mais qualquer coisa – Patrik pegou novamente no caderno, colocou-o sobre a secretária e enfiou a mão na mochila. Quando extraiu o que estava no fundo, os agentes entreolharam-se, incrédulos. Não estavam à espera de encontrar aquilo. Mas era a prova definitiva de que existia uma ligação entre as mortes de Rasmus e de Marit.

Ola não pareceu particularmente satisfeito quando Gösta lhe ligou para o telemóvel. Estava a trabalhar e teria preferido que os agentes esperassem que terminasse antes de falarem com ele. Ofendido com a atitude de superioridade de Ola, Gösta não esteve com falinhas mansas; disse a Ola que os esperasse na Inventing dentro de meia hora. Ola resmungou algo acerca de «abuso de poder» no seu melódico sotaque norueguês, mas sabia bem que de nada adiantava protestar.

Hanna ainda parecia estar de mau humor e Gösta interrogou-se sobre qual seria o motivo quando entraram no carro e se dirigiram a Fjällbacka. Tinha a sensação de que Hanna devia ter problemas familiares, mas não a conhecia suficientemente bem para lhe fazer esse tipo de perguntas. Só esperava que não fosse nada de grave. Hanna não parecia de todo com disposição para conversas; por isso, Gösta deixou-a em paz. Quando passaram pelo campo de golfe de Anrås, Hanna olhou pela janela e perguntou:

– Isto é um campo de golfe?

Gösta aceitou avidamente aquele cachimbo da paz.

– O melhor de todos! O sétimo buraco é tramado. Uma vez fiz um *hole-in-one*¹⁶, mas não no sétimo buraco.

– Bem, já aprendi o suficiente sobre golfe para saber que um *hole-in-one* é uma boa jogada – disse Hanna com um sorriso, o primeiro do dia. – Abriram uma garrafa de champanhe no clube? É o que se costuma fazer, não é? – acrescentou.

– Podes crer – disse Gösta, radiante perante a recordação. – Ofereceram-me mesmo champanhe. Caramba, o percurso correu todo às mil maravilhas. Na verdade, foi o meu melhor até à data.

Hanna deu uma gargalhada.

– Bem, acho que não exagero se disser que foste mordido pelo bichinho do golfe.

Gösta olhou para a colega com um sorriso, mas voltou logo a pôr os olhos na estrada quando entraram na parte mais estreita, depois de Mörhult.

– Bem, além do golfe não tenho muito mais para fazer – concluiu, e o sorriso desvaneceu-se.

– És viúvo, não é verdade, Gösta? – perguntou suavemente Hanna. – Não tens filhos?

– Não – respondeu Gösta sem acrescentar mais nada. Não queria falar do rapaz, que agora seria adulto se tivesse sobrevivido.

Hanna não fez mais perguntas e seguiram em silêncio durante o resto do caminho até à Inventing. Quando saíram do carro viram muitos olhares curiosos a voltarem-se na sua direção. Aborrecido, Ola estava à espera deles junto da porta principal.

– Espero que ao menos tenham alguma coisa importante para me dizer, é muito desagradável perturbarem-me no meu local de trabalho. Os meus colegas não vão falar de outra coisa durante semanas.

Gösta percebeu o que Ola queria dizer e era evidente que poderiam ter esperado mais uma hora. Mas havia qualquer coisa em Ola que punha Gösta doido. Podia não ser uma reação digna nem profissional, mas era o que sentia e não havia nada a fazer.

– Vamos até ao meu gabinete – disse Ola. Gösta ouvira a descrição que Patrik e Martin tinham feito do apartamento extremamente organizado de Ola e não ficou surpreendido quando viu o gabinete. Hanna, por outro lado, não captara aquela informação, por isso ergueu uma sobrancelha quando entrou. A secretária parecia ter sido esterilizada. Nada, nem sequer uma caneta ou um clipe perturbava a superfície resplandecente da mesa. A única coisa que havia em cima da secretária era um mata-borrão verde, colocado exatamente no centro. Numa das paredes havia uma estante cheia de pastas de arquivo com correspondência, dispostas em filas compactas e com rótulos escritos numa caligrafia perfeita. Nada estava fora do lugar.

– Sentem-se – disse Ola, apontando para as cadeiras reservadas às visitas e sentando-se à secretária com os cotovelos apoiados na mesa. Gösta não pôde deixar de se interrogar se o fato de Ola não ficaria manchado com a quantidade de cera que tinha certamente sido utilizada para polir o tampo. Provavelmente, Ola conseguia ver o seu rosto refletido nele.

– Então, qual é o motivo da vossa visita?

– Estamos a investigar uma possível ligação entre a morte da sua ex-mulher e outro homicídio.

– Outro homicídio? – perguntou Ola, parecendo ter deixado cair a sua máscara de serenidade por um instante. Porém, um segundo depois, estava novamente recomposto. – A que homicídio se referem? Não me digam que estão a falar daquela palavra que foi morta?

– Refere-se a Lillemor Persson? – perguntou Hanna. A sua expressão mostrava claramente o que pensava da forma como Ola falara da rapariga assassinada.

– Sim, sim – Ola abanou a mão com indiferença, mostrando com igual clareza que se estava completamente nas tintas para a opinião de Hanna acerca da forma como se tinha referido a Lillemor.

Gösta sentiu um enorme desejo de provocar aquele tipo. Teve vontade de pegar na chave do carro e fazer um risco a todo o comprimento do tampo da secretária de

Ola. Qualquer coisa que o desequilibrasse e que perturbasse a sua repugnante perfeição.

– Não, não estamos a referir-nos à morte de Lillemor Persson – o tom de Gösta era gelado. – Estamos a falar de um homicídio que ocorreu em Borås. A vítima chamava-se Rasmus Olsson. Conhecia-o?

Ola parecia ter ficado genuinamente chocado. Mas isso não significava nada.

– Borås? Rasmus Olsson? – as palavras de Ola pareciam um eco da conversa que tinham tido com Kerstin uma hora antes. – Não, não reconheço esse nome. Marit nunca viveu em Borås. E tenho a certeza absoluta de que não conhecia nenhum Rasmus Olsson. Pelo menos enquanto estivemos juntos. Depois disso, não faço ideia do que fez. Tudo é possível, tendo em conta quão baixo desceu – a voz de Ola transbordava desprezo.

Gösta enfiou a mão no bolso e tocou na chave do carro. Os dedos estavam em pulgas para danificar aquela secretária.

– Quer dizer que desconhece qualquer ligação entre Marit e Borås ou com a pessoa que mencionámos? – Hanna repetiu a pergunta de Gösta e Ola olhou para ela.

– Será que não me faço entender? Em vez de me obrigarem a repetir tudo, talvez fosse boa ideia começarem a tomar notas.

Gösta apertou a chave do carro com mais força. Mas Hanna não pareceu deixar-se perturbar pelo tom sarcástico de Ola e prosseguiu calmamente:

– Rasmus também era abstémio. Poderá ser esta a ligação entre ambos? Pertenceriam os dois a algum grupo de abstémios ou a algo do género?

– Não. Não existe qualquer ligação e não percebo porque acham tão estranho o facto de Marit nunca ter tocado em bebidas alcoólicas. Ela não gostava de álcool, é tão simples como isso – Ola levantou-se. – Se não têm mais perguntas pertinentes, vou regressar ao meu trabalho. Da próxima vez agradecia que fossem a minha casa.

À falta de outras perguntas e desejando sair do gabinete e afastar-se de Ola o mais depressa possível, Gösta e Hanna também se ergueram. Não se deram ao trabalho de apertar a mão ou de se despedirem do ex-marido de Marit. Aquelas cortesias pareciam-lhes uma perda de tempo.

A reunião com Ola não fornecera qualquer dado novo. Contudo, algo desassossegava Gösta durante a viagem de regresso a Tanumshede. Havia qualquer coisa na reação de Ola, algo que tinha dito, ou que tinha deixado por dizer, que não parava de o atormentar. Mas, por mais que se esforçasse, Gösta não conseguia perceber o que era.

Hanna também estava silenciosa. Olhava fixamente para a paisagem e parecia absorta no seu próprio mundo. Gösta teve vontade de lhe pôr a mão no ombro e de lhe dirigir algumas palavras de consolo. Mas nada fez. Nem sequer sabia se havia

motivo para consolá-la.

* * *

Com o pai no escritório, havia uma agradável sensação de paz no apartamento. Sofie preferia estar sozinha em casa. O pai estava sempre a insistir para fazer os trabalhos de casa, a perguntar-lhe onde tinha estado, aonde ia, com quem tinha falado ao telefone, durante quanto tempo... Que grande seca. Além disso, Sofie tinha de estar constantemente a verificar se estava tudo limpo e arrumado. Nada de marcas de copos na mesa de café, nada de pratos por limpar no escurredouro; os sapatos tinham de estar em filas alinhadas na sapateira e não podia haver cabelos no ralo depois de ter tomado duche. A lista era infindável. Sabia que aquele fora um dos motivos que levaram Marit a ir-se embora; Sofie ouvira as discussões e, aos dez anos, conhecia todos os cambiantes das discussões dos pais. Mas a mãe agarrara a oportunidade e saíra de casa. E, enquanto Marit era viva, Sofie pudera desfrutar de um espaço onde podia respirar, duas semanas por mês, longe daquela perfeição rígida exigida pelo pai. Com Kerstin e Marit podia pôr os pés na mesa de café, colocar o frasco de mostarda no meio do frigorífico em vez de o guardar no compartimento que havia na porta e deixar as franjas do tapete *rya* em bendita desordem em vez de perfeitamente alisadas e alinhadas. Tinha sido maravilhoso e também lhe permitira aguentar a semana seguinte de disciplina férrea. Mas agora a liberdade fora-se, não havia saída. Estava ali presa, no meio de todas aquelas móveis e objetos brilhantes e limpos, e estava constantemente a ser interrogada e questionada.

A única altura em que conseguia respirar era quando chegava mais cedo da escola. Então, permitia-se pequenos acessos de rebeldia. Como sentar-se no sofá branco com o seu leite com chocolate *O'Boy* enquanto ouvia música *pop* no leitor de CD de Ola e amassava as almofadas do sofá. Mas Sofie certificava-se de que voltava a pôr tudo no lugar antes de Ola regressar a casa. Não havia um único vestígio de desordem aparente quando o pai cruzava a porta de entrada. A única preocupação de Sofie era que Ola pudesse um dia chegar a casa mais cedo e a apanhasse em flagrante delito. Contudo, isso era altamente improvável, pois só se estivesse mesmo muito doente é que passaria pela cabeça do pai sair do trabalho um minuto mais cedo que fosse. Como diretor da Inventing, Ola sentia que tinha de dar o exemplo, por isso tinha tolerância zero para atrasos, baixas por doença ou saídas antecipadas do trabalho – quer em relação a si próprio quer para com os seus subordinados.

Marit representara o lado afetivo. Sofie via-o agora com clareza. Ola representava tudo o que era óbvio, limpo e frio, ao passo que Marit representara a segurança e o calor, assim como um toque de caos e de alegria. Sofie perguntava-se frequentemente o que tinham os pais visto um no outro quando se conheceram.

Como é que duas pessoas tão diferentes se podiam ter encontrado, apaixonado, casado e tido uma filha? Sofie sempre achara esse facto um mistério.

De repente, ocorreu-lhe algo. Faltava cerca de uma hora para o pai chegar a casa. Dirigiui-se ao quarto de Ola, que anteriormente também fora o quarto da mãe. Sofie sabia onde estava tudo. No guarda-fatos, no canto mais afastado do quarto. Numa grande caixa onde estavam guardadas todas as coisas às quais Ola chamara «as pateticas sentimentais de Marit», embora ainda não se tivesse livrado delas. Sofie ficara surpreendida por a mãe não ter levado a caixa com ela quando saiu de casa, mas talvez quisesse deixar tudo para trás quando começou a sua nova vida. Apenas quisera levar Sofie consigo. Sofie bastara-lhe.

Sofie sentou-se no chão e abriu a caixa. Continha fotografias antigas, recortes de jornais, uma madeixa de Sofie quando era bebé e as pulseiras de plástico que lhes tinham posto, a ela e a Marit, na maternidade para as identificar como mãe e filha. Sofie pegou numa pequena caixa que chocalhou e, quando a abriu, ficou enojada por encontrar dois dentes minúsculos no seu interior. Eram os seus dentes de leite, claro, mas isso não os tornava menos repulsivos aos seus olhos.

Passou uma hora a vasculhar o conteúdo da caixa. Depois de ter inspecionado todos os objetos, Sofie colocou-os em pilhas ordenadas no chão. Ficou chocada ao ver pelas fotografias que era a cara chapada da mãe quando esta era adolescente. Nunca achara que fossem muito parecidas. Mas aquilo encheu-a de felicidade. Olhou intensamente para as fotografias do casamento de Marit e Ola na tentativa de descortinar todos os problemas que se seguiriam. Saberiam já nessa altura que o casamento não ia resultar? Sofie quase julgou sentir que sabiam. Ola tinha um ar austero mas satisfeito. Marit ostentava uma expressão quase indiferente, parecendo ter bloqueado todas as emoções. Não parecia definitivamente uma noiva radiante de felicidade.

Os recortes de jornais estavam ligeiramente amarelados e restolharam quando Sofie pegou neles. Havia o anúncio do casamento, o anúncio do seu nascimento, instruções para tricotar meias de bebé, receitas para jantares festivos e artigos sobre doenças infantis. Sofie sentia-se como se estivesse a segurar a vida da mãe nas mãos. Quase conseguia imaginar Marit sentada a seu lado, a rir-se muito dos artigos que recortara acerca da melhor forma de limpar um forno ou de como preparar a ceia de Natal perfeita. Imaginou que Marit lhe pôs a mão no ombro e sorriu quando ela pegou numa foto da mãe na maternidade, com uma trouxa enrugada e avermelhada no colo. Marit parecia tão feliz naquela foto. Sofie colocou uma mão no seu próprio ombro, imaginando-a sobre a mão da mãe. Sentindo o calor a espalhar-se da mão de Marit para a sua própria mão. Mas a realidade intrometeu-se novamente. Sofie apenas sentiu a lã da sua própria camisola sob a sua mão, que estava fria como gelo. Ola sempre quisera manter o aquecimento no mínimo para poupar na conta da luz.

Quando chegou ao artigo que estava no fundo da caixa, Sofie pensou que aquele recorte tinha ido ali parar por engano. Não percebia o que dizia o título, por isso virou o pedaço de jornal para ver se havia algo do outro lado que pudesse ter motivado Marit a conservá-lo. Mas apenas encontrou um anúncio a um sabão. Inquieta, Sofie começou a ler o artigo e, após uma frase apenas, sentiu todo o corpo retesar-se. Com olhar incrédulo, continuou a ler até ter devorado cada frase, cada letra de cada palavra. Aquilo não podia ser verdade. Era completamente impossível.

Sofie voltou a meter tudo cuidadosamente dentro da caixa e colocou-a no seu lugar, no interior do guarda-fatos. Os pensamentos rodopiavam descontroladamente na sua cabeça.

– Annika, podias dar-me aqui uma ajuda? – disse Patrik, desmoronando-se numa cadeira da receção da esquadra.

– Claro, vou já – disse Annika, olhando para Patrik com preocupação. – Estás um farrapo – disse, e Patrik não conseguiu conter uma gargalhada.

– Muito obrigado pelas tuas palavras reconfortantes.

Annika não ligou ao tom sarcástico de Patrik e resolveu dar-lhe uns conselhos.

– Vai para casa, come, descansa um pouco. Tens andado a trabalhar a um ritmo desumano.

– Tens razão, obrigado, eu sei – retorquiu Patrik, suspirando. – Mas, que hei de fazer? Andamos a investigar dois homicídios ao mesmo tempo, os média atacam-nos como uma matilha de lobos e, agora, uma das investigações aponta para uma ligação que excede em muito a nossa jurisdição. Ah, e era mesmo por causa disto que estava a pedir a tua ajuda. Será que podias contactar todos os distritos policiais do país para tentarmos obter informações sobre homicídios por solucionar ou investigações de acidentes fatais ou de suicídios com estas características?

Patrik entregou a Annika uma lista com alguns pontos que preparara. A secretária leu-os atentamente, ficou espantada com a última entrada da lista e ergueu os olhos para Patrik.

– Achas que há mais?

– Não sei – respondeu Patrik, fechando os olhos por um momento enquanto massajava a ponta do nariz. – Mas não conseguimos descobrir a ligação entre a morte de Marit Kaspersen e o caso de Borås; portanto, quero certificar-me de que não há mais casos semelhantes.

– Estás a pensar num assassino em série? – perguntou Annika, relutante em dar crédito àquela ideia.

– Não, acho que não. Pelo menos por enquanto. Mas talvez nos tenha escapado uma ligação óbvia entre as duas vítimas. Embora, por definição, um assassino em série seja alguém que vitimou duas ou mais pessoas sequencialmente; portanto,

suponho que em termos formais seja disso que estamos à procura – Patrik lançou-lhe um sorriso amargo. – Mas não digas nada à imprensa. Iam ser sete cães a um osso. Já estou a ver os cabeçalhos: «Assassino em série ataca Tanumshede» – Patrik deu uma gargalhada, mas Annika não achou graça nenhuma ao comentário.

– Vou solicitar-lhes as informações que me pediste. Mas agora vai mas é para casa. Agora mesmo!

– Ainda são só quatro da tarde – protestou Patrik, apesar de desejar seguir o conselho de Annika sem hesitação. A secretária tinha uma atitude tão maternal que fazia com que até um adulto tivesse vontade de ir enroscar-se no seu colo e deixá-la acariciar-lhe o cabelo. Patrik pensou que era mesmo uma pena que Annika não tivesse filhos. Sabia que ela e o marido, Lennart, tinham tentado durante anos sem sucesso.

– Não ajudas ninguém se ficares aqui no estado em que estás, por isso vai para casa e descansa, vais ver que amanhã já te sentes outro. Sabes bem que eu dou conta do recado.

Patrik lutou consigo próprio por um momento, e também com o seu sentimento de culpa, mas decidiu que Annika tinha razão. Sentia-se esgotado e não conseguiria fazer nada de produtivo naquele estado.

Erica deu a mão a Patrik e virou-se para olhar para o companheiro. Contemplou o mar quando passaram pela Praça Ingrid Bergman. Respirou fundo. Estava frio, embora já se sentisse a primavera no ar, e o entardecer tingia o horizonte de tons avermelhados.

– Estou tão feliz por teres conseguido ir para casa mais cedo. Tens andado com um ar exausto – disse Erica, inclinando a face contra o ombro de Patrik. O companheiro apertou-a contra si.

– Também estou contente por poder ter ido para casa. Além disso, não tive outra escolha; Annika pôs-me praticamente fora da esquadra.

– Lembra-me de lhe agradecer assim que a vir – Erica sentia uma agradável leveza no coração. Mas não nos pés. Só tinham subido metade da colina Långbacken e já estavam ambos a ficar sem fôlego. – Não estamos propriamente na melhor das formas, pois não? – disse Erica, arfando como um cão para mostrar como estava exausta.

– Pois, parece que não – disse Patrik, ofegante. – Para ti não há grande problema, o teu trabalho permite-te ficar sentada em casa o dia todo, mas eu sou uma vergonha para a polícia.

– Não digas isso – retorquiu Erica, beliscando-lhe a bochecha. – Tu és o melhor que eles têm.

– Sendo assim, que Deus ajude os habitantes de Tanumshede – disse Patrik com

uma gargalhada. – Mas tenho de admitir que parece que a dieta da tua irmã está a dar resultado. Quer dizer, algum resultado. Esta manhã tive a impressão de que as minhas calças estavam mais largas.

– Isso é ótimo. Mas já só nos restam umas semanas; portanto, temos de dar o nosso melhor para estarmos em forma até lá.

– Depois podemos devorar tudo o que nos der na gana e engordar juntos – disse Patrik, virando à esquerda ao passar pela mercearia de Eva.

– E envelhecer. Podemos envelhecer juntos.

Patrik estreitou-a ainda mais e disse com ar sério:

– Pois, podemos envelhecer juntos, tu e eu. No lar de idosos. E Maja vai visitar-nos uma vez por ano. Senão ameaçamos deserdá-la.

– Para, és diabólico – disse Erica, dando-lhe uma pancada no braço. – Vamos viver com Maja quando formos velhos, sabes bem que vai ser assim. O que significa que vamos ter de espantar todos os futuros pretendentes dela.

– Não há problema. Eu tenho licença de porte de arma.

Chegaram à igreja e detiveram-se por um momento. Ambos olharam para o campanário que se elevava bem alto sobre as suas cabeças. A igreja era uma estrutura sólida, construída em granito na parte mais alta de Fjällbacka, e tinha uma vista imponente para o mar que se estendia até ao horizonte.

– Quando era pequena, imaginava como seria casar-me nesta igreja – disse Erica. – Esse dia parecia tão longínquo. Mas agora estou aqui. Agora sou adulta, tenho uma filha e estou prestes a casar. Isto não te parece um pouco absurdo, às vezes?

– Absurdo é dizer pouco – disse Patrik. – Não te esqueças de que eu também sou divorciado. Por isso, em termos de experiência do que é ser adulto, tenho mais pontos do que tu.

– É verdade. Como pude esquecer-me de Karin? – disse Erica com uma gargalhada. No entanto, havia alguma amargura na sua voz, como sempre acontecia ao falar da ex-mulher de Patrik. Erica não era ciumenta por natureza e não quisera de todo que Patrik fosse virgem aos trinta e cinco anos, quando o conheceu; porém, não gostava muito de o imaginar com outra mulher.

– Vamos ver se está aberta? – sugeriu Patrik, dirigindo-se ao portão da igreja.

O portão estava aberto, por isso entraram cautelosamente, sem saberem se estariam a quebrar alguma regra. Uma figura diante do altar voltou-se para eles.

– Olá, como estão? – era Harald Spjuth, o pastor de Fjällbacka, animado como sempre. Patrik e Erica tinham ouvido falar muito bem dele e estavam desejosos de que Harald os casasse. – Vieram praticar um pouco? – perguntou o pastor, aproximando-se do casal.

– Não, estávamos a dar um passeio e resolvemos dar um salto até aqui – respondeu Patrik, apertando a mão a Harald.

– Bem, então não vos incomodo – retorquiu o pastor. – Estava só a ver se está tudo em ordem por aqui, por isso estejam à vontade. E, se tiverem alguma pergunta antes da cerimónia, já sabem que estou aqui para vos ajudar. Estava a pensar que podíamos fazer um ensaio uma semana antes da cerimónia.

– Parece-me uma excelente ideia – disse Erica, que gostava mais do pastor a cada minuto que passava. Ouvira que Harald encontrara o amor há pouco tempo e isso agradava-lhe. Nem mesmo as senhoras mais idosas e beatas da congregação se tinham queixado do facto de Harald ainda não ter casado com Margareta, que conhecera através de um anúncio no jornal. Viviam juntos «em pecado» na residência paroquial. E aquela tolerância generalizada dizia muito sobre a sua popularidade.

– Pensei que poderíamos ter rosas vermelhas e cor-de-rosa a decorar a igreja. Que te parece? – perguntou Erica, olhando em redor.

– Parece-me bem – disse distraidamente Patrik. Quando viu a expressão no rosto de Erica, sentiu remorsos. – Erica, tenho tanta pena de teres de ser tu a tratar de tudo sozinha. Quem me dera poder envolver-me mais nos preparativos do casamento, mas... – Erica pegou-lhe na mão.

– Eu sei, Patrik. E não tens de estar sempre a pedir desculpa. Anna está a ajudar-me. Vamos tratar de tudo as duas. Quer dizer, afinal de contas é apenas um casamento simples, os preparativos não devem ser muito complicados, pois não?

Patrik ergueu uma sobrancelha e Erica deu uma gargalhada.

– Certo. Os preparativos estão a dar um trabalhão. E manter a tua mãe de fora não tem sido tarefa fácil. Mas também tem sido divertido. A sério que tem.

– Antes assim – disse Patrik, sentindo-se um pouco menos culpado.

Quando saíram da igreja, a tarde dera lugar ao crepúsculo. Percorreram vagarosamente o caminho que tinham tomado até à igreja, descendo por Långbacken e seguindo para sul, na direcção de Sälvik. Ambos tinham apreciado a caminhada e a oportunidade para conversar, mas estavam ansiosos por regressar a casa antes de serem horas de deitar Maja.

Há muito tempo que Patrik não se sentia tão feliz. Graças a Deus que havia coisas que pesavam mais do que toda a maldade do mundo. E que lhe davam a luz e a energia necessárias para conseguir seguir em frente.

A escuridão descia sobre Fjällbacka. O campanário da igreja destacava-se sobre a cidade. Vigilante. Protetor.

Mellberg andava de um lado para o outro num frenesim. Sentia agora que tinha sido uma idiotice convidar Rose-Marie para jantar lá em casa com tão pouco tempo para preparar a refeição. Mas tinha tantas saudades dela. Queria ouvir a voz dela, conversar com ela, saber como lhe correria o dia, saber no que estava a pensar. Por

isso tinha-lhe telefonado. E ouvira-se a perguntar-lhe se Rose-Marie queria aparecer por lá para jantar às oito.

Mellberg estava agora em pânico total. Saíra disparado da esquadra às cinco e entrara no supermercado Konsum, onde ficara especado a olhar para os artigos expostos nas prateleiras. O cérebro estava completamente paralisado. Não lhe surgira uma única ideia do que fazer para o jantar; porém, tendo em conta os seus limitados dotes culinários, talvez aquilo não fosse assim tão estranho. Mellberg tinha instinto de sobrevivência suficiente para se aperceber de que talvez não fosse boa ideia enveredar por um jantar requintado; uma refeição pré-preparada seria uma opção mais adequada. O superintendente deambulou desamparadamente pelos corredores, até que a pequena e simpática Mona, que trabalhava no supermercado, foi ter com ele para lhe perguntar se procurava alguma coisa específica. Abruptamente, Mellberg desbobinou o seu dilema e Mona pilotou-o calmamente para o balcão das refeições prontas. Depois de se decidir por frango assado, foi ajudado por Mona a localizar salada de batata, alface e outros vegetais para preparar uma salada, baguetes acabadas de fazer e gelado *Carte d'Or* para a sobremesa. Talvez a ementa não agradasse a um *gourmet*, mas pelo menos era algo que nem ele era capaz de arruinar. Quando chegou a casa, Mellberg dedicou-se durante uma hora a tentar restabelecer a ordem que ali reinara na sexta-feira anterior. E depois tentou dar aos produtos que comprara a apresentação mais agradável possível, o que se revelou um desafio maior do que esperara. Com as mãos pegajosas, Mellberg fitava com ódio o frango assado, que parecia olhá-lo com desprezo. O que era fantástico, tendo em conta que a cabeça do bicho tinha sido cortada há muito.

– Como raio é que eu.... – praguejou Mellberg, puxando por uma asa. Como iria apresentar aquilo numa travessa de forma apelativa? O frango era escorregadio como uma enguia. Por fim, Mellberg fartou-se de tentar fazer aquilo de forma limpa e arrancou simplesmente um peito e uma coxa para cada um, colocando os pedaços na travessa. Aquilo teria de servir. Depois, o superintendente deitou uma colherada de salada de batata junto do frango e olhou fixamente para a travessa. Pelo menos sabia cortar pepinos e tomates. Despejou a salada para uma grande taça de plástico. Era vermelha e estava ligeiramente riscada, mas Mellberg tinha pouca loiça digna de ir à mesa. Além disso, o mais importante era o vinho. Abriu uma garrafa de vinho tinto e colocou-a sobre a mesa. Para o que desse e viesse, Mellberg tinha outras duas de reserva na despensa. Não tencionava deixar nada ao acaso. «Esta é a noite decisiva», pensou, assobiando com satisfação. Pelo menos, Rose-Marie não podia queixar-se de que ele não tinha tentado. Nunca se dera a tanto trabalho por causa de uma mulher. Nunca. Nem sequer juntando todas as mulheres que tinham passado pela sua vida.

Para criar ambiente, só faltava a música. A sua coleção de CD era bastante

escassa, mas tinha um disco com os maiores sucessos de Sinatra. Tinha-o comprado em saldo na bomba de gasolina *Statoil*. No último momento, Mellberg pensou que deveria também acender umas velas e depois recuou um passo para admirar o cenário. O superintendente congratulou-se; tinha feito um bom trabalho.

Acabara de mudar de camisa quando a campainha tocou. Viu pelo relógio que Rose-Marie estava dez minutos adiantada, por isso apressou-se a enfiar a fralda da camisa nas calças. «Que maldição!», praguejou Mellberg quando o seu arranjo capilar se desmoronou. Quando a campainha tocou novamente, o superintendente precipitou-se para a casa de banho para tentar enrolar o cabelo no topo da cabeça. Estava habituado àquilo, por isso não demorou a conseguir ocultar a sua calva. Olhou-se uma última vez ao espelho e achou que estava com muito estilo.

Pelo olhar admirado que Rose-Marie lhe lançou quando ele abriu a porta, Mellberg percebeu que a amiga partilhava a sua opinião. E ficou sem fôlego só de a ver. Rose-Marie usava um vestido vermelho resplandecente e um pesado colar de ouro como único adorno. Quando Rose-Marie despiu o casaco, Mellberg inalou o aroma do perfume dela e fechou os olhos por um momento. Não percebia como podia aquela mulher afetá-lo tanto. Sentiu as mãos a tremer quando lhe pendurou o casaco e obrigou-se a respirar fundo algumas vezes para conseguir recompor-se. Não podia comportar-se como um adolescente nervoso.

A conversa fluiu facilmente durante o jantar. Os olhos de Rose-Marie faiscavam em uníssono com o brilho das velas. Mellberg contou-lhe muitas histórias da sua carreira na polícia, encorajado pelo interesse óbvio da amiga. Quando terminaram o prato principal e a sobremesa, tinham despejado duas garrafas de vinho. Depois, encaminharam-se para o sofá da sala de estar para beber café e conhaque. Mellberg sentiu a tensão no ar e teve a certeza de que aquela seria a noite em que Rose-Marie se decidiria a ir para a cama com ele. E Rose-Marie lançou-lhe um olhar que só podia significar uma coisa. Mas Mellberg não queria arriscar fazer a sua jogada no momento errado. Sabia que as mulheres eram muito sensíveis quanto ao sentido de oportunidade. Por fim, não conseguiu resistir mais. Olhou para a chama que brilhava nos olhos de Rose-Marie, bebeu uma grande golada de conhaque e lançou-se sobre ela.

Tudo correu como previra. Mellberg pensou que tinha morrido e ido para o céu. Nessa noite, adormeceu de sorriso nos lábios, deixando-se flutuar imediatamente para um sonho delicioso com Rose-Marie. Pela primeira vez na vida estava feliz nos braços de uma mulher. Virou-se de costas e começou a risonhar. A seu lado, no escuro, Rose-Marie olhava para o teto. E também sorria.

* * *

– Mas que porra é esta?! – vociferou Mellberg ao entrar de rompante na esquadra

às dez da manhã. Não gostava das manhãs, mas nesse dia parecia mais exausto do que era habitual. – Já viu isto? – perguntou Mellberg, agitando um jornal. Passara como um raio por Annika e, sem bater, abrira de supetão a porta do gabinete de Patrik.

Annika esticou o pescoço para tentar ver melhor o que se estava a passar, mas apenas conseguia ouvir imprecações dispersas vindas do gabinete de Patrik.

– De que é que está a falar? – perguntou calmamente Patrik quando Mellberg acabou de soltar impropérios. Fez um gesto na direção do chefe, convidando-o a sentar-se. Mellberg parecia prestes a ter um ataque cardíaco e, embora em momentos de fraqueza, Patrik lhe tivesse desejado a morte, não queria que o chefe morresse no seu gabinete.

– Já viu isto? Estes malditos... – Mellberg estava tão furioso que nem sequer conseguia expressar-se. Em vez disso, bateu com o jornal na secretária de Patrik. Sem saber para onde devia olhar, mas com um mau pressentimento, Patrik virou o jornal para poder ler a primeira página. Quando viu o cabeçalho a negro sentiu igualmente a raiva a começar a ferver dentro dele.

– Que diabo? – exclamou Patrik, ao que Mellberg apenas conseguiu assentir e tombar pesadamente com um baque na cadeira voltada para a secretária de Patrik.

– Onde foram eles buscar isto? – perguntou Patrik, abanando o jornal.

– Não faço ideia – respondeu Mellberg. – Mas quando puser as mãos nesse...

– Que mais é que vem aqui? Vamos lá ver o que dizem as páginas centrais – com os dedos a tremer, Patrik folheou o jornal até às páginas centrais e começou a ler, com expressão cada vez mais irada a cada segundo que passava. – Estes... estes... sacanas destes...

– É verdade, que rica instituição, o quarto poder – disse Mellberg, abanando a cabeça.

– Martin tem de ver isto – disse Patrik, levantando-se. Foi até à porta, chamou o colega e depois voltou a sentar-se.

Poucos segundos depois, Martin apareceu à porta.

– Sim? – perguntou. Sem dizer uma palavra, Patrik colocou a primeira página do vespertino à frente de Martin.

Martin leu em voz alta:

– «Hoje: Exclusivo – excerto do diário de uma vítima de homicídio. Conheceria Barbie o seu assassino?» – Martin ficou sem fala e lançou a Patrik e a Mellberg um olhar incrédulo.

– Nas páginas centrais há um excerto do diário dela – disse Patrik em tom amargo. – Aqui. Lê! – Patrik entregou o jornal a Martin. Ninguém abriu a boca enquanto o colega lia.

– Isto será verdade? Será que ela tinha um diário? Ou será que o jornal inventou

isto tudo?

– Teremos de descobrir. Quer vir connosco, Bertil? – perguntou zelosamente Patrik.

Mellberg pareceu refletir por um momento, mas depois abanou a cabeça.

– Não, tenho assuntos importantes para resolver. Vão vocês os dois.

Cansado como parecia estar, os assuntos importantes de Mellberg consistiam provavelmente em fazer uma sesta, pensou Patrik. Mas ficou contente por o chefe não os acompanhar.

– Muito bem, então vamos a isto – disse Patrik com um aceno de cabeça a Martin.

Os agentes dirigiram-se apressadamente ao centro comunitário. A esquadra ficava numa ponta da curta rua principal de Tanumshede e o centro comunitário na outra; por isso, a caminhada demorou menos de cinco minutos. A primeira coisa que fizeram foi bater à porta do autocarro estacionado no exterior. Com sorte, o produtor estaria lá dentro; caso contrário, teriam de telefonar-lhe.

Tiveram sorte, pois a voz que lhes disse que entrassem pertencia inequivocamente a Fredrik Rehn. O produtor estava a rever as gravações da manhã com um dos assistentes e virou-se, aborrecido, quando Patrik e Martin entraram.

– Que foi desta vez? – perguntou Rehn, não escondendo o facto de encarar a investigação policial como uma intrusão perturbadora no seu trabalho. Por mais que adorasse a publicidade que a investigação trouxera ao concurso, odiava o facto de a polícia lhe tomar ocasionalmente o seu precioso tempo, além de incomodar os concorrentes.

– Gostaríamos de ter uma conversa consigo. E com os concorrentes. Reúna todo o grupo e vão ter ao centro comunitário. Imediatamente – a paciência de Patrik estava por um fio e não tencionava perder tempo com cortesias.

Desconhecendo a dimensão da ira que enfrentava, Fredrik Rehn começou a protestar numa voz lamurienta:

– Mas eles estão a trabalhar. E estamos a gravar. Não pode simplesmente...

– AGORA! – berrou Patrik, e tanto Rehn como os assistentes deram um salto nos assentos.

A resmungar, o produtor tirou o telemóvel do bolso e começou a ligar para os telemóveis que tinham dado aos concorrentes. Após cinco chamadas, virou-se para Patrik e Martin e disse acidamente:

– Missão cumprida, chefe. Daqui a cinco minutos já cá estão. Posso perguntar o que é que pode ser assim tão importante a ponto de vos fazer entrar aqui de rompante e interromper-me a meio de um projeto que custa meio milhão de coroas? Que, por acaso, tem todo o apoio do vosso conselho municipal, uma vez que é extremamente vantajoso para esta comunidade!

– Daqui a uns minutos já lhe respondo – disse Patrik ao sair do miniautocarro

juntamente com Martin. Pelo canto do olho, Patrik viu Rehn a pegar novamente no telemóvel.

Um a um, os concorrentes entraram no centro comunitário. Alguns pareciam aborrecidos por terem sido obrigados a sair do trabalho de forma tão precipitada, ao passo que outros, como Uffe e Calle, pareciam agradecer a interrupção.

– Afinal o que é que se passa? – perguntou Uffe, sentando-se na borda do grande palco. Tirou um maço de cigarros e estava a acender um quando Patrik lho arrancou da boca e o atirou para o caixote do lixo.

– Não se pode fumar aqui dentro.

– Mas que porra? – exclamou furiosamente Uffe, sem no entanto se atrever a protestar com mais veemência. Algo nas expressões de Patrik e Martin lhe disse que os agentes não tinham ido ali para explicar-lhes as regras sobre prevenção de incêndios.

Exatamente oito minutos depois de Patrik ter batido à porta do autocarro, a última concorrente entrou no centro com ar despreocupado.

– Que aconteceu desta vez? Meu Deus, que caras! Isto parece um velório – disse Tina com uma gargalhada enquanto se deixava cair sobre uma das camas.

– Cala-te, Tina – advertiu Rehn, encostado à parede de braços cruzados. Tencionava certificar-se de que aquela interrupção seria tão breve quanto possível. E já começara a ligar para os seus contactos. Não estava para aturar qualquer tipo de pressão por parte da polícia. Pagavam-lhe demasiado bem para isso.

– Estão todos aqui porque queremos uma informação – Patrik olhou em redor e fitou cada um dos concorrentes durante alguns segundos. – Quero saber quem encontrou o diário de Lillemor. E quem o vendeu a um jornal da tarde?

Rehn franziu a testa. Parecia surpreendido.

– Diário? Que diário?

– O diário que o *Notícias da Tarde* começou a publicar hoje – respondeu Patrik sem olhar para Rehn. – O diário que vem escarrapachado na primeira página.

– Hoje saímos na primeira página? – disse Rehn, animando-se. – Ena, isso é excelente. Tenho de tratar de...

Um olhar de Martin cortou-lhe o pio. Mas Fredrik não conseguiu reprimir um sorriso. Um cabeçalho valia ouro. Nada fazia disparar tanto as audiências.

Todos os concorrentes permaneceram em silêncio. Uffe e Tina foram os únicos que olharam para os agentes. Jonna, Calle e Mehmet olhavam fixamente para o chão, inquietos.

– Ou me dizem de onde veio este diário – prosseguiu Patrik –, quem o encontrou e onde está ele agora ou vou ter de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para acabar com o concurso. Só têm podido continuar com as filmagens porque nós o permitimos. Mas se não me disserem imediatamente... – Patrik deixou

propositadamente a frase por terminar.

– Caramba, alguém que se acuse – afirmou Rehn, parecendo stressado. – Se souberem de alguma coisa, deem-na cá para fora. Se souberem mas mesmo assim se recusarem a falar, vou ter de vos arrancar a verdade à força e tratar de fazer com que nunca mais apareçam sequer perto de uma câmara de televisão – Rehn baixou a voz e sibilou: – E estou a falar a sério. Digam imediatamente o que sabem ou estão feitos. Perceberam a ideia?

Todos se contorceam. O silêncio no grande salão do centro comunitário era total. Por fim, Mehmet aclarou a garganta.

– Foi Tina. Eu vi-a tirar o diário. Barbie guardava-o debaixo da almofada.

– Cala a boca, sacana de merda! – rosnou Tina, dardejando Mehmet com o olhar. – Eles não podem fazer nada. Não percebes? Porra, és mesmo idiota. Só tinhas de manter essa bocarra fechada.

– Agora é a tua vez de te calares! – berrou Patrik, aproximando-se de Tina, que parou de falar como lhe fora ordenado e, pela primeira vez, pareceu ter ficado assustada. – A quem deste o diário?

– Não posso revelar as minhas fontes – resmungou Tina numa última tentativa de se armar em forte.

Jonna suspirou e disse:

– Tu é que és a fonte, palhaça – ainda estava a olhar para o chão e não parecia incomodada por Tina lhe ter lançado um olhar irado.

Patrik repetiu a pergunta, acentuando cada palavra, como se estivesse a falar com uma criança:

– A-quem-deste-o-diário?

Tina revelou relutantemente o nome do jornalista e Patrik rodou nos calcanhares, sem desperdiçar mais uma palavra que fosse com Tina.

Quando Patrik passou apressadamente por Fredrik Rehn, o produtor perguntou-lhe num tom pesaroso:

– E agora, que vai acontecer? Não estava a falar a sério quando disse que... Quer dizer, podemos continuar as filmagens, não podemos? O meu patrão... – Rehn apercebeu-se de que estava a falar para as paredes e calou-se.

À porta, Patrik virou-se.

– Podem continuar a fazer figura de parvos na TV. Mas se interferirem novamente nesta investigação *seja de que forma for*... – Patrik deixou a ameaça a pairar no ar sem terminar a frase.

Deixou para trás um grupo de concorrentes abatido e deprimido. Tina parecia esmagada, mas lançou um olhar assassino a Mehmet que mostrava que teriam de ter uma conversa muito séria.

– Bem, ao trabalho. Temos de compensar o tempo que perdemos sem filmar –

Rehn fez um gesto com a mão a indicar-lhes que saíssem do centro comunitário e todos se encaminharam na direção da rua. O espetáculo tinha de continuar.

– Que aconteceu? – Simon lançou um olhar preocupado a Mehmet quando o rapaz voltou a colocar o avental.

– Nada. Enfim, uma data de merdas.

– Achas que isto é saudável? Continuarem a filmar depois de uma rapariga ter sido assassinada? Parece-me um pouco...

– Um pouco quê? – perguntou Mehmet. – Um pouco insensível? De mau gosto? – o rapaz ergueu a voz. – E nós não passamos de um bando de cretinos sem cérebro que passam a vida a embebedar-se, a foder na TV e a fazer figura de parvos, não é? Era nisso que estavas a pensar, não era? Nunca pensaste que fazemos isto por ser melhor do que aquilo que temos em casa? Que isto é uma oportunidade de fugir por uns tempos a algo que um dia vamos ter de acabar por enfrentar? – as palavras ficaram-lhe presas na garganta e Simon conduziu-o gentilmente a uma cadeira nas traseiras da padaria.

– Afinal, o que é que isto representa? Quer dizer, para ti? – perguntou Simon, sentando-se à frente de Mehmet.

– Para mim? – a voz de Mehmet estava repleta de amargura. – É uma forma de mostrar a minha revolta. De pisar tudo o que tem algum valor. De dar cabo de tudo de tal forma que eles não consigam fazer-me voltar a pôr as coisas no lugar. – Mehmet escondeu o rosto nas mãos e soluçou. Simon acariciou as costas do rapaz com movimentos suaves e ritmados.

– Não queres viver a vida que eles escolheram para ti?

– Sim e não – Mehmet ergueu os olhos e fitou Simon. – Não é que me obriguem a fazer nada nem que ameacem mandar-me de volta para a Turquia, nem nada disso que os suecos pensam sempre que é a preocupação mais importante de um imigrante. Isto tem mais que ver com expectativas. E com sacrifícios. Os meus pais fizeram tantos sacrifícios por nós, por mim. Para que nós, os filhos deles, pudéssemos ter uma vida melhor num país onde nos dão todo o tipo de oportunidades. Eles deixaram tudo para trás. A casa, a família, o respeito das outras pessoas da comunidade, os empregos... Tudo. E apenas para que nós pudéssemos ter uma vida melhor do que a que eles tiveram. Para eles, tudo piorou. E eu vejo isso. Vejo as saudades no olhar deles. Vejo a Turquia no olhar deles. Mas a Turquia não significa o mesmo para mim. Nasci aqui, na Suécia. A Turquia é um sítio onde vamos de férias, mas não está no meu coração. Mas também não pertença aqui. Este é o país onde esperam que eu realize os sonhos deles, as suas expectativas. Não tenho queda para os estudos. As minhas irmãs, sim. Mas, por estranho que pareça, eu, o filho varão, não tenho jeito nenhum. No entanto, sou eu o portador do nome do

meu pai. Aquele que o passará à geração seguinte. Mas eu só quero trabalhar. Com as minhas próprias mãos. Não tenho grandes ambições. Para mim, é suficiente ir para casa ao final do dia e sentir que fiz um bom trabalho com as minhas próprias mãos. Mas os meus pais recusam-se a compreender isto. Portanto, tenho de dar cabo do sonho deles, de uma vez por todas. Pisá-lo. Até não restar nada – as lágrimas jorravam pelas faces de Mehmet e o calor das mãos de Simon apenas intensificava a dor. Estava tão farto daquilo tudo. Estava tão farto de que os pais nunca lhe dessem valor. Tão farto de fingir ser quem não era.

Mehmet ergueu lentamente a cabeça. O rosto de Simon estava apenas a uns centímetros do seu. Simon lançou-lhe um olhar interrogativo e as suas mãos mornas, que cheiravam a pão acabado de cozer, limpavam-lhe as lágrimas. Então, Simon roçou ao de leve os lábios nos seus. Mehmet ficou surpreendido ao sentir que não havia mal nenhum naquilo, em ter os lábios de Simon pressionados contra os seus. Depois, Mehmet perdeu-se numa realidade que sempre vislumbrara mas nunca se atrevera a ver.

– Gostaria de dar uma palavra a Bertil. Ele está? – perguntou Erling, piscando o olho a Annika.

– Entre – respondeu laconicamente a secretária. – Sabe onde fica o gabinete dele.

– Obrigado – disse Erling, piscando-lhe novamente o olho. Não compreendia porque é que o seu charme não resultava com Annika.

Apressou-se na direção do gabinete de Mellberg e bateu à porta. Não houve qualquer resposta; por isso, Erling bateu novamente. Ouviu um murmúrio vago, seguido do que lhe pareceu ser o ruído de algo a ser derrubado, logo seguido de um murmúrio. Por fim, a porta abriu-se. Mellberg parecia ensonado. Por detrás dele, no sofá, havia uma manta e uma almofada. E o rosto do superintendente ostentava claramente as marcas da almofada.

– Bertil, estás a fazer uma sesta a meio da manhã? – Erling refletira muito sobre a atitude a adotar em relação ao chefe da polícia e decidira começar por um tom descontraído e amigável, mudando depois para uma abordagem mais séria. Não costumava ser muito difícil lidar com Mellberg. Quando aterravam na sua secretária assuntos que envolviam a polícia, Erling conseguia sempre assegurar uma colaboração esmerada e agradável recorrendo à bajulação e ocasionalmente à oferta de uma garrafa de *whisky*. Não via motivo para as coisas serem diferentes daquela vez.

– Bem, sabes como são as coisas – começou Mellberg com ar envergonhado. – Tenho tido tantas chatices ultimamente; isto está a ser muito desgastante.

– Sim, vejo que te andas a esforçar muito – disse Erling. Para sua surpresa, viu que o superintendente ficou muito corado.

– Que posso fazer por ti? – perguntou Mellberg, apontando para uma cadeira.

Erling sentou-se e disse, com uma expressão de profunda preocupação:

– Bem, acabo de receber uma chamada do produtor de *Tanum Sempre a Abrir*. Parece que alguns dos teus agentes ameaçaram acabar com o programa. Tenho de dizer que isto me deixou surpreendido e preocupado. Pensava que tínhamos estabelecido uma boa colaboração. Portanto, Bertil, fiquei muito desapontado. Tens alguma explicação a dar-me?

Longe de ter ficado intimidado, o superintendente olhou-o fixamente, não dando sinais de reagir à acusação. Erling começou a sentir-se desconfortável. Talvez devesse ter levado uma garrafa de *whisky*, para o que desse e viesse.

– Erling... – começou Mellberg, e o seu tom de voz deixou Erling W. Larson com a sensação de que, daquela vez, talvez tivesse ido longe de mais. – Estamos a levar a cabo a investigação de um homicídio. Caso te tenhas esquecido, uma jovem foi brutalmente assassinada. Alguém relacionado com a produção não só nos ocultou provas importantes como também as vendeu aos jornais. Para ser franco, estou inclinado a concordar com os meus colegas, a melhor solução seria mesmo acabar com essa coisada toda.

Erling sentiu que começava a transpirar. Rehn omitira aquele pormenor. Aquilo era mau. Erling balbuciou:

– Isso... isso apareceu no jornal de hoje?

– Sim – respondeu Mellberg. – Na primeira página e também nas páginas centrais. Aparentemente, são excertos de um diário que a jovem assassinada andava a escrever, embora não tivéssemos conhecimento disso. Alguém nos ocultou essa informação, preferindo contactar o *Notícias da Tarde* e vender-lhes o diário.

– Não fazia ideia – disse Larson, revendo mentalmente a conversa que teria com Rehn mal saísse da esquadra.

– Dá-me uma boa razão para não pôr um ponto final neste projeto agora mesmo.

Pela primeira vez na vida, Erling ficou sem palavras. Olhou para Mellberg, que deu uma gargalhada.

– Finalmente ficaste sem defesa. Nunca esperei ver este dia. Porém, vou ser justo. Sei que há muita gente que gosta de ver aquela merda. Por isso vamos deixar que continue durante mais algum tempo. Mas, ao primeiro sinal de sarilhos... – Mellberg apontou um dedo ameaçador a Erling, que assentiu com gratidão. Tinha tido sorte. Estremeceu só de pensar na humilhação que teria sido estar perante o conselho municipal a admitir que o projeto não poderia continuar.

Erling estava a caminho da porta quando ouviu Mellberg dizer algo. Deu meia-volta.

– Sabes, Erling, as minhas reservas de *whisky* estão a ficar um bocado em baixo. Por acaso não terias uma garrafita a mais?

Mellberg piscou-lhe o olho e Erling lançou-lhe um sorriso tenso. Teria sido um prazer enfiar-lhe a garrafa pela goela abaixo. Em vez disso, ouviu-se a dizer:

– Com certeza, Bertil, vou já tratar disso.

O sorriso de satisfação de Mellberg foi a última coisa que Erling viu antes de a porta se fechar.

– Que coisa tão baixa – disse Calle, deitando uma olhadela a Tina, que colocava bebidas numa bandeja para as ir servir a uma mesa.

– É fácil falar quando se anda a nadar no dinheiro do papá! – retorquiu irritadamente Tina, quase derrubando o copo de cerveja que acabara de colocar na bandeja.

– Sabes, há limites para o que se pode fazer por dinheiro.

– «Há limites para o que se pode fazer por dinheiro» – repetiu Tina com voz de falsete e fazendo um esgar. – Jesus, quando é que paras de ser tão certinho? Sacana do Mehmet! Vou matar aquele monte de merda!

– Acalma-te, Tina – disse Calle, inclinando-se sobre o bar. – Eles ameaçaram acabar com as filmagens se ninguém se acusasse. Mas tu parecias estar mais interessada em salvar a tua pele. Não tens o direito de arrastar os outros para o fundo contigo.

– Eles só estavam a fazer *bluff*, não percebeste? Nunca na vida iriam acabar com o único programa que alguma vez deu alguma publicidade à terrinha deles. Eles *vivem* para isto!

– Bem, seja como for, acho que a culpa não é de Mehmet. Se eu te tivesse visto a tirar o diário também te tinha chibado.

– Não duvido, chulo de merda – disse Tina. Estava tão furiosa que as mãos lhe tremeram quando pegou na bandeja. – O teu problema é que passas a vida a abanar o cartão de crédito do papá, a planar pela vida, a recusares-te a fazer alguma coisa útil, a viver à custa de toda a gente. És patético, porra! E depois achas que podes vir dar-me lições de moral! Eu ao menos estou a lutar pela vida e tenho alguma ambição. E tenho talento, independentemente do que Barbie disse!

– Aí é que bate o ponto, não é? – disse sarcasticamente Calle. – Ela escreveu umas tretas acerca da tua pretensa carreira de cantora e tu decidiste lançá-la às feras. Eu ouvi o que lhe disseste na noite em que ela morreu. Não aguentaste ouvi-la dizer o que toda a gente estava a pensar.

– Barbie disse a toda a gente que eu nunca conseguiria chegar a lado nenhum, que eu não tinha talento. E depois tentou negá-lo. Disse que alguém a andava a tramar e que alguém estava a mentir. Mas depois vi que ela tinha escrito aquilo no diário. Afinal era verdade! Ela tinha mesmo andado a dizer merdas sobre mim a toda a gente – Tina derrubou um dos copos, que se estilhaçou, espalhando cerveja por todo

o lado.

– MERDA! – disse Tina, pousando a bandeja com as restantes cervejas. Pegou numa vassoura e começou a varrer os cacos. – Que grande merda, porra para isto tudo!

– Olha – disse calmamente Calle –, nunca ouvi Barbie dizer nada de mal a teu respeito. Mas ouvi-a a tentar encorajar-te. E tu disseste exatamente o mesmo na última sessão com Lars. E, se bem me lembro, nessa altura também derramaste algumas lágrimas de crocodilo.

– Não achas que sou assim tão estúpida a ponto de dizer mal de uma pessoa que morreu, pois não? – perguntou Tina, varrendo os últimos pedaços de vidro.

– Independentemente do que tenha escrito no diário, não podes culpá-la. Afinal, Barbie estava apenas a dizer a verdade. Cantas mal como a merda e, se fosse a ti, começava mesmo agora a preencher a candidatura ao McDonalds – Calle deu uma gargalhada e olhou para a câmara de relance.

Tina atirou a vassoura ao chão e aproximou-se dele numa única passada. Encostou a cara à de Calle e sibilou:

– Tu devias era estar caladinho, Calle. Não foste o único a ouvir o que foi dito na noite em que Barbie morreu. Também te atiraste a ela em grande. Por ela ter dito que a tua mãe se tinha suicidado por causa do teu pai. Mas Barbie também garantiu que não tinha dito isso. Portanto, se fosse a ti calava essa boca.

Tina pegou na bandeja e cruzou a porta para o restaurante. O rosto de Calle tinha perdido toda a cor. Reproduziu mentalmente todos os insultos e todas as palavras duras que arremessara a Barbie naquela noite. Também recordou as expressões incrédulas de todos perante o teor das acusações que gritara aos ouvidos dela. E as garantias que a rapariga lhe dera, com os olhos marejados de lágrimas, de que nunca dissera nem nunca poderia ter dito nada daquilo. O pior era que Calle não conseguia deixar de pensar que Barbie tinha dito a verdade.

* * *

– Patrik, tens um minuto? – Annika interrompeu-se quando viu que ele estava ao telefone.

Patrik esticou um dedo para lhe indicar que esperasse. Parecia prestes a terminar a chamada.

– Certo, então está combinado – disse Patrik, irritado. – Nós teremos acesso ao diário e os senhores terão a informação da captura do autor do crime em primeira mão.

Patrik atirou com o auscultador para o descanso e virou-se para Annika com expressão acoitada.

– Idiotas de merda – disse com um suspiro.

– Era o repórter do *Notícias da Tarde*? – perguntou Annika, sentando-se.

– Sim. Acabei de oficializar o meu pacto com o Diabo. Talvez lhe tivesse conseguido sacar o diário, mas isso levaria tempo. E nós já perdemos três dias por causa disto. Portanto, prometi dar-lhes o quinhão deles, para ver se lhes acalmamos a gula.

– Certo – disse Annika.

Patrik apercebeu-se de que a secretária estava impaciente para falar.

– Que me querias?

– O pedido de informações que enviei na segunda-feira deu realmente frutos – respondeu, incapaz de esconder a sua satisfação.

– Já? – perguntou Patrik, surpreendido.

– Sim, para variar, o interesse mediático em relação a Tanumshede revelou-se vantajoso.

– Então, que soubeste?

– Há mais dois casos – disse Annika. – Pelo menos, a forma como morreram corresponde cem por cento. E... em ambos os casos, a polícia encontrou as mesmas anomalias que nós verificámos em relação às mortes de Rasmus Olsson e de Marit.

– Não me digas? – retorquiu Patrik, inclinando-se para a frente. – Conta-me tudo.

– Um dos casos ocorreu em Lund. Trata-se de um homem na casa dos cinquenta que morreu há seis anos. Era um alcoólico inveterado e, embora a polícia tenha notado alguns ferimentos estranhos, presumiu que o homem morrera em consequência de uma bebedeira – Annika olhou para Patrik, que lhe fez sinal para que prosseguisse. – A segunda morte aconteceu há dez anos. Desta vez foi em Nyköping. Uma septuagenária. O caso foi rotulado como homicídio, mas nunca foi solucionado.

– Quer dizer que temos mais dois homicídios – disse Patrik, sentindo a enormidade da responsabilidade que agora lhe pesava sobre os ombros. – O que perfaz um total de quatro homicídios que parecem estar relacionados.

– Parece ser isso – disse Annika, tirando os óculos e rodando-os entre os dedos.

– Quatro homicídios – respondeu Patrik com cansaço. A fadiga conferira-lhe uma tez acinzentada ao rosto.

– Quatro. Sem contar com o homicídio de Lillemor Persson. Sabes, Patrik, acho que atingimos o limite da nossa capacidade – disse Annika com ar grave.

– Que estás a dizer? Achas que devíamos envolver a Polícia Criminal Nacional? – Patrik olhou pensativamente para Annika, sentindo que a secretária tinha razão. Por outro lado, só eles, ali em Tanumshede, conseguiam ter a visão global que poderia fazer com que todas as peças do *puzzle* encaixassem. Seria necessário que os vários distritos policiais colaborassem entre si, mas Patrik continuava a acreditar que seriam capazes de resolver o mistério.

– Vamos começar sozinhos e depois veremos se precisamos de ajuda – afirmou

Patrik, ao que Annika assentiu. Se era assim que Patrik queria, assim fariam.

– Quando pensas apresentar os novos dados a Mellberg? – perguntou Annika, abanando as suas notas.

– Assim que falar com os responsáveis pelas investigações em Lund e em Nyköping. Tens os contactos?

Annika assentiu.

– Deixo-te as minhas notas. Tudo o que precisas está aqui.

Patrik lançou-lhe um olhar de agradecimento. Annika parou a caminho da porta.

– Um assassino em série, achas mesmo? – perguntou Annika, mal acreditando no que estava a dizer.

– Tudo aponta para isso – disse Patrik. Depois, pegou no auscultador e começou a fazer chamadas.

– Isto é muito agradável – comentou Anna, contemplando o rés do chão da casa de Dan.

– Bem, é um bocado fria. Pernilla levou metade dos móveis, e eu... ainda não consegui substituir o que falta. E agora parece que já não vale a pena. Tenho de vender a casa e não vou conseguir enfiar muita coisa no novo apartamento.

Anna lançou-lhe um olhar compassivo.

– Isso é complicado – retorquiu, ao que Dan assentiu.

– Pois é. Mas, quer dizer, comparado com o que tu passaste, enfim...

Anna sorriu.

– Não te preocupes. Não estou à espera de que toda a gente compare os seus problemas com os meus. Cada pessoa tem os seus próprios problemas. Compreendo muito bem isso.

– Obrigado – disse Dan com um sorriso rasgado. – Estás então a dizer que posso resmungar à vontade?

– Sim, mas vê lá, não precisas de exagerar – retorquiu Anna com uma gargalhada. Subiu as escadas e apontou para o primeiro andar com olhar interrogativo.

– Força. Sobe e dá uma vista de olhos. Hoje até fiz as camas e apanhei a roupa suja que havia pelo chão, por isso não há o perigo de seres atacada por uns *boxers* a precisarem de ir à máquina.

Anna fez um esgar e depois riu-se novamente. Andava a rir-se muito ultimamente. Era como se tivesse de pôr o riso em dia, depois de muitos meses de amargura.

Quando voltou a descer, Dan tinha preparado umas sanduíches.

– Hum, têm bom aspeto – disse Anna, sentando-se à mesa.

– Estavas com cara de fome. Só te posso oferecer sanduíches. As miúdas limpam o frigorífico e ainda não tive tempo de ir às compras.

– Por mim está ótimo – disse Anna, dando uma grande dentada numa sanduíche de

queijo.

– Como estão a decorrer os preparativos para a grande festa? – perguntou Dan. – Pelo que ouvi, Patrik tem andado a trabalhar que nem um louco e já só faltam quatro semanas para o Dia D!

– Sim, temos mesmo de apressar-nos... Mas eu e Erica estamos a dar o nosso melhor. Portanto, acho que vamos conseguir. Desde que a mãe de Patrik se mantenha fora disto.

– Qual é o problema com a mãe de Patrik? – perguntou Dan, recebendo logo em seguida uma descrição vívida da última visita de Kristina.

– Só podes estar a gozar – disse Dan, não conseguindo evitar uma gargalhada.

– Juro – disse Anna. – Foi mesmo muito mau.

– Pobre Erica – afirmou Dan. – E eu a pensar que a mãe de Pernilla tinha sido uma metediça do caraças quando casámos – acrescentou, abanando a cabeça.

– Tens saudades dela? – perguntou Anna. Dan fez-se de desentendido.

– Da mãe de Pernilla? Não, nem um bocadinho.

– Oh, vá lá, sabes bem o que quis dizer – Anna lançou-lhe um olhar perscrutador.

Dan fez uma pausa durante um momento.

– Não, posso dizer com toda a franqueza que já não sinto a falta dela. Durante algum tempo senti, mas não tenho bem a certeza se era de Pernilla que tinha saudades. Sentia mais falta do que tínhamos enquanto família, percebes?

– Sim e não – respondeu Anna, que ficou extremamente triste de repente. – Acho que o que estás a querer dizer é que tens saudades da vida quotidiana, da segurança, da previsibilidade. Nunca houve isso entre mim e Lucas. Nunca. Contudo, no meio do medo, e do terror que senti depois, acho que era isso que eu mais ansiava. Rotinas diárias, previsibilidade. Uma vida normal.

Dan colocou a mão nas de Anna.

– Não precisas de falar disso.

– Não faz mal – disse Anna, pestanejando para conter as lágrimas. – Falei tanto nas últimas semanas que começo a ficar cansada de ouvir a minha própria voz. E tu ouviste as minhas desgraças todas. *Tu* é que deves estar farto de me ouvir – Anna deu uma gargalhada e limpou as lágrimas com um guardanapo de papel.

Dan ainda conservava a mão sobre as mãos de Anna.

– Não estou nada farto de te ouvir. Não me importava de te ouvir falar durante um ano inteiro.

Um silêncio confortável seguiu-se depois de terem olhado um para o outro. O calor da mão de Dan espalhou-se pelo corpo de Anna, derretendo o gelo em zonas que Anna nem suspeitava que estivessem congeladas. Dan abriu a boca para dizer algo, mas o telemóvel de Anna tocou nesse preciso momento. Ambos se sobressaltaram e Anna tirou a mão para pegar no telemóvel. Olhou para o ecrã.

– É Erica – disse, levantando-se para atender a chamada.

Naquela manhã, Patrik optara por reunir-se com os colegas na cozinha. O que tencionava apresentar era algo esmagador, no mínimo, pelo que café forte e uns bolos seriam certamente bem-vindos. Esperou que os colegas se sentassem, mas permaneceu de pé. Todos o olhavam com expectativa à medida que iam entrando. Era evidente que algo acontecera, mas Annika não lhes contara nada; portanto, nenhum dos restantes sabia o que se passava. Apenas que era algo em grande. Um pássaro esvoaçou em frente da janela da cozinha e todos seguiram reflexivamente o seu movimento, voltando logo em seguida a olhar para Patrik.

– Sirvam-se de café e bolos, depois começamos – disse Patrik com voz solene. Todos deitaram café nas chávenas e ouviram-se murmúrios enquanto iam passando o cesto de bolos entre si. Depois ficaram novamente em silêncio.

– A meu pedido, na segunda-feira, Annika enviou um pedido de informações a nível nacional. O objetivo era indagar se havia registo de vítimas mortais que apresentassem semelhanças com os homicídios de Rasmus e de Marit.

Hanna pôs o braço no ar.

– Que dizia exatamente o pedido?

– Enviámos uma lista de pontos comuns a ambos os homicídios: a forma como as vítimas morreram e os objetos encontrados junto dos cadáveres.

O último ponto era novidade para Gösta e para Hanna, que se inclinaram para a frente em busca de esclarecimento.

– Que tipo de objetos? – perguntou Gösta.

Patrik olhou de relance para Martin e disse:

– Quando eu e Martin examinámos o conteúdo da mochila que Rasmus tinha com ele quando morreu, descobrimos algo que também foi encontrado junto de Marit. No caso dela estava ao seu lado, no assento do carro. De início não prestámos grande atenção àquilo, pois pensámos que se tratava apenas de lixo. Mas, quando encontrámos a mesma coisa na mochila. Então... – Patrik abriu os braços.

– Bem, o que era? – Gösta inclinou-se ainda mais para a frente.

– Uma página arrancada de um livro. De um livro infantil – disse Patrik.

– De um livro infantil? – repetiu Gösta com incredulidade. Hanna também parecia confusa.

– Sim, as páginas eram de *Hansel e Gretel*. A fábula dos Irmãos Grimm, claro.

– Estás a gozar – disse Gösta.

– Infelizmente, não. Mas há mais. Este dado, combinado com os pormenores que rodearam as mortes de Rasmus e de Marit, conduziram-nos a dois outros casos que podem estar relacionados com os nossos.

– Mais dois casos? – agora era Martin que parecia incrédulo.

Patrik assentiu.

– Sim, recebemos as informações esta manhã. Duas outras mortes que encaixam no padrão. Uma em Nyköping e outra em Lund.

– Mais dois casos? – Martin parecia ter dificuldade em interiorizar os factos que Patrik estava a apresentar. E Patrik compreendeu o desconcerto do colega.

– Tens a certeza de que estes quatro casos estão relacionados? – perguntou Hanna.

– Tudo isto me parece inacreditável.

– Todas as vítimas morreram exatamente da mesma forma e havia páginas arrancadas do mesmo livro junto de todos os cadáveres. Podemos presumir que os casos estão relacionados – disse secamente Patrik. – Seja como for, vamos continuar a investigação, ou investigações, com base no pressuposto de que existe uma ligação entre os casos.

Martin pôs o braço no ar.

– As outras vítimas também eram abstémias?

Patrik abanou lentamente a cabeça. Aquele era o ponto que mais o incomodava.

– Não – respondeu. – O homem que morreu em Lund era decididamente um alcoólico e quanto à vítima de Nyköping, a polícia não tem qualquer informação sobre o assunto. Portanto, acho que devemos ir até lá os dois para tentar esclarecer esse ponto.

Martin assentiu.

– Quando?

– Amanhã – respondeu Patrik. – Se ninguém tiver nada a acrescentar, talvez possamos dar a reunião por terminada e deitar mãos à obra. Se houver algo que vos pareça pouco claro, sugiro que leiam o resumo que preparei. Annika tirou cópias, por isso todos podem levar uma quando saírem.

Todos se levantaram em silêncio. Cada um pensava na amplitude da investigação com que agora se deparavam. E todos tentavam aceitar a ideia de que «assassino em série» teria de começar a fazer parte do seu vocabulário. O que nunca tinha sido necessário na história da polícia de Tanumshede.

Gösta deu meia-volta ao ouvir alguém atrás dele, à entrada.

– Martin e eu partimos amanhã. Devemos estar fora durante dois dias – disse Patrik.

– E então? – perguntou Gösta.

– Pensei que, entretanto, tu e Hanna poderiam trabalhar noutros aspectos. Verificar o processo de Marit, por exemplo. Já o li tantas vezes que acho que seria benéfico que fosse revisto por outros olhos. E façam o mesmo em relação a tudo o que tivermos sobre Rasmus Olsson. Martin começou a compilar uma lista de pessoas que possuem galgos espanhóis; seria bom se também pudéssemos continuar a trabalhar nesse aspeto. Falem com Martin esta tarde para saberem até onde é que ele

conseguiu chegar. Ora bem, que mais? Ah, sim, o repórter do *Notícias da Tarde* enviou-nos umas cópias do diário de Lillemor por fax. Também vamos receber o original, mas vem pelo correio e não podemos esperar. Eu levo uma série de cópias no carro, mas tu e Hanna também deviam dar-lhes uma vista de olhos.

Gösta assentiu com cansaço.

– Parece-me que não falta mais nada – disse Patrik. – Vamos ao trabalho. Pões Hanna a par disto tudo?

Gösta assentiu novamente. Ainda parecia mais cansado do que há dez segundos. Era uma chatice ter de trabalhar tanto. Quando a temporada de golfe começasse, já estaria exausto.

[16](#) Jogada em que o golfista acerta diretamente no buraco com uma única tacada. (*N. do T.*)

ERA À NOITE QUE SENTIA QUE O TERROR SE APODERAVA MAIS DELE. E SE VIESSEM ENQUANTO DORMIA? E SE NÃO CONSEGUISSSE ACORDAR ANTES DE SER DEMASIADO TARDE? ELE E A IRMÃ DORMIAM NO MESMO QUARTO EM CAMAS SEPARADAS. ELA COSTUMAVA IR TAPÁ-LOS QUANDO ESTAVAM DEITADOS. PUXAVA AS COBERTAS ATÉ AO QUEIXO DELES E BEIJAVA-OS NA TESTA, PRIMEIRO A ELE, EM SEGUIDA À IRMÃ. DEPOIS DE UM SUAVE «BOA NOITE» DESLIGAVA A LUZ. E TRANCAVA A PORTA. ERA NESSA ALTURA QUE O MAL CORRIA À RÉDEA SOLTA NAS SUAS MENTES. MAS TINHAM INVENTADO UMA FORMA DE CONSOLO. COM PASSOS CUIDADOSOS, ENTRAVA SORRATEIRAMENTE NA CAMA DA IRMÃ E CHEGAVA-SE MUITO A ELA DEBAIXO DAS COBERTAS. NUNCA FALAVAM, FICAVAM APENAS MUITO JUNTOS E SENTIAM O CALOR DA PELE UM DO OUTRO. TÃO PERTO QUE A RESPIRAÇÃO DOS DOIS SE TORNAVA UNA, EXALANDO AR MORNO QUE LHES ENCHIA OS PULMÕES E SE ESPALHAVA PELOS CORAÇÕES, DANDO-LHES UMA SENSACÃO DE SEGURANÇA.

ÀS VEZES FICAVAM ASSIM, ACORDADOS. CADA UM VIA O MEDO ESTAMPADO NOS OLHOS DO OUTRO, MAS NÃO VERBALIZAVAM AQUELA SENSACÃO. NESSES MOMENTOS SENTIA TANTO AMOR PELA IRMÃ QUE PENSAVA QUE IA REBENTAR. AQUILO PREENCHIA CADA CANTO DO SEU SER E FAZIA-O DESEJAR ACARICIAR CADA CENTÍMETRO DA SUA PELE. ELA ERA TÃO INDEFESA, TÃO INOCENTE, ESTAVA TÃO ASSUSTADA COM O QUE HAVIA LÁ FORA. AINDA MAIS ASSUSTADA DO QUE ELE, CUJO MEDO SE MISTURAVA COM A FALTA DO QUE QUER QUE FOSSE QUE EXISTIA DO OUTRO LADO DA PORTA. DAQUILO A QUE PODERIA TER TIDO ACESSO SE NÃO FOSSE UMA AVE DE MAU AGOIRO E SE O DESCONHECIDO NÃO ESTIVESSE LÁ FORA À ESPERA DELES.

QUANDO ESTAVA ASSIM, COM A IRMÃ NOS BRAÇOS, PERGUNTAVA A SI PRÓPRIO SE O TERROR TERIA ALGUMA COISA QUE VER COM A MULHER DA VOZ ZANGADA. ENTÃO, O SONO APODERAVA-SE DELE. E COM O SONO VINHAM AS RECORDAÇÕES.

MARTIN SEMPRE ENJOARA NAS VIAGENS DE CARRO. Apesar disso, tentava ler as páginas que tinham sido copiadas do diário de Lillemor.

– Quem é este «ele» de que Lillemor tanto fala? A pessoa que ela reconheceu? – perguntou Martin, continuando a ler para tentar descobrir mais pistas.

– Não se chega a perceber – explicou Patrik, que lera as cópias antes de saírem de Tanumshede. – Lillemor não parece ter a certeza de o ter realmente visto ou de onde o viu.

– Mas ela escreveu que o tal tipo a inquietava – disse Martin, apontando para uma passagem na página que estava a ler. – Parece-me pouco provável ter sido coincidência que Lillemor tenha sido assassinada pouco tempo depois de escrever isto.

– Sim, estou inclinado a concordar contigo – disse Patrik, acelerando para ultrapassar um camião. – Mas não há mais nenhum indício de quem o tipo seja, pelo menos no diário. Pode ser qualquer pessoa. Alguém da cidade, um dos concorrentes, alguém da equipa de produção. Apenas sabemos que é do sexo masculino – Patrik reparou que Martin tinha começado a respirar fundo. – Então, estás bem? Estás enjoado? – uma olhadela ao colega confirmou isso mesmo. As sardas vermelhas de Martin reluziam-lhe no rosto, que estava ainda mais branco do que era costume, e o jovem agente arfava em busca de ar.

– Queres que abra uma janela? – perguntou Patrik, apreensivo. Estava preocupado com Martin e também não queria de todo conduzir até Lund num carro a tresandar a vomitado. Martin assentiu; por isso, Patrik carregou no botão para abrir a janela do lado do passageiro. Martin inclinou-se contra a porta, inspirando avidamente, embora o ar estivesse misturado com gases do tubo de escape e não lhe tivesse proporcionado tanto alívio como esperara.

Sete horas mais tarde, o carro onde seguiam os dois agentes virou na direção do parque de estacionamento da esquadra de Lund. Patrik e Martin tinham as pernas dormentes e as costas doridas. Não se tinham permitido mais do que uma breve pausa para irem à casa de banho e esticar as pernas, pois estavam ambos ansiosos pelo que a reunião com o superintendente Kjell Sandberg poderia produzir. Apenas tiveram de esperar alguns minutos na receção, pois o superintendente não tardou a descer as escadas. Estava de folga nesse sábado; porém, depois do telefonema de Patrik, concordara prontamente em ir ter com eles à esquadra.

– Fizeram boa viagem? – perguntou Kjell Sandberg, começando logo a andar à frente deles com passo ligeiro. Era um homem muito baixo – não devia medir mais

de um metro e sessenta, calculou Patrik –, mas parecia compensar a sua baixa estatura com uma energia imensa. Quando falava, utilizava todo o corpo e gesticulava exuberantemente. Martin e Patrik tiveram dificuldade em acompanhá-lo, pois o homem quase corria. A marcha rápida conduziu-os a uma sala de convívio e Kjell fez um gesto para indicar aos dois agentes que entrassem primeiro.

– Pensei que podíamos ter a nossa reunião aqui em vez de a fazermos no meu gabinete – disse Kjell, apontando para uma mesa sobre a qual repousava uma pilha de ficheiros. O primeiro estava rotulado «Börje Knudsen». Conforme Patrik ficara a saber no dia anterior, aquele era o nome da terceira vítima, ou segunda, se tivessem em conta a ordem cronológica das ocorrências. Sentaram-se e Kjell empurrou o maço de ficheiros na direção de Patrik. – Ontem, passei o dia inteiro a reler todas as informações de que dispomos. Tenho de admitir que comecei a ver o caso com outros olhos depois de termos recebido o vosso pedido – Kjell abanou a cabeça com pesar, em jeito de pedido de desculpa

– Quer dizer que à data da ocorrência, há seis anos, a morte de Knudsen não vos despertou suspeitas? Não tiveram a sensação de que algo não batia certo? – perguntou Patrik, tendo o cuidado de não empregar um tom acusatório.

Kjell abanou novamente a cabeça. O seu enorme bigode subia e descia comicamente quando falava.

– Não, não achámos realmente que houvesse qualquer problema em relação à morte de Börje. Têm de compreender que Börje era um daqueles alcoólicos inveterados que um dia acabamos por encontrar mortos por aí. Já tinha estado a ponto de matar-se a beber por várias vezes, mas conseguiu sempre safar-se. Daquela vez pensámos que... Bem, enganámo-nos, pura e simplesmente – disse Kjell, abrindo os braços. Tinha uma expressão contristada no rosto.

Patrik assentiu de forma tranquilizadora.

– Julgo que o vosso erro é perfeitamente compreensível, dadas as circunstâncias. Também chegámos a pensar que o nosso homicídio tinha sido um acidente – a confissão de Patrik pareceu aplacar um pouco a angústia de Kjell.

– O que foi que vos motivou a responder ao nosso pedido? – perguntou Martin, tentando não olhar fixamente para o bigode oscilante do superintendente. Ainda estava pálido em consequência da viagem de carro e tinha comido umas quantas bolachas digestivas. Aquilo ajudara um pouco. Normalmente, depois de uma longa viagem de carro, Martin costumava demorar cerca de uma hora a recompor-se.

Kjell não respondeu logo. Começou a vasculhar por entre a pilha de ficheiros em busca de algo. Depois retirou um, que abriu e colocou à frente de Patrik e de Martin.

– Vejam isto. Estas são as fotografias que tirámos a Börje quando o encontrámos. O cadáver esteve cerca de uma semana no apartamento; portanto, estas imagens não são nada agradáveis. Ninguém deu por nada até o corpo ter começado a cheirar mal

– explicou. Era realmente um espetáculo horrendo. Mas o que lhes despertou a atenção foi algo que Börje tinha na mão. Parecia uma folha amarrotada. Quando passaram as fotografias viram um grande plano da folha, que tinha sido retirada da mão de Börje e alisada. Era uma página de um livro que Patrik e Martin já conheciam bem. *Hansel e Gretel*, dos Irmãos Grimm. Os agentes entreolharam-se e Kjell disse: – Sim, isto é mais do que mera coincidência. E eu recordo-me deste pormenor, porque achámos muito estranho que Börje estivesse a segurar a página de um livro infantil. Ele nem sequer tinha filhos.

– Ainda tem a página? – Patrik conteve a respiração e sentiu o corpo retesar-se de expectativa. Kjell nada disse, mas um sorriso começou a esboçar-se nas commissuras dos lábios do superintendente quando pegou num saco de plástico que havia colocado numa cadeira ao seu lado.

– Uma mistura de sorte e perícia – disse Kjell com um sorriso.

Patrik pegou reverentemente no saco de plástico e estudou o conteúdo. Depois entregou-o a Martin, que também examinou a página com excitação.

– Então e o resto? Os ferimentos e a forma como morreu? – perguntou Patrik, tentando estudar as fotos do cadáver de Börje mais pormenorizadamente. Julgou ter distinguido sombras azuladas em torno da boca, mas o cadáver estava de tal forma decomposto que era difícil perceber ao certo.

– Infelizmente, não possuímos informações acerca das lesões. Como eu referi, o estado do cadáver nem sequer teria permitido que o autopsiassem. Além disso, Börje apresentava constantemente feridas no corpo; portanto, será que teríamos feito as coisas de outra forma mesmo se... – a voz sumiu-se e Patrik compreendeu o que o superintendente quis dizer. Börje era um alcoólico que se envolvia frequentemente em brigas. O facto de parecer ter bebido até à morte nunca teria motivado uma investigação mais aprofundada.

– Mas a vítima apresentava uma grande quantidade de álcool no sangue, não é verdade?

Kjell assentiu e o bigode saltitou.

– Sim, tinha uma taxa de alcoolemia anormalmente elevada, mas a sua tolerância ao álcool aumentara com o passar dos anos. A conclusão do patologista forense foi que Börje tinha simplesmente bebido uma garrafa inteira e morrido de intoxicação etílica aguda.

– A vítima tinha parentes com quem possamos falar?

– Não, Börje não tinha ninguém. As únicas pessoas com quem contactava eram os nossos agentes e os companheiros de bebedeira. Além das pessoas com quem se cruzava durante as suas estadas na prisão.

– Qual era o motivo das detenções?

– Oh, uma série deles. A lista está aqui, nesta pasta. E tem as datas das

ocorrências. Houve agressões, ameaças, condução sob efeito do álcool, homicídio involuntário e assaltos. Enfim, de tudo um pouco. Parece-me que Börje passou mais tempo dentro do que fora.

– Posso levar este material comigo? – perguntou Patrik, fazendo figas.

Kjell assentiu.

– Sim, a ideia era essa. Não hesitem em telefonar-nos se precisarem de mais informações. Vou encarregar-me de fazer umas perguntas por aí, para ver se descobrimos mais alguma coisa que possa ajudar-vos.

– Estamos-lhe muito gratos por estes dados – disse Patrik quando ambos se levantaram e se prepararam para partir.

A caminho da saída, Patrik e Martin tiveram de apressar-se para conseguirem acompanhar a passada de Kjell.

– Regressam esta noite? – perguntou o superintendente quando chegaram à entrada principal da esquadra.

– Não, reservámos um quarto aqui, no Scandic. Para podermos consultar o material sem pressas antes da nossa próxima paragem, amanhã.

– Em Nyköping? – de repente, Kjell ficou muito sério. – Não é muito comum que um assassino ataque numa área tão vasta.

– Pois não – disse Patrik com o mesmo ar grave. – Não é muito comum. Nada comum, mesmo.

– O que é que preferes? Localizar os cachorros ou rever o dossiê de Marit? – Gösta não conseguia esconder a frustração perante as tarefas para as quais tinham sido arrastados. E Hanna também não estava propriamente exultante. Provavelmente, a colega estivera desejosa que chegasse sábado, para poder passar uma manhã descansada em casa, na companhia do marido. Mas Gösta tinha de admitir que dificilmente haveria melhor motivo para fazer horas extraordinárias do que aquele. Uma investigação envolvendo cinco homicídios não era propriamente a rotina diária da esquadra.

Gösta e Hanna tinham-se instalado à mesa da cozinha para dar conta das tarefas que Patrik lhes confiara, mas nenhum dos dois estava minimamente entusiasmado. Gösta observava Hanna, que se servia de café junto da bancada. A colega estava longe de ser gorda quando começou a trabalhar na esquadra; porém, mais do que elegante, estava agora completamente esquelética. Gösta perguntou a si próprio como seria a vida familiar de Hanna. Ultimamente, a sua expressão parecia tensa, quase atormentada. Talvez ela e o marido não pudessem ter filhos, especulou. Hanna tinha quarenta anos e ainda não tinha descendentes. Gostava de poder oferecer-se para escutar os desabafos da colega, mas tinha a sensação de que tal proposta não seria bem recebida. Hanna afastou para trás uma madeixa do seu cabelo louro. De

repente, Gösta sentiu que havia tanta vulnerabilidade, tanta incerteza por detrás daquele gesto tão simples. Hanna Kruse era realmente uma mulher cheia de contradições. Aparentemente era forte e corajosa; porém, por breves momentos e através de determinados gestos, Gösta conseguia vislumbrar algo completamente diferente, algo... que tinha deixado de funcionar. Não encontrava melhor forma de descrever o que sentia. Mas, quando Hanna se voltou para olhar para ele, Gösta questionou-se se não estaria a tirar conclusões precipitadas. A expressão de Hanna era hermética. Não havia indício de qualquer fraqueza.

– Eu fico com a documentação sobre Marit – disse Hanna quando se sentou. – E tu ficas com os cães, está bem? – perguntou, olhando para Gösta por cima da borda da chávena.

– Por mim, tudo bem. Eu disse-te que podias escolher.

Hanna sorriu e o modo como o sorriso lhe suavizou o rosto deixou Gösta ainda com mais dúvidas acerca das suas especulações.

– É uma pena termos de fazer este trabalho, não achas. Gösta? – perguntou Hanna, lançando-lhe uma piscadela.

Gösta não pôde deixar de lhe retribuir o sorriso. Afastou as cogitações acerca da vida familiar de Hanna e decidiu simplesmente desfrutar da companhia da nova colega.

– Certo, eu encarrego-me dos rafeiros – disse Gösta, levantando-se.

– Grrr – respondeu Hanna, dando uma gargalhada. Depois, começou a folhear o processo de Marit.

– Soube que viveram aqui alguns momentos dramáticos – disse Lars, lançando um olhar severo aos concorrentes sentados em semicírculo à sua volta. Ninguém disse nada. O psicólogo insistiu: – Alguém pode fazer o favor de tentar explicar-me o que aconteceu?

– Tina esteve a fazer figura de parva – murmurou Jonna.

Tina lançou-lhe um olhar assassino.

– Uma merda é que estive! – a rapariga percorreu o grupo com os olhos. – Estão mas é com inveja por terem tido a mesma ideia que eu e não terem conseguido encontrar o diário!

– Nunca teria feito uma coisa tão desprezível – disse Mehmet, olhando para as biqueiras dos sapatos. Tinha andado invulgarmente calado nos últimos dias. Lars voltou a sua atenção para o rapaz.

– Como tens passado, Mehmet? Pareces bastante em baixo.

– Não é nada – disse Mehmet, continuando a olhar intensamente para os sapatos. Lars lançou-lhe um olhar interrogativo. Mas não o pressionou. Mehmet parecia relutante em partilhar os seus sentimentos. Talvez as coisas corressem melhor na

sessão individual. Lars regressou a Tina.

– O que é que estava escrito no diário que te perturbou tanto? – perguntou afavelmente Lars. Tina passou a mão pelos lábios com o polegar e o indicador juntos, imitando um fecho de correr. – Que foi que te levou a sentir que tinhas o direito de expor Barbie... Lillemor daquela forma.

– Ela escreveu no diário que Tina não tem talento nenhum – disse Calle, solícito. O ambiente entre ele e Tina tinha piorado bastante desde a discussão no Gestgifveri, e Calle aproveitou de bom grado a oportunidade para a atacar. O comentário que Tina lhe arremessara ainda doía; por isso, a voz de Calle ainda estava repleta de insinuações maldosas. O que mais desejava era magoá-la. – E não podes culpar Barbie – acrescentou friamente o rapaz. – Ela estava apenas a constatar um facto.

– Cala-te, cala-te, cala-te! – guinchou Tina, espalhando saliva em redor.

– Vamos todos acalmar-nos – disse Lars num tom áspero. – Lillemor fez um comentário depreciativo sobre ti no diário, por isso sentiste-te no direito de difamar a memória dela – Lars lançou um olhar severo a Tina, que evitou os olhos do psicólogo. Dito daquela forma, a sua atitude soava tão... maldosa e desagradável.

– Barbie escreveu sobre todos vós – disse Tina, olhando para os restantes elementos do grupo, na esperança de desviar algum do descontentamento de Lars. – Escreveu que tu eras um fedelho rico e mimado, Calle. E disse que tu, Uffe, eras uma das pessoas mais estúpidas que alguma vez conhecera e que Mehmet era tão inseguro e estava tão preocupado em contrariar a família que não devia ir muito longe na porra da vida! – Tina fez uma pausa, mas depois virou-se para Jonna. – E tu... Barbie disse que era tão patético continuares a cortar-te dessa maneira. Ela não poupou ninguém. Agora já sabem. Ainda há alguém que ache que devemos «honrar a memória de Barbie» ou essas porras que Lars tem estado para aí a dizer? Caso se sintam culpados pelas merdas todas que lhe disseram na festa, esqueçam! Barbie teve o que merecia! – Tina arremessou o cabelo para trás, desafiando quem quer que fosse a contradizê-la.

– Ela também mereceu morrer? – perguntou calmamente Lars.

Fez-se silêncio na sala. Tina roeu nervosamente uma unha. Depois levantou-se bruscamente e correu para fora da sala. Todos a seguiram com o olhar.

* * *

A estrada estendia-se à frente deles, interminável. Patrik começava a ficar exausto de tanto conduzir. Virou a cabeça para olhar para o colega, que estava sentado no lugar do condutor. Martin oferecera-se para guiar, na esperança de assim poder controlar o enjoo. Até ao momento tinha resultado e faltavam menos de cem quilómetros para chegarem a Nyköping. Martin bocejou e Patrik imitou-o logo a seguir. Ambos deram uma gargalhada.

– Julgo que nos devíamos ter deitado mais cedo – disse Patrik.
– Pois, parece que sim. Mas havia tanto material para consultar.
– Podes crer – retorquiu Patrik. Tinham passado a noite no quarto de Patrik a ler e reler os dados acerca do caso ocorrido em Lund. Martin só fora para o seu quarto de madrugada. E depois tinham demorado mais uma hora a adormecer, tantos eram os pensamentos e as pontas soltas que lhes rodopiavam no cérebro.

– Como se tem sentido Pia? – perguntou Patrik para mudar de assunto.

– Ótima! – Martin alegrou-se. – Os enjoos matinais foram-se. Na verdade, Pia sente-se incrivelmente bem. Estou muito entusiasmado, mal posso esperar!

– Pois, eu conheço a sensação – Patrik estava a pensar em Maja. Tinha tantas saudades de estar em casa com a filha e com Erica que doía.

– Vão querer saber se é menino ou menina? – perguntou Patrik quando saíram da autoestrada para apanhar a estrada para Nyköping.

– Bem, ainda não sei. Mas não me parece – respondeu Martin, muito atento às placas de sinalização. – Como foi que tu e Erica fizeram? Souberam antecipadamente?

– Não. Pareceu-nos que isso era estar a fazer batota. Queríamos que fosse surpresa. E, quando se tem o primeiro filho, não é muito importante ser menino ou menina. Mas gostaríamos que o nosso segundo filho fosse um rapaz. Para termos um caszinho.

– Não estão a pensar... – Martin virou-se para Patrik.

– Não, não, claro que não – respondeu Patrik com uma gargalhada. – Por enquanto não, graças a Deus. Foi muito difícil habituarmo-nos ao dia a dia com a nossa filha. Mas talvez daqui a uns tempos...

– Que pensa Erica disso? Tendo em conta a trabalhadeira que teve com Maja... – Martin calou-se, sem saber se era apropriado mencionar aquele assunto.

– Na verdade não falámos acerca disso. Se calhar presumi simplesmente que teríamos dois filhos – disse Patrik, pensativo. – Bem, cá estamos, finalmente – afirmou, satisfeito por poder pôr um fim àquela conversa.

Tinham as pernas rígidas quando saíram do carro e estiraram-se um pouco antes de entrar na esquadra. Aquela rotina começava a parecer-lhes familiar, pelo menos a Patrik. Era a terceira vez em pouco tempo que visitava uma nova esquadra numa nova cidade. Quando conheceram quem chefiava a esquadra de Nyköping, Patrik ficou novamente impressionado com a composição heterogénea da polícia sueca. E nunca conhecera nenhuma pessoa cuja aparência divergisse tanto da imagem mental que dela formara com base num nome. Para começar, Gerda Svensson era muito mais nova do que Patrik julgara, pois teria cerca de trinta e cinco anos. E, apesar do seu nome genuinamente sueco, a pele de Gerda tinha a mesma cor e o mesmo brilho que o mogno escuro. Era uma mulher de uma beleza surpreendente. Patrik

apercebeu-se de que ficara especado a olhar para ela, boquiaberto como um peixe. Um olhar de relance a Martin mostrou que o colega também estava a fazer figura de parvo. Patrik deu uma cotovelada a Martin e estendeu a mão à superintendente Svensson.

– Os meus colegas estão à nossa espera na sala de reuniões – disse Gerda Svensson, tomando a dianteira do grupo. A voz da superintendente era profunda e suave ao mesmo tempo e era extremamente agradável ao ouvido. Patrik sentiu que tinha dificuldade em tirar os olhos dela.

Não disseram nada enquanto se dirigiam à sala de reuniões. O único som que se ouvia era o ressoar das solas dos sapatos contra o chão. Quando entraram na sala, dois homens levantaram-se e aproximaram-se deles para os cumprimentar. Um deles estava na casa dos cinquenta e era baixo e atarracado, mas tinha um olhar inteligente e um sorriso caloroso. Apresentou-se como Konrad Meltzer. O outro, um homem alto e corpulento de cabelo louro, teria sensivelmente a mesma idade de Gerda. Patrik não pôde deixar de pensar que formavam um casal impressionante. Quando o homem se apresentou como Rickard Svensson, Patrik apercebeu-se de que a sua intuição estava certa. Gerda e Rickard eram casados.

– Julgo saber que possuem dados relevantes relativos a um homicídio que ocorreu na nossa zona e que permanece por solucionar – disse Gerda, sentando-se entre Konrad e o marido. Nenhum dos homens pareceu importar-se de que fosse ela a conduzir a conversa. – Fui eu quem liderou a investigação da morte de Elsa Forsell – disse Gerda como se tivesse lido a mente de Patrik. – Konrad e Rickard trabalharam comigo na equipa e investimos muitas horas nesta investigação. Infelizmente, chegámos a um ponto em que não conseguimos avançar mais. Até ter chegado o vosso pedido de informações, anteontem.

– Soubemos imediatamente que o vosso caso estava relacionado com o nosso quando lemos a parte referente à página do livro – disse Rickard, cruzando as mãos sobre a mesa. Patrik não pôde deixar de pensar como seria ter a mulher como chefe. Embora Patrik se considerasse um homem evoluído, teria tido dificuldade em aceitar que Erica fosse sua superior. Por outro lado, Erica também não teria gostado de o ter como chefe.

– Rickard e eu casámos depois de a investigação ter sido concluída. Trabalhamos em unidades diferentes desde então – Gerda olhou para Patrik, que se sentiu a corar. Perguntava a si próprio se Gerda conseguiria realmente ler-lhe o pensamento, mas depois apercebeu-se de que provavelmente não era assim tão difícil imaginar o que lhe estava a passar pela cabeça. Sem dúvida que não fora o primeiro a ter a mesma ideia.

– Onde foi encontrada a página do livro? – perguntou Patrik para mudar de assunto. Um leve sorriso esboçou-se nos lábios da superintendente, assinalando que

Gerda tinha percebido que Patrik captara a mensagem, mas foi Konrad quem respondeu.

– Estava enfiada numa Bíblia, junto do cadáver de Elsa.

– E onde foi descoberto o cadáver?

– No apartamento dela. Por um membro da comunidade religiosa a que pertencia.

– Comunidade religiosa? – repetiu Patrik. – Que tipo de comunidade?

– A Cruz da Virgem Maria – respondeu Gerda. – É uma comunidade católica.

– Católica? – exclamou Martin. – A vítima era natural de algum país do Sul da Europa?

– Também há católicos na Escandinávia – explicou Patrik, um pouco envergonhado pela ignorância de Martin. – A religião católica é praticada por todo o planeta e existem vários milhares de católicos aqui na Suécia.

– Exatamente – retorquiu Rickard. – Na verdade, existem cerca de cento e sessenta mil católicos na Suécia. Elsa pertencia a essa congregação há muitos anos. A comunidade era praticamente a família dela.

– Não tinha parentes? – perguntou Patrik.

– Não, não conseguimos encontrar nenhum familiar – respondeu Gerda. – Interrogámos vários membros da tal comunidade para tentar descobrir se havia algum problema no seu seio, algo que pudesse ter conduzido ao homicídio de Elsa. Mas não conseguimos saber nada.

– Se quiséssemos falar com alguém da comunidade que fosse próximo de Elsa, quem seria essa pessoa? – Martin ergueu a esferográfica, preparado para tomar notas.

– O padre, sem dúvida. O padre Silvio Mancini. Este sim é do Sul da Europa – Gerda piscou o olho a Martin, que corou.

– Julgo saber que a vítima de Tanumshede também apresentava indícios de ter sido amarrada, não é verdade? – Rickard dirigiu a pergunta a Patrik.

– Sim, é verdade. O nosso patologista forense encontrou marcas de cordas nos braços e nos pulsos. Esse foi um dos motivos que vos levou a classificar imediatamente a morte de Elsa como homicídio?

– Sim – Gerda extraiu uma fotografia de uma pasta e fê-la deslizar sobre a mesa até Patrik e Martin. Poucos segundos bastaram para ambos verem que as marcas de cordas eram bastante evidentes. Não havia qualquer dúvida de que Elsa Forsell tinha sido amarrada. Patrik também reconheceu as estranhas marcas azuladas em torno da boca da vítima.

– Também encontraram resíduos de fita adesiva? – Patrik olhou para Gerda, que assentiu.

– Sim, encontrámos cola de fita adesiva castanha, daquela mais comum – Gerda aclarou a garganta. – Estamos muito interessados em ver todos os dados que

possuem relativamente aos outros homicídios. Claro que partilharemos tudo o que temos. Sei bem que às vezes há alguma rivalidade entre distritos policiais, mas esperamos sinceramente que possamos todos colaborar e manter abertos os canais de comunicação entre nós – aquilo não era um apelo, antes uma mera constatação. Patrik assentiu sem hesitar.

– Com certeza. Precisamos de toda a ajuda que conseguirmos. Incluindo a vossa. Portanto, claro que vamos partilhar as cópias de todo o material que tivermos. E manter-nos-emos em contacto por telefone.

– Ótimo – disse Gerda.

Patrik não pôde deixar de reparar na olhadela de admiração que o marido lançou a Gerda. O respeito de Patrik por Rickard Svensson cresceu. Só um homem como deve ser é que sabia dar valor a uma mulher que tinha subido mais alto na hierarquia do que ele.

– Sabem onde podemos localizar o padre Mancini? – perguntou Martin quando se levantaram e se prepararam para sair.

– As instalações da Cruz da Virgem Maria ficam na Baixa – Konrad anotou a morada e entregou a folha a Martin. Também lhes forneceu indicações para chegarem ao local.

– Depois de falarem com o padre Silvio, podem passar outra vez por cá para levar o ficheiro com todo o material que vamos deixar na receção – disse Gerda enquanto apertava a mão a Patrik. – Vou dar ordem para que fotocopiem tudo o que temos sobre o caso.

– Obrigado pela vossa ajuda – disse Patrik. E o agradecimento era sentido. A colaboração entre distritos, como Gerda salientara, nem sempre era do agrado da polícia; portanto, Patrik estava muito satisfeito por aquela investigação estar a seguir um caminho diferente.

– Quando vais parar com essas parvoíces? – Jonna fechou os olhos. A voz da mãe ao telefone era sempre tão severa, tão acusadora. – Estive a falar com o teu pai e achamos que é uma irresponsabilidade da tua parte perder tempo com isso. E também temos de pensar na nossa reputação no hospital; tens de capacitar-te de que também estás a ridicularizar-nos!

– Logo vi que esta conversa também tinha que ver com o hospital – resmungou Jonna.

– Que disseste? Tens de falar mais alto para eu conseguir perceber o que estás a dizer, Jonna. Tu já tens dezanove anos e tens de aprender a expressar-te condignamente. E, deixa que te diga que eu e o teu pai ficámos muito perturbados com estes artigos que têm aparecido nos jornais nos últimos dias. As pessoas começam a questionar que espécie de pais é que nós somos. E acredita que fizemos

o nosso melhor. Mas o pai e eu temos uma missão muito importante para cumprir e tu já tens idade para perceber isso, Jonna. Tens de mostrar mais respeito pelo nosso trabalho. Sabes, ontem operei um rapazinho russo que tinha um problema cardíaco grave. No país onde nasceu não quiseram operá-lo, mas *eu* consegui ajudá-lo. Graças a mim, o menino vai sobreviver e ter qualidade de vida! Julgo que devias mostrar-te um pouco mais humilde perante a vida, Jonna. Tiveste sempre tudo facilitado. Alguma vez te negámos o que quer que fosse? Sempre tiveste roupa para vestir, um teto e comida na mesa. Pensa em todas as crianças que nem sequer tiveram metade, ou melhor, um décimo do que tu tens tido. Coitadinhos, dariam tudo para estar no teu lugar. E não fariam esses disparates que vocês fazem nem se magoariam a si próprios. Pois é, Jonna, acho que estás a ser egoísta. Já é tempo de cresceres. O teu pai e eu achamos que...

Jonna desligou e, com as costas contra a parede, deixou-se deslizar lentamente para o chão até ficar sentada. A ansiedade cresceu sem cessar até parecer querer saltar-lhe pela garganta. Preenchia cada recanto do seu corpo, fazendo-a sentir-se prestes a explodir. Pela enésima vez, Jonna foi subjugada pela sensação de não ter para onde ir, para onde fugir. Com mãos trémulas, extraiu a lâmina de barbear que sempre guardava na carteira. Os dedos tremiam-lhe tanto que Jonna deixou cair a lâmina no chão. Soltando um palavrão, a rapariga tentou apanhá-la. Cortou várias vezes os dedos até conseguir recuperá-la e depois fê-la descer lentamente ao longo do lado de dentro do antebraço direito. Profundamente concentrada, Jonna olhou para a lâmina de barbear enquanto a baixava na direção da pele cicatrizada e macerada. Parecia uma paisagem lunar de carne alternadamente branca e cor-de-rosa, sulcada por pequenos rios vermelhos. Quando as primeiras gotas de sangue brotaram, Jonna sentiu a ansiedade a diminuir. Pressionou a lâmina com mais força e o regato tornou-se uma torrente vermelha e palpitante. Jonna observava aquilo com uma expressão de alívio estampada no rosto. Ergueu a lâmina e traçou um novo rio entre as cicatrizes. Depois, levantou a cabeça e sorriu para a câmara. Quase parecia feliz.

– Procuramos o padre Silvio Mancini – Patrik mostrou o distintivo à mulher que abriu a porta. Esta afastou-se e chamou:

– Silvio! Estão aqui uns polícias para falar contigo!

Um homem de cabelo branco, envergando uns *jeans* e uma camisola aproximou-se deles. Patrik imaginara que o padre iria aparecer de sotaina e não vestido com roupa normal. Era evidente que os padres não andavam sempre de sotaina, mas Patrik demorou alguns segundos a recompor-se da surpresa.

– O meu nome é Patrik Hedström e este é o agente Martin Molin – disse Patrik, apontando para o colega.

O padre assentiu e conduziu-os a um sofá. A sala era pequena, mas estava bem cuidada e possuía muitos dos atributos que Patrik, como leigo, associava ao catolicismo, tais como gravuras da Virgem Maria e um grande crucifixo. A mulher que lhes abrira a porta trouxe café e bolos. O padre Silvio agradeceu-lhe calorosamente. A mulher retribuiu-lhe o sorriso, mas retirou-se logo em seguida. O clérigo dirigiu a sua atenção para os dois agentes e perguntou-lhes num sueco perfeito, embora com um inquestionável sotaque italiano:

- Que posso fazer para ajudar a polícia?
- Gostaríamos de fazer-lhe umas perguntas sobre Elsa Forsell.

O padre Silvio suspirou.

– Tinha esperança de que mais cedo ou mais tarde a polícia descobrisse uma pista. Embora acredite fervorosamente nas chamas do purgatório, preferia que o assassino recebesse o seu castigo ainda nesta vida – o padre sorriu, revelando sentido de humor e empatia ao mesmo tempo. Patrik ficou com a sensação de que ele e Elsa tinham sido muito próximos, o que foi confirmado pelo comentário seguinte de Silvio: – Elsa foi uma boa amiga durante muitíssimos anos. Envolvia-se muito no trabalho da nossa comunidade e, além disso, eu era o seu confessor.

– Elsa foi criada como católica?

– Não, nada disso – respondeu o padre Silvio com uma gargalhada. – Poucas pessoas o são na Suécia, a menos que a família tenha emigrado de um país católico. Mas Elsa veio a uma das nossas celebrações e, sim, creio que sentiu que tinha encontrado aqui o seu lar. Elsa era... uma alma magoada, chamemos-lhe assim. Estava em busca de algo e acreditava que o tinha encontrado entre nós.

– E de que estava ela à procura? – perguntou Patrik. Toda a postura do padre indicava que era um homem profundamente compassivo, um homem que irradiava calma e paz. Um verdadeiro homem de Deus.

O padre Silvio ficou em silêncio durante algum tempo antes de responder. Parecia querer medir bem as palavras. Por fim, olhou para Patrik nos olhos e disse:

– De perdão.

– De perdão? – perguntou Martin.

– De perdão – repetiu calmamente o padre Silvio. – É o que todos nós procuramos, a maior parte sem o saber. Perdão pelos nossos pecados, pelos nossos falhanços, pelas nossas limitações e erros. Perdão por coisas que fizemos... e por coisas que não fizemos.

– E por que motivo o buscava Elsa Forsell? – perguntou Patrik em voz baixa, olhando intensamente para o padre.

Por momentos, parecia que Silvio estava prestes a contar-lhes algo. Depois, baixou os olhos e disse:

– A confissão é sagrada. Além disso, que importa o motivo? Todos temos alguma

coisa pela qual ser perdoados.

Patrik sentiu que havia algo mais por detrás das palavras do padre, mas estava suficientemente bem informado sobre o voto de silêncio de um confessor para saber que de nada adiantava tentar pressioná-lo.

– Durante quanto tempo é que Elsa pertenceu à vossa comunidade? – perguntou Patrik.

– Durante dezoito anos – respondeu o padre Silvio. – Como já disse, tornámo-nos muito amigos ao longo do tempo.

– Sabe se Elsa tinha inimigos? Alguém lhe quis fazer mal?

O padre hesitou novamente e depois abanou a cabeça.

– Não, desconheço o que quer que seja nesse sentido. Elsa só nos tinha a nós, não tinha amigos nem inimigos. Nós éramos a sua família.

– Isso é habitual? – Martin não conseguiu esconder o tom cético da sua voz.

– Percebo o que está a pensar – disse calmamente o homem de cabelo grisalho. – Não, nós não temos tais normas exclusivistas nem há esse tipo de restrições para os nossos fiéis. A maior parte deles tem família e amigos. Somos como qualquer outra comunidade cristã. Mas Elsa apenas nos tinha a nós.

– Agora deixe-me perguntar-lhe uma coisa em relação à forma como Elsa morreu – disse Patrik. – Como sabe, alguém a obrigou a ingerir uma grande quantidade de álcool. Qual era a atitude dela face às bebidas alcoólicas?

Patrik julgou ter detetado novamente uma hesitação, uma relutância em falar; porém, em vez disso, o padre esboçou um sorriso e disse:

– Bem, Elsa era provavelmente como a maior parte das pessoas. Bebia um copo ou outro de vinho de vez em quando, ao sábado à noite. Mas nunca em excesso. Não, eu diria que ela tinha uma atitude bastante normal quanto às bebidas alcoólicas. A propósito, ensinei-a a apreciar vinhos italianos e, de vez em quando, fazíamos aqui provas. Era uma iniciativa muito popular.

Patrik ergueu uma sobrancelha. Decididamente, o padre católico surpreendia-o.

Depois de fazer uma pausa para ponderar se tinha mais perguntas, Patrik colocou o seu cartão-de-visita sobre a mesa.

– Caso se lembre de mais alguma coisa ligue-nos, está bem?

– Tanumshede – disse o padre Mancini ao ler o cartão. – Onde fica?

– Na costa ocidental – respondeu Patrik. – Entre Strömstad e Uddevalla.

Patrik reparou com espanto que o rosto do padre Mancini ficou sem pinga de sangue. Por um momento, o clérigo pareceu mais pálido do que Martin ficara no dia anterior, durante a viagem para Lund. Depois, o padre recuperou a compostura e assentiu laconicamente. Perplexos, Patrik e Martin despediram-se, ambos com a sensação de que o padre Silvio Mancini sabia bastante mais do que lhes tinha revelado.

Na esquadra reinava a expectativa. Estavam todos ansiosos por saber o que Patrik e Martin tinham descoberto durante a excursão do fim de semana. Patrik tinha conduzido diretamente para a esquadra, no regresso de Nyköping, e passara duas horas a preparar-se para a reunião. As paredes do gabinete estavam cobertas de fotografias e notas e Patrik tinha escrito comentários e desenhado setas aqui e ali. Parecia caótico, mas Patrik não tardaria a pôr ordem naquela confusão.

Depois de todos terem entrado não restou muito espaço no gabinete, mas Patrik não quisera afixar o material da investigação em nenhum outro sítio; portanto, era ali que tinham de reunir-se. Martin foi o primeiro a chegar e sentou-se ao fundo. Depois chegaram Annika, Gösta, Hanna e Mellberg. Ninguém disse nada, pois todos inspecionavam o material afixado nas paredes com fita adesiva. Cada um deles tentava descobrir o fio condutor que os levaria ao assassino.

– Como sabem, Martin e eu visitámos duas cidades este fim de semana: Lund e Nyköping. Ambas as esquadras nos contactaram por terem casos que encaixavam nos critérios que definimos com base nos homicídios de Marit Kaspersen e Rasmus Olsson. A vítima de Lund – Patrik virou-se para apontar para uma fotografia na parede – chamava-se Börje Knudsen. Tinha cinquenta e dois anos e era um alcoólico inveterado. Foi encontrado morto no seu apartamento. Estava morto há tanto tempo que, infelizmente, foi impossível encontrar quaisquer vestígios do tipo de ferimentos que documentámos nas demais vítimas. Por outro lado – Patrik fez uma pausa para beber um pouco de água de um copo pousado na secretária –, a vítima tinha isto na mão – afirmou, apontando para o saco de plástico preso à parede por um pionés que estava junto da foto e continha a página do livro infantil.

Mellberg pôs o braço no ar.

– O LNCF chegou a dizer-nos se havia impressões digitais nas páginas que encontrámos junto de Marit e de Rasmus?

Patrik ficou espantado por o chefe estar tão atento, ao contrário do que era habitual.

– Sim, eles responderam-nos e devolveram-nos as páginas – Patrik apontou para as páginas afixadas junto das fotos de Marit e de Rasmus. – Infelizmente, não havia nelas quaisquer impressões digitais. A página encontrada junto de Börje nunca foi examinada e vai ser hoje enviada para o LNCF. A página do livro encontrada junto da vítima de Nyköping, Elsa Forsell, foi examinada no decurso da investigação, mas o resultado foi negativo.

Mellberg assentiu manifestando que tinha ficado satisfeito com a resposta.

Patrik prosseguiu:

– A morte de Börje foi classificada como acidental; a polícia pensava que a vítima

tinha morrido em consequência de uma bebedeira. Contudo, a morte de Elsa Forsell foi investigada como homicídio pelos nossos colegas de Nyköping, mas nunca foi descoberta a identidade do autor do crime.

– Havia algum suspeito? – perguntou Hanna. Parecia decidida e concentrada, embora um pouco pálida. Patrik temia que a colega pudesse adoecer. Não se podia dar ao luxo de perder pessoal na situação em que se encontravam.

– Não, não havia suspeitos. A vítima só se dava com os membros da sua comunidade religiosa e ninguém parece ter tido problemas com ela. Elsa Forsell também foi morta no seu próprio apartamento – Patrik apontou para a fotografia tirada no local do crime – e, dentro da Bíblia que foi encontrada junto do cadáver, estava isto – acrescentou, movendo o dedo para apontar para a página de *Hansel e Gretel*.

– Que raio de louco é que se lembraria de uma coisa destas? – comentou Gösta, incrédulo. – Que tem este conto para crianças que ver com o que quer que seja?

– Não faço ideia, mas algo me diz que temos aqui a chave desta investigação.

– Esperemos que a imprensa não saiba disto – resmungou Gösta. – Senão, não iam tardar a chamar ao criminoso «o assassino Hansel e Gretel», tendo em conta a fixação que os jornais têm de dar alcunhas aos homicidas.

– Bem, julgo que não preciso de salientar a importância de não haver quaisquer fugas de informação para a imprensa – disse Patrik, evitando cuidadosamente o olhar de Mellberg. Embora fosse o seu chefe, o superintendente era algo desbocado. Contudo, até Mellberg parecia ter ficado farto do excesso de atenção mediática das últimas semanas, pois assentiu em concordância.

– Ficaram com alguma ideia de qual possa ser o ponto de contacto entre os homicídios? – perguntou Hanna.

Patrik olhou para Martin, que disse:

– Não, infelizmente voltámos à estaca zero. Börje não era de todo abstémio e Elsa parecia ter uma atitude normal em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, ou seja, nem era abstinência nem bebia em excesso.

– Quer dizer que não fazemos ideia de qual é a ligação entre os homicídios? – perguntou Hanna com ar preocupado.

Patrik suspirou e deu meia-volta para deixar que os olhos percorressem o material afixado nas paredes.

– Não – respondeu –, apenas sabemos que provavelmente foi a mesma pessoa a cometer todos os homicídios, mas não há mais qualquer ponto de contacto entre os crimes. Nada nos diz que Elsa e Börje estivessem relacionados com Marit ou com Rasmus, nem com os locais onde estes viviam. Mas é claro que vamos ter de voltar a falar com os parentes de Marit e de Rasmus, para sabermos se reconhecem os nomes de Elsa e de Börje ou se sabem se Marit e Rasmus alguma vez viveram em

Lund ou em Nyköping. De momento, estamos a procurar às cegas, mas deve haver uma ligação. Tem de haver! – disse Patrik com frustração.

– Podias assinalar as cidades no mapa? – sugeriu Gösta, apontando para o mapa da Suécia que estava pendurado ao fundo do gabinete.

– Claro, boa ideia – disse Patrik, retirando alguns pioneses coloridos de uma caixa da gaveta da secretária. Espetou cuidadosamente quatro pioneses no mapa: um em Tanumshede, um em Borås, outro em Lund e o quarto em Nyköping.

– Ao menos, o assassino ficou-se pela metade sul da Suécia. Isso sempre limita um pouco as buscas – afirmou acidamente Gösta.

– Sim, bem podemos agradecer toda a ajuda que pudermos ter – disse Mellberg com uma risada, mas caiu novamente em silêncio ao constatar que ninguém achara graça ao comentário.

– Ora bem, temos muito que fazer – disse Patrik com ar sério. – E não podemos descurar a investigação do caso Persson. Gösta, como vai a lista dos donos dos cães?

– Está pronta. Consegui localizar cento e sessenta proprietários. Quase de certeza que há alguns que não constam em nenhuma lista oficial. Mas foi o melhor que consegui fazer.

– Então avança com os nomes e as moradas que tens, para ver se algum dos donos dos cães tem ligação a esta região.

– Certíssimo – disse Gösta.

– Pensei tentar obter mais informações acerca das páginas do livro – disse Patrik. – Martin e Hanna, será que podiam falar novamente com Ola e com Kerstin, para saber se reconhecem os nomes de Elsa e de Börje? E deem uma palavrinha a Eva, a mãe de Rasmus Olsson. Mas contactem-nos por telefone, preciso dos dois aqui.

Gösta levantou hesitantemente o braço.

– Não era melhor eu ir falar diretamente com Ola Kaspersen? Hanna e eu fizemos-lhe uma visita na passada sexta-feira e tive a sensação de que não nos estava a dizer tudo o que sabia.

Hanna olhou para Gösta.

– Não reparei nisso – disse a agente num tom de voz que sugeria que o colega estava a imaginar coisas.

– Mas tu deves ter reparado quando ele... – Gösta virou-se para argumentar com Hanna, mas Patrik interrompeu-os.

– Vão os dois a Fjällbacka falar com Ola; Annika pode encarregar-se da lista de donos de cães. Gostava de dar-lhe uma vista de olhos quando estiver pronta; por isso, quando a acabares, podes deixá-la aqui na minha secretária.

Annika assentiu e tomou nota.

– Martin, tu podes inspecionar novamente o vídeo da noite em que Lillemor

morreu. Pode ter-nos escapado algo, por isso vê a gravação imagem a imagem.

– É para já – respondeu Martin.

– Bem, então toca a mexer! – disse Patrik, pondo as mãos na cintura. Todos se levantaram e saíram rapidamente. Sozinho no gabinete, Patrik retirou as quatro páginas arrancadas a *Hansel e Gretel* que estavam penduradas na parede e sentiu o cérebro ficar completamente em branco. Como iria conseguir informações adicionais sobre aquelas páginas?

Subitamente, teve uma ideia. Vestiu o blusão, colocou as páginas numa pasta e saiu apressadamente da esquadra.

Com o controlo remoto na mão, Martin colocou os pés em cima da mesa. Começava a ficar farto daquilo tudo. A investigação estava a ser demasiado intensa, demasiado exigente, e Martin acumulara muita tensão nas últimas semanas. Acima de tudo, descansara muito pouco e quase não passara tempo nenhum com Pia e com a «alma pequenina», como gostavam de chamar ao bebé que estava a caminho.

Carregou na tecla *play* e deixou a gravação passar em câmara lenta. Já tinha visto o vídeo e questionava-se sobre a utilidade de o fazer novamente. Afinal, não era obrigatório que as câmaras tivessem captado o assassino ou alguma pista. Aparentemente, Lillemor encontrara a morte depois de ter saído a correr do centro comunitário. Mas Martin estava habituado a cumprir ordens e não queria discutir com Patrik.

Sentia-se a ficar sonolento por estar recostado a olhar para o ecrã da televisão. O ritmo lento da gravação aumentava-lhe a sensação de cansaço e Martin teve de forçar as pálpebras a permanecerem abertas. Não acontecia nada de novo no ecrã. Primeiro apareceu a discussão entre Uffe e Lillemor. Martin mudou para a velocidade normal para poder ouvir o som. Uffe acusava Lillemor de andar a dizer merdas sobre ele, de dizer aos outros concorrentes que ele era estúpido, lerdo e um troglodita. Lillemor, entre lágrimas, defendia-se, afirmando que não tinha dito nada daquilo a ninguém, que era tudo mentira e que alguém estava a tentar tramá-la. Uffe não parecia ter acreditado na rapariga e a altercação tornou-se mais física. Então, Martin viu-se a si próprio e a Hanna a entrar no filme e a acabar com a briga. De vez em quando, a câmara focava os seus rostos e Martin pôde ver que pareciam ambos tão determinados como se tinham sentido na altura.

Depois seguiram-se cerca de quarenta e cinco minutos de gravação em que nada acontecia. Martin esforçou-se para prestar atenção, para tentar localizar algum pormenor que lhe tivesse escapado, algo que pudesse ter sido dito, alguma coisa acerca de outras pessoas. Mas não havia nada de novo. E o sono ameaçava constantemente cerrar-lhe as pálpebras. Carregou na tecla *pause* e foi servir-se de uma chávena de café. Precisava de toda a ajuda possível para manter-se acordado.

Depois de carregar novamente em *play*, Martin sentou-se muito direito e continuou a ver a gravação. Começou uma briga entre Tina, Calle, Jonna, Mehmet e Lillemor. Ouviu-os proferir as mesmas acusações contra Lillemor que ouvira a Uffe. Todos gritavam com a rapariga, empurravam-na e perguntavam-lhe que porra de ideia era a dela de andar a dizer merdas acerca deles. Lillemor voltou a defender-se, ao mesmo tempo que chorava tanto que o rímel lhe escorria pelas faces em regatos negros. Martin não pôde deixar de comover-se por Lillemor parecer tão pequena, indefesa e jovem debaixo da sua farta cabeleira e de tanta maquilhagem e tanto silicone. Lillemor não passava de uma rapariguinha. Martin bebeu um pouco de café e depois viu como ele e Hanna tinham intervindo para acabar com a briga. Primeiro, a câmara seguiu Hanna, que se afastou um pouco do grupo com Lillemor, e depois focou-o a ele. Estava com ar zangado e repreendia os outros concorrentes. Depois, a câmara filmou novamente o parque de estacionamento e Martin viu Lillemor a correr em direção à cidade. A câmara focou Lillemor enquanto a rapariga se afastava e depois mostrou Hanna a falar ao telemóvel. A seguir focou novamente Martin, que ainda parecia zangado enquanto observava Lillemor a fugir.

Passada mais uma hora, Martin não vira nada mais que adolescentes e concorrentes bêbados a divertirem-se. Por volta das três da manhã, todos se tinham ido embora e as câmaras pararam de filmar.

Martin deixou-se ficar ali sentado, a fixar com olhar vazio o ecrã escuro enquanto a fita era rebobinada. Não podia dizer que tivesse descoberto nada de novo, mas algo estava a atormentá-lo no seu subconsciente; era como uma minúscula partícula de poeira num olho. Olhou para o ecrã negro. Depois, carregou novamente na tecla *play*.

– Só tenho uma hora para almoçar – disse Ola de mau humor ao abrir a porta. – Portanto, é melhor irem diretos ao assunto – Gösta e Hanna entraram e descalçaram-se. Ainda não tinham entrado em casa de Ola, mas não ficaram surpreendidos ao ver como estava limpa e arrumada. Afinal de contas, já tinham visto o escritório de Ola.

– Vou almoçando enquanto falamos – disse Ola, apontando para um prato de arroz, frango e ervilhas. Nada de molho, notou Gösta, pensando que nunca seria capaz de comer uma refeição sem molho. Por outro lado, Gösta tinha sido abençoado com um metabolismo que não o deixava engordar. Ainda não tinha barriga, apesar da sua dieta altamente calórica. Talvez Ola não tivesse tanta sorte.

– Então, que desejam desta vez? – disse Ola, espetando cuidadosamente algumas ervilhas com o garfo. Gösta observava com fascínio o modo como Ola parecia ter aversão a misturar alimentos diferentes na mesma garfada; comia meticulosamente as ervilhas, o arroz e o frango, mas separadamente.

– Descobrimos um dado novo desde a última vez que falámos – disse secamente

Gösta. – Os nomes Börje Knudsen e Elsa Forsell dizem-lhe alguma coisa?

Ola franziu a testa e voltou-se quando ouviu um ruído por detrás dele. Sofie entrara na sala e olhava intrigada para Gösta e Hanna.

– Que estás a fazer em casa a esta hora? – disparou rispidamente Ola enquanto olhava fixamente para a filha.

– Eu... Eu não me sinto bem – respondeu Sofie, que parecia realmente um pouco abatida.

– Que tens? – perguntou Ola, que não tinha ficado convencido com a explicação da filha.

– Fiquei maldisposta, vomitei – disse Sofie, cujas tremuras nas mãos, combinadas com uma película de suor que lhe toldava o rosto, pareceram convencer o pai.

– Então vai deitar-te – disse Ola num tom de voz mais suave. Mas Sofie abanou a cabeça.

– Não, quero ficar aqui contigo.

– Vai deitar-te, já disse! – a voz de Ola era firme, mas o olhar da filha era ainda mais determinado. Sem responder, Sofie sentou-se numa cadeira a um canto da cozinha. Embora Ola parecesse obviamente desconfortável por a filha estar ali sentada, nada disse, comendo mais uma garfada de arroz.

– Que estavam a perguntar ao meu pai? De que nomes estavam a falar? – quis saber Sofie, olhando com ar confuso para os agentes.

– Estávamos a perguntar se o seu pai, e a Sofie, alguma vez ouviram falar de Börje Knudsen ou de Elsa Forsell.

Sofie pensou durante um momento e depois abanou lentamente a cabeça e olhou inquisitoriamente para o pai.

– Papá, reconheces os nomes?

– Não – disse Ola. – Nunca ouvi esses nomes. Quem são essas pessoas?

– Duas outras vítimas de homicídio – respondeu Hanna em voz baixa.

Ola teve um sobressalto e deteve o garfo a meio caminho da boca.

– Que foi que disseram?

– Estamos a falar de duas pessoas que foram assassinadas pelo mesmo criminoso que matou a sua ex-mulher – respondeu Hanna. – A tua mãe – acrescentou suavemente a agente sem olhar para Sofie.

– Que diabo estão para aí a dizer? Primeiro perguntam-me por um tal de Rasmus e agora já desencantaram mais dois!? Afinal de contas, que está a polícia a fazer?

– Estamos a trabalhar a todo o gás – respondeu acidamente Gösta. Aquele tipo mexia-lhe mesmo com os nervos. Respirou fundo e disse: – As vítimas viviam em Lund e Nyköping. Marit tinha alguma ligação a estas cidades?

– Quantas vezes preciso de dizer-vos isto? – disparou Ola. – Marit e eu conhecemo-nos na Noruega. Mudámo-nos os dois para aqui para trabalhar quando

tínhamos dezoito anos. Nunca vivemos em mais lado nenhum desde então! São atrasados mentais, ou quê?

– Acalma-te, pai – disse Sofie, colocando-lhe uma mão no braço. Aquilo pareceu ajudar e Ola disse calmamente, mas com voz gelada:

– Acho que deviam antes fazer o vosso trabalho, em vez de andarem constantemente a correr para aqui para nos interrogar. Nós não sabemos nada de nada!

– Talvez não tenha consciência de que sabe realmente algo – disse Gösta. – A nossa função é descobrir tudo aquilo que pudermos.

– Pensam que sabemos alguma coisa sobre o motivo pelo qual assassinaram a minha mãe? – perguntou Sofie numa voz digna de dó. Pelo canto do olho, Gösta viu Hanna virar a cabeça para o outro lado. Apesar da sua fachada dura, Hanna parecia ficar perturbada quando falava com os parentes mais próximos de uma vítima. Num agente, aquela era uma característica problemática, embora também pudesse ser positiva. O próprio Gösta sentia que tinha ficado demasiado empedernido após tantos anos naquela profissão.

– Esse é um assunto de que não podemos falar, lamento – disse Gösta a Sofie, que parecia estar enjoada. Gösta esperava que aquilo não fosse contagioso. Aparecer na esquadra com gastroenterite e pegá-la aos outros todos não faria dele o polícia mais popular de Tanumshede.

– Há alguma coisa, seja o que for, que não nos tenham dito acerca da morte de Marit? Tudo pode ser útil para tentarmos descobrir uma ligação entre ela e as outras vítimas – Gösta olhou fixamente para Ola. Teve a mesma sensação que tivera quando tinham falado com ele na Inventing. Havia algo que aquele homem lhes estava a ocultar.

Porém, sem vacilar, Ola disse entre dentes:

– Nós-não-sabemos-nada! Vão mas é falar com aquela lésbica, talvez ela saiba!

– Eu... eu... – balbuciou Sofie, olhando para o pai, insegura. Parecia tentar formar palavras sem saber como fazê-lo. – Eu... – começou novamente, mas um olhar de relance de Ola fez com que se calasse. Depois, Sofie precipitou-se para fora da cozinha com a mão na boca. Da casa de banho chegou-lhes o ruído de Sofie a vomitar.

– A minha filha está doente. Agora queiram fazer o favor de sair.

Gösta olhou de relance para Hanna, que encolheu os ombros. Dirigiram-se para a porta. Gösta interrogava-se sobre o que teria Sofie tentado dizer-lhes.

A biblioteca estava calma e silenciosa naquela segunda-feira de manhã. Antigamente, ficava a uma curta caminhada da esquadra, mas agora tinha sido mudada para o edifício Futura; por isso, Patrik tinha levado o carro. Não havia

ninguém por detrás do balcão quando entrou, mas depois de ter chamado em voz baixa, a bibliotecária de Tanumshede surgiu por detrás de uma das estantes.

– Olá, Patrik, que fazes por aqui? – perguntou Jessica com ar surpreendido e erguendo uma sobrancelha. Patrik apercebeu-se de que não punha os pés na biblioteca há muito tempo. Pelo menos desde a secundária, calculou. Há quantos anos fora isso? Preferia nem, pensar. Fosse como fosse, Jessica não era a bibliotecária nessa altura, pois eram ambos da mesma idade.

– Olá, Jessica. Será que me podias dar uma ajuda? – Patrik colocou a pasta sobre a mesa que havia em frente do balcão de atendimento da biblioteca e retirou cuidadosamente os sacos de plástico com as páginas de *Hansel e Gretel*. Jessica aproximou-se e observou-as. Era alta e magra e usava o cabelo castanho-claro apanhado num práctico rabo-de-cavalo. Os óculos repousavam-lhe na ponta do nariz e Patrik não pôde deixar de se perguntar se usar óculos seria um requisito obrigatório para se ser admitido num curso de bibliotecário.

– Claro, como posso ajudar-te?

– Tenho aqui umas páginas de um livro infantil – disse Patrik, apontando para as páginas arrancadas. – Será que há alguma forma de se saber a que livro pertencem, ou mais precisamente, a quem poderá pertencer o livro de onde foram arrancadas?

Jessica colocou os óculos no lugar, pegou cuidadosamente nos sacos de plástico e começou a estudá-los. Colocou-os em fila e depois reordenou-os.

– Agora estão por ordem – declarou Jessica com satisfação.

Patrik inclinou-se para a frente e observou. A história desenrolava-se agora de forma lógica, começando pela página que tinha estado dentro da Bíblia de Elsa Forsell. De repente, fez-se luz na mente de Patrik. As páginas estavam agora pela mesma ordem em que tinham sido cometidos os homicídios. Primeiro vinha a de Elsa Forsell, depois a de Börje Knudsen, seguida pela página encontrada junto de Rasmus Olsson e, por último, a que tinham encontrado ao lado do cadáver de Marit. Patrik lançou um olhar de gratidão a Jessica.

– Já me deste uma grande ajuda – afirmou, estudando novamente as páginas. – Consegues dizer-me mais alguma coisa sobre o livro? Acerca da sua origem?

A bibliotecária refletiu durante um momento e depois contornou o balcão, começando a datilografar no teclado do computador.

– O livro parece ser bastante antigo. Deve ter sido publicado há muito tempo. Percebe-se isso pelo estilo das ilustrações e pela linguagem utilizada.

– Então e quantos anos dirias que tem? – Patrik não conseguiu ocultar o tom ansioso da sua voz.

Jessica olhou para ele por cima dos aros dos óculos. Por um momento, Patrik pensou que Jessica era curiosamente parecida com Annika.

– É isso que estou a tentar perceber, mas tens de me deixar trabalhar – disparou a

bibliotecária.

Patrik sentiu-se como um miúdo da escola a quem tinham acabado de repreender. Manteve a boca fechada enquanto observava os dedos de Jessica a voarem sobre o teclado.

Após algum tempo, que a Patrik pareceu uma eternidade, a bibliotecária disse:

– A história de Hansel e Gretel teve inúmeras edições ao longo dos anos, aqui na Suécia. Mas eu ignorei todas as que saíram depois de 1950, pelo que a lista ficou substancialmente reduzida. Antes de 1950 encontro dez edições. *Suponho* que as páginas pertencem a uma das edições saídas nos anos vinte. Vou ver se consigo localizá-las num *site* de um alfarrabista e descobrir uma imagem melhor das versões dos anos vinte – Jessica datilografou um pouco mais e Patrik teve de conter-se para não bater o pé de impaciência. Por fim, a bibliotecária disse: – Olha, já viste esta imagem em algum lado?

Patrik contornou o balcão e sorriu de satisfação ao ver uma capa com uma imagem que tinha indubitavelmente o mesmo estilo das ilustrações das páginas que foram encontradas junto das vítimas.

– Isto é a boa notícia. A má notícia é que este não é de todo um livro raro. Saiu em 1924 e foram impressos mil exemplares. E não temos qualquer garantia de que quem quer que tenha sido o dono do livro o tenha comprado ou recebido de presente no ano em que saiu. A pessoa em questão pode tê-lo adquirido num alfarrabista em qualquer momento posterior. Ao fazer uma busca em *sites* de antiquários que listam os livros que têm para venda, descobri que há atualmente dez exemplares deste livro disponíveis em vários pontos do país.

Patrik sentiu o desânimo apoderar-se dele. Sabia que aquela fora uma ideia rebuscada, mas mantivera uma ténue esperança de descobrir algo através do livro. Voltou a contornar o balcão e olhou irado para as páginas dispostas sobre a mesa. Completamente frustrado, sentiu um desejo súbito de rasgá-las em mil pedaços, mas conteve-se.

– Reparaste que falta uma página? – perguntou Jessica, aproximando-se de Patrik, que olhou para a bibliotecária com espanto.

– Não, não tinha reparado nisso.

– Percebe-se pela numeração das páginas – Jessica apontou para uma das páginas.

– A primeira folha tem as páginas 5 e 6. Depois falta uma, porque a seguir aparecem a 9 e a 10, a 11 e a 12 e, por fim, a 13 e a 14. Portanto, falta a folha que tem a página 7 na frente e a 8 no verso.

As ideias rodopiavam na cabeça de Patrik. De repente, teve plena consciência do que aquilo significava: havia outra vítima, algures.

NÃO DEVIA FAZER AQUILO. SABIA BEM QUE NÃO DEVIA. MAS NÃO CONSEGUIA EVITÁ-LO. A IRMÃ NÃO GOSTAVA QUE SUPLICASSE, QUE PEDISSE O IMPOSSÍVEL. MAS HAVIA ALGO DENTRO DELE QUE O LEVAVA A FAZÊ-LO. TINHA DE DESCOBRIR O QUE HAVIA LÁ FORA. O QUE HAVIA PARA LÁ DA FLORESTA, PARA ALÉM DO CAMPO. QUERIA SABER PARA ONDE IA ELA DE CARRO TODOS OS DIAS, DEPOIS DE OS DEIXAR SOZINHOS EM CASA. TINHA PURA E SIMPLEMENTE DE DESCOBRIR COMO ERA AQUILO QUE RECORDAVAM QUANDO UM AVIÃO VOAVA NO CÉU POR CIMA DAS SUAS CABEÇAS OU QUANDO OUVIAM O RUÍDO DE UM CARRO AO LONGE, MUITO LONGE.

DE INÍCIO, ELA RECUSARA, DISSERA-LHES QUE ESTAVA FORA DE QUESTÃO. O ÚNICO SÍTIO ONDE ESTAVAM SEGUROS, ONDE ELE, A PEQUENA AVE DE MAU AGOIRO DELA, ESTAVA SEGURO ERA DENTRO DE CASA, NO SEU SANTUÁRIO. MAS ELE CONTINUAVA A PEDIR. E, DE CADA VEZ QUE PEDIA, PENSAVA VER A RESISTÊNCIA DELA A ESMORECER. APERCEBIA-SE DA SUA PRÓPRIA INSISTÊNCIA, DE COMO O TOM SUPLICANTE SE INFILTRAVA NA VOZ DE CADA VEZ QUE FALAVA DO DESCONHECIDO, DAQUILO QUE TANTO QUERIA VER, AO MENOS UMA VEZ.

A IRMÃ PERMANECIA SEMPRE A SEU LADO EM SILÊNCIO. A OBSERVÁ-LOS COM UM PELUCHE NOS BRAÇOS E O POLEGAR ENFIADO NA BOCA. NUNCA DIZIA NADA, NUNCA CONFESSAVA SENTIR A MESMA NOSTALGIA, TER A MESMA VONTADE. E NUNCA SE ATREVERIA A PEDIR. MAS, ÀS VEZES, VIA UMA CENTELHA DO MESMO DESEJO NOS OLHOS DELA, QUANDO A IRMÃ SE SENTAVA NO BANCO JUNTO DA JANELA E OLHAVA PARA A FLORESTA QUE PARECIA ESTENDER-SE ATÉ AO INFINITO. NESSA ALTURA, VIA QUE A IRMÃ TINHA TANTA VONTADE DE VER O QUE HAVIA LÁ FORA QUANTO ELE.

ERA POR ISSO QUE CONTINUAVA A PEDIR. A IMPLORAR. ELA RECORDAVA-LHE A HISTÓRIA QUE TANTAS VEZES TINHAM LIDO. SOBRE OS IRMÃOS CURIOSOS QUE SE PERDERAM NA FLORESTA. OS IRMÃOS QUE ESTAVAM SOZINHOS E ASSUSTADOS EM CASA DE UMA BRUXA MALVADA QUE OS TINHA APRISIONADO. PODIAM PERDER-SE LÁ FORA. ERA ELA QUEM OS PROTEGIA. SERÁ QUE QUERIAM PERDER-SE? ARRISCAREM-SE A NUNCA MAIS ENCONTRAR O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA, PARA ELA? AFINAL DE CONTAS, ELA JÁ OS TINHA SALVADO DA BRUXA UMA VEZ... A VOZ DELA SOAVA SEMPRE TÃO FRÁGIL, TÃO TRISTE, QUANDO RESPONDIA ÀS SUAS SÚPLICAS COM MAIS PERGUNTAS. MAS HAVIA ALGO DENTRO DELE QUE O FAZIA CONTINUAR A PEDIR, MESMO APESAR DE FICAR COM UM APERTO NO PEITO E SE AFLIGIR QUANDO OUVIA A VOZ DELA A ESTREMECER E OS SEUS OLHOS A ENCHEREM-SE DE LÁGRIMAS.

MAS A TENTACÃO DE SABER O QUE HAVIA LÁ FORA ERA DEMASIADO FORTE.

– SEJAM BEM-VINDOS! – Erling fez um gesto na direção do vestíbulo, convidando-os a entrar, e endireitou-se um pouco mais quando viu que os operadores de câmara vinham atrás.

– Viveca e eu estamos muito contentes por terem aceitado o nosso convite para este singelo jantar de despedida na nossa humilde morada – acrescentou para a câmara com uma pequena gargalhada. Os telespectadores apreciariam certamente aquele breve vislumbre da vida dos «ricos e famosos», como dissera a Fredrik Rehn quando este lhe propusera a ideia. Claro que Fredrik pensara que tinha sido uma ideia genial, convidar os concorrentes para um jantar de despedida em casa do manda-chuva da cidade. Era realmente muito bem jogado.

– Entrem, entrem – disse Erling, deslizando até à sala de estar. – Viveca já desce para vos receber e oferecer-vos uma bebida. Mas, se calhar não vos apetece beber... – disse Erling, piscando-lhes o olho e rindo-se com gosto da sua piada.

– Eis Viveca com as bebidas! – exclamou, apontando para a mulher, que não proferiu uma palavra. Tinham conversado acerca daquilo antes da chegada dos convidados e da equipa de filmagens. Viveca concordara em manter-se em segundo plano e deixá-lo ser o centro das atenções. Afinal de contas, fora ele quem tornara possível a realização do concurso em Tanumshede.

– Pensei que talvez gostassem de provar umas bebidas de adultos, para variar – disse Erling, esfuziante. – Um genuíno *Dry Martini*, ou *draja*, como lhe chamamos em Estocolmo – o presidente do conselho deu nova gargalhada, talvez demasiado sonora, mas queria certificar-se de que a sua voz era ouvida pelos telespectadores. Os jovens cheiravam cautelosamente as bebidas, que continham uma azeitona espetada num palito.

– Temos de comer a azeitona? – perguntou Uffe, torcendo o nariz com repulsa. Erling sorriu.

– Não, se não quiserem não é preciso. Serve sobretudo para decorar o *draja*.

Uffe assentiu e inclinou a taça, tendo o cuidado de evitar a azeitona.

Alguns dos restantes concorrentes seguiram-lhe o exemplo. Um pouco atarantado, Erling segurou o copo no ar e disse:

– Bem, tencionava dar-vos umas palavrinhas de boas-vindas, mas já vi que há aqui muita gente com sede, por isso, *skål*! – o presidente do conselho ergueu um pouco mais o copo, recebeu um vago murmúrio em resposta e bebericou o seu *Dry Martini*.

– Posso beber outro? – perguntou Uffe, estendendo o copo a Viveca, que olhou de

relance para o marido. Este assentiu. «Que se lixe, a miudagem precisa de divertir-se um pouco», pensou.

Quando foi servida a sobremesa, Erling W. Larson começava a sentir-se algo arrependido. Recordava-se vagamente de Fredrik Rehn o ter avisado, durante a reunião que tinham tido, para não servir demasiadas bebidas alcoólicas durante o jantar, mas Erling desvalorizara estupidamente a advertência do produtor. Pensara que nada podia ser pior do que aquela ocasião, em 1998, em que todo o conselho de administração da empresa tinha ido a Moscovo em viagem de negócios. O que acontecera então ainda estava um pouco nebuloso na sua mente, mas Erling recordava imagens fragmentadas, que incluíam caviar russo, vodka em quantidades industriais e um bordel. No que Erling não pensara é que embebedar-se numa viagem de negócios e ter cinco jovens bêbados na sua própria casa eram duas coisas completamente diferentes. Até a própria refeição fora um desastre. Mal tinham tocado nos canapés de ovas de salmão e o *risotto* com vieiras tinha sido recebido com efeitos sonoros a imitar vômitos, sobretudo por parte de Uffe, aquele bárbaro. A noite parecia estar a atingir o clímax naquele preciso momento, pois Erling ouvia ruídos de vômitos bem reais vindos da casa de banho. Consciente de que todos tinham comido a sobremesa, que apreciaram, ao contrário de tudo o resto, Erling imaginava com horror a mousse de chocolate a ser regurgitada em torrentes para cima dos belos ladrilhos acabados de instalar.

– Bem, grande cena, Erl, és mesmo uma pérola. Vê só o que descobri na tua cozinha! – disse Uffe com voz pastosa, transportando na mão uma garrafa de vinho aberta. Com um nó no estômago, Erling apercebeu-se de que Uffe decidira abrir uma garrafa de um dos seus melhores e mais caros vinhos «reserva». Sentiu-se a borbulhar de raiva, mas conteve-se ao ver que a câmara o estava a focar na esperança de captar aquela mesma reação.

– Muito bem, que sorte – retorquiu Erling entre dentes. Dito isto, lançou uma olhadela na direção de Fredrik Rehn, em busca de auxílio. Mas o produtor parecia achar que o presidente do conselho estava a ter o que merecia e, em vez de ir em seu auxílio, esticou o braço com o copo vazio na direção de Uffe.

– Deita aqui um bocado, Uffe – pediu, ignorando deliberadamente Erling.

– Eu também quero – disse Viveca, que passara a noite inteira em silêncio mas olhava agora desafiadoramente para o marido. Erling estava a ferver por dentro. Aquilo era um motim, pensou. E depois sorriu para a câmara.

Faltava menos de uma semana para o casamento. Erica começava a ficar nervosa, apesar de terem conseguido tratar de todas as questões práticas. Ela e Anna tinham trabalhado como moursas para organizar tudo: flores, cartões com a distribuição dos lugares nas mesas do restaurante onde seria realizada a boda, alojamento para os

convidados, música... Enfim, tudo. Erica olhou para Patrik com preocupação. Estava sentado à sua frente a tomar o pequeno-almoço e mastigava apaticamente. Erica preparara-lhe chocolate quente e tostas com queijo e caviar, o pequeno-almoço preferido de Patrik. Costumava ficar maldisposta só de olhar para aquilo, mas agora estava decidida a fazer quase tudo para que o futuro marido se alimentasse convenientemente. Pelo menos, o fraque ia servir-lhe que nem uma luva, pensou Erica.

Ultimamente, Patrik andava pela casa como um fantasma. Chegava, jantava, caía na cama e, na manhã seguinte, bem cedo, ia outra vez para a esquadra. O rosto do companheiro estava macilento e adquirira olheiras profundas por causa da fadiga e da frustração e Erica até começara a notar um certo desânimo no olhar de Patrik. Na semana anterior, o companheiro dissera-lhe que tinha quase a certeza de que havia outra vítima algures. Tinham enviado novo pedido de informações a todos os distritos policiais do país, mas a tentativa fora infrutífera. Num tom desesperado, Patrik contara-lhe igualmente como tinham revisto vezes sem contra todo o material que tinham, sem encontrarem nada que pudesse fazer avançar a investigação. Gösta tinha falado com a mãe de Rasmus ao telefone, mas nem ela reconhecera os nomes de Elsa Forsell e Börje Knudsen. A investigação chegara a um beco sem saída.

– Qual é o vosso programa para hoje, lá na esquadra? – perguntou Erica, tentando manter um tom neutro.

Patrik mordiscava um dos cantos da tosta como se fosse um pequeno rato. No último quarto de hora não tinha comido mais de metade do pão.

– Esperar que aconteça um milagre – respondeu com ar carrancudo.

– Mas será que não podiam pedir ajuda externa? Aos outros distritos envolvidos? Ou à... Polícia Criminal Nacional, por exemplo?

– Contactei Lund, Nyköping e Borås. Eles também se estão a esforçar ao máximo para solucionar o caso. E a PCN... bem, tinha esperança de que íamos conseguir resolver isto sozinhos, mas começamos a pensar que talvez seja melhor pedir reforços – respondeu.

Absorto, Patrik deu mais uma pequena dentada na tosta e Erica não resistiu a inclinar-se para a frente para lhe acariciar a face.

– Ainda queres andar com isto para a frente, no sábado?

Patrik olhou para a companheira, atónito. Depois, a sua expressão suavizou-se. Aproximou-se mais de Erica e beijou-lhe a palma da mão.

– Claro que sim, meu amor! O próximo sábado vai ser um dia fantástico, o melhor das nossas vidas, sem contar com o dia em que Maja nasceu, claro. E prometo-te que vou estar feliz, de bom humor e completamente concentrado em ti e no nosso dia. Não te preocupes. Mal posso esperar para casar contigo.

Erica lançou-lhe um olhar perscrutador, mas apenas viu sinceridade na expressão

do companheiro.

– Tens a certeza?

– Absoluta – Patrik sorriu. – E não penses que não dou valor ao trabalho que tu e Anna têm tido a planear tudo.

– Sei que tens tido muito em que pensar. Além disso, os preparativos têm feito algum bem a Anna – disse Erica, olhando de relance para o sofá da sala de estar, onde a irmã estava sentada a ver programas infantis na televisão com Emma e Adrian. Maja ainda estava a dormir e, apesar de Patrik estar deprimido, Erica sentia que era um luxo poder tê-lo só para si durante algum tempo.

– Só gostava que... – Erica não terminou a frase.

Patrik parecia ter-lhe lido o pensamento.

– Só gostavas que os teus pais pudessem estar aqui.

– Sim, ou antes... Para ser completamente franca, gostava que o meu pai pudesse estar aqui. A minha mãe iria provavelmente estar tão indiferente como sempre esteve em relação ao que quer que eu e Anna fizéssemos.

– Tens conversado com Anna sobre o comportamento estranho de Elsy?

– Não – respondeu pensativamente Erica. – Mas tenho matutado muito nisso. É estranho sabermos tão pouco da vida dela antes de ter conhecido o meu pai. A única coisa que nos contou foi que os pais dela tinham morrido há muito tempo... é tudo o que eu e Anna sabemos. E nunca vimos uma fotografia que fosse. Não é estranho?

Patrik assentiu.

– Sim, é realmente estranho. Talvez possas dar uma vista de olhos à tua árvore genealógica. Tu tens jeito para desencantar essas coisas, para desenterrar factos. Depois de despacharmos o casamento podes começar a investigar.

– Despachar? – disse Erica num tom ameaçador. – Encaras o nosso casamento como algo que precisamos de despachar?!

– Não – respondeu Patrik, não conseguindo pensar em nada melhor para dizer. Em vez disso, mergulhou a sua tosta no chocolate quente. Sabia que, em momentos como aquele, era preferível manter a boca fechada. E deixar que a comida calasse as justificações absurdas que sem dúvida se seguiriam.

– Bem, hoje acaba-se a boa vida.

Lars tivera a ideia de se encontrar com os concorrentes num ambiente menos tenso do que era habitual, por isso convidara-os para beber café e comer bolos no Pappa's Lunch Café, que ficava na rua principal de Tanumshede.

– Vai ser fixe como o caraças dar de frosques daqui – disse Uffe, enfiando um bolo na boca.

Jonna olhou para o rapaz com repulsa enquanto trincava uma maçã.

– Quais são os vossos planos para o futuro? – perguntou Lars, bebendo um pouco

de chá com um sorvo ruidoso. Fascinados, os concorrentes tinham-no visto pôr seis cubos de açúcar na chávena.

– O costume – disse Calle. – Ir para casa e estar com os amigos. Sair à noite e embebedar-me. As miúdas da Kharma têm saudades minhas – Calle deu uma gargalhada, mas o seu olhar era mortiço e pleno de desespero.

Os olhos de Tina cintilaram.

– Não é aí que a princesa Madalena costuma ir?

– Ah, sim, Maddie – disse indiferentemente Calle. – Ela andava com um amigo meu.

– A sério? – perguntou Tina, impressionada. Era a primeira vez em mais de um mês que olhava para Calle com algum respeito.

– Sim, mas já acabou com ela. A mãe e o pai metiam-se demasiado.

– A mãe e... Ahhh! – exclamou Tina com as pupilas cada vez mais dilatadas. – Que fixe.

– Então e tu, Tina, quais são os teus planos? – perguntou Lars.

Tina endireitou as costas.

– Eu vou partir em digressão.

– Em digressão! – escarneceu Uffe, alcançando mais um bolo. – Vais correr os bares com o Drinken¹⁷, cantas uma música ou duas por noite e passas o resto do tempo sentada ao balcão a ver navios. Que digressão do caraças!

– Sabes, Uffe, houve uma data de bares que me ligaram para ir lá cantar «Quero Ser a Tua Coelhinha» – retorquiu Tina. – Drinken disse-me que também vou receber uma data de chamadas das editoras.

– Pois, pois, e o que Drinken diz concretiza-se sempre, não é? – resfolegou Uffe, revirando os olhos.

– Porra, vai mesmo ser bom ver-te pelas costas, és sempre tão negativo! – atirou bruscamente Tina antes de virar as costas a Uffe com desprezo.

– Então e tu, Mehmet? – todos se viraram para olhar para Mehmet, que não tinha aberto a boca desde que entrara no café.

– Vou ficar por aqui – respondeu, esperando desafiadoramente pela reação do grupo. Não ficou desapontado.

Cinco pares de olhos incrédulos voltaram-se na sua direção.

– O quê? Vais ficar aqui? – Calle olhava para Mehmet como se este se tivesse transformado num sapo diante dos seus olhos.

– Sim, vou continuar a trabalhar na padaria. E vou alugar o meu apartamento por uns tempos.

– E onde vais morar? Não me digas que ficas em casa de *Simon*? – as palavras de Tina ressoaram pelo café e o silêncio de Mehmet provocou a perplexidade geral do grupo.

– Tu és? Qual é a vossa, são um casal, ou quê?
– Não, claro que não! – retorquiu Mehmet. – E isso não é da porra da vossa conta. Somos apenas... amigos.

– Simon e Mehmet, sentados à sombra de uma árvore aos B-E-I-J-O-S – entoou Uffe, dando uma gargalhada tão sonora que quase caiu da cadeira.

– Para com isso, deixa Mehmet em paz – disse Jonna quase num sussurro. Porém, por estranho que parecesse, Uffe calou-se. – Acho que tomaste uma decisão corajosa, Mehmet. Tu és melhor do que todos nós!

– Que queres dizer com isso, Jonna? – perguntou amavelmente Lars, inclinando a cabeça para o lado. – De que forma é que Mehmet é melhor?

– É melhor, ponto final – respondeu Jonna, puxando as mangas para baixo. – É boa pessoa e é atencioso.

– E tu não és boa pessoa? – perguntou Lars. A pergunta parecia encerrar vários sentidos.

– Não – respondeu Jonna baixinho. Reproduziu mentalmente a cena passada no exterior do centro comunitário e o ódio que sentira por Barbie. A mágoa com que ficara depois de lhe terem contado o que Barbie dissera dela, o desejo que tivera de vingar-se dela. Sentira-se genuinamente satisfeita quando a cortara com a lâmina. Uma pessoa boa não teria feito aquilo. Mas Jonna não verbalizou aqueles pensamentos. Em vez disso olhou pela janela, para o tráfego que circulava na rua. Os operadores de câmara já tinham arrumado o material e ido para casa. E era isso que Jonna também tinha de fazer. Ir para casa. Para um apartamento grande e vazio. Para as notas em cima da mesa da cozinha a dizer-lhe que não valia a pena ficar acordada à espera. Para as brochuras acerca de diversos cursos de formação que eram propositadamente deixadas na mesa de café. Para o silêncio.

– Então e que vais *tu* fazer agora? – perguntou Uffe a Lars num tom algo sarcástico. – Agora que já não nos vais ter a dar-te cabo da cachola?

– Hei de encontrar algo com que me ocupar – respondeu Lars, bebendo um pouco do seu chá doce. – Vou trabalhar no meu livro e talvez abra um consultório. E tu, Uffe? Não disseste o que vais fazer daqui para a frente.

Com indiferença fingida, Uffe encolheu os ombros.

– Oh, nada de especial. Deve haver uma digressão pelos bares e discotecas durante algum tempo. Sem dúvida que vou ter de gramar aquela maldita canção da Tina até a deitar pelos ouvidos – disse Uffe, lançando um olhar de desprezo a Tina. – E depois, bem, não sei. Há de correr tudo bem – por um momento, a insegurança transpareceu por detrás da máscara de duro que Uffe sempre ostentava. Mas desapareceu logo em seguida e Uffe deu uma gargalhada. – Vejam só o que eu consigo fazer! – o rapaz pegou na colher de café e equilibrou-a no nariz. Nem pensar, não ia perder tempo a preocupar-se com o futuro. Os tipos que conseguiam

equilibrar colheres no nariz safavam-se sempre.

Quando saíram do café para se dirigirem ao autocarro que os esperava para os levar de Tanum, Jonna deteve-se por uns segundos. Por um instante, julgou ter visto Barbie sentada entre eles. Com o seu longo cabelo louro e aquelas unhas postiças tão compridas que praticamente a impossibilitavam de fazer qualquer trabalho manual. A rir-se com aquela expressão suave e doce dela. Todos tinham encarado aquilo como um sinal de fraqueza, mas Jonna apercebia-se agora de que estivera errada. Não era apenas Mehmet. Barbie também tinha sido boa pessoa. Jonna começou pela primeira vez a pensar naquela sexta-feira, na noite em que tudo tinha corrido tão mal. A pensar em quem é que tinha dito o quê. Em quem tinha andado a espalhar aquelas histórias que julgava agora não passarem de mentiras. Em quem os manobrava, como se fossem marionetas. Algo se agitava na sua mente; porém, antes que o pensamento ganhasse forma, o autocarro partiu de Tanumshede. Jonna olhou pela janela. O assento ao seu lado estava acusadoramente vazio.

* * *

Por volta das dez da manhã, Patrik começava a arrepender-se de não se ter forçado a comer mais ao pequeno-almoço. O estômago estava a resmungar; por isso, Patrik dirigiu-se à sala de convívio para ver se encontrava algo comestível. Estava com sorte. Alguém deixara um bolo de canela em cima da mesa, dentro de um saco, e Patrik enfiou-o imediatamente na boca, esfomeado. Não era a refeição matinal perfeita, mas teria de servir. Acabara de regressar ao gabinete e ainda estava a mastigar quando o telefone tocou. Viu que era Annika e tentou engolir o último pedaço de bolo, mas este ficou-lhe preso na garganta. – Estou? – disse Patrik por entre um ataque de tosse.

– Patrik?

Engoliu algumas vezes e conseguiu fazer descer o resto do bolo.

– Sim, sou eu.

– Tens uma visita – disse Annika, e Patrik percebeu pelo tom de voz da secretária que aquilo era importante.

– Quem é?

– Sofie Kaspersen.

Patrik ficou subitamente alerta. A filha de Marit? Que queria ela?

– Diz-lhe que entre – pediu Patrik, saindo para o corredor para receber a rapariga. Estava magra e pálida e Patrik recordou-se vagamente de Gösta lhe ter dito algo acerca de Sofie estar com gastroenterite quando tinham ido lá a casa.

– Soube que estiveste doente. Já te sentes melhor? – perguntou Patrik enquanto a conduzia ao seu gabinete.

Sofie assentiu.

– Sim, estive com uma gastroenterite. Mas agora já estou melhor. Perdi uns quilos, mas tirando isso estou bem – explicou com um sorriso desmaiado.

– Se calhar podias pegar-ma. Davam-me jeito umas férias – disse Patrik com uma gargalhada, para suavizar o ambiente. A rapariga parece ter ficado chocada com a ideia. Seguiu-se uma pausa incómoda. Patrik esperou pacientemente que Sofie falasse.

– Já descobriram mais alguma coisa... acerca da mamã? – disse por fim Sofie.

– Não, receio que tenhamos chegado a um beco sem saída.

– Quer dizer que não descobriram a ligação entre a mamã e... os outros?

– Não – repetiu Patrik, perguntando a si próprio aonde quereria a rapariga chegar. Depois prosseguiu, cautelosamente: – Creio que a ligação deve estar em algo que ainda não descobrimos, em qualquer coisa que não sabemos, tanto em relação à tua mãe como aos outros.

– Hum – disse simplesmente Sofie.

– É importante que saibamos tudo. Para que possamos encontrar a pessoa que te tirou a tua mãe – Patrik apercebeu-se do tom suplicante da sua voz, mas sabia que havia algo que Sofie queria dizer-lhe. Algo acerca da mãe.

Após outra longa pausa, a mão da rapariga tocou ao de leve na manga do casaco de Patrik. Olhando para baixo, Sofie pegou numa folha de papel e entregou-lha. Ergueu novamente os olhos quando Patrik começou a ler, estudando-o intensamente.

– Onde encontraste isto? – perguntou Patrik quando acabou de ler. Sentia um formigueiro no estômago.

– Numa gaveta. No quarto do meu pai. Mas estava entre as coisas que a minha mãe tinha guardado. Estava juntamente com uma data de fotografias e outras recordações.

– O teu pai sabe que encontraste isto?

Sofie abanou a cabeça, fazendo com que o cabelo escuro e liso oscilasse de um lado para o outro.

– Não, e o meu pai não vai ficar nada contente quando souber. Mas os polícias que foram lá a casa na semana passada disseram-me para vos contactar se soubéssemos algo, por isso achei que devia mostrar-vos isso. Estou a fazer isto pela mamã – acrescentou, contemplando as unhas.

– Fizeste muito bem – disse Patrik. – Precisávamos desta informação e julgo que talvez nos tenhas dado a chave – Patrik não conseguia esconder o entusiasmo. Havia tanta coisa que agora encaixava. Outras peças do *puzzle* rodopiavam-lhe no cérebro: o cadastro de Börje, os ferimentos de Rasmus, a culpa de Elsa – tudo fazia sentido.

– Posso ficar com isto? – perguntou Patrik, abanando a folha.

– Não pode antes fazer uma fotocópia? – disse Sofie.

– Claro. E, se o teu pai ficar chateado, diz-lhe que me telefone. Fizeste muito bem

em vir mostrar-nos isto.

Patrik fez uma cópia da folha na fotocopadora do corredor, devolveu o original a Sofie e acompanhou-a à saída. Ficou a observar a rapariga a atravessar a rua, cabisbaixa e com as mãos bem enfiadas nos bolsos. Parecia dirigir-se a casa de Kerstin. Patrik esperava que assim fosse. Precisavam uma da outra mais do que podiam imaginar.

Com olhar triunfante, Patrik voltou a entrar na esquadra para pôr tudo em movimento. Ali estava finalmente o desenvolvimento por que tanto esperaram!

A última semana tinha sido a melhor da vida de Bertil Mellberg. Mal conseguia acreditar que aquilo estivesse a acontecer. Rose-Marie dormira em sua casa mais duas vezes e, apesar de as atividades noturnas dos dois começarem a deixar marcas sob a forma de grandes olheiras, estava a valer a pena. Mellberg dava por si a andar de um lado para o outro a cantarolar e até dera um ou outro pulo de alegria. Mas só quando ninguém estava a ver.

Rose-Marie era fantástica. Mellberg não conseguia parar de pensar na sorte que tinha tido. Era incrível que aquela mulher de sonho o tivesse escolhido a ele. Não, não conseguia pura e simplesmente compreender. E já tinham começado a falar acerca do futuro. Concordaram timidamente que tinham realmente um futuro juntos. Disso não havia dúvidas. Mellberg, que sempre tivera uma saudável relutância em empreender uma relação a longo prazo, mal se conseguia agora conter.

Também tinham conversado muito sobre o passado. Mellberg falara-lhe de Simon e mostrara-lhe orgulhosamente uma fotografia do filho que aparecera tão tarde na sua vida. Rose-Marie dissera que Simon era bonito e comentara que era muito parecido com o pai. E dissera que estava ansiosa por conhecê-lo. Rose-Marie tinha uma filha no Norte, em Kiruna, e outra nos Estados Unidos. Estavam tão longe, dissera Rose-Marie com tristeza na voz, e mostrara-lhe fotografias das duas netas, que também viviam na América. Talvez pudessem viajar juntos até lá, no verão, sugerira Rose-Marie, ao que Mellberg assentira com entusiasmo. América – nunca imaginara viajar para tão longe. Na verdade, Mellberg quase nunca pusera os pés fora da Suécia. Aquela vez em que tinha passado a ponte para a Noruega, em Svinesund, dificilmente contaria como uma viagem ao estrangeiro. Mas Rose-Marie estava a abrir-lhe todo um mundo novo. Andava a pensar comprar uma vivenda em *time-sharing* em Espanha, dissera-lhe uma noite, enquanto estava deitada nos seus braços. Uma vivenda caiada de branco com varanda, vista para o Mediterrâneo, piscina própria e uma buganvília a trepar pela fachada, espalhando a sua maravilhosa fragrância pelo ar estival. Mellberg conseguia imaginar a cena. Ele e Rose-Marie sentados na varanda numa cálida noite de verão, abraçados e a tomar bebidas frescas. Uma ideia começou a germinar-lhe na mente e recusava-se a

desaparecer. Na penumbra do quarto, Mellberg virara o rosto para o de Rose-Marie e sugerira solenemente que comprassem a vivenda a meias. Esperou ansiosamente pela reação da companheira, que, de início, não foi tão entusiástica como Mellberg esperara. Rose-Marie parecia algo preocupada. Mas depois conversaram e combinaram pôr a casa em nome dos dois, para não haver quaisquer motivos para discussões por causa de dinheiro. Não podiam permitir que isso acontecesse entre eles. Mellberg sorria e beijara-lhe a ponta do nariz. Ficava tão engraçada quando se preocupava. Por fim, Rose-Marie tinha acabado por concordar.

Sentado de olhos fechados na cadeira do seu gabinete, Mellberg quase conseguia sentir a brisa suave a acariciar-lhe as faces. O aroma a bronzeador e a pêssegos frescos. As cortinas a flutuarem com o vento que trazia o cheiro do mar. Imaginou que se inclinava para Rose-Marie, que lhe erguia a copa do seu chapéu e que... – uma pancada determinada na porta despertou-o do seu sonho.

– Entre – disse com irritação, tirando rapidamente os pés da secretária e remexendo os documentos que tinha à sua frente. – Espero que seja importante, estou muito ocupado – disse quando Hedström entrou.

– É *muito* importante – retorquiu Patrik, colocando a cópia da folha que Sofie lhe entregara em cima da secretária.

Mellberg leu-a. E, para variar, concordou com Patrik.

Havia algo na primavera que deixava Annika sempre triste. Ia para o trabalho, fazia o que tinha a fazer, regressava a casa, conversava com Lennart, brincava com os cães e depois ia deitar-se. A rotina era sempre a mesma em todas as estações do ano; porém, na primavera, ficava com a sensação de que nada daquilo fazia sentido. Na verdade, Annika tinha uma vida excelente. O seu casamento era melhor do que o da maioria dos casais e a paixão que partilhavam pelas provas de aceleração¹⁸ permitia-lhe viajar por todo o país. E isso era quase sempre mais do que suficiente. Porém, por algum motivo, na primavera, Annika sentia sempre que lhe faltava algo. Era nessa altura que desejava mais intensamente ter filhos. Não fazia ideia do porquê. Talvez por ter sido na primavera que abortara a primeira vez. No dia 3 de abril, uma data que ficaria para sempre gravada no seu coração. Apesar de já terem passado quinze anos. Tinham-se seguido mais oito abortos, visitas incontáveis ao médico, exames, tratamentos. Mas nada ajudara. Por fim, Annika e Lennart tinham aceitado a situação e tentado aproveitar a vida o melhor que podiam. Claro que também chegaram a pensar na adoção, mas nunca tinham conseguido decidir-se a dar esse passo. Todos aqueles anos de perdas e decepções tinham-nos tornado vulneráveis e inseguros. Não se atreviam a arriscar novamente. E assim, todas as primaveras, Annika ansiava pelos seus meninos e meninas que, por algum motivo, não estavam preparados para a vida, no útero ou fora dele. Por vezes, imaginava-os

como pequeninos anjos, a pairarem em seu redor como promessas. Não eram dias fáceis. E aquele era um desses dias.

Annika pestanejou para afastar as lágrimas e tentou concentrar-se na folha de cálculo de *Excel* que aparecia no ecrã do computador. Ninguém na esquadra estava ao corrente da sua tragédia pessoal. Apenas sabiam que ela e Lennart nunca tinham tido filhos; Annika não queria que a vissem a choramingar na receção. Semicerrou os olhos enquanto tentava emparelhar os dados nas células da folha de cálculo. O nome do proprietário do cão à esquerda e a informação da morada à direita. Demorara mais tempo do que pensara, mas tinha finalmente introduzido todas as moradas na lista. Gravou o ficheiro numa disquete e retirou-a do computador. Os querubins pairavam em seu redor, perguntando-lhe que nomes teriam tido, a que teriam brincado juntos e que teriam sido quando crescessem. Annika sentiu o choro a invadi-la e olhou para o relógio. Onze e meia; devia ir almoçar a casa. Sentiu que precisava de algum tempo para si, em paz e sossego. Mas antes tinha de entregar a disquete a Patrik, que lhe pedira para acabar a lista o mais depressa possível.

No corredor, cruzou-se com Hanna e vislumbrou a oportunidade de evitar o olhar perscrutador de Patrik.

– Olá, Hanna – disse. – Será que podias entregar isto a Patrik? É uma lista dos proprietários dos cães e das respetivas moradas. Eu... Hoje tenho de ir almoçar a casa.

– Que se passa? Não se está a sentir bem? – perguntou Hanna com preocupação enquanto pegava na disquete.

Annika fez um sorriso forçado.

– Está tudo bem. Mas hoje apetece-me uma refeição caseira.

– Está bem – retorquiu Hanna. – Eu entrego a disquete a Patrik. Até logo.

– Até logo – disse Annika, precipitando-se na direção da porta da esquadra. Os querubins seguiram-na até casa.

Patrik ergueu os olhos quando Hanna entrou.

– Toma, Annika pediu-me para te entregar isto. É a lista dos donos dos cães – Hanna passou-lhe a disquete para a mão e Patrik colocou-a sobre a secretária.

– Senta-te um momento – disse Patrik, apontando para uma cadeira. Hanna sentou-se e o colega lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Então, que tal tem corrido o teu primeiro mês entre nós? Gostas de trabalhar aqui? Talvez tenha sido um começo um pouco caótico, não? – Patrik sorriu e foi correspondido com um sorriso apagado. Andava um pouco preocupado com a nova colega. Tinha um ar cansado, esgotado. Claro que todos andavam exaustos, mas aquilo era outra coisa. A expressão de Hanna deixava transparecer mais do que mera exaustão. A colega usava o cabelo louro apanhado num rabo-de-cavalo, como era

seu costume, mas faltava-lhe o brilho. Além disso, Hanna tinha olheiras profundas.

– Tem corrido tudo muito bem – disse alegremente Hanna, não parecendo notar que Patrik a examinava atentamente. – Estou a gostar muito da experiência e o excesso de trabalho não me incomoda, gosto de estar sempre ocupada – olhou em redor para todos os documentos e fotografias presos às paredes e fez uma pausa antes de acrescentar: – Isto que eu disse pode parecer absurdo, mas acho que me compreendes.

– Sim, claro – retorquiu Patrik com um sorriso. – Então e Mellberg... – Patrik procurou as palavras certas – tem-se comportado?

Hanna deu uma gargalhada e, por um momento, o rosto dela suavizou-se. Assim parecia mais a mulher que tinha começado a trabalhar na esquadra cinco semanas antes, pensou Patrik.

– Para ser franca, quase não lhe pus a vista em cima; portanto, sim, podemos dizer que se comportou. Uma das coisas que aprendi até agora é que todos te veem como o verdadeiro chefe. Além disso, és um excelente profissional.

Patrik sentiu-se a corar. Não era muito frequente receber elogios e não sabia como lidar com a situação.

– Obrigado – murmurou, mudando rapidamente de assunto. – Daqui a uma hora vamos ter mais uma reunião. Pensei que era melhor juntarmo-nos na sala de convívio. Este gabinete é demasiado pequeno para nós todos.

– Há alguma novidade? – perguntou Hanna, endireitando-se na cadeira.

– Bem, sim, de certo modo – disse Patrik, sem conseguir evitar um sorriso. – Talvez tenhamos descoberto a ligação entre os vários casos – acrescentou com um sorriso ainda mais rasgado.

Hanna endireitou-se mais na cadeira.

– A ligação? Descobriste qual é a ligação?

– Sim, veio ter comigo, digamos assim. Mas antes tenho de fazer dois telefonemas para o confirmar, por isso não quero adiantar mais nada antes da reunião. Até agora só informei Mellberg.

– Certo, então até daqui a uma hora – disse Hanna, que se levantou e saiu do gabinete.

Patrik ainda não conseguira afastar a sensação de que havia algo de errado com a colega. Mas, mais cedo ou mais tarde, Hanna acabaria provavelmente por contar-lhe o que se passava.

Patrik pegou no auscultador e marcou o primeiro número de telefone.

– Encontrámos a ligação que procurávamos – Patrik olhou em redor, apreciando o efeito do seu anúncio. O olhar pousou por um momento em Annika, e Patrik notou uma ligeira vermelhidão em torno dos seus olhos, o que era bastante invulgar, uma

vez que Annika estava sempre alegre e era sempre muito positiva. Patrik ia tentar não se esquecer de falar com ela depois da reunião, para saber se estava com algum problema.

– A peça crucial do *puzzle* foi-nos hoje trazida por Sofie Kaspersen. A rapariga encontrou um velho artigo de jornal no meio dos pertences da mãe e decidiu vir entregá-lo. Parece que Gösta e Hanna, que fizeram uma visita a Sofie e ao pai na semana passada, conseguiram passar-lhe a mensagem de que a colaboração deles era fundamental. Bom trabalho! – disse Patrik, acenando aprovadamente com a cabeça a Gösta e a Hanna.

– O artigo... – Patrik não resistiu e fez uma pausa para dar efeito dramático enquanto sentia a tensão a crescer na sala. – O artigo é sobre um acidente de viação ocorrido há vinte anos em que Marit esteve envolvida e que provocou uma vítima mortal. Marit chocou com um carro conduzido por uma idosa, que faleceu. Quando a polícia chegou ao local, descobriu que Marit tinha uma taxa de alcoolemia muito elevada. Foi condenada a onze meses de prisão.

– Porque não soubemos disto antes? – perguntou Martin. – O acidente ocorreu antes de Marit se ter mudado para aqui?

– Não, Marit e Ola tinham vinte anos e já viviam aqui há um ano à data do acidente. Mas isto aconteceu há muito tempo; as pessoas esquecem-se e, provavelmente, o juiz teve alguma compaixão por Marit. A taxa de alcoolemia estava apenas um pouco acima do limite legal. Marit tinha acabado de pegar no carro depois de ter estado a jantar em casa de uma amiga e tinha bebido uns copos de vinho. Sei isto porque encontrei o processo relativo ao acidente. Estava no nosso arquivo.

– Quer dizer que o processo esteve sempre aqui? – perguntou Gösta com incredulidade.

Patrik assentiu.

– É verdade, mas não é assim tão estranho não o termos encontrado. O caso é tão antigo que não foi introduzido em nenhuma base de dados eletrónica; além disso, não íamos pôr-nos a vasculhar o arquivo ao acaso. E, como julgávamos que Marit era abstémia, parecia não fazer qualquer sentido mexer nos processos de condenações por condução sob efeito do álcool.

– Mas afinal... – murmurou Gösta com ar desanimado.

– Verifiquei junto de Lund, Nyköping e Borås. Rasmus Olsson ficou incapacitado depois de o carro que conduzia ter embatido numa árvore. O acompanhante, um amigo da mesma idade dele, morreu. Rasmus estava alcoolizado quando se deu o acidente. Börje Knudsen tinha um cadastro maior que o meu braço. Há quinze anos foi condenado por ter provocado um choque frontal e vitimado mortalmente uma menina de cinco anos que seguia na outra viatura. Portanto, este é o denominador

comum a três dos quatro casos; todos conduziam alcoolizados e causaram a morte de alguém em consequência dos acidentes que provocaram.

– E Elsa Forsell? – perguntou Hanna, olhando fixamente para Patrik, que abriu os braços.

– Esse é o único caso que ainda não consegui confirmar. Não há registo de qualquer condenação em Nyköping, mas o padre da comunidade religiosa a que Elsa pertencia insistiu muito na «culpa» dela. E julgo que essa «culpa» tem que ver com uma situação semelhante às restantes, mas ainda não sabemos ao certo. Vou telefonar ao padre Silvio Mancini depois desta reunião para ver se consigo sacar-lhe mais alguma coisa.

– Bom trabalho, Hedström – disse Mellberg do lugar que ocupava à mesa da cozinha. Todos se viraram para olhar para o superintendente.

– Obrigado – disse Patrik, espantado. Um elogio de Mellberg era como... não, Patrik não conseguia sequer pensar em algo que se lhe comparasse. Mellberg não elogiava ninguém. Nunca. Um pouco atarantado com aquele comentário inesperado do chefe, Patrik prosseguiu: – O que temos de fazer agora é começar a trabalhar a partir deste novo pressuposto. Temos de descobrir tudo o que conseguirmos acerca dos acidentes. Gösta, tu ficas com Marit; Martin, tu podes encarregar-te de Borås; Hanna, tu ficas com Lund e eu vou tentar descobrir mais informações sobre Elsa Forsell em Nyköping. Têm alguma pergunta?

Ninguém disse nada; por isso, Patrik deu a reunião por terminada. Depois foi telefonar para Nyköping. Havia uma espécie de frenesim, uma energia tensa no ar. Era de tal modo palpável que Patrik sentiu que quase conseguiria tocar-lhe. Parou no corredor, respirou fundo e entrou no gabinete para telefonar ao padre.

O padre Silvio era quase sempre alvo das mesmas perguntas quando ia a Itália visitar a família e os amigos: como conseguia viver no frio do Norte da Europa? Os Suecos não eram pessoas estranhas? Pelo que a família de Silvio tinha ouvido, os Suecos ficavam quase sempre em casa e praticamente não falavam uns com os outros. Além disso, não aguentavam de todo a bebida. Enfrascavam-se como esponjas e acabavam sempre bêbados. Porque queria viver num país assim?

Silvio costumava bebericar um copo de um bom vinho tinto, olhava para as oliveiras do irmão e depois respondia: «Os Suecos precisam de mim» e era isso que sentia. A primeira viagem que fizera à Suécia, quase há trinta anos, parecera-lhe uma aventura. A oferta de um lugar temporário na comunidade católica de Estocolmo fora a oportunidade por que sempre esperara. A oportunidade de mudar-se para um país que sempre lhe parecera tão mítico e extraordinário. Contudo, nos primeiros tempos, a Suécia não lhe pareceu assim tão extraordinária. Silvio quase morreu congelado naquele primeiro inverno, até ter aprendido que, quem queria sair à rua

em janeiro, tinha obrigatoriamente de usar três camadas de roupa. Mesmo assim, tinha sido amor à primeira vista. Adorava a luminosidade, a comida, os suecos, que eram frios por fora, mas calorosos por dentro. Aprendera a apreciar e a compreender os pequenos gestos, os comentários recatados, a amabilidade discreta de que faziam gala aquelas gentes do Norte de cabelos louros. E este era outro estereótipo que acabou por revelar-se falso. Silvio ficou espantado quando aterrou em solo sueco e constatou que nem todos os habitantes eram louros de olhos azuis.

Fosse como fosse, Silvio ficara. Após dez anos na comunidade de Estocolmo, agarrou a oportunidade de dirigir a sua própria comunidade, em Nyköping. Com o passar dos anos, a pronúncia de Sörmland tinha-se infiltrado no seu sueco com sotaque italiano e Silvio apreciava a hilaridade que aquela estranha mistura por vezes despertava. Se havia algo que os Suecos não faziam com muita frequência era rir. A maioria das pessoas talvez não associasse a felicidade e o riso ao catolicismo; porém, para Silvio, a religião era precisamente isso. Se o amor a Deus não fosse alegria e deleite, que mais poderia sê-lo?

De início, Elsa ficara surpreendida. Tinha ido ter com ele, talvez na esperança de encontrar censuras e penitências. Em vez disso, encontrou um aperto de mão caloroso e um olhar amigável. Tinham falado tanto acerca daquilo! Do sentimento de culpa de Elsa, da sua necessidade de ser castigada. Ao longo dos anos, Silvio conduzira-a gentilmente por todos os diferentes conceitos de culpa e de perdão. A parte mais importante do perdão era o arrependimento. O verdadeiro arrependimento. E isso era algo que Elsa sentia. Durante mais de trinta e cinco anos, sentira-se arrependida cada segundo de cada dia. Era muito tempo para carregar um fardo tão pesado. Silvio ficou contente por poder aligeirar um pouco a carga de Elsa, para que a mulher pudesse respirar um pouco de alívio, pelo menos durante alguns anos. Até à sua morte.

O padre Silvio franziu a testa. Tinha pensado muito na vida de Elsa – e na sua morte – desde que a polícia o visitara. E mesmo antes, mas as perguntas dos agentes tinham soltado uma torrente de emoções e de recordações. Contudo, a confissão era sagrada. A confiança entre um padre e um paroquiano não devia ser quebrada. Mesmo assim, os pensamentos rodopiavam-lhe no cérebro, fazendo-o desejar quebrar uma promessa a que Deus o vinculara. Mas sabia que isso era impossível.

Quando o telefone sobre a sua secretária tocou, o padre Silvio soube instantaneamente do que se tratava. Atendeu com um misto de expectativa e temor:

– Fala o padre Silvio Mancini.

Sorriu ao ouvir o agente de Tanumshede apresentar-se. Escutou durante algum tempo o que Patrik Hedström tinha para dizer-lhe e depois abanou a cabeça.

– Infelizmente, não posso falar acerca do que Elsa me confessou.

– Não, isso está incluído no voto de confidencialidade.

O coração do padre martelava-lhe o peito. Por um momento, pensou ver Elsa sentada na cadeira à sua frente. Elsa, com a sua postura ereta, o cabelo branco cortado curto e aquela magreza. Silvio tentara engordá-la com massas e bolos, mas nada parecia resultar. Elsa lançou-lhe um olhar amável.

– Lamento muito, mas não posso mesmo revelar nada. Terá de descobrir outra forma de...

Do seu lugar, Elsa acenava-lhe urgentemente com a cabeça e o padre tentou perceber o que queria dizer-lhe. Queria que Silvio contasse o que sabia? Mas isso não adiantaria, mesmo que essa fosse a vontade de Elsa, não podia dizer nada. Elsa continuou a observá-lo. E então, o padre teve uma ideia. Suavemente, disse:

– Não posso revelar o que Elsa me confessou, mas posso falar-lhe acerca de coisas que são do conhecimento comum. Elsa era da vossa região. Era de Uddevalla.

Elsa sorriu-lhe. E depois desapareceu. Silvio sabia que a presença de Elsa não fora real, que fora produto da sua imaginação. Mas, mesmo assim, gostara de a voltar a ver.

Quando desligou, o padre Silvio sentiu-se em paz. Não traíra Deus nem traíra Elsa. Agora, cabia à polícia descobrir o resto.

Erica percebeu que algo acontecera assim que Patrik entrou. Havia uma certa ligeireza no seu andar e parecia descontraído como há muito não o via.

– O dia correu-te bem? – perguntou cautelosamente Erica, que carregava Maja nos braços quando foi ao seu encontro. Esfuziante de alegria, Maja esticou os braços para o seu papá, que a arrebatou do colo de Erica e a abraçou.

– Correu maravilhosamente – disse Patrik, dançando com a filha nos braços. Maja riu-se tanto que quase se engasgou. O papá era incrivelmente divertido. Era óbvio que já tinha chegado a essa conclusão.

– Então conta lá – pediu Erica, dirigindo-se à cozinha para acabar o jantar. Patrik e Maja seguiram-na. Anna, Emma e Adrian estavam a ver *Bolibompa* e acenaram distraidamente a Patrik. Na televisão, Björne exigia todas as atenções.

– Descobrimos a ligação – anunciou Patrik, sentando Maja no chão. A filha ficou ali durante algum tempo, dividida entre o pai e Björne, mas depois decidiu-se pelo mais peludo dos dois e gatinhou na direção da televisão.

– Sou sempre preterido, fico sempre em segundo lugar – suspirou Patrik enquanto observava a filha a afastar-se.

– Hum, mas para mim estás sempre em primeiro lugar – disse Erica, dando-lhe um abraço apertado antes de regressar aos seus cozinhados. Patrik sentou-se a observá-la.

Erica aclarou a garganta e olhou intencionalmente para os vegetais que estavam em

cima da bancada.

Patrik saltou prontamente da cadeira e começou a cortar pepino para a salada.

– Quando tu dizes «salta», eu pergunto: «de que altura?» – disse Patrik com uma gargalhada, dando um passo para o lado para evitar a o pontapé brincalhão que Erica lhe apontou.

– Vais ver, depois de sábado vou brandir o chicote com vigor renovado – disse Erica, tentando fazer um ar severo. Ficava feliz sempre que pensava no casamento.

– Acho que, quanto a isso, já estás a fazer um bom trabalho – retorquiu Patrik, inclinando-se para a beijar.

– Parem com isso! – gritou Anna da sala de estar. – Estou a ouvir perfeitamente os vossos mimos. Há aqui crianças – acrescentou com uma gargalhada.

– Hum, se calhar é melhor deixarmos isto para mais logo – disse Erica, piscando o olho a Patrik. – Agora conta-me melhor o que aconteceu.

Patrik resumiu-lhe o que tinham descoberto e o sorriso sumiu-se do rosto de Erica. Era tudo tão trágico, aquele caso envolvia tantas mortes. E, apesar de a investigação ter agora dado um passo de gigante, Erica apercebeu-se de que Patrik ainda tinha muito trabalho pela frente.

– Quer dizer que a vítima de Nyköping também matou alguém num acidente?

– Sim – respondeu Patrik enquanto cortava tomate. – Mas não em Nyköping, em Uddevalla.

– Quem foi que ela matou? – perguntou Erica, mexendo a carne de porco guisada.

– Ainda não sabemos os pormenores. Esse acidente ocorreu há muito mais tempo do que os restantes, por isso ainda vai demorar a saber-se. Mas hoje falei com os nossos colegas de Uddevalla, que irão enviar-nos todo o material que tiverem assim que o encontrarem. Um pobre diabo qualquer vai ter de andar umas boas horas a rastejar por entre caixas poeirentas.

– Quer dizer que há alguém que anda a assassinar condutores alcoolizados que causaram vítimas mortais. E que o primeiro acidente ocorreu há trinta e cinco anos, ao passo que o último se deu há... quando foi o último?

– Há dezassete anos. Foi o acidente causado por Rasmus Olsson.

– E os locais dos acidentes cobrem toda a Suécia – refletiu Erica enquanto continuava a mexer a comida. – De Lund até aqui. Quando ocorreu o primeiro homicídio?

– Há dez anos – respondeu obedientemente Patrik, observando a futura mulher. Erica estava habituada a lidar com factos e Patrik agradecia a ajuda da sua mente sagaz.

– Ora bem, o assassino move-se por uma ampla área geográfica, existe um grande intervalo temporal entre os seus atos e a única coisa que as vítimas têm em comum é o facto de terem sido responsáveis por acidentes com vítimas mortais por

conduzirem alcoolizadas.

– Sim, acho que é isso – disse Patrik com um suspiro. O resumo de Erica fazia com que aquilo parecesse um *puzzle* completamente impossível de solucionar. Patrik pôs os vegetais numa taça, misturou-os e colocou a taça sobre a mesa da cozinha.

– Não te esqueças de que é muito provável que nos falte uma vítima – disse Patrik em voz baixa enquanto se sentava. – Há grandes probabilidades de a vítima que ainda não descobrimos ter sido a segunda a ser assassinada. Mas tenho a certeza de que há outra vítima. Alguém nos escapou.

– Não se consegue saber mais a partir dessas páginas do livro? – perguntou Erica, colocando o tacho fumegante na mesa, em cima de um suporte.

– Não me parece. Agora estou mais esperançado de que surja algo que nos permita avançar quando obtivermos as informações do acidente de Elsa Forsell. Elsa foi a primeira vítima e algo me diz que é a mais importante de todas.

– Hum, talvez tenhas razão – disse Erica antes de chamar Anna e as crianças para a mesa. Podiam continuar a falar sobre aquilo mais tarde.

Tinham passado dois dias depois de descobrirem o que tinham em comum as vítimas do assassino em série. A euforia inicial esmorecera dando lugar ao desânimo. Ainda não compreendiam porque é que o assassino operava num território tão vasto. Será que viajava de um lado para o outro à procura de vítimas? Ou teria vivido em todas aquelas cidades? Havia demasiadas perguntas. Tinham examinado de uma ponta à outra todo o material disponível sobre os acidentes envolvendo as vítimas assassinadas, mas não encontraram nada que as relacionasse entre si em nenhum dos documentos. Patrik estava cada vez mais convencido de que não existia qualquer ligação pessoal entre as vítimas e que o assassino era alguém cheio de ódio que escolhia as vítimas ao acaso com base nos seus atos. Se assim fosse, parecia que o criminoso não ligava ao facto de várias das suas vítimas terem ficado genuinamente arrependidas depois dos acontecimentos. Elsa debatera-se com a culpa e procurara redenção na religião; Marit nunca mais tocara em bebidas alcoólicas e Rasmus também não, embora de qualquer modo não pudesse beber por motivos de saúde, em consequência dos ferimentos sofridos no acidente. Börje era a exceção. Tinha continuado a beber, continuara a conduzir alcoolizado e não parecia ter ficado muito afetado por ter provocado a morte da criança.

Mas era impossível extrair conclusões quando faltava uma vítima. Quando o telefone tocou, às nove da manhã de quarta-feira, Patrik não fazia ideia de que aquela chamada lhe traria a última peça do quebra-cabeças.

– Fala Patrik Hedstöm – disse, colocando a mão no bocal para que o interlocutor não o ouvisse bocejar. O gesto brusco fez com que não percebesse bem o nome de quem estava a telefonar-lhe.

– Chamo-me Vilgot Runberg e sou o superintendente da esquadra de Ortboda.
– Ortboda? – perguntou Patrik, procurando febrilmente na sua memória geográfica.
– Nos arredores de Eskilstuna – acrescentou impacientemente o superintendente Runberg. – Isto é uma esquadra pequena, somos só três – Runberg afastou a boca do auscultador para tossir e depois prosseguiu: – Acabo de regressar de duas semanas de férias na Tailândia.

– Ah sim? – disse Patrik, perguntando a si próprio aonde levaria aquela conversa.
– Sim, foi por isso que não vi o pedido de informações que nos enviaram. Até agora.

– Estou a ver – disse Patrik, que estava agora muito mais interessado. Começou a sentir comichão nos dedos, tal era o desejo de ouvir o que o superintendente ia dizer em seguida.

– Pois, os meus colegas mais novos estão há relativamente pouco tempo na região, por isso não estavam a par de nada disto. Mas eu reconheço o caso. Sem dúvida. Fui eu que o investiguei, há oito anos.

– Que caso? – perguntou Patrik, respirando a custo. Pressionou o auscultador com mais força contra o ouvido, receoso de perder uma palavra que fosse.

– Há oito anos tivemos um homem que... bem, na altura pensei que aquilo era um pouco estranho. Mas ele tinha antecedentes de alcoolismo e... – Runberg fez uma pausa. Parecia estar envergonhado e relutante em admitir o erro que cometera. – Bem, todos pensámos simplesmente que o homem tinha tido uma recaída e bebido até à morte. Mas, bem vistas as coisas, tenho realmente de admitir que fiquei sempre com muitas dúvidas por causa dos ferimentos que mencionam no vosso pedido de informações – fez-se silêncio na linha e Patrik compreendeu como devia estar a custar ao superintendente ter aquela conversa.

– Como se chamava o homem? – perguntou Patrik para quebrar o silêncio.

– Jan-Olov Persson – respondeu o superintendente Runberg. – Tinha quarenta e dois anos, era carpinteiro. Viúvo.

– E era alcoólico?

– Sim, teve grandes problemas com o álcool durante algum tempo. Quando a mulher morreu, Jan-Olov ficou desfeito. Uma noite, meteu-se no carro alcoolizado e atropelou um jovem casal que estava a atravessar a rua. O homem morreu e Jan-Olov passou algum tempo na prisão. Mas, depois de sair, nunca mais tocou numa gota de álcool. Comportava-se normalmente, fazia o seu trabalho e cuidava da filha.

– E, um dia, foi encontrado morto com uma taxa de alcoolemia anormalmente elevada?

– Sim – suspirou Runberg. – Como eu disse, pensámos que tinha tido uma recaída e que as coisas se tinham descontrolado. Foi a filha de dez anos que descobriu o corpo. Afirmou que tinha encontrado um desconhecido, um homem, à porta de casa

deles, mas nós não acreditámos na rapariga. Pensámos que tinha ficado em estado de choque, ou que queria proteger o pai... – a voz de Runberg apagou-se e a vergonha ficou a pairar no silêncio.

– Havia uma página de um livro junto do cadáver? De um livro infantil?

– Tentei recordar-me quando li o vosso questionário. Mas não me lembro de nada desse género – respondeu Runberg. – Se havia alguma página de um livro, não lhe demos grande importância. Se calhar, pensámos que pertencia à rapariga.

– Quer dizer que essas informações já não constam no vosso arquivo? – Patrik não conseguiu esconder o desapontamento.

– Não, não resta grande coisa da investigação. Como eu disse, pensámos que o tipo tinha morrido em consequência da bebedeira. Mas posso enviar-lhe tudo o que ainda temos sobre o caso no nosso arquivo.

– Será que podia enviar-me a documentação por fax? Seria bom se conseguisse enviar-ma o mais depressa possível.

– Com certeza – disse Runberg, acrescentando: – Pobre rapariga. Que vida. Primeiro morre-lhe a mãe quando ainda era pequena e o pai vai parar à cadeia. Depois morre o pai e a rapariga fica sozinha no mundo. E agora li nos jornais que foi assassinada na vossa cidade. Parece que estava a participar num *reality show*, não era? Nunca a teria reconhecido pelas fotos. Não parecia nada a Lillemor que conheci. Quando tinha dez anos, era baixa, magra e morena e agora... bem, muita coisa mudou durante estes anos todos.

Patrik sentiu as paredes a girar em seu redor. A princípio não conseguiu processar a informação. Mas, subitamente, percebeu o que Vilgot Runberg lhe estava a dizer. Lillemor, Barbie, era a filha da segunda vítima. E, há oito anos, tinha visto o assassino.

Quando Mellberg entrou no banco sentia-se feliz e seguro como não acontecia há muitos, muitos anos. Ele, que detestava esbanjar dinheiro, estava prestes a gastar duzentas mil coroas. E não sentia a mínima hesitação. Ia comprar um futuro para si próprio, um futuro com Rose-Marie. Sempre que fechava os olhos, o que acontecia com bastante frequência durante o horário laboral, conseguia sentir a fragrância do hibisco, o cheiro do sol estival na pele, o cheiro do mar e o perfume de Rose-Marie. Mal conseguia compreender a sorte que tinha tido e quanto a sua vida mudara em poucas semanas. Em junho, viajariam de avião para ver a vivenda pela primeira vez e passariam um mês em Espanha. Mellberg já contava os dias.

– Queria transferir duzentas mil coroas – disse o superintendente, entregando à caixa o formulário com o número da conta. Estava bastante orgulhoso. Não havia muitas pessoas que conseguissem poupar uma quantia daquelas, muito menos com o que um polícia ganhava; porém, grão a grão, tinha conseguido uma poupança

considerável. Rose-Marie disse que investiria a mesma quantia e poderiam pedir o resto emprestado. Mas, quando lhe ligara na noite anterior, Rose-Marie dissera que era importante fecharem rapidamente o negócio, pois havia outro casal interessado no apartamento.

Mellberg saboreou aquelas palavras. «Outro casal.» Quem diria que, com aquela idade, ainda ia fazer parte de um casal. O superintendente riu-se para si mesmo. E ele e Rose-Marie também estavam mais do que aptos para competir com os jovens na cama. Rose-Marie era simplesmente maravilhosa. Em todos os aspetos.

Estava prestes a virar-se para sair depois de ter concretizado a transação quando, de repente, teve uma ideia brilhante.

– Qual é o saldo atual da minha conta? – perguntou ansiosamente à caixa.

– Dezasseis mil e quatrocentas coroas – respondeu a mulher. Mellberg hesitou durante um milésimo de segundo e tomou uma decisão.

– Quero levantar tudo. Em dinheiro.

– Em dinheiro? – perguntou a caixa. Mellberg assentiu. Um plano começava a tomar forma na sua mente e, quanto mais pensava, melhor lhe soava. Enfiou cuidadosamente o dinheiro na carteira e regressou à esquadra. Quem diria que sabia tão bem gastar dinheiro. Nunca o teria imaginado.

– Martin – Patrik parecia estar sem fôlego quando entrou de rompante no gabinete do colega e Martin interrogou-se sobre o que teria acontecido.

– Dar uma corrida no corredor é demasiado exercício para ti, não é? – disse Martin com um sorriso. – Se calhar devias ir para um ginásio.

Patrik abanou a mão a indicar-lhe que parasse com aquilo e, ao contrário do que era habitual, não aproveitou a oportunidade para gracejar com o colega.

– Estão relacionadas – disse Patrik, inclinando-se para a frente.

– O que é que está relacionado? – disse Martin, perguntando a si próprio o que teria dado ao colega.

– As nossas investigações – respondeu triunfantemente Patrik.

Martin sentia-se cada vez mais baralhado.

– Bem, sim – disse com ar confuso. – Já confirmámos que a condução sob efeito do álcool é o denominador comum – acrescentou, franzindo a testa e tentando perceber o motivo de tanta excitação.

– Não, não são essas investigações. Estou a falar da nossa investigação paralela. O homicídio de Lillemor. Está relacionado com os restantes casos. O assassino é o mesmo.

Nesse momento, Martin teve a certeza de que Patrik se devia ter passado da cabeça. Talvez fosse do stresse, pensou. Tinham tido muito trabalho nas últimas semanas e o casamento aproximava-se a passos largos. Numa situação daquelas, até

a pessoa mais calma...

Parecendo adivinhar os pensamentos do colega, Patrik irritou-se e disse bruscamente:

– Os casos estão relacionados. Vou explicar-te.

Patrik resumiu o que Runberg lhe dissera e o espanto de Martin ia crescendo à medida que escutava o colega. Mal acreditava no que ouvia. Aquilo soava altamente improvável. Olhou para Patrik e tentou assimilar todos os factos.

– O que estás a dizer é que a segunda vítima é um tal de Jan-Olov Persson, que era o pai de Lillemor Persson. E que Lillemor viu o assassino quando tinha dez anos.

– Sim – disse Patrik, aliviado por Martin ter finalmente percebido. – E isso coincide com o que Lillemor escreveu no diário. Que reconheceu alguém mas não conseguia saber de onde. Afinal, apenas se cruzou brevemente com ele há oito anos, quando só tinha dez, por isso não ficou certamente com uma imagem muito nítida do homem.

– Mas o assassino sabia quem ela era e tinha receio de que Lillemor o relacionasse com o que aconteceu.

– Portanto teve de matá-la antes que ela o identificasse, relacionando-o assim com o homicídio de Marit.

– E, consequentemente, com os restantes homicídios – Martin completou o raciocínio do colega.

– Tudo encaixa, não te parece? – perguntou Patrik no mesmo tom entusiasmado.

– Sendo assim, se apanharmos a pessoa que assassinou Lillemor Persson, solucionamos os restantes homicídios – disse Martin em voz baixa.

– Sim. Ou vice-versa. Se solucionarmos os outros casos, encontramos a pessoa que assassinou Lillemor.

Ficaram ambos em silêncio por um momento.

– Ora bem, que temos nós até agora em relação à investigação do homicídio de Lillemor Persson? – perguntou retoricamente Patrik. – Temos os pelos do cão e a gravação da noite do crime. Tu viste outra vez o filme na segunda-feira. Reparaste em mais alguma coisa com interesse?

Algo se agitou no subconsciente de Martin; porém, fosse o que fosse, recusava-se a vir à superfície, pelo que abanou a cabeça.

– Não, não vi nada de novo. Apenas o que consta no relatório que eu e Hanna elaborámos acerca daquela noite.

– Então vamos ter de começar por verificar a lista dos proprietários dos cães. Annika entregou-ma no outro dia – Patrik levantou-se. – Vou dar a notícia aos outros.

– Boa ideia – disse distraidamente Martin. Ainda estava a tentar perceber o que lhe teria escapado. Que diabo tinha visto na gravação? Ou que não tinha visto?

Quanto mais se esforçava, menos conseguia lembrar-se. Suspirou. Mais valia esquecer aquilo por um momento.

A notícia caiu como uma bomba na esquadra. A princípio, todos reagiram com a mesma descrença de Martin; porém, à medida que Patrik expunha os factos, iam aceitando o raciocínio com entusiasmo crescente. Depois de ter informado todos os colegas, Patrik regressou à sua secretária para tentar formular uma estratégia a fim de darem continuidade à investigação.

– Fiquei chocado com os últimos desenvolvimentos, Patrik – disse Gösta desde a entrada do gabinete do colega. Patrik limitou-se a assentir.

– Entra e senta-te – disse Patrik. E Gösta sentou-se na cadeira reservada às visitas. – O único problema é que não sei como encontrar o fio à meada – disse Patrik. – Ia mesmo agora dar uma vista de olhos à lista dos proprietários dos cães que compilaste e examinar os documentos que chegaram de Ortboda – Patrik apontou para o fax que estava sobre a secretária. Chegara há dez minutos.

– Pois, temos muito que fazer – suspirou Gösta, olhando para todas as fotografias e documentos afixados na parede. – Parece uma teia gigantesca, só não fazemos ideia de onde se terá metido a aranha.

Patrik deu uma risada.

– Não sabia que tinhas veia poética, Gösta.

O colega murmurou algo em resposta. Depois levantou-se e deu uns passos pelo gabinete, com a cara a escassos centímetros dos documentos e das fotografias que cobriam as paredes.

– Deve haver algo, um pormenor qualquer que nos escapou – disse.

– Bem, se descobrisses alguma coisa, ficar-te-ia imensamente grato. Quando olho para isto tudo, parece que já nada faz sentido – Patrik fez um gesto abrangente com o braço.

– Pessoalmente, não compreendo como consegues trabalhar com todas estas fotos à tua volta – Gösta apontou para as fotografias dos cadáveres das vítimas que estavam dispostas pela ordem em que tinham ocorrido os homicídios. Elsa mais perto da janela e Marit junto da porta.

– Ainda não afixaste a foto de Jan-Olov – disse secamente Gösta, apontando para o espaço à direita da fotografia de Elsa Forsell.

– Não, ainda não tive tempo – disse Patrik, olhando de relance para o colega. Por vezes, o bom do Gösta Flygare tinha vontade de trabalhar e aquela era claramente uma dessas ocasiões.

– Queres que eu saia? – perguntou Patrik quando Gösta tentava a custo passar por entre a sua cadeira e a parede.

– Sim, sempre era uma ajuda – disse Gösta, chegando-se para o lado para deixar

passar Patrik, que se foi encostar à parede oposta e cruzou os braços. Se calhar era boa ideia se outra pessoa desse uma olhadela àquilo.

– Vejo que o LNCF já te devolveu todas as páginas do livro – disse Gösta, virando-se para Patrik.

– Chegaram ontem. Só nos falta a página de Jan-Olov. Mas a polícia de Ortboda já não a tem no arquivo.

– É pena – disse Gösta, continuando a recuar no tempo em direção a Elsa Forsell.

– Porque terá sido escolhida a história de *Hansel e Gretel*? – disse pensativamente.

– Será que foi por acaso ou terá algum significado?

– Quem me dera saber. E há muitas outras coisas que gostava de saber e não sei.

– Hum – disse Gösta, que tinha chegado à parte da parede onde haviam sido afixadas as fotografias e os documentos relativos à morte de Elsa.

– Liguei para Uddevalla – disse Patrik, antecipando a pergunta de Gösta. – Ainda não encontraram o processo do acidente de Elsa, mas vão enviar os documentos por fax assim que os localizarem.

Gösta não respondeu. Limitou-se a ficar ali em silêncio durante algum tempo, a olhar fixamente para o que estava exposto na parede. O sol primaveril filtrava-se pela janela, iluminando alguns dos documentos com a sua luz brilhante. Gösta franziu a testa. Deu meio passo atrás e depois inclinou-se para a frente. Aproximou tanto o rosto que quase encostou a orelha à parede. Patrik observava o colega com espanto. Que estava aquele tipo a fazer?

Gösta parecia estar a examinar a página do livro de lado. A folha de *Hansel e Gretel* encontrada junto de Elsa era a página onde a história começava. Com expressão triunfante, Gösta virou-se para Patrik.

– Vem pôr-te aqui onde eu estou – disse, dando um passo para o lado.

Patrik apressou-se a tomar a posição anteriormente ocupada por Gösta e aproximou a cabeça da parede junto da folha, tal como o colega tinha feito. E ali, em contraluz, viu o que Gösta tinha descoberto.

Sofie sentia-se como se estivesse congelada por dentro. Observava o caixão a ser descido à terra. Observava, mas não compreendia. Não podia compreender. Como era possível que a mãe estivesse dentro daquele caixão?

O pastor começou a falar. Ou antes, os seus lábios moviam-se, mas Sofie não conseguia ouvir o que dizia por causa do ruído de fundo que se sobrepunha a tudo o resto. Olhou de relance para o pai. Ola tinha um ar solene e reservado, com a cabeça inclinada e o braço em torno dos ombros da avó. Os avós maternos de Sofie tinham vindo da Noruega no dia anterior. Pareciam diferentes, embora tivesse estado com eles no Natal anterior. Pareciam mais baixos, mais magros e os seus cabelos pareciam ter embranquecido mais. A avó tinha rugas no rosto que não estavam lá

dessa última vez e Sofie não soubera como aproximar-se dela para lhe falar. O avô também tinha mudado. Estava mais calado, mais absorto. Sempre fora uma pessoa alegre e faladora; porém, naquele dia, limitara-se a deambular pelo apartamento e apenas falara a quem se lhe dirigiu.

Pelo canto do olho, Sofie viu algo a mover-se junto do portão, no limiar do cemitério contíguo à igreja. Virou a cabeça e viu Kerstin ali parada, com o seu casaco vermelho e as mãos a agarrar com força as grades do portão. Sofie teve de desviar o olhar. Sentia-se envergonhada por ser o pai quem ali estava e não Kerstin. Envergonhada por não ter lutado pelo direito que assistia a Kerstin de se despedir de Marit. Mas o pai mostrara-se tão hostil, tão determinado, que Sofie teve de dar aquela batalha por vencida. Ola não parara de censurá-la desde que descobrira que Sofie tinha entregado o artigo sobre Marit à polícia. Dissera que a filha tinha desgraçado toda a família, que o tinha feito de parvo. E depois tinha começado a falar do funeral, a dizer que apenas poderiam estar presentes os parentes mais próximos, a família de Marit. Esperava que «aquela pessoa» não tivesse o *atreimento* de aparecer. Por isso, Sofie tinha optado pela saída mais fácil e permanecido calada. Sabia que aquela atitude estava errada, mas o pai tinha tanto ódio dentro dele e estava tão indignado que Sofie percebeu que pagaria bem caro se protestasse.

Porém, quando viu o rosto de Kerstin à distância, sentiu-se profundamente arrependida. Ali estava a companheira da mãe, sozinha, sem sequer poder dizer um último adeus. Sofie devia ter sido mais corajosa. Kerstin nem sequer fora mencionada no obituário que saiu no jornal. Em vez disso, Ola enviara um anúncio no qual ele, Sofie e os pais de Marit apareciam como a família enlutada. Mas Kerstin enviara o seu próprio obituário. Ola ficou lívido quando o viu no jornal, mas nada pôde fazer.

De repente, Sofie sentiu-se completamente farta de toda aquela hipocrisia, da injustiça da situação. Deu um passo no caminho de gravilha, hesitou durante um segundo e depois caminhou apressadamente na direção de Kerstin. Por um momento, sentiu novamente a mão de Marit no seu ombro e sorriu ao lançar-se nos braços de Kerstin.

– Sigrid Jansson – disse Patrik, semicerrando os olhos. – Vê tu, não diz aqui Sigrid Jansson?

Patrik afastou-se para que Gösta pudesse olhar mais de perto para a página e para o nome que era visível à luz do sol primaveril que entrava pela janela.

– Também me parece – disse Gösta, claramente satisfeito consigo próprio.

– É curioso que o LNCF não tenha reparado nisto – disse Patrik, mas depois lembrou-se de que apenas tinham pedido ao Laboratório para procurar impressões

digitais. Parecia que o proprietário do livro assinara o nome na primeira página do livro e que a esferográfica tinha deixado uma marca na folha que estava por baixo, que continha a primeira página da história, a mesma que tinha sido encontrada junto do cadáver de Elsa Forsell.

– E agora, que fazemos? – perguntou Gösta, que ainda ostentava a mesma expressão de satisfação no rosto.

– O nome não é particularmente invulgar, mas teremos de começar por pesquisar todas as Sigrid Jansson da Suécia, para ver no que dá.

– O livro era antigo. A proprietária pode já ter morrido.

Patrik pensou durante um momento antes de responder.

– Então vamos ter de alargar a pesquisa de modo a não incluir apenas mulheres com esse nome que ainda estejam vivas mas também todas as Sigrid Jansson nascidas... no século dezanove.

– Parece-me um bom plano. Achas que há algum motivo para Elsa ter recebido a primeira página? Existirá alguma relação entre ela e a tal Sigrid Jansson?

Patrik encolheu os ombros. Já nada o surpreenderia naquele caso.

– Teremos de investigar isso. E talvez saibamos mais quando nos ligarem de Uddevalla.

Nem de propósito, o telefone que estava sobre a secretária de Patrik tocou.

– Fala Patrik Hedström – disse, acenando a Gösta para que o colega esperasse no gabinete enquanto atendia a chamada.

– Um acidente. 1969. Sim... Sim... Não... Sim...

Gösta mudava impacientemente o peso de um pé para o outro. Pela expressão de Patrik, percebeu que o colega ouvira alguma informação crucial. O que acabou por confirmar-se.

Quando desligou, Patrik disse triunfantemente:

– Era de Uddevalla. Encontraram os dados acerca de Elsa Forsell. Era ela quem ia a conduzir quando provocou um choque frontal com outro carro em 1969. Elsa estava alcoolizada. Adivinha o nome da mulher que morreu?

– Sigrid Jansson – sussurrou Gösta.

Patrik assentiu.

– Queres vir comigo a Uddevalla?

Gösta limitou-se a resfolegar. Claro que queria.

* * *

– Para onde foram Patrik e Gösta? – perguntou Martin ao sair do gabinete vazio de Patrik.

– Foram a Uddevalla – respondeu Annika, olhando para Martin por cima dos óculos encavalitados na ponta do nariz. Sempre tivera grande carinho por ele. O

rapaz tinha um ar de cachorrinho e uma candura que despertavam o seu instinto maternal. Antes de ter encontrado Pia, Martin passara muitas horas com ela na receção a desabafar as suas angústias amorosas. Embora Annika estivesse feliz por Martin ter encontrado um relacionamento estável, por vezes tinha saudades daqueles tempos.

– Senta-te – disse Annika, e Martin obedeceu. Ninguém na esquadra se atrevia a desobedecer a Annika. Nem mesmo Mellberg.

– Como tens passado? Está tudo bem? Gostam do vosso apartamento? Fala, homem! – ordenou, lançando-lhe um olhar severo. Para sua grande surpresa, Annika viu um sorriso de orelha a orelha formar-se no rosto de Martin, que mal conseguia estar quieto no seu lugar.

– Vou ser pai – declarou com um sorriso ainda mais rasgado. Annika sentiu os olhos a encherem-se de lágrimas. Não de inveja, nem de tristeza por não ter podido experimentar aquela sensação, mas de pura e sincera alegria por Martin.

– Que estás a dizer? – perguntou Annika, rindo enquanto limpava uma lágrima que lhe escorria pela face. – Meu Deus, que tonta que eu sou, estar para aqui a chorar desta maneira – disse, envergonhada, mas reparou que Martin também estava comovido.

– Quando nasce o bebé?

– No final de novembro – disse Martin, fazendo mais um sorriso rasgado. Annika alegrou-se ao vê-lo tão feliz.

– No final de novembro – repetiu Annika. – Bem, fico muito... Então, não fiques para aí sentado, anda cá dar-me um abraço! – Annika estendeu os braços e Martin aproximou-se dela, cingindo-a num abraço muito apertado. Ficaram a conversar sobre o feliz acontecimento durante mais algum tempo, até que Martin se pôs sério e o sorriso lhe desapareceu do rosto.

– Achas que alguma vez vamos chegar ao fundo de tudo isto?

– Dos homicídios? – Annika abanou a cabeça. – Não sei. Tenho receio de que, desta vez, Patrik se tenha metido numa camisa de onze varas. É demasiado... complicado

Martin assentiu.

– Isso também já me ocorreu. É verdade, que foram eles fazer a Uddevalla?

– Não sei. Patrik só me disse que lhe telefonaram de Uddevalla por causa de Elsa Forsell e que iam até lá para saber mais. Uma coisa é certa: tinham ambos um ar determinadíssimo.

A curiosidade de Martin estava definitivamente desperta.

– Devem ter descoberto alguma coisa importante acerca dela. O que será que...

– Esta tarde já ficaremos a saber – interrompeu Annika, que também não conseguia parar de matutar no que motivara a saída apressada de Patrik e Gösta.

– Pois, acho que tens razão – retorquiu Martin, levantando-se e preparando-se para regressar ao seu gabinete. De repente, sentiu um enorme desejo de que já fosse novembro.

Gösta e Patrik demoraram quatro horas a regressar à esquadra. Assim que entraram, Annika percebeu que traziam notícias importantes.

– Vamos fazer uma reunião na sala de convívio – disse laconicamente Patrik, seguindo para o seu gabinete para pendurar o blusão. Cinco minutos mais tarde já estavam todos na sala.

– Hoje tomámos conhecimento de dois factos decisivos – disse Patrik, olhando para Gösta. – Primeiro, Gösta descobriu que se consegue ler um nome na página do livro encontrada junto de Elsa Forsell. O nome é Sigrid Jansson. Depois, recebemos uma chamada de Uddevalla, por isso fomos até lá para examinar os documentos que os nossos colegas encontraram acerca de Elsa Forsell. E constatámos que tudo encaixa.

Patrik fez uma pausa, bebeu um pouco de água e encostou-se à bancada. Todos o olhavam fixamente, ansiosos por ouvir o que ia dizer a seguir.

– Em 1969, Elsa Forsell provocou um acidente de viação que fez um morto. À semelhança das outras vítimas do nosso assassino, estava a conduzir alcoolizada. Foi condenada a um ano de prisão. O carro em que embateu era conduzido por uma mulher na casa dos trinta, que viajava com os dois filhos. A mulher teve morte imediata, mas os filhos, miraculosamente, não sofreram um arranhão – nesse momento, Patrik fez uma pausa para criar *suspense* e depois prosseguiu: – A mulher chamava-se Sigrid Jansson.

Todos contiveram a respiração, ao passo que Gösta assentiu com agrado. Há muito tempo que não se sentia tão satisfeito por ter contribuído para ajudar a solucionar um caso.

Martin levantou o braço para dizer algo, mas Patrik deteve-o.

– Espera, há mais. A princípio, a polícia presumiu que as crianças que seguiam no carro eram os filhos de Sigrid. Mas havia um problema: Sigrid não tinha filhos. Vivia como uma reclusa no campo, nos arredores de Uddevalla, na casa onde crescera e que herdara depois da morte dos pais. Trabalhava numa loja de roupas elegantes na cidade e era sempre bem-educada e agradável para os clientes. Porém, quando a polícia os interrogou, os colegas afirmaram que Sigrid era extremamente reservada. Pelo que sabiam, não tinha família nem amigos. E, decididamente, não tinha filhos.

– Mas... então de quem eram as crianças? – perguntou Mellberg, coçando a testa.

– Ninguém sabe. Não havia qualquer relato do desaparecimento de crianças daquela idade. Ninguém telefonou para a polícia a reclamá-las. Quando a polícia foi a casa de Sigrid, para dar uma vista de olhos, constatou que as duas crianças tinham

estado sem sombra de dúvida a viver com ela. Falámos com um dos agentes que trabalhavam na esquadra de Uddevalla à data do acidente. Contou-nos que as crianças partilhavam um quarto cheio de brinquedos. Mas Sigrid nunca tinha dado à luz, conforme revelou a autópsia. Os nossos colegas de Uddevalla também recolheram amostras de sangue para determinar se Sigrid era parente das crianças, mas os grupos sanguíneos não coincidiam.

– Quer dizer que Elsa Forsell foi a causadora de tudo – disse Martin.

– Pois, parece que sim – afirmou Patrik. – Ao que parece, o acidente que Elsa provocou, desencadeou toda uma cadeia de homicídios. Parece que o assassino começou por ela.

– Onde estão as crianças agora? – perguntou Hanna, dando voz ao que todos estavam a pensar.

– Estamos a trabalhar nisso – disse Gösta. – Os nossos colegas de Uddevalla estão a tentar obter a documentação da Segurança Social, o que pode levar algum tempo.

– Temos de continuar a trabalhar na investigação com base nas informações de que dispomos – disse Patrik. – Mas a chave do caso é Elsa Forsell, por isso vamos concentrar-nos nela.

Todos saíram da sala de convívio, mas Patrik voltou a chamar Hanna.

– Sim? – perguntou. Quando Patrik viu como a colega estava pálida, ficou ainda mais determinado em ter uma conversa com ela.

– Senta-te – disse Patrik, afundando-se numa das cadeiras. – Estás bem? – perguntou, estudando-a intensamente.

– Se queres mesmo saber, não estou lá muito bem – respondeu, olhando para baixo. – Ando a sentir-me adoentada há alguns dias; devo estar a chocar alguma.

– Pois, tenho reparado que não tens andado bem ultimamente. Acho que devias ir para casa descansar. Não ajudas ninguém a armares-te em supermulher e a tentares trabalhar doente. Tens de ir com calma, para voltares com energia renovada quando regressares.

– Mas, a investigação...

Patrik levantou-se.

– Isto é uma ordem. Vai para casa descansar – disse com severidade fingida.

– Sim, chefe – disse Hanna, sorrindo e esboçando uma continência. – Só tenho de acabar de tratar de uns assuntos. São coisas que não podem esperar.

– Tudo bem. Mas depois vá direitinha para casa, inspetora!

Hanna fez um sorriso desmaiado e saiu. Patrik ficou a observá-la com preocupação. Não parecia estar mesmo nada bem.

Virou-se para olhar pela janela e permitiu-se ficar ali sentado por um momento. Tinham feito progressos enormes nos últimos dias; porém, se queriam solucionar

aquele caso, precisavam de encontrar rapidamente as crianças. Aquelas crianças que pareciam ter surgido do nada. Agora, o mais importante era descobrir o que lhes tinha acontecido.

– Serve na perfeição! – disse Anna, esfuziante, e Erica tinha de concordar. O vestido precisava de uns ajustes, aqui e ali; porém, depois das alterações, serviria que nem uma luva. Alguns dos quilos que ganhara durante a gravidez e que teimavam em não desaparecer, tinham-se agora esfumado. E a dieta fizera com que Erica se sentisse mais magra e mais cheia de vida.

– Vais estar tão linda! – disse Anna durante a viagem de regresso a casa, depois da prova do vestido.

Erica sorriu à irmã, que estava quase mais entusiasmada com o casamento do próximo sábado do que ela. Lançou uma olhadela a Maja, que dormia na sua cadeirinha.

– Estou preocupada com Patrik – disse Erica, e o sorriso desvaneceu-se. – Anda tão tenso. Achas que vai conseguir desfrutar do casamento?

Anna olhou para a irmã por um momento, parecendo refletir se devia ou não responder. Por fim, decidiu-se.

– Pensava fazer-te uma surpresa – disse. – Mas aqui vai: conversei com os nossos amigos e decidimos esquecer as despedidas de solteiro. Em vez disso, reservámo-vos um quarto com jantar incluído no Stora Hotellet, para sexta-feira à noite. Assim podem descansar um pouco em paz e sossego na véspera do casamento. Espero que aches bem.

– Que queridos. É uma ideia excelente. Não me parece que Patrik esteja com grande vontade para despedidas de solteiro no ponto em que as coisas estão. Uma noite tranquila é mesmo do que estávamos a precisar. Não creio que tenhamos muita paz e sossego no sábado.

– Pois, eu também não – disse Anna, dando uma gargalhada de alívio por Erica ter aprovado a ideia.

Então, Erica mudou de assunto.

– Anna, decidi investigar um pouco a vida da mãe.

– Investigar? Como assim?

– Bem... fazer uma pesquisa genealógica. Descobrir onde nasceu e essas coisas. Descobrir algumas respostas, quem sabe.

– Achas que isso vai adiantar alguma coisa? – perguntou Anna com ceticismo. – Claro que debes fazer o que achares melhor, mas a mãe não era uma pessoa muito afetiva. Se calhar foi por isso que não conservou nada do seu passado e que nunca nos contou nada sobre a infância dela. Sabes bem a falta de interesse que Elsy tinha em documentar a nossa.

Anna deu uma gargalhada amarga que surpreendeu Erica. A irmã sempre fingira não se incomodar com a frieza da mãe.

– Mas não estás nem um bocadinho curiosa? – insistiu Erica, olhando de esguelha para a irmã para não descurar a condução.

Anna olhou pela janela.

– Não – respondeu após um breve mas significativo momento de hesitação.

– Não acredito. Bem, seja como for, vou começar a investigar. Daqui a uns tempos, se quiseres saber o que descobri, diz-me. Mas não te vou pressionar; tu é que decides.

– Então e se não encontrares respostas? – perguntou Anna, virando-se para olhar para Erica. – E se descobrires que a mãe teve uma infância normal e uma adolescência semelhante à de todas as outras raparigas? E se não houver outra explicação além do simples facto de ela não se interessar por nós? Se assim for, vais fazer o quê?

– Viver com isso – disse Erica em voz baixa. – Como sempre fiz.

Permaneceram em silêncio durante o resto da viagem para casa, profundamente embrenhadas nos seus pensamentos.

Patrik reviu a lista pela terceira vez, tentando não estar constantemente a olhar para o telefone. De cada vez que tocava, Patrik pensava que eram os colegas de Uddevalla com mais informações acerca das crianças. Mas ficava sempre desapontado.

Também ficou desapontado com a lista de proprietários de cães e respetivas moradas. Os donos estavam espalhados por toda a Suécia e nenhum morava perto de Tanumshede. As hipóteses de sucesso daquela ideia eram muito remotas mas, ainda assim, Patrik albergava alguma esperança. Para se certificar de que não lhe escapava nada, leu os nomes uma quarta vez. Cento e cinquenta e nove nomes. Cento e cinquenta e nove moradas, mas a mais próxima ficava nos arredores de Trollhättan¹⁹. Patrik suspirou. Uma boa parte do seu trabalho consistia em tarefas maçadoras e morosas; porém, depois dos acontecimentos dos últimos dias, quase se tinha esquecido de que assim era. Girou na cadeira rotativa e contemplou o mapa da Suécia pendurado na parede. Os pioneses pareciam olhá-lo fixamente, desafiando-o a ver o padrão, a decifrar o código que representavam. Cinco pioneses, cinco cidades, espalhadas pela metade sul daquele retângulo que era a Suécia. Que levaria o assassino a deslocar-se entre aquelas cidades? Seriam motivos profissionais? Lazer? Seria simplesmente uma manobra de diversão? O assassino estaria baseado noutra localidade qualquer? Patrik não acreditava naquela última opção. Algo lhe dizia que a resposta residia no padrão geográfico, que o assassino seguira aquele padrão por algum motivo. Também estava convencido de que o homicida continuava

na região. Era mais um pressentimento do que uma certeza, mas era tão forte que Patrik não conseguia evitar observar atentamente todas as pessoas com quem se cruzava na rua. Será que aquela pessoa era o assassino? Ou seria antes aquela outra? Quem se ocultaria por detrás de uma máscara de cidadão comum?

Patrik suspirou e ergueu os olhos quando Gösta entrou, depois de bater discretamente à porta.

– Ora bem – começou Gösta, sentando-se. – A minha cachimónia não tem parado – o agente deu uma palmadinha na têmpora – desde ontem, quando nos contaste aquilo das crianças. Se calhar é um disparate. E pode parecer um pouco rebuscado.

Gösta pigarreava e hesitava, e Patrik teve de conter a vontade de se inclinar sobre a secretária para fazer com que o colega desembuchasse.

– Bem, estive a pensar num caso que aconteceu em 1967, em Fjällbacka. Eu tinha entrado para a polícia há pouco tempo.

Patrik olhou para Gösta, cada vez mais irritado. Tanta conversa!

Gösta prosseguiu:

– Ora bem, como eu estava a dizer, ainda não trabalhava na esquadra de Fjällbacka há muito tempo quando recebemos uma chamada sobre duas crianças que se afogaram. Eram gémeos e tinham três anos. Viviam com a mãe na ilha de Kalvö. O pai tinha-se afogado uns meses antes quando caiu num buraco no gelo e, ao que parece, a mãe das crianças começou a beber bastante. Naquele dia, foi em março, se bem me lembro, foi com os filhos de barco para Fjällbacka e depois seguiu de carro até Uddevalla, para tratar de uns assuntos. Quando estavam a regressar à ilha no barco, levantou-se uma tempestade. De acordo com a mãe, o barco virou-se mesmo antes de chegarem à ilha e ambas as crianças se afogaram. A mãe nadou até à costa e pediu ajuda pelo rádio.

– Que foi que te levou a pensar que isso pode ter alguma ligação com o nosso caso? As crianças afogaram-se; portanto, não podiam ter estado com Sigrid Jansson no carro, dois anos mais tarde.

Gösta hesitou.

– Mas houve uma testemunha – disse, fazendo uma pausa. Depois prosseguiu: – Uma testemunha que afirma que a mãe, Hedda Kjellander, não estava com as crianças no barco quando zarpou de Fjällbacka.

Patrik ficou em silêncio durante bastante tempo.

– Porque é que nunca ninguém investigou isso a fundo?

Gösta parecia desanimado.

– Porque a testemunha era uma idosa. Um pouco amalucada, pelo que as pessoas diziam. Costumava ficar sentada à janela o dia inteiro a olhar pelos binóculos e, de tempos a tempos, dizia ver coisas... Monstros marinhos e coisas do género – disse Gösta, ainda com ar desanimado.

Gösta contou a Patrik que matutara no caso de vez em quando. Nos gémeos, cujos cadáveres nunca tinham dado à costa em lado nenhum. Mas que acabava sempre por afastar esse pensamento, convencendo-se invariavelmente de que se tratara de um acidente trágico, nada mais do que isso.

– Depois de ter falado com a mãe, Hedda, também me custou a acreditar que ela pudesse estar a mentir. Estava completamente desesperada. Perturbadíssima. Não havia qualquer motivo para pensar que... – Gösta não concluiu a frase e não se atreveu a encarar Patrik.

– Que lhe aconteceu? À mãe das crianças?

– Nada. Ainda vive na ilha. Raramente aparece na cidade. Vão entregar-lhe comida e garrafas de vinho e de vodca à cabana onde vive, na ilha. Mas o que lhe interessa são sobretudo as garrafas.

De repente, fez-se luz na mente de Patrik.

– Estás a referir-te à «Hedda de Kalvö»? – não podia acreditar. Mas nunca tinha ouvido dizer que Hedda tivesse tido dois filhos. O único rumor que ouvira acerca dela era que tinha sofrido duas perdas trágicas e que, desde então, não fazia mais do que embebedar-se.

– Quer dizer que achas que...

Gösta encolheu os ombros.

– Não sei o que pensar. Mas é uma coincidência incrível. E as idades também coincidem – Gösta calou-se e deixou que Patrik refletisse acerca do que lhe tinha dito.

– Acho que temos de ir até lá para falar com ela.

Gösta assentiu.

– Podemos ir no nosso barco – disse Patrik, levantando-se. Gösta ainda tinha o desânimo estampado no rosto quando Patrik se voltou para ele. – Aquilo aconteceu há muitos anos, Gösta. E não posso garantir-te que teria agido de forma diferente. Provavelmente, teria chegado à mesma conclusão que tu. Além disso, tu não eras o chefe.

Gösta não estava assim tão convencido de que Patrik tivesse deixado cair o assunto com tanta facilidade. E achava que talvez devesse ter insistido mais com o seu chefe de então. Mas o que estava feito, feito estava, e agora não adiantava chorar sobre o leite derramado.

– Estás doente? – perguntou Lars, preocupado. Sentou-se na beira da cama e colocou a mão fresca na testa de Hanna. – Estás a arder – disse, puxando-lhe as cobertas até ao queixo. Hanna tremia e sentia-se estranhamente gelada, embora estivesse a transpirar.

– Só quero estar sozinha – disse Hanna, virando-se de lado.

– Só estava a tentar ajudar – retorquiu Lars, magoado, e retirou a mão que ainda permanecia sobre as cobertas.

– Já me ajudaste o suficiente – disse amargamente Hanna, batendo os dentes.

– Meteste baixa por doença? – Lars sentou-se de costas para Hanna e olhou lá para fora pela porta da varanda. Havia uma distância tal entre eles que bem podiam estar em continentes diferentes. Algo se apertava em torno do coração de Lars. Era algo semelhante ao medo, mas era um medo tão profundo, tão penetrante que Lars não conseguia recordar a última vez que tivera uma sensação daquelas. Respirou fundo.

– E se eu mudasse de ideias acerca de termos filhos, mudava alguma coisa?

Fez-se silêncio por um segundo. Hanna sentou-se, recostando-se na almofada, mas continuava tapada até ao queixo. Tremia tanto que parecia que a cama também estava a tremer.

– Isso mudaria tudo – disse Hanna, olhando fixamente para Lars, os olhos a brilhar de febre. – Isso mudaria tudo – repetiu. Mas, após um momento, acrescentou: – Ou não?

Lars voltou-lhe novamente as costas e olhou para o telhado da casa ao lado.

– Se calhar mudava – disse, embora não tivesse a certeza de estar a dizer a verdade. – Sim, mudava.

Quando se voltou novamente, Hanna tinha adormecido. Lars ficou a olhar para ela durante muito tempo. Depois saiu do quarto em bicos de pés.

– Consegues dar com a ilha? – Patrik voltou-se para Gösta quando zarparam do embarcadouro, em Badholmen.

Gösta assentiu.

– Claro que sim.

Fizeram toda a viagem até à ilha de Kalvö em silêncio. Quando acostaram no molhe decrepito, o rosto de Gösta tinha adquirido uma tonalidade acinzentada. Tinha estado ali várias vezes desde aquele dia há trinta e sete anos, mas era sempre a primeira visita que lhe vinha à memória.

Caminharam vagarosamente até à cabana que ficava no ponto mais alto da ilha. Era óbvio que há muito que não era feita qualquer manutenção e tinham despontado ervas daninhas em redor do pequeno relvado que rodeava a casa. De resto, não havia mais do que granito até onde a vista alcançava, embora um exame mais atento revelasse vestígios de plantas que esperavam a chegada do calor primaveril para despertarem. A casa era branca e a pintura estava descascada em vários sítios, revelando a madeira acinzentada maltratada pela maresia. As telhas estavam soltas e quebradas e faltavam algumas, aqui e ali, como uma boca desdentada.

Gösta, que seguira à frente de Patrik, bateu cautelosamente à porta. Não houve

resposta. Bateu com mais força.

– Hedda? – chamou, martelando ainda com mais convicção a porta de madeira com o punho. Depois rodou a maçaneta. A porta não estava trancada e abriu-se.

Quando entraram, os agentes taparam instintivamente o nariz por causa do mau cheiro. Era como entrar num chiqueiro. Havia lixo, restos de comida, jornais velhos e, sobretudo, garrafas vazias.

Gösta avançou cautelosamente pelo vestíbulo e chamou:

– Hedda? – continuava a não haver resposta.

– Vou dar uma vista de olhos para ver se a encontro – disse Gösta, ao que Patrik apenas assentiu. Era incompreensível que alguém conseguisse viver daquela maneira.

Poucos minutos depois, Gösta regressou e fez um gesto a Patrik para que o seguisse.

– Está deitada na cama, inconsciente. Temos de tentar acordá-la. Podes pôr café a fazer?

Sentindo-se perdido, Patrik olhou em torno da cozinha. Por fim, encontrou um frasco de café instantâneo e uma cafeteira. Parecia ser sobretudo usada para ferver água, pois estava relativamente limpa em comparação com os restantes utensílios de cozinha.

– Anda, Hedda, vamos até aqui – Gösta entrou na cozinha com um destroço humano a reboque. Dos lábios de Hedda vinha apenas um murmúrio, mas a mulher lá conseguiu pôr um pé à frente do outro e chegar à cadeira para onde Gösta a conduziu. Hedda sentou-se pesadamente, pôs a cabeça sobre os braços, em cima da mesa, e começou a risonar.

– Hedda, não adormeças outra vez, tens de ficar acordada – Gösta abanou-lhe suavemente o ombro, mas não obteve qualquer reação. Fez um gesto com a cabeça na direção da cafeteira ao lume, cuja água já fervia. – Café – disse Gösta, ao que Patrik se apressou a servir um na chávena menos nojenta que encontrara. Não beberia um nem que lhe pagassem, pensou.

– Hedda, precisamos de falar um pouco contigo – disse Gösta, obtendo apenas um murmúrio em resposta. Mas depois, lentamente, Hedda endireitou-se, ofegou um pouco e tentou focar o olhar. – Somos da polícia de Tanumshede. Patrik Hedström e Gösta Flygare. Já nos encontrámos várias vezes – Gösta estava a falar de modo extremamente claro, na esperança de que, pelo menos, Hedda conseguisse interiorizar algumas palavras. Fez um gesto a Patrik para que ocupasse uma cadeira e ambos se sentaram à mesa da cozinha, de frente para Hedda. O oleado sobre a mesa, que em tempos fora branco e decorado com pequenas rosas, estava agora tão sujo de restos de comida, migalhas e gordura que o padrão mal se conseguia distinguir. E era igualmente difícil tentar adivinhar qual teria sido o aspeto de Hedda

antes de o álcool a ter destruído. Tinha a pele curtida e enrugada e uma espessa camada de gordura recobria-lhe todo o corpo. Em tempos, o cabelo de Hedda fora certamente louro, mas agora era grisalho e estava desajeitadamente apanhado num rabo-de-cavalo. Não parecia ser lavado há muito tempo. A camisola que usava estava toda esburacada e tinha obviamente sido comprada há muitos anos, quando Hedda era muito mais magra, pois estava apertada nos ombros e no peito.

– Que raio... – Hedda não terminou a frase e as palavras foram substituídas por um murmúrio arrastado, enquanto oscilava para a frente e para trás na cadeira.

– Bebe um pouco de café – sugeriu Gösta num tom surpreendentemente gentil, empurrando a chávena na direção da mulher para que ficasse dentro do seu campo visual.

Hedda obedeceu docilmente, pegando na chávena com as mãos trémulas. Bebeu até à última gota. Depois afastou bruscamente a chávena e Patrik apanhou-a mesmo antes de tombar da borda da mesa.

– Queremos falar contigo acerca do acidente – disse Gösta.

Hedda ergueu a cabeça com esforço e semicerrou os olhos na direção dos agentes. Patrik decidiu manter-se calado e deixar o colega conduzir a conversa.

– O acidente? – perguntou Hedda, cujo corpo parecia estar um pouco mais estável na cadeira.

– O acidente em que as crianças morreram – disse Gösta, olhando fixamente para Hedda.

– Não quero falar disso – retorquiu Hedda, arrastando a voz, abanando a mão.

– Temos de falar disso – insistiu Gösta no mesmo tom amigável.

– Eles afogaram-se. Afogaram-se todos. Percebes? – Hedda abanou o dedo no ar. – Então, primeiro foi Gottfrid. Saiu para pescar cavalas à linha e só o encontraram uma semana depois. Eu saí de casa e esperei por ele uma semana. Mas, ao pôr do Sol do dia em que saiu, percebi logo que Gottfrid nunca mais ia voltar para mim e para os miúdos – disse por entre soluços. Parecia estar perdida noutro tempo, há muitos anos.

– Que idade tinham então os seus filhos? – perguntou Patrik.

Hedda voltou o olhar para Patrik pela primeira vez.

– Filhos, quais filhos? – perguntou, parecendo confusa.

– Os gémeos – disse Gösta, fazendo com que Hedda se voltasse novamente para ele. – Que idade tinham os gémeos quando se deu o acidente?

– Tinham dois anos, quase três. Eram uns miúdos muito endiabrados. Só conseguia tomar conta deles com a ajuda de Gottfrid. Quando ele... – a voz sumiu-se novamente e Hedda olhou em redor da cozinha, como se procurasse algo. O olhar pousou num dos armários. Levantou-se com esforço e arrastou-se até ao armário, abriu a porta e pegou numa garrafa de vodka *Explorer*.

– Querem beber um copo? – perguntou, esticando a garrafa na direção dos agentes. Quando ambos abanaram a cabeça, Hedda deu uma gargalhada. – Ainda bem, porque também não vos ia dar nem uma gota – o seu riso assemelhava-se mais a um cacarejo. Hedda levou a garrafa para a mesa e voltou a sentar-se. Não se preocupou em ir buscar um copo, levou a garrafa aos lábios e emborcou um trago. Patrik quase conseguia sentir a garganta a queimar só de olhar para a mulher.

– Que idade tinham os gémeos quando se afogaram? – perguntou novamente Gösta.

Hedda olhava o vazio e não parecia estar a ouvi-lo.

– Ela era tão elegante – murmurou. – Tinha um colar de pérolas e um belo casaco, e tudo. Era uma senhora muito elegante.

– De quem está a falar? – perguntou Patrik, morto de curiosidade. – Que senhora é essa? – mas Hedda já tinha perdido o fio à meada.

– Que idade tinham as crianças quando se afogaram? – repetiu Gösta de forma ainda mais clara.

Hedda virou-se para Gösta, com a garrafa erguida a meio caminho da boca.

– Os gémeos não se afogaram, pois não? – perguntou, bebendo mais uma golada pela garrafa.

Gösta lançou uma olhadela plena de significado a Patrik e inclinou-se para a frente.

– Os gémeos não se afogaram? Então que lhes aconteceu?

– Que estás para aí a dizer? Não se afogaram? – subitamente, Hedda ficara com um olhar assustado. – Claro que se afogaram, claro que sim... – deu mais um trago e o olhar tornou-se ainda mais esgazeado.

– Então, Hedda, as crianças afogaram-se ou não? – Gösta ouviu o tom desesperado da sua própria voz, mas a pergunta pareceu simplesmente fazer com que Hedda penetrasse ainda mais na névoa. Desta vez nem sequer respondeu, limitando-se a abanar a cabeça.

– Não me parece que consigamos sacar-lhe muito mais – lamentou-se Gösta.

– Pois, também não me parece, teremos de tentar encontrar outra maneira de saber o que aconteceu. Talvez seja melhor darmos uma vista de olhos por aqui.

Gösta assentiu e virou-se para Hedda, cuja cabeça estava novamente a caminho da mesa.

– Hedda, podemos dar uma olhadela às tuas coisas?

– Hum – respondeu Hedda, adormecendo logo em seguida.

Gösta aproximou a cadeira da de Hedda, para que a mulher não caísse para o chão, e depois começou a vasculhar a casa com Patrik.

Uma hora mais tarde, não tinham encontrado nada. Só havia lixo e mais lixo. Patrik desejou ter levado umas luvas e começava a sentir comichão por todo o corpo. Mas

não havia quaisquer indícios de que alguma vez tivessem vivido crianças naquela casa. Hedda devia ter deitado fora tudo o que lhes pertencera.

As palavras de Hedda acerca da «senhora elegante» ecoavam-lhe no cérebro. Não conseguia esquecê-las, por isso sentou-se junto da mulher e abanou-a suavemente para tentar despertá-la uma vez mais. Relutantemente, Hedda endireitou-se na cadeira, mas a cabeça caiu-lhe para trás antes de a conseguir estabilizar verticalmente.

– Hedda, tem de responder-me. A senhora elegante é que tem os seus filhos?

– Eles davam demasiado trabalho. E eu só tive de ir fazer umas coisas a Uddevalla. Também tinha de comprar mais vodca, as garrafas estavam todas vazias – disse Hedda com voz pastosa, olhando pela janela para o mar que brilhava, refletindo o sol primaveril. – Mas portavam-se sempre tão mal. E eu estava tão cansada. E ela era uma senhora tão elegante. Era tão simpática. Disse-me que podia levá-los. E levou-os mesmo.

Hedda desviou o olhar para Patrik, que viu pela primeira vez emoção genuína nos olhos da mulher. Bem no fundo do seu ser, havia uma dor e uma culpa tão incompreensíveis que apenas o álcool as conseguia afogar.

– Mas eu arrependi-me – disse Hedda com os olhos marejados de lágrimas. – Mas depois já não os consegui encontrar. Fartei-me de procurá-los. Mas tinham desaparecido. E a senhora elegante também. Aquela do colar de pérolas – Hedda coçou o pescoço para mostrar onde tinha visto o colar e disse: – Ela também desapareceu.

– Mas então porque disse que os seus filhos se tinham afogado? – pelo canto do olho, Patrik viu que Gösta escutava à entrada.

– Porque tive vergonha... e porque pensei que talvez os meus filhos pudessem ter uma vida melhor com ela. Mas tive vergonha...

Hedda olhou novamente para o mar e ficaram os três ali sentados por um momento. O cérebro de Patrik trabalhava a todo o gás para assimilar o que Hedda lhe tinha contado. Não era difícil perceber que a «senhora elegante» era Sigrid Jansson e que, por algum motivo, tinha levado os filhos de Hedda. Talvez nunca viessem a saber porquê.

Quando se levantou lentamente e olhou para Gösta, as pernas tremiam-lhe por causa da quantidade de desgraças que acabara de ouvir. Viu que o colega segurava qualquer coisa na mão.

– Descobri uma fotografia – disse Gösta. – Estava debaixo do colchão. É uma fotografia dos gémeos.

Patrik pegou na foto e observou-a. Duas crianças pequenas com cerca de dois anos sentadas no colo dos pais, Gottfrid e Hedda. Pareciam felizes. A fotografia devia ter sido tirada muito pouco tempo antes de Gottfrid se ter afogado. Antes de

tudo se ter desmoronado. Patrik estudou os rostos das crianças. Onde estariam agora? E será que um deles era um assassino? As caras redondas das crianças nada revelavam. À mesa da cozinha, Hedda tinha adormecido novamente e Patrik e Gösta saíram da casa, respiraram fundo e encheram os pulmões de ar fresco do mar. Patrik guardou a fotografia na carteira. Trataria de devolvê-la a Hedda o mais depressa possível. Entretanto, precisavam dela para os ajudar a encontrar o assassino.

Durante o regresso, seguiam ambos tão silenciosos no barco como durante a viagem até à ilha. Mas, dessa vez, o silêncio estava impregnado de choque e dor. Dor por causa da fragilidade e da mesquinhez que os seres humanos às vezes revelavam. Choque pela gravidade dos erros que as pessoas eram capazes de cometer. Patrik imaginou Hedda a vaguear por Uddevalla. A procurar as crianças que, num ataque de desespero, exaustão e dependência do álcool entregara um dia a uma completa desconhecida. Sentiu o pânico que Hedda deve ter sentido ao perceber que não conseguia encontrar os gémeos. E o desespero que a levava a afirmar que se tinham afogado, em vez de admitir que os tinha entregado a uma estranha.

Não falaram até Patrik ter amarrado o velho barco a um dos pontões do molhe, em Badholmen.

– Bem, finalmente sabemos o que aconteceu – disse Gösta, e o seu rosto revelava a culpa que ainda sentia.

Patrik deu-lhe uma palmadinha no ombro enquanto se dirigiam para o carro.

– Tu não podias ter adivinhado – disse. Gösta não respondeu e Patrik pensou que nada do que dissesse poderia ajudar. Aquilo era algo que Gösta teria de resolver sozinho.

– Temos de descobrir rapidamente aonde foram parar as crianças – disse Patrik na viagem de regresso a Tanumshede.

– Ainda não há novidades da Segurança Social de Uddevalla?

– Não, e provavelmente não deve ser fácil encontrar informações acerca de factos ocorridos há tanto tempo. Mas os gémeos devem estar em algum lado. Duas crianças de cinco anos não desaparecem assim sem mais nem menos.

– Que vida miserável, a daquela mulher.

– Hedda? – perguntou Patrik, embora soubesse perfeitamente que Gösta se referia a Hedda.

– Imagina como deve ser difícil viver com aquela culpa. A vida inteira.

– Não admira que tente andar sempre anestesiada – retorquiu Patrik.

Gösta não disse nada. Limitou-se a olhar pela janela. Por fim, perguntou:

– Que vamos fazer agora?

– Até descobrirmos para onde foram as crianças, vamos ter de continuar a trabalhar com o que temos. Sigrid Jansson, os pelos do cão encontrados na mão de

Lillemor e tentar encontrar uma ligação entre os locais dos crimes.

Viraram para o parque de estacionamento da esquadra e caminharam em direção à entrada com expressões carregadas. Patrik parou na receção por um momento, para contar a Annika o que acontecera, e depois foi para o seu gabinete. Ainda não estava capaz de repetir toda a história aos restantes colegas.

Cuidadosamente, retirou a fotografia da carteira e estudou-a. Os gémeos olhavam-no fixamente, sem revelarem nada.

[17](#) Alusão a Michael Brinkenstierna, nome artístico de M. Persson, agente de concorrentes de *reality shows*. Organizou um evento controverso nos bares de Uddevalla, integrado na edição sueca de *Big Brother*, daí o trocadilho de «Brinken» com *Drinken*, que significa beber, em sueco. (N. do T.)

[18](#) *Drag racing* no original. Provas de aceleração em carros modificados cujo objetivo é fazer o melhor tempo possível numa distância de 402 metros. (N. do T.)

[19](#) A cidade de Trollhättan fica a cerca de 70 km de Tanumshede. (N. do T.)

POR FIM ELA ACABARA POR CEDER. FARIAM APENAS UMA PEQUENA VIAGEM. UMA PEQUENA EXPEDIÇÃO AO GRANDE MUNDO DESCONHECIDO. DEPOIS REGRESSARIAM. E ELE PARARIA DE PEDIR.

ASSENTIRA ANSIOSAMENTE. MAL SE CONSEGUIA CONTER. E UM OLHAR DE RELANCE À IRMÃ MOSTROU-LHE QUE ELA ESTAVA TÃO EXCITADA COMO ELE.

PERGUNTOU A SI PRÓPRIO O QUE IRIA PODER VER. COMO ERAM AS COISAS LÁ FORA. PARA ALÉM DA FLORESTA. UM PENSAMENTO NÃO O DEIXAVA EM PAZ. SERÁ QUE A OUTRA TAMBÉM ESTARIA LÁ FORA? A MULHER DE VOZ RÍSPIDA? SERÁ QUE SENTIRIA NAS NARINAS AQUELE CHEIRO QUE ERA COMO UMA RECORDAÇÃO, AQUELE CHEIRO SALGADO E FRESCO? E A SENSÇÃO DO BARCO A OSCILAR, O SOL SOBRE O MAR E OS PÁSSAROS A ESVOAÇAR EM REDOR E... MAL CONSEGUIA DECIDIR-SE POR ENTRE TANTAS EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES SENSORIAIS. UM ÚNICO PENSAMENTO ZUMBIA-LHE NA CABEÇA. IAM PODER FAZER UMA VIAGEM COM ELA. AO MUNDO QUE ESTAVA PARA LÁ DA FLORESTA. NÃO TEVE DIFICULDADE EM PROMETER-LHE QUE NUNCA MAIS PEDIRIA. UMA VEZ SERIA SUFICIENTE. ESTAVA CONVENCIDO DISSO. UMA VEZ, SÓ PARA PODER VER O QUE HAVIA LÁ FORA, PARA QUE ELE E A IRMÃ PUDESSEM SABER. ERA A ÚNICA COISA QUE QUERIA. UMA ÚNICA VEZ.

ABRIRA-LHES A PORTA DO CARRO COM AR PREOCUPADO E OBSERVARA-OS A ENTRAREM ATABALHOADAMENTE PARA O BANCO TRASEIRO. APERTOU-LHES CUIDADOSAMENTE OS CINTOS DE SEGURANÇA E ABANOU A CABEÇA QUANDO SE SENTOU AO VOLANTE.

LEMBRAVA-SE DE TER DADO UMA GARGALHADA. UMA GARGALHADA ESTRIDENTE E HISTÉRICA, QUANDO TODA AQUELA TENSÃO REPRIMIDA ENCONTRARA FINALMENTE UM ESCAPE.

QUANDO DESCREVERAM A CURVA PARA ENTRAR NA ESTRADA, OLHOU DE RELANCE PARA A IRMÃ. DEPOIS DERA-LHE A MÃO. ESTAVAM A CAMINHO.

PATRIK SENTOU-SE. A lista dos proprietários dos cães aparecia no ecrã e reviu-a cuidadosamente uma vez mais. Tinha informado Martin e Mellberg do que tinham ficado a saber na ilha e pediu a Martin para telefonar novamente para Uddevalla, para tentar obter mais informações acerca dos gémeos. Não havia muito mais que pudessem fazer. Tinham tido acesso ao processo do acidente no qual Elsa Forsell matara Sigrid Jansson, mas os documentos não continham nenhuma informação que lhes permitisse avançar na investigação.

– Como está a correr isso? – perguntou Gösta da entrada do gabinete de Patrik.

– Não está – respondeu, atirando a esferográfica para cima dos documentos. – Estamos em modo de espera até sabermos mais acerca das crianças – Patrik suspirou, passou as mãos pelo cabelo e depois cruzou-as atrás do pescoço.

– Posso fazer alguma coisa? – perguntou solicitamente Gösta.

Perplexo, Patrik olhou para o colega. Gösta não costumava ir ao seu gabinete para pedir trabalho. Refletiu um pouco.

– Parece que já revi esta maldita lista dos donos dos cães umas mil vezes. Mas não encontro qualquer ligação ao nosso caso. Será que podes dar-lhe mais uma vista de olhos? – Patrik atirou-lhe a disquete e Gösta apanhou-a em pleno ar.

– Claro que sim – respondeu.

Cinco minutos mais tarde, Gösta estava de regresso. Tinha um ar espantado.

– Por acaso apagaste alguma linha? – perguntou.

– Se apaguei uma linha? Não, porquê?

– É que, quando fiz a lista, havia cento e sessenta nomes. Agora só há cento e cinquenta e nove.

– Pergunta a Annika, foi ela que emparelhou os nomes com as moradas. Talvez tenha apagado uma linha por engano.

– Hum – disse Gösta com ceticismo, encaminhando-se para a receção. Patrik levantou-se e seguiu-o.

– Vou verificar – disse Annika, procurando a folha de cálculo no computador. – Mas lembro-me de que havia cento e sessenta linhas. Era um número bem redondinho. – Annika procurou por entre as pastas até encontrar o ficheiro que procurava.

– Cá está! Cento e sessenta – exclamou, virando-se para Patrik e Gösta.

– Não percebo – disse Gösta, olhando para a disquete que tinha na mão. Annika pegou nela, colocou-a na ranhura do seu computador, abriu o documento e pô-lo ao lado do original, para poderem compará-los. Quando descobriram o nome que

faltava no ficheiro que tinha sido gravado na disquete, Patrik sentiu um clique no cérebro. Deu meia-volta, correu até ao seu gabinete e estacou frente ao mapa da Suécia, a estudá-lo intensamente. Um a um, Patrik foi olhando para pioneses espetados no mapa que assinalavam as cidades onde viviam as vítimas. O que antes não passara de um padrão indecifrável tornava-se agora claro. Gösta e Annika tinham-no seguido até ao gabinete e olhavam agora completamente perplexos para Patrik, que começou a retirar documentos das gavetas da secretária.

– Que procuras? – perguntou Gösta. Mas Patrik não respondeu. Documentos atrás de documentos foram sendo retirados das gavetas e atirados ao chão. Na última gaveta, Patrik encontrou o que procurava. Ergueu-se com o entusiasmo estampado no rosto e começou cuidadosamente a ler o documento, espetando mais pioneses no mapa de vez em quando. Lenta mas decididamente, cada localidade assinalada recebeu um novo pionés, colocado junto do que já lá estava. Quando terminou, Patrik voltou-se para Gösta e Annika.

– Agora já sei o que aconteceu.

* * *

Dan decidira finalmente dar o passo decisivo. Havia uma agência imobiliária do outro lado da rua e marcou o número que todos os dias via da janela da cozinha. Depois de pôr as engrenagens em marcha, tudo tinha corrido surpreendentemente depressa. O jovem que atendeu dissera-lhe que podia passar por lá imediatamente para dar uma vista de olhos, o que era perfeito. Não queria que o processo se arrastasse desnecessariamente. No entanto, a venda da casa já não lhe parecia assim tão importante. Todas as conversas que tivera com Anna, tudo o que ouvira acerca do inferno que Lucas a fizera passar, tudo isso fazia agora com que a sua tentativa de se agarrar a uma casa parecesse pura e simplesmente... ridícula. Que interessava o sítio onde vivesse? O principal era que as miúdas o visitassem. Poder abraçá-las, acariciar-lhes o pescoço e ouvi-las contar como lhes tinha corrido o dia. Nada mais interessava. E, quanto ao casamento com Pernilla, eram águas passadas. Apercebera-se disso há muito, mas não tinha estado preparado para aceitar as consequências. Agora, estava na altura de fazer algumas mudanças radicais. Pernilla tinha a vida dela e ele tinha a sua. Só esperava que um dia pudessem remendar a amizade que tinha sido a base do casamento de ambos.

Os pensamentos de Dan vaguearam na direção de Erica. Só faltavam dois dias para o casamento da amiga, e aquela também lhe parecia uma decisão acertada. Ficava contente que Erica estivesse a dar um passo em frente, tal como ele. Estava verdadeiramente feliz pela amiga. Há muito tempo, tinham sido namorados; nessa altura eram novos, duas pessoas completamente diferentes. Mas a amizade entre ambos sobrevivera ao longo dos anos. E Dan sempre desejara algo assim para Erica.

Filhos, uma vida partilhada com alguém que amasse, um casamento pela igreja – algo que sabia que a amiga sempre desejara, embora nunca o admitisse. E Patrik era o homem perfeito para ela. Terra e ar. Era assim que Dan os via. Patrik estava solidamente ancorado ao chão que pisava, era estável, inteligente, calmo. E Erica era uma sonhadora, com a cabeça permanentemente nas nuvens; porém, ao mesmo tempo, tinha uma coragem e uma inteligência que a impediam de flutuar para demasiado longe. Estavam mesmo bem um para o outro.

E havia Anna. Dan pensava muito nela ultimamente. A irmã que Erica sempre superprotegera, que julgara fraca. Era curioso que Erica se visse como a pessoa prática e que encarasse Anna como a sonhadora. Nas últimas semanas, Dan ficara a conhecer bem Anna e apercebera-se de que o contrário é que era verdade. Anna era a pessoa prática, aquela que via a realidade tal como ela era. Isso, pelo menos, aprendera durante os anos que passara com Lucas. Mas Dan apercebia-se de que Anna deixava Erica manter a ilusão. Talvez compreendesse a necessidade que a irmã tinha de se sentir a responsável.

Dan levantou-se para pegar na lista telefônica. Estava na altura de começar a procurar um apartamento.

O ambiente na esquadra era sombrio. Patrik convocara uma reunião no gabinete do chefe. Todos estavam sentados em silêncio a olhar para o chão, incapazes de assimilar o incompreensível. Patrik e Martin tinham levado o vídeo e a televisão para o gabinete de Mellberg. Assim que tinha sido informado, Martin apercebera-se do que lhe tinha escapado quando vira as gravações da última noite de Lillemor neste mundo.

– Vamos ter de rever isto passo a passo antes de agirmos – disse Patrik quando quebrou finalmente o silêncio. – Não há margem para erros – acrescentou, ao que todos assentiram.

– Começou a fazer-se luz quando descobrimos que tinha sido apagado um nome da lista de proprietários de cães. Originalmente, havia cento e sessenta nomes, quer quando Gösta compilou a lista, quer quando Annika lhe acrescentou as respetivas moradas. Quando eu recebi a lista apenas constavam cento e cinquenta e nove. O nome que faltava era o de Tore Sjöqvist, que vive em Tollarp. – Ninguém reagiu, por isso, Patrik prosseguiu: – Já volto a essa parte. Mas, isso fez com que uma peça do *puzzle* encaixasse.

Todos sabiam o que Patrik ia dizer a seguir e Martin enterrou a cabeça nas mãos e fechou os olhos, repousando os cotovelos nos joelhos.

– As cidades onde as vítimas foram assassinadas pareciam-me familiares. E, quando finalmente percebi do que se tratava, não demorei muito a confirmar a ligação entre elas – Patrik fez uma pausa e aclarou a garganta. – As cidades onde as

vítimas foram encontradas coincidem cem por cento com as cidades onde Hanna trabalhou – disse em voz baixa. – Li essa informação no formulário de candidatura de Hanna, antes de a termos contratado, mas... – Patrik abriu os braços e deixou que Martin prosseguisse.

– Houve algo no vídeo da noite em que Lillemor morreu que me chamou a atenção, mas não conseguia lembrar-me do que seria. E então, Patrik disse-me o que acabou de vos contar acerca de Hanna... Bem, mais vale mostrar-vos – Martin fez um gesto com a cabeça na direção de Patrik, que carregou na tecla *play*. Já tinham avançado a fita até ao local pretendido e a cena da violenta discussão demorou poucos segundos a materializar-se no ecrã, seguida da chegada de Hanna e de Martin. Todos puderam ver Martin a falar com Mehmet e com os restantes concorrentes. A câmara seguiu depois Lillemor, que corria em direção ao centro da cidade, confusa e ignorando completamente que se precipitava ao encontro da sua própria morte. Então, a câmara aproximou-se de Hanna, que estava a falar ao telemóvel. Patrik parou a imagem nesse ponto e olhou para Martin.

– Foi isto que me intrigou, embora só agora tenha compreendido porquê – disse Martin. – A quem estava Hanna a ligar? Eram quase três da manhã e nós éramos os únicos agentes de serviço; portanto, Hanna não podia estar a telefonar a nenhum de vós.

– A operadora a que pertence o número do telemóvel de Hanna forneceu-nos a lista dos telefonemas que efetuou e descobrimos que ela estava a ligar para casa. Para o marido, Lars.

– Mas porquê? – perguntou Annika. A perplexidade estampada no seu rosto era partilhada por todos os outros.

– Pedi a Gösta para verificar na conservatória. Hanna e Lars têm realmente o mesmo apelido, Kruse. Mas não são casados. São irmãos. Gémeos.

Annika conteve a respiração. Fez-se um silêncio desagradável no gabinete depois de Patrik ter largado a bomba.

– Hanna e Lars são os gémeos desaparecidos de Hedda – explicou Gösta.

– Sim, e ainda não recebemos informações de Uddevalla – disse Patrik.

– Mas aposto quanto quiserem que vão dizer-nos que os nomes das crianças eram Lars e Hanna e que, nalgum momento das suas vidas ganharam o apelido Kruse, talvez por via da adoção.

– Quer dizer que Hanna telefonou a Lars? – perguntou Mellberg, que parecia estar a ter alguma dificuldade em acompanhar todas aquelas revelações de última hora.

– Julgamos que Hanna ligou a Lars e que este levou Lillemor no seu carro. Hanna pode inclusivamente ter dito a Lillemor que Lars a iria buscar. Lars conhecia todos os concorrentes e, aos olhos de Lillemor, não constituiria uma ameaça.

– Acontece que Lillemor escreveu no seu diário que julgava ter reconhecido alguém, uma pessoa que lhe desagradava. Quase de certeza que essa pessoa era Lars. O que Lillemor tinha recordado era o encontro com o homem que na altura julgava ter sido o assassino do pai – Martin franziu a testa.

– Mas parece que Lillemor não sabia de onde conhecia Lars, não o associava àquela memória. E também escreveu que nem sequer tinha a certeza de o ter reconhecido. No estado em que estava, a rapariga teria provavelmente aceitado de bom grado ajuda de quem quer que fosse, desde que isso a levasse para longe da equipa de filmagens e dos concorrentes que tinham discutido com ela – Patrik hesitou, mas depois prosseguiu: – Não tenho provas disto, mas também creio que pode ter sido Lars a começar a discussão naquela noite.

– Lars? Como? – perguntou Annika. – Ele nem sequer lá estava.

– Pois não, mas havia algo nos seus encontros com os concorrentes que não batia certo. Consultei as transcrições dos interrogatórios antes desta reunião e todos os concorrentes que discutiram com Lillemor relataram que alguém lhes tinha dito que Barbie andava a «dizer porcarias acerca deles» ou algo nesse sentido. Não tenho provas concretas, mas tenho a sensação de que Lars utilizou as sessões individuais com os concorrentes que realizou nesse mesmo dia para semear a discórdia entre eles e Lillemor. Tendo em conta todas as informações íntimas e privadas que todos lhe terão certamente confiado, Lars terá conseguido provocar imensos danos e dirigir a ira de todo o grupo contra Lillemor.

– Mas porquê? – perguntou Martin. – Lars não poderia ter previsto que a noite se ia desenrolar daquela forma, nem que Lillemor desataria a correr para fugir do grupo.

Patrik abanou a cabeça.

– Não há dúvida de que isso foi pura casualidade. Surgiu uma oportunidade e ele e Hanna aproveitaram-na. Acho que a ideia deles era criar uma manobra de diversão para Lillemor. Lars não demorou a perceber quem ela era, soube que a rapariga o tinha visto naquele dia, há oito anos, e receava que se recordasse dele. Por isso, ia dar-lhe outra coisa em que pensar. Porém, quando surgiu a oportunidade, então... Lars decidiu resolver o assunto de forma mais definitiva.

– Quer dizer que Lars e Hanna mataram as suas vítimas juntos? Porquê?

– Ainda não sabemos. Quase de certeza que foi Hanna quem localizou os nomes e as moradas das vítimas, uma vez que tinha acesso a esse tipo de informações nas esquadras onde trabalhou.

– Mas ela nem sequer tinha começado a trabalhar aqui quando Marit foi assassinada!

– Pois não, mas esse tipo de informações também pode ser encontrado nos arquivos dos jornais. Provavelmente, foi assim que descobriram Marit. Não faço

ideia do motivo, mas quase de certeza que tudo está relacionado com o primeiro acidente, em que Elsa Forsell matou Sigrid Jansson. Hanna e Lars iam no carro; tinham sido raptados por Sigrid quando tinham três anos e viviam em casa dela há mais de dois, em isolamento. Nem imagino os traumas com que terão ficado.

– Mas então é o nome na lista dos proprietários dos cães? O que te levou a pensar que tinha sido Hanna a apagá-lo? – Annika lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Primeiro recebi o disco das mãos de Hanna, a quem tu pediste para mo entregar. Tu tinhas cento e sessenta nomes na tua lista, mas depois faltava um. A única pessoa que podia ter apagado o nome era Hanna. Sabia que eu poderia reconhecer o nome. Quando começou a trabalhar na nossa esquadra, Hanna disse-me que tinha alugado o apartamento a um tal de Tore Sjöqvist, que ia mudar-se para Skåne durante um ano. Portanto, quando apareceu esse nome, juntamente com a morada em Tollarp²⁰, não foi difícil somar dois e dois – Patrik fez uma pausa. – Senti que era necessário rever tudo mais uma vez. Que pensam disto? Veem alguma falha no meu raciocínio? Há alguma dúvida de que temos material suficiente para seguir em frente?

Todos abanaram a cabeça. Independentemente de tudo aquilo parecer inacreditável, havia uma lógica assustadora no relato de Patrik.

– Ótimo – disse Patrik. – Agora, o mais importante é agirmos antes que Hanna e Lars se apercebam de que descobrimos tudo. E também é extremamente importante que não saibam de nada em relação à mãe e ao desaparecimento dos dois, porque acho que isso poderia ser perigoso para...

Patrik não terminou a frase e Annika conteve a respiração.

– Annika? – com preocupação crescente, Patrik viu a cor a desaparecer da face da secretária.

– Eu contei-lhe – disse Annika com voz tensa. – Hanna telefonou logo depois de terem regressado de Kalvö. Não parecia estar nada bem, embora me tenha dito que dormira um pouco, que se sentia melhor e que, provavelmente só teria de ficar em casa mais um ou dois dias. E eu... Eu... – Annika balbuciou, mas depois recompôs-se e olhou para Patrik. – Eu queria mantê-la ao corrente dos nossos progressos, por isso contei-lhe o que tinham descoberto. Acerca de Hedda.

Durante um segundo, Patrik ficou completamente imóvel. E depois disse:

– Tu não podias ter adivinhado. Mas é melhor irmos à ilha. Imediatamente!

De repente, a esquadra de Tanumshede fervilhava de atividade.

Sentado à proa do *Minlouis*, o barco da Companhia de Salvamento Marítimo, Patrik estava alarmado e sentia um nó no estômago, enquanto navegavam na direção da ilha de Kalvö. Na sua mente, Patrik pedia que o barco avançasse mais depressa, mas já seguiam à velocidade máxima. Temia que fosse demasiado tarde. Antes de se precipitarem para os carros-patrolha e ligaram as luzes azuis de emergência, para

chegarem o mais depressa possível a Fjällbacka, tinham recebido o telefonema de um proprietário de um barco. Em grande excitação, o homem dissera-lhes que o barco lhe tinha sido requisitado por uma agente que estava com um homem que não conhecia. O dono da embarcação exaltara-se e dissera que aquilo eram modos próprios de *gangsters* e que iriam parar direitinhos ao inferno se fizessem um risco que fosse no seu barco. Patrik limitara-se a desligar o telefone na cara do homem. Não tinha tempo para ouvir queixas naquele momento. O que importava era terem sabido que Lars e Hanna se tinham apoderado do barco. E que iam a caminho da ilha. Ao encontro da mãe.

O barco de salvamento caiu numa depressão entre as ondas e a água do mar salpicou Patrik. Estava a formar-se uma tempestade e a superfície plácida por onde ele e Gösta tinham navegado de manhã dera lugar a vagas agitadas num mar acinzentado. Nas suas mentes desenhavam-se constantemente novos cenários, novas imagens do que encontrariam quando chegassem. Gösta e Martin estavam recolhidos no interior do barco, mas Patrik precisava de sentir o ar fresco para conseguir concentrar-se na tarefa que tinham pela frente. Sabia que, acontecesse o que acontecesse, aquilo não teria um final feliz.

Chegaram à ilha depois do que pareceu uma viagem interminável, apesar de a travessia não ter demorado mais do que cinco minutos. Viram logo o barco roubado desajeitadamente amarrado ao embarcadouro de Hedda. Peter, que pilotava o barco de salvamento, acostou-o habilmente, embora a embarcação fosse maior do que o pequeno molhe. Sem hesitar, Patrik saltou para terra, logo seguido por Martin. Ambos tiveram de ajudar Gösta a desembarcar.

Patrik tentara persuadir o colega mais velho a ficar na esquadra, mas Gösta Flygare demonstrara uma obstinação surpreendente e insistira em acompanhá-los. Relutantemente, Patrik aceitara. Agora, arrependia-se daquela decisão, mas era tarde de mais para tais cogitações.

Gesticulou em direção à cabana, que dava a falsa impressão de estar vazia e desabitada. Não se ouvia um único ruído do seu interior. Quando destravaram as pistolas, Patrik teve a sensação de que o ruído ecoara por toda a ilha. Encaminharam-se sorrateiramente para a cabana e agacharam-se junto da janela. Então, Patrik ouviu vozes vindas do interior da habitação e espreitou cautelosamente pela vidraça sujíssima e incrustada de sal. Primeiro, apenas viu a sombra de alguém a mover-se; porém, à medida que os olhos se ajustavam à luz mortiça, pensou ter distinguido duas figuras a caminhar pela cozinha. As vozes subiam e desciam, mas era impossível perceber o que diziam. De repente, Patrik não sabia o que fazer, mas depois decidiu-se. Acenou com a cabeça na direção da porta. Moveram-se cautelosamente até à entrada e Martin e Patrik tomaram posições de ambos os lados da porta enquanto Gösta permanecia um pouco afastado.

– Hanna? Sou eu, Patrik. E alguns dos outros também aqui estão. Está tudo bem?

– Não houve resposta.

– Lars? Sabemos que está aí dentro com a sua irmã. Não faça nenhum disparate. Não há necessidade de haver mais mortes.

Continuava a não haver resposta. Patrik começou a ficar nervoso e a mão que empunhava a pistola estava a suar.

– Hedda? A senhora está bem? Estamos aqui para a ajudar! Não façam mal a Hedda. Ela fez uma coisa terrível, mas podem crer que já pagou bem caro por isso. Olhem à vossa volta e vejam como a vossa mãe vive. Tem vivido no inferno por causa do mal que vos causou.

O silêncio foi a única resposta que obteve. Patrik praguejou para si mesmo. Então, uma fresta da porta abriu-se e Patrik apertou o punho da pistola com mais força. Pelo canto do olho, viu que Martin e Gösta faziam o mesmo.

– Vamos sair – disse Lars. – Não disparem, senão mato-a.

– Está bem, está bem – disse Patrik, tentando soar o mais calmo possível.

– Baixem as armas. Quero vê-las no chão – disse Lars. Os agentes ainda não conseguiam vê-lo pela abertura na porta.

Martin lançou um breve olhar a Patrik, que assentiu e pousou lentamente a pistola no chão. Gösta e Martin seguiram-lhe o exemplo.

– Dá-lhes um pontapé, quero essas armas bem longe – ordenou Lars em surdina. Patrik deu um passo em frente e pontapeou as três pistolas, que ficaram fora do alcance dos agentes.

– Afastem-se.

Uma vez mais, todos obedeceram e depois esperaram tensamente que algo acontecesse. Lentamente, muito lentamente, apenas uns centímetros de cada vez, a porta abriu-se. Patrik esperava ver Hedda, mas em vez dela apareceu Hanna. Ainda parecia estar doente, pois tinha a testa suada e os olhos brilhavam-lhe, febris. O olhar de Hanna encontrou o de Patrik, que não pôde deixar de perguntar a si próprio como se podia ter deixado enganar daquela forma. Como fora possível que Hanna tivesse conseguido ocultar durante tanto tempo tanta maldade por detrás daquela fachada de normalidade. Por um segundo, Hanna pareceu querer dar-lhe uma explicação, mas Lars empurrou-a para a frente, revelando a pistola que apontava à ténepora da irmã. Patrik reconheceu-a, era a arma de serviço de Hanna.

– Afastem-se, mais – sibilou Lars. E, no seu olhar, Patrik apenas via negros pensamentos e ódio. Os olhos moviam-se rapidamente para um lado e para o outro e algo na sua expressão esgazeada disse a Patrik que Lars tinha finalmente deixado cair a máscara, que já não suportava viver uma vida dupla. A loucura – ou o mal, ou fosse o que fosse que se lhe pudesse chamar – tinha acabado por vencer. Estava terminada a luta contra aquela faceta da sua personalidade que apenas desejava

poder viver uma vida normal, ter um emprego e uma família.

Os agentes afastaram-se um pouco mais e Lars passou por eles, escudado por Hanna. A porta da cabana estava escancarada e, quando Patrik olhou lá para dentro, compreendeu porque é que Hedda não tinha podido ser utilizada como escudo humano. Horrorizado, viu que a mulher estava amarrada a uma cadeira. O mesmo tipo de fita adesiva que tinha deixado marcas em algumas das outras vítimas tapava-lhe a boca. A meio da fita havia um buraco com o diâmetro suficiente para por ele poder ser introduzido o gargalo de uma garrafa. Hedda morrera como tinha vivido. Afogada em álcool.

– Consigo compreender que desejassem a morte de Hedda. Mas porquê matar os outros? – Patrik não resistiu a fazer a pergunta que dominava a sua vida há várias semanas.

– Ela levou-nos tudo. Tudo o que tínhamos. Hanna avistou-a por mero acaso e ambos soubemos o que tinha de ser feito. Por isso, morreu do mesmo mal que destruiu a nossa vida, o álcool.

– Está a falar de Elsa Forsell? Sabemos que iam ambos no carro quando Elsa Forsell provocou o acidente que vitimou Sigrid, a mulher com quem viviam.

– Tínhamos uma boa vida – disse Lars com voz estridente. Estava a recuar lentamente na direção do molhe. – Ela cuidava muito bem de nós. Jurou que nos ia proteger.

– Sigrid? – perguntou Patrik, movendo-se cautelosamente em direção a Lars e Hanna.

– Sim, mas nós não sabíamos que se chamava Sigrid. Chamávamos-lhe mamã. Ela disse-nos que era isso que era. A nossa nova mamã. E tínhamos uma boa vida. Ela brincava connosco. Abraçava-nos. Lia-nos histórias.

– A história de Hansel e Gretel? – Patrik continuou a mover-se na direção do molhe e, pelo canto do olho, viu que Gösta e Martin o seguiam.

– Sim – disse Lars, inclinando a cabeça até ao ouvido de Hanna. – Ela lia-nos. Lia-nos essa história. Lembras-te de como era maravilhoso, Hanna? Lembras-te de como ela era bonita? Como cheirava bem? Lembras-te?

– Sim, lembro-me – disse Hanna, fechando os olhos. Quando os voltou a abrir, estavam cheios de lágrimas.

– Foi a única coisa com que ficámos depois da morte dela. O livro. Quisemos mostrar-lhes o pouco que resta quando se destrói a vida de alguém.

– Mas a morte de Elsa não vos bastou – disse Patrik sem tirar os olhos de Lars.

– Houve tantos que fizeram o mesmo que ela. Tantos... – disse Lars sem terminar a frase. – Sempre que nos mudávamos para uma nova cidade, tínhamos de fazer uma... limpeza.

– A limpeza consistia em assassinar uma pessoa que tinha morto alguém enquanto

conduzia alcoolizada?

– Sim – respondeu Lars com um sorriso. – Só assim é que conseguíamos ter alguma paz. Tínhamos de mostrar que não tolerávamos esse tipo de crimes, que nunca nos esqueceríamos. Não se destrói assim a vida de uma pessoa... impunemente.

– Como aconteceu com Elsa depois de ter morto Sigrid?

– Sim – respondeu Lars, cujo olhar se tornou ainda mais sombrio. – Como aconteceu com Elsa.

– Então e Lillemor?

Tinham descido praticamente até ao embarcadouro e Patrik perguntou a si próprio que deveriam fazer se Hanna e Lars levassem o barco de salvamento, que era muito mais rápido do que o outro. Nunca mais os conseguiriam apanhar. Mas o piloto do *Minlouis* parecia ter tido a mesma ideia, pois já estava a recuar com o barco, de modo que apenas restava a embarcação mais pequena.

– Lillemor – escarneceu Lars. – Um ser estúpido e inútil. Exatamente como o resto da escumalha com quem me vi forçado a trabalhar. Nunca a teria reconhecido, mas lembrei-me do nome dela quando vi de onde era. E percebi que teríamos de fazer alguma coisa.

– Por isso, disse aos outros que Lillemor tinha dito mal deles, de modo a criar o caos e distraí-la.

– É mais esperto do que eu pensava – disse Lars com um sorriso, ao mesmo tempo que, continuando a recuar, chegava ao embarcadouro. Por um segundo, Patrik pensou em tentar dominá-lo; porém, embora intuisse que Lars estava a fazer *bluff* ao manter a irmã como refém – afinal de contas, tinham feito tudo em conjunto –, ainda assim não se atreveu. Estava desarmado, a sua pistola estava no cimo da colina, juntamente com as armas de Martin e de Gösta; portanto, naquela situação, Lars e Hanna estavam em vantagem.

– Fui eu quem ligou a Lars – disse Hanna numa voz áspera.

– Nós sabemos – retorquiu Patrik. – Está no vídeo. Martin viu-o, mas não compreendemos...

– Pois não, como poderiam ter compreendido? – retorquiu Hanna com um sorriso triste.

– E Lars foi buscá-la depois de o teres chamado.

– Sim – disse Hanna, subindo cautelosamente para o barco. Deixou-se cair no banco do remador, ao centro, enquanto Lars se instalava junto do motor fora de borda e rodava a chave na ignição. Nada aconteceu. Lars franziu a testa e tentou novamente. O motor emitiu um gemido mas recusava-se a pegar. Patrik observava a cena, espantado, mas percebeu o que se passava quando olhou de relance para o barco de salvamento que flutuava a uma distância segura da ilha. O piloto segurava

uma lata de gasolina e Patrik percebeu que o homem tinha esvaziado o depósito. Era um tipo diligente, aquele Peter, pensou.

– Não têm gasolina – disse Patrik, soando mais calmo do que se sentia. – Por isso, não vão conseguir fugir. Os reforços estão a caminho; portanto, o melhor que têm a fazer é renderem-se, para ver se não acontece nada de mal a mais ninguém – Patrik apercebeu-se de como os seus argumentos eram fracos, mas não conseguiu encontrar um modo mais adequado de expressar-se, se é que havia algum.

Sem responder, Lars soltou a amarra e empurrou o barco para longe do embarcadouro com um pontapé. A embarcação foi apanhada pela corrente e começou a afastar-se lentamente da costa.

– Não vão chegar a lado nenhum – disse Patrik enquanto tentava ponderar as opções disponíveis. Mas não havia nenhuma. A única alternativa era certificar-se de que Lars e Hanna eram apanhados. Sem motor, não iriam longe; provavelmente chegariam a uma das ilhas que havia nas proximidades. Patrik fez uma derradeira tentativa.

– Hanna, é óbvio que não eras tu o cérebro por detrás de todos estes atos. Ainda tens uma oportunidade de salvação.

Hanna não respondeu. Limitou-se a olhar tranquilamente para Patrik. Depois esticou-se para a mão de Lars que ainda empunhava a pistola. Lars já não a estava a apontar à cabeça da irmã e tinha a mão apoiada no banco onde Hanna estava sentada. Com a mesma calma assustadora, Hanna agarrou-a e ergueu-a até a pistola ter ficado novamente apontada à sua têmpora. Patrik viu que Lars ficou confuso. Então, por um breve momento, o rosto do irmão encheu-se de terror. No instante seguinte, aquela calma sinistra desceu também sobre Lars. Hanna disse-lhe qualquer coisa que os agentes que estavam em terra não conseguiram ouvir. Lars disse algo em resposta e depois chegou-a para mais perto de si, até Hanna ficar com a cabeça encostada ao seu peito. Hanna pôs o dedo por cima do dedo de Lars e depois premiu o gatilho. Patrik teve um sobressalto; por detrás dele, Gösta e Martin contiveram a respiração. Incapazes de mover-se, incapazes de dizer fosse o que fosse, observaram Lars a sentar-se cuidadosamente na amurada, ainda com o corpo morto e ensanguentado de Hanna estreitado num terno abraço. O sangue tinha-lhe salpicado o rosto e Lars parecia ter tinta fresca na cara. Com aquela estranha expressão calma, Lars olhou para eles uma última vez. Depois encostou a pistola à sua própria têmpora. E premiu o gatilho.

Quando caiu para trás, sobre a amurada, Hanna caiu com ele. Os gémeos de Hedda desapareceram sob a superfície das águas. Em direção às profundezas, para onde Hedda um dia os desterrara.

Poucos segundos depois, os anéis que se haviam formado à superfície desapareceram e não restou qualquer vestígio do local onde se tinham afundado. O

barco ensanguentado flutuava ao longe sobre as ondas, como num sonho. Patrik viu que se aproximavam mais barcos. Os reforços estavam a chegar.

[20](#) A cidade de Tollarp fica no condado de Skåne. *(N. do T.)*

QUANDO SENTIU O CHOQUE QUE TRANSFORMOU AS SUAS VIDAS NUM PESADELO, SOUBE QUE A CULPA TINHA SIDO UNICAMENTE DELE. ELA TINHA TIDO RAZÃO. ERA MESMO UMA AVE DE MAU AGOIRO. NÃO LHE TINHA DADO OUVIDOS, INSISTIRA ATÉ À EXAUSTÃO E IMPLORARA, E NUNCA DESISTIRA ATÉ ELA TER CEDIDO. AGORA, O SILÊNCIO ERA ENSURDECEDOR. O BARULHO DOS CARROS A CHOCAREM UM CONTRA O OUTRO FORA SUBSTITUÍDO POR UMA CALMA TERRÍVEL E A PRESSÃO DO CINTO DE SEGURANÇA MAGOAVA-LHE O PEITO. PELO CANTO DO OLHO, VIU A IRMÃ MEXER-SE; MAL SE ATREVIA A VIRAR-SE PARA OLHAR PARA ELA. PORÉM, QUANDO O FEZ, VIU QUE A IRMÃ TAMBÉM NÃO PARECIA TER FICADO FERIDA. LUTOU CONTRA A VONTADE DE CHORAR AO OUVIR A IRMÃ A SOLUÇAR BAIXINHO, ANTES DE DESATAR NUM PRANTO CONVULSIVO E ESTRIDENTE. A PRINCÍPIO, NÃO SE ATREVEU A OLHAR PARA O BANCO DA FRENTE. O SILÊNCIO QUE ALI REINAVA DISSE-LHE O QUE ENCONTRARIA SE O FIZESSE. A CULPA QUE SENTIA ERA COMO UM PUNHO APERTADO A CINGIR-LHE O PESCOÇO. DESAPERTO CUIDADOSAMENTE O CINTO DE SEGURANÇA E INCLINOU-SE LENTAMENTE PARA A FRENTE, CHEIO DE APREENSÃO. O QUE VIU FÊ-LO ENCOLHER-SE E O MOVIMENTO BRUSCO INTENSIFICOU-LHE A DOR NO PEITO. OS OLHOS DELA FIXAVAM-NO, MORTOS, CEGOS. O SANGUE ESCORRERA-LHE DA BOCA E AS ROUPAS ESTAVAM ENSOPADAS DE VERMELHO. JULGOU TER VISTO UMA ACUSAÇÃO ESTAMPADA NO OLHAR ESGAZEADO DELA. PORQUE NÃO ME DESTE OUVIDOS? PORQUE NÃO ME DEIXASTE CUIDAR DE VÓS? PORQUÊ? PORQUÊ, AVE DE MAU AGOIRO? VÊ O QUE ME FIZESTE.

SOLUÇAVA E ARFAVA PARA CONSEGUIR RESPIRAR, TENTANDO FAZER CHEGAR ALGUM AR À GARGANTA, QUE SENTIA TÃO APERTADA. ALGUÉM DO LADO DE FORA EXPERIMENTOU O PUXADOR E DEPOIS VIU UM ROSTO DE MULHER A OLHAR PARA ELE EM ESTADO DE CHOQUE. A MULHER MOVIA-SE DE FORMA ESTRANHA, CAMBALEANTE. COM SURPRESA, RECONHECEU O CHEIRO DAQUELA OUTRA MULHER. DA MULHER QUE APENAS EXISTIA NA SUA MEMÓRIA. SENTIU O MESMO CHEIRO PENETRANTE QUE LHE SAÍA DA BOCA E LHE IMPREGNAVA A PELE E O CORPO. DEPOIS DE TUDO O QUE ERA SUAVE TER DESAPARECIDO. DEPOIS, SENTIU-SE A SER ARRASTADO PARA FORA DO CARRO E COMPREENDEU QUE A MULHER TINHA SAÍDO DO OUTRO CARRO, DO CARRO QUE TINHA CHOCADO DE FRENTE COM O DELES. A MULHER DEU A VOLTA AO CARRO PARA RETIRAR A IRMÃ DO BANCO TRASEIRO E ELE EXAMINOU-A ATENTAMENTE. NUNCA ESQUECERIA O SEU ROSTO.

MAIS TARDE TINHAM-LHES FEITO MUITAS PERGUNTAS. PERGUNTAS BASTANTE ESTRANHAS.

«DE ONDE SÃO?», PERGUNTARAM. «DA FLORESTA», RESPONDERAM, SEM DEPOIS COMPREENDEREM PORQUE TINHA AQUELA RESPOSTA MOTIVADO EXPRESSÕES TÃO FRUSTRADAS. «SIM, MAS DE ONDE VIERAM ANTES DISSO, ANTES DE VIVEREM NA CASA NA FLORESTA?» TINHAM FICADO A OLHAR EMBASBACADOS PARA AS PESSOAS QUE LHES FAZIAM PERGUNTAS, SEM SABEREM O QUE HAVIAM DE DIZER. «DA FLORESTA», REPETIAM, POIS ERA ESSA A ÚNICA RESPOSTA QUE CONSEGUIAM DAR. CLARO QUE PENSARA NAQUELE SÍTIO ONDE CHEIRAVA A SAL E OS PÁSSAROS GUINCHAVAM. MAS NUNCA DISSE NADA A ESSE RESPEITO. O ÚNICO SÍTIO QUE REALMENTE CONHECIA ERA A FLORESTA.

TENTAVA QUASE SEMPRE NÃO PENSAR NOS ANOS QUE SE TINHAM SEGUIDO ÀQUELAS PERGUNTAS. SE SOUBESSE QUÃO FRIO E MALDOSO ERA O RESTO DO MUNDO, NUNCA TERIA INSISTIDO COM ELA PARA OS LEVAR PARA FORA DA FLORESTA. TERIA PERMANECIDO DE BOM GRADO NA PEQUENA CASA, COM ELA, COM A IRMÃ, NO SEU PRÓPRIO MUNDO. NESSE MUNDO QUE AGORA, OLHANDO PARA TRÁS, LHE PARECIA TÃO MARAVILHOSO. EM COMPARAÇÃO COM O MUNDO REAL. MAS AQUELA ERA UMA CULPA QUE TERIA DE CARREGAR. TINHA PROVOCADO O QUE ACONTECERA. NÃO ACREDITARA QUE ERA UMA AVE DE MAU AGOIRO. NÃO ACREDITARA QUE TRAZIA MÁ SORTE A SI PRÓPRIO E AOS OUTROS. E ERA O ÚNICO CULPADO DAQUELES OLHOS MORTOS COM QUE ELA O FITARA. DURANTE OS ANOS QUE SE SEGUIRAM, A IRMÃ FORA A ÚNICA RAZÃO PARA CONTINUAR A VIVER. ESTAVAM AMBOS UNIDOS CONTRA TODOS AQUELES QUE OS TENTAVAM DEITAR ABAIXO E FAZER COM QUE SE TORNASSEM TÃO FEIOS COMO O MUNDO LÁ FORA. ERAM DIFERENTES. JUNTOS, ERAM DIFERENTES. NA ESCURIDÃO DA NOITE TINHAM SEMPRE ENCONTRADO CONSOLO UM NO OUTRO E SÓ ASSIM CONSEGUIAM ESCAPAR AOS HORRORES DO DIA. A SUA PELE COLADA À DELA. A SUA RESPIRAÇÃO MISTURADA COM A DELA.

E, POR FIM, TAMBÉM ENCONTRARA UMA FORMA DE PARTILHAR A CULPA. A IRMÃ ESTAVA SEMPRE LÁ PARA O AJUDAR. SEMPRE JUNTOS. SEMPRE JUNTOS.

OS PRIMEIROS ACORDES DA *MARCHA NUPCIAL* DE MENDELSSOHN ecoaram pela igreja. Patrik sentiu a boca secar. Olhou para Erica, que estava a seu lado, e tentou conter as lágrimas. Tinha de conter-se. Não podia caminhar pela nave da igreja a soluçar. Mas estava tão incrivelmente feliz. Apertou a mão de Erica e recebeu um sorriso rasgado em troca.

Erica estava incrivelmente bonita, e Patrik mal conseguia acreditar que estivesse a seu lado. Por um segundo, veio-lhe à memória o primeiro casamento, com Karin. Mas a recordação desvaneceu-se tão rapidamente como se tinha materializado. Para ele, aquela era a primeira vez. Agora era a sério. Tudo o resto não passara de um ensaio, um desvio, uma preparação para o momento em que caminhasse até ao altar com Erica e lhe promettesse amá-la, na saúde e na doença, todos os dias da vida.

As portas da igreja abriram-se e os noivos começaram a caminhar lentamente em direção ao altar, enquanto o organista tocava e todos os rostos sorridentes se voltavam para eles. Olhou novamente para Erica e sorriu ainda com mais satisfação. O vestido de Erica tinha um corte simples, com pequenos bordados em branco sobre branco, e assentava-lhe na perfeição. Usava o cabelo semiapanhado, com alguns caracóis a penderem livremente aqui e ali, numa desordem calculada. O penteado estava adornado com flores brancas, como pequenas joias, e Erica usava brincos de pérolas simples mas elegantes. Estava lindíssima. Os olhos marejaram-se novamente de lágrimas, mas Patrik pestanejou para as manter ao largo. Estava determinado a chegar ao fim da cerimónia sem chorar. Tinha de conseguir.

Os noivos viram os amigos e os familiares sentados nos bancos da igreja. Todos os colegas da esquadra estavam presentes. Até mesmo Mellberg se enfiara num fato e enrolara o cabelo com um pouco mais de esmero do que era habitual. Nem ele nem Gösta tinham trazido acompanhantes, ao passo que Martin, que era o padrinho de Patrik, tinha Pia a seu lado, e Annika estava sentada junto do seu Lennart. Patrik ficou feliz ao vê-los todos ali. Juntos. Dois dias antes, duvidara de que conseguisse levar a cerimónia a bom porto. Quando vira Hanna e Lars desaparecerem nas profundezas, Patrik sentiu-se esmagado por uma tristeza e um cansaço tão dolorosos que não se conseguiu imaginar a tomar parte no seu próprio casamento. Porém, quando chegou a casa, Erica mandou-o para a cama e Patrik dormiu durante vinte e quatro horas seguidas. Quando Erica lhe dissera, um pouco timidamente, que lhes tinham oferecido uma noite com jantar incluído no Stora Hotellet e lhe perguntara se lhe apetecia ir, Patrik decidira que era exatamente disso que precisava. De passar algum tempo só com Erica, comer uma boa refeição, dormir a seu lado e falar, falar,

falar.

E agora sentia-se mais preparado. A escuridão, o mal, pareciam-lhe agora distantes, banidos de um sítio como aquele. De um dia como aquele.

Chegaram ao altar e a cerimónia começou. O pastor Harald falou do amor como algo doce e falou de Maja e de como Patrik e Erica se tinham encontrado um ao outro. Conseguiu encontrar as palavras certas para os descrever a eles e de como encaravam a vida em conjunto.

Maja ouviu o seu nome ser mencionado e decidiu que já não queria continuar sentada ao colo do avô; queria estar com a mamã e o papá que, por alguma estranha razão, estavam especados lá à frente, naquela casa estranha, vestidos com roupas engraçadas. Kristina ainda tentou acalmar Maja mas, depois de um assentimento de Patrik, libertou a neta e deixou-a gatinhar pela nave da igreja. Patrik pegou na filha e, com Maja ao colo, pôs a aliança no dedo de Erica. Quando por fim se beijaram pela primeira vez como marido e mulher, Maja encostou a sua carita aos rostos dos pais e deu uma gargalhada, encantada com aquele jogo divertido. Nesse momento, Patrik sentiu-se o homem mais afortunado do mundo. As lágrimas regressaram e, dessa vez, não conseguiu detê-las. Fingiu limpar Maja para poder enxugar discretamente as lágrimas que tinham caído no vestido da filha, mas apercebeu-se imediatamente de que não estava a conseguir enganar ninguém. E, afinal, que importava isso? Quando Maja nasceu, Patrik chorara sem constrangimentos; portanto, também se podia permitir verter umas lágrimas no dia do seu casamento.

Martin pegou em Maja enquanto Patrik e Erica saíam lentamente da igreja. Depois de terem esperado que todos saíssem, numa salinha à entrada, os noivos desceram os degraus da igreja e receberam uma chuva de arroz, ao mesmo tempo que os *flashes* das máquinas fotográficas disparavam. As lágrimas regressaram. E Patrik deixou-as correr.

Erica sentou-se um pouco para descansar, mexendo os dedos dos pés, agora misericordiosamente libertos dos sapatos brancos de salto alto. Caramba, como doíam! Mas sentia-se incrivelmente satisfeita por o dia ter corrido tão bem. O casamento tinha sido maravilhoso. O jantar no hotel fora soberbo e não tinham faltado discursos solenes. O discurso de Anna foi aquele que mais a comoveu. A irmã teve de fazer várias pausas quando a voz lhe falhava e as lágrimas brotavam. Anna dissera como adorava a irmã, intercalando o discurso com histórias divertidas da infância partilhada. Depois abordara os tempos difíceis que acabara de superar e concluía que Erica sempre fora ao mesmo tempo sua irmã e sua mãe, mas que agora também se tinham tornado as melhores amigas. Aquelas palavras aqueceram o coração de Erica, que teve de limpar os olhos com o guardanapo.

Mas agora o jantar já tinha terminado e os convidados dançavam há duas horas.

Erica ficara apreensiva quanto ao veredicto de Kristina, tendo em conta todas as objeções que colocara em relação ao planeamento do casamento. Mas a sogra surpreendera-a. Tinha dado espetáculo na pista de dança, tendo até dançando com Lars, o pai de Patrik, e estava agora a beber licor e a conversar com Bittan, a namorada do ex-marido. Erica não cabia em si de espanto.

Quando os pés ficaram um pouco menos doridos, Erica decidiu ir até lá fora apanhar um pouco de ar fresco. No salão do hotel, o ar estava quente e abafado, por causa do calor libertado pelos pares que dançavam na pista, e Erica teve vontade de sentir a brisa fresca na pele. Com um esgar, voltou a calçar os sapatos. Quando estava prestes a levantar-se, sentiu uma mão morna no ombro.

– Como tem passado a minha querida mulher?

Erica ergueu os olhos para Patrik e pegou-lhe na mão. O marido parecia estar feliz, embora completamente descomposto. O fato já não lhe assentava assim tão bem, depois de ter estado a dançar *jive* com Bittan. Erica reparara que o marido não era o melhor dançarino de *jive* do mundo, mas entusiasmo não lhe faltava.

– Pensei ir até lá fora apanhar um pouco de ar. Queres vir comigo? – perguntou Erica, apoiando-se em Patrik quando os sapatos lhe provocaram uma pontada de dor nos pés.

– Seguí-la-ei para onde for, cara senhora – cantarolou Patrik e Erica notou divertida que o marido estava um pouco tocado. Ainda bem que apenas tinham de subir um lanço de escadas, mais tarde.

Saíram para a escadaria que conduzia ao pátio empedrado. Patrik estava prestes a abrir a boca para dizer qualquer coisa quando Erica o mandou calar. Tinha visto algo

Fez um gesto a Patrik para que a seguisse. Caminharam cautelosamente na direção das pessoas que Erica tinha visto. Mas não se moviam silenciosamente, longe disso. Patrik caminhava por entre risadas e esteve prestes a derrubar uma jarra cheia de flores, mas o homem e a mulher abraçados a um canto do jardim mergulhado na penumbra não pareciam ter-se apercebido do barulho.

– Quem são aqueles que estão para ali aos beijos? – segredou Patrik, mas de modo perfeitamente audível.

– Chiu – disse novamente Erica, mas também teve dificuldade em não dar uma gargalhada. Todo o champanhe e o belíssimo vinho que tinham bebido ao jantar tinham-lhe subido à cabeça. Deu mais um passo, tentando não fazer barulho. Depois, parou de repente e virou-se para Patrik, que chocou abruptamente com ela. Ambos tentaram conter uma risada.

– Vamos voltar lá para dentro – disse Erica.

– Porquê? Quem são? – perguntou Patrik, esticando o pescoço para tentar ver melhor. Mas o abraço era tão apertado que não era fácil distinguir nenhum dos rostos.

– És mesmo parvo. É Dan. E Anna.

– Dan e Anna – repetiu Patrik com ar apatetado. – Não sabia que estavam interessados um no outro.

– Homens! – escarneceu Erica. – Como é que conseguiste não reparar? Eu percebi que havia algo entre os dois mesmo antes de eles saberem!

– Então e achas bem? Quer dizer, a tua irmã e o teu ex-namorado? – perguntou nervosamente Patrik, balançando um pouco no regresso ao hotel.

Erica lançou uma olhadela por cima do ombro ao casal que parecia completamente alheado do resto do mundo.

– Se acho bem? – perguntou Erica com uma gargalhada. – Acho mais do que bem. Acho fantástico.

Depois, arrastou o marido até à pista de dança, atirou os sapatos para longe e pôs-se a dançar, descalça. Muito mais tarde, os Garage tocaram «Wonderful Tonight», a balada com que sempre terminavam as suas atuações e que dedicaram aos recém-casados. Erica encostou-se a Patrik, repousou a face no ombro do marido e fechou os olhos.

O casamento de Patrik fora uma bela festa, com boa comida e bebidas à borla, e Mellberg tinha a certeza de ter causado boa impressão na pista de dança. Embora nenhuma das senhoras que estavam na festa se pudesse comparar a Rose-Marie. Teve saudades dela, mas não tivera coragem para perguntar tão em cima da hora a Patrik se podia levar a companheira ao casamento. De qualquer modo, iam encontrar-se novamente nessa noite.

Mellberg resolvera fazer nova tentativa no campo da culinária e da decoração e o resultado agradava-lhe bastante. Serviria a refeição num belo serviço de porcelana e já acendera as velas. Entregara-se aos preparativos daquele jantar numa expectativa tensa. Ainda estava satisfeito com a ideia que lhe ocorrera no banco de transferir o dinheiro para a vivenda em *time-sharing* em Espanha. Claro que fora uma decisão algo extemporânea, mas já não eram propriamente jovens, ele e Rose-Marie e, quando se encontrava o amor naquela idade, não havia tempo a perder.

Refletira muito acerca da forma como iria fazer as coisas. Quando Rose-Marie visse aquela mesa elegantemente posta e a refeição, tencionava dizer-lhe que preparara a refeição com tanto esmero porque tinham de comemorar a compra conjunta da vivenda. De certeza que ia resultar. De certeza que Rose-Marie não suspeitaria de nada. Então, depois de muita angústia, decidira utilizar a sobremesa, uma mousse de chocolate, como esconderijo para a sua grande surpresa. O anel. O que tinha comprado na sexta-feira e planeava oferecer-lhe enquanto lhe fazia a pergunta que nunca antes fizera a nenhuma mulher. Mellberg mal conseguia conter-se; ansiava por ver a expressão no rosto dela. Não poupava nos gastos. Para a futura

mulher, apenas o melhor servia e Mellberg sabia que Rose-Marie ia ficar emocionada quando visse o anel.

Olhou para o relógio. Eram cinco para as sete. Faltavam cinco minutos para Rose-Marie tocar à campainha. Lembrou-se de que devia fazer rapidamente uma cópia da chave do apartamento para lhe entregar. Não fazia sentido que a noiva ficasse para ali a tocar à campainha como se fosse uma visita.

Às sete e dez, Mellberg estava a começar a ficar nervoso. Rose-Marie era sempre pontual. Inquieto, o superintendente pôs-se a compor a mesa. Ajustou os guardanapos nos copos, moveu os talheres meio centímetro para a direita e depois voltou a colocá-los na mesma posição.

Às sete e meia, Mellberg convenceu-se de que Rose-Marie devia estar morta, caída numa valeta, algures. Já conseguia imaginar o carro da companheira a chocar de frente com um camião, ou com um daqueles jipes monstruosos que as pessoas teimavam em conduzir e que eram capazes de demolir tudo à sua passagem. Era melhor telefonar para o hospital. Vacilando, Mellberg caminhou de um lado para o outro na sala, mas depois apercebeu-se de que talvez devesse primeiro ligar-lhe para o telemóvel. Deu uma palmada na testa. Porque não pensara nisso antes? Marcou o número do telemóvel de Rose-Marie de memória, mas franziu a testa ao ouvir a gravação anunciar: «O número que marcou não está atribuído.» Marcou novamente o número; devia ter-lhe escapado um dígito. Mas ouviu a mesma mensagem. Que estranho. Teria de ligar para a irmã para saber se Rose-Marie ainda estava em casa dela, atrasada por algum motivo. Subitamente, Mellberg apercebeu-se de que Rose-Marie nunca lhe dera o número da irmã. Além disso, não fazia ideia do nome dela. Apenas sabia que vivia em Munkedal. Ou não viveria? Nesse momento, um pensamento perturbante começou a germinar-lhe na mente. Rejeitou-o, recusava-se a aceitar aquilo. Porém, bruscamente, Mellberg viu-se novamente no banco e a cena reproduziu-se no seu cérebro em câmara lenta. Duzentas mil coroas. Transferira essa quantia para uma conta em Espanha, cujo número tinha sido fornecido por Rose-Marie. Duzentas mil. O dinheiro para a sua parte da vivenda em *time-sharing*. Agora já não conseguia afastar aquele pensamento. Telefonou imediatamente para as informações para perguntar se o nome ou a morada de Rose-Marie constavam na lista. A assistente que atendeu não encontrou nada. Desesperado, Mellberg tentou lembrar-se se tinha visto alguma prova, algum documento de identificação ou algum cartão que confirmasse que Rose-Marie era realmente o nome dela. Cada vez mais horrorizado, Mellberg apercebeu-se de que nunca vira o nome da companheira em lado nenhum. A verdade amarga era que não sabia o nome dela, onde morava ou quem era realmente. A única certeza que tinha era que ela tinha agora duzentas mil coroas numa conta em Espanha. Duzentas mil coroas do seu dinheiro.

Como um sonâmbulo, Mellberg caminhou até ao frigorífico, retirou a taça de

mousse de chocolate que contava servir a Rose-Marie e sentou-se à mesa que tinha posto tão festivamente. Enfiou lentamente a mão na taça, mergulhando os dedos na sobremesa castanha. O anel brilhou por entre o chocolate quando Mellberg o extraiu da taça. O superintendente segurou o anel e contemplou-o. Depois pousou-o suavemente na mesa e, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, começou a atulhar a boca de mousse.

– Foi realmente um dia fantástico.

– Hum – disse Patrik, fechando os olhos. Tinham decidido não partir logo em lua de mel, fazendo antes uma longa viagem com Maja quando a filha tivesse mais uns meses. A Tailândia estava atualmente no topo da lista dos destinos de férias. Mas era um pouco estranho regressarem tão rapidamente à vida quotidiana. Tinham passado o domingo a dormir, a beber bastante água e a conversar acerca de tudo o que tinha acontecido no sábado. Na segunda-feira, Patrik decidira tirar o dia de folga. Queria que ambos tivessem a oportunidade de relaxar e digerir tudo antes que a rotina diária tomasse novamente conta das suas vidas. Tendo em conta a quantidade de trabalho que tinha tido nas últimas semanas, ninguém na esquadra colocara quaisquer objeções. Por isso, Patrik e Erica estavam agora deitados no sofá, nos braços um do outro; tinham a casa só para eles. Adrian e Emma estavam no infantário e Anna levara Maja para casa de Dan, para que os recém-casados pudessem passar o dia em paz e sossego. Mas claro que Anna já não precisava de desculpas para estar com Dan. Anna e as crianças também tinham passado todo o dia anterior no novo apartamento dele.

– Nunca suspeitaste de nada? – perguntou cautelosamente Erica ao ver que Patrik estava longe, embrenhado nos seus pensamentos.

Patrik percebeu logo o que Erica quis dizer. Refletiu por um momento.

– Na verdade, não. Hanna parecia ser uma pessoa... normal. Reparei realmente que algo a preocupava, mas pensei que eram problemas familiares. E eram mesmo, embora nunca imaginasse que fossem tão graves.

– Então e o facto de viverem juntos? Apesar de serem irmãos?

– Nunca vamos saber todas as respostas, mas Martin ligou-me a dizer que receberam finalmente os relatórios da Segurança Social. Depois do acidente, a vida daqueles dois nas famílias de acolhimento por onde passaram foi um inferno. Imagina como isso não os deve ter afetado? Ainda para mais depois de terem sido raptados e forçados a viver naquele isolamento, com Sigrid. Aquilo deve ter criado uma espécie de laço antinatural entre eles.

– Hum – disse Erica, mas ainda tinha dificuldade em imaginar uma coisa daquelas. Aquilo ultrapassava a compreensão humana. – Mas como conseguiam manter as duas partes diferentes da sua vida separadas? – acrescentou passado algum tempo.

- Como assim? – perguntou Patrik, beijando-lhe a ponta do nariz.
- Então, como conseguiam ter uma vida normal? Estudar? E como é que ela terá conseguido tornar-se polícia e ele psicólogo, ao mesmo tempo que viviam com aqueles... crimes diabólicos que iam cometendo?

Patrik ponderou cuidadosamente a resposta. Também não compreendia a situação, mas matutara muito nela desde que tinham descoberto a identidade do assassino, por isso julgava ter conseguido esboçar uma explicação.

– Acho que o cerne da questão é precisamente esse. O facto de existirem duas partes distintas. Uma delas levava uma vida normal. Parece-me que Hanna queria realmente ser polícia e fazer algo que tivesse algum significado. E era boa polícia, sem dúvida. Só conheci Lars quando... – Patrik não terminou a frase. – Bem, a imagem que tinha dele era mais nebulosa. Mas Lars era obviamente uma pessoa inteligente e julgo que também fazia tenção de ter uma vida normal. Ao mesmo tempo, o segredo que ambos escondiam devia enlouquecê-los. Por isso, o encontro fortuito com Elsa quando Hanna entrou para a polícia em Nyköping deve ter desencadeado algo dentro deles, algo que esteve latente durante aqueles anos todos. Bem, esta é apenas a minha teoria. Mas nunca saberemos ao certo.

– Hum – disse novamente Erica, pensativa. – É um pouco o que eu sentia em relação à minha mãe – disse por fim. – Era como se Elsy estivesse a viver duas vidas diferentes. Uma connosco, o meu pai, Anna e eu, e a outra dentro da cabeça dela, onde não nos era permitido entrar.

– Foi por isso que decidiste investigar um pouco a vida dela?

– Sim – respondeu Erica. – Não tenho a certeza, mas sinto que a mãe nos estava a esconder alguma coisa.

– Mas não fazes ideia do que possa ser? – perguntou Patrik, que não parava de olhar para Erica e lhe afastou um caracol da testa.

– Não, e nem sequer sei por onde começar. Não restou nada. A minha mãe nunca guardava nada.

– Tens a certeza disso? Já verificaste no sótão? Havia muita tralha antiga, da última vez que lá estive.

– A maior parte das coisas deve ser do meu pai. Mas... julgo que podíamos dar uma vista de olhos. Só para termos a certeza – disse Erica com voz ansiosa e endireitando-se no sofá.

– Agora? – perguntou Patrik, que não estava de todo inclinado a trocar o calor de um sofá confortável por um sótão frio e húmido, ainda por cima cheio de teias de aranha. E Patrik detestava aranhas.

– Sim, agora. Porque não? – perguntou Erica, que já começara a subir as escadas.

– Claro, porque não? – Patrik suspirou, levantando-se relutantemente. Sabia bem que de nada adiantava protestar quando Erica metia uma ideia na cabeça.

Quando chegaram ao sótão, Erica arrependeu-se da ideia por um segundo. Parecia não haver mais do que tralha. Mas, já que ali estavam, podiam dar uma vista de olhos. Erica agachou-se para não bater com a cabeça nas vigas do teto e começou a vasculhar e a destapar caixotes, aqui e ali. Limpou as mãos às calças com uma expressão de repulsa. Pó era coisa que não faltava. Patrik começou igualmente a vasculhar por entre a tralha, mas começava a duvidar de que a sua ideia pudesse produzir qualquer resultado. Erica devia ter razão. Além disso, conhecia melhor a mãe. Se Erica dizia que Elsy não guardara nada, então... De repente, Patrik avistou algo que lhe chamou a atenção. Mesmo ao fundo do sótão, enfiado entre os caixotes e o teto inclinado, havia um velho baú.

– Erica, anda cá ver isto.

– Encontraste alguma coisa? – perguntou Erica, caminhando inclinada para a frente na direção do marido.

– Não sei, mas este baú parece-me bastante prometededor.

– Pode ser do meu pai – disse pensativamente Erica, mas algo lhe disse que o baú não pertencera ao pai. Era de madeira e, por cima da pintura verde, havia um padrão florido elegante, embora desbotado. A fechadura estava enferrujada, mas o baú não estava trancado; por isso, Erica levantou cuidadosamente a tampa. No topo havia fotografias de duas crianças. Quando pegou nelas, Erica viu que havia qualquer coisa escrita nas costas. «Erica, 3 de dezembro de 1974», lia-se numa delas, ao passo que a outra dizia «Anna, 8 de junho de 1980». Espantada, Erica reconheceu a caligrafia da mãe. Um pouco mais abaixo havia um maço de desenhos e alguns trabalhos que ela e Anna tinham feito nas aulas de trabalhos manuais e estavam misturados com decorações de Natal e outras coisas que as raparigas fizeram em casa. As coisas às quais Erica julgara que a mãe nunca ligara.

– Olha! – exclamou Erica, ainda incapaz de interiorizar o que estava a ver. – Olha o que a minha mãe guardou – Erica ia pegando em tudo o que ia encontrando. Era como recuar no tempo, recuar até à sua própria infância. E à infância de Anna. Sentiu os olhos marejarem-se de lágrimas. Patrik acariciou-lhe as costas.

– Mas porquê? Nós sempre pensámos que ela não se... Porquê? – Erica limpou as lágrimas com a manga da camisola e continuou a vasculhar o baú. Quando já tinha esvaziado metade do conteúdo, as memórias de infância chegaram ao fim e começaram a surgir objetos mais antigos. Ainda com a descrença estampada no rosto, Erica pegou numa série de fotografias a preto e branco e examinou-as, espantada.

– Sabes de onde são? – perguntou Patrik.

– Não faço ideia – respondeu Erica, abanando a cabeça. – Mas aposto contigo o que quiseses em como vou descobrir!

Ansiosa, Erica procurou mais fundo no baú e deteve-se quando a mão se fechou

em torno de algo macio que envolvia um objeto duro e pontiagudo. Pegou nele para ver o que era. Tinha na mão um pedaço de tecido encardido que já fora branco mas estava agora amarelecido e coberto de feias manchas castanhas de ferrugem. Havia algo enrolado no pedaço de tecido. Erica abriu o embrulho com mil cuidados e conteve a respiração. Dentro do tecido estava uma medalha e não havia dúvida quanto à sua origem. Erica viu logo que se tratava de uma cruz suástica. Sem palavras, pôs a medalha à frente do marido, que a observou de olhos esbugalhados. Depois, Patrik olhou para o tecido, que Erica deixara cair no colo.

– Erica?

– Sim? – respondeu Erica, não tirando os olhos da medalha que segurava na mão.

– Acho que devias ver isto – disse Patrik.

– O quê? O que é? – perguntou Erica, desconcertada, antes de olhar para onde Patrik estava a apontar. Pousou a medalha nazi e esticou o pedaço de tecido. Mas não era um mero pedaço de tecido. Era uma velha camisa de criança. E Erica apercebeu-se de que, afinal, aquelas manchas castanhas não eram de ferrugem. Eram manchas de sangue.

De onde teria vindo aquela minúscula peça de roupa? Porque estaria salpicada de sangue? E porque a teria a mãe conservado num baú no sótão, junto de uma medalha da Segunda Guerra Mundial?

Por um momento, Erica pensou voltar a colocar tudo no baú e fechar a tampa.

Porém, como Pandora, era demasiado curiosa para deixar a tampa fechada. Tinha de descobrir a verdade. Fosse ela qual fosse.

Agradecimentos

Como é habitual, há muitas pessoas a quem quero agradecer. Mas, como sempre, os meus maiores agradecimentos vão para o meu marido Micke e para os meus filhos Wille e Meja.

Outras pessoas que me ajudaram durante o trabalho em *Ave de Mau Agoiro* foram Jonas Lindgren, do Instituto de Medicina Forense de Gotemburgo; os agentes da esquadra de Tanumshede, com um agradecimento especial a Folke Åsberg e Petra Widén; assim como a Martin Melin, da polícia de Estocolmo.

Zoltan Szabo-Läckberg e Anders Torevi leram o manuscrito e teceram comentários, assim como Karl-Axel Wikström, o responsável pelos assuntos culturais da comuna de Tanum. Um grande agradecimento a todos eles por terem perdido tempo a verificar os pormenores.

Karin Lande Nordh, da editora Forum, também esgrimiou a sua talentosa esferográfica vermelha para elevar e melhorar o conteúdo e a trama do livro. Obrigada igualmente a toda a equipa da Forum; é sempre divertido trabalhar convosco!

Igualmente indispensáveis foram aqueles que se voluntariaram vezes sem conta para tomar conta das crianças: a avó Gunnel Läckberg, os avós Mona e Hasse Eriksson, assim como Gabriella e Jörgen Gullbrandson e Charlotte Eliasson. Sem vós, nunca teríamos conseguido encaixar todas as peças do *puzzle* da vida quotidiana.

Gostaria de enviar um agradecimento especial a Bengt Nordin e Maria Enberg, da Nordin Agency. Com a vossa ajuda, consegui chegar aos leitores da Suécia e do resto do mundo.

«Miúdas» – vocês sabem quem são... Obrigada por todo o vosso apoio, encorajamento e conversas divertidas, no mínimo. Que faria eu sem a vossa ajuda?

Um contributo altamente inesperado, embora positivo, veio este ano de todos os excelentes leitores do meu blogue, com o encorajamento a ser a ordem do dia. O mesmo vale para todos aqueles que me enviaram *e-mails* durante o ano. Estou particularmente grata pela ajuda com sugestões de nomes e outros pormenores que recebi através do blogue! Mas, o mais importante para mim durante o último ano do blogue foram todos os textos acerca da minha amiga Ulle, que Finn generosamente partilhou comigo. Temos saudades dela.

Por último, gostaria de dirigir um agradecimento muito especial a todos os meus

amigos, que esperaram pacientemente por mim quando eu me «retirava para a minha gruta» para escrever.

Quaisquer erros são da exclusiva responsabilidade da autora. As personagens do livro são inteiramente produto da minha imaginação – à exceção de «Leif, o Homem do Lixo», que ficou um pouco nervoso quando lhe disse que ia colocar um cadáver no seu camião. Mas claro que a oportunidade era demasiado boa para lhe conseguir resistir...

Camilla Läckberg-Eriksson
Enskede, 27 de fevereiro de 2007
www.CamillaLackberg.com

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para Wille e Meja](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Agradecimentos](#)